



*Os Números do Amor* ♣ LIVRO II

SARAH MACLEAN

*Dez formas  
de fazer  
um coração  
se derreter*



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

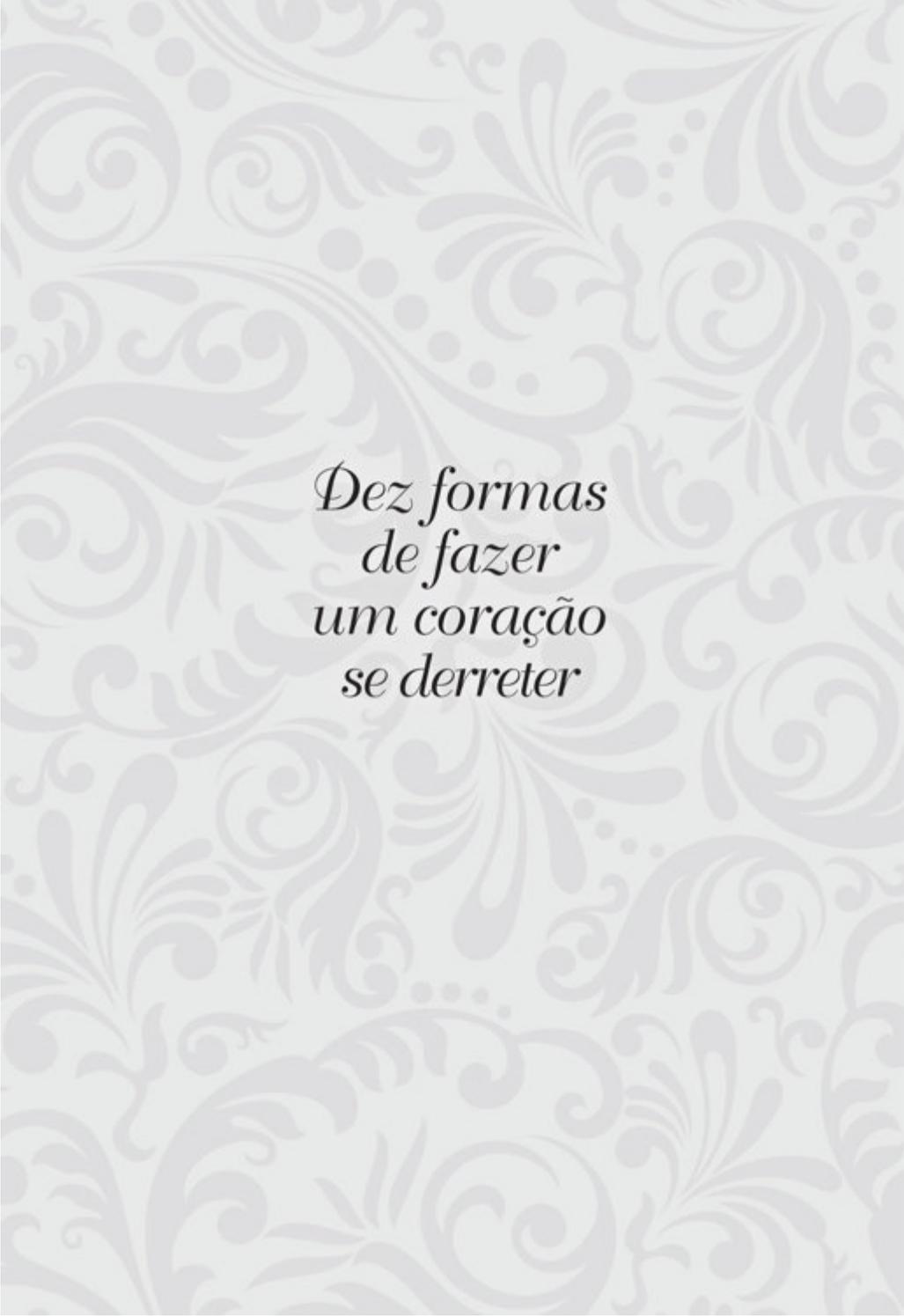
A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



*Dez formas  
de fazer  
um coração  
se derreter*



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SARAH MACLEAN

*Dez formas  
de fazer  
um coração  
se derreter*



Título original: *Ten Ways to Be Adored When Landing a Lord*

Copyright © 2010 por Sarah Trabucchi  
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Fabiana Colasanti

*preparo de originais:* Taís Monteiro

*revisão:* André Marinho e Raïtsa Leal

*diagramação:* Abreu's System

*capa:* Miriam Lerner

*imagem de capa:* Ilona Wellmann / Trevillion Images

*adaptação para e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

---

M145d

MacLean, Sarah

Dez formas de fazer um coração se derreter [recurso eletrônico]/ Sarah MacLean; tradução de Fabiana Colasanti. São Paulo: Arqueiro, 2016.  
recurso digital (Os números do amor; 2)

Tradução de: Ten ways to be adored when landing a lord

Sequência de: Nove regras a ignorar antes de se apaixonar

Continua com: Onze leis para cumprir na hora de seduzir

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-530-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Colasanti, Fabiana. II. Título. III. Série.

16-35093

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

*Para Chiara,  
que foi embora para a faculdade  
e não se importou que eu roubasse seus livros.  
E seu gato.*

# PRÓLOGO



*Não se pode negar que há uma verdadeira epidemia espalhando-se entre as moças de Londres – uma trágica realidade que termina em nada menos do que a pior situação possível.*

*Estamos nos referindo, é claro, à solteirice.*

*Com tantas damas em nossa bela cidade tão lamentavelmente afastadas da brilhante luz da dádiva do casamento, chega a ser um crime que esses jovens e promissores botões talvez nunca tenham a chance de florescer!*

*Assim, cara leitora, foi pensando no bem público que compilamos uma lista de soluções testadas ao longo do tempo para simplificar a mais assustadora das tarefas: conseguir um marido.*

*Apresentamos, humildemente, as Lições para Conquistar um Lorde.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

*Townsend Park  
Dunscroft, Yorkshire*

Lady Isabel Townsend estava na velha sala de visitas do único lar que já conhecera e se esforçava para ignorar o zumbido em seus ouvidos. Franziu os olhos para o homem pálido e magro parado diante dela.

- Meu pai o enviou.
- Exato.
- Poderia repetir aquela última parte?

Sem dúvida ela havia compreendido mal o que aquele visitante extremamente indesejável dissera.

Ele sorriu, o rosto inexpressivo e sem atrativos. O estômago de Isabel se revirou.

- Sem dúvida – disse ele, a fala arrastada, as palavras serpenteando entre eles no aposento subitamente pequeno demais.
- Nós estamos noivos.

- E por *nós*... entendo que queira dizer...
- Eu e a senhorita. Nós vamos nos casar.

Isabel balançou a cabeça.

- Desculpe-me, mas o senhor é...?

Ele fez uma pausa, obviamente contrariado pelo fato de ela não ter prestado atenção.

- Asperton. Lionel Asperton.

Isabel fez uma anotação mental para rir desse nome lamentável em um momento oportuno. Agora tinha que lidar com o sujeito, que não parecia muito inteligente. É claro, ela aprendera havia muito tempo que os homens das relações de seu pai raramente tinham um intelecto digno de nota.

- E como foi que ficamos noivos, Sr. Asperton?

- Eu ganhei você.

Isabel fechou os olhos, forçando-se a permanecer firme. Para esconder a raiva e a mágoa que as palavras despertaram nela. Que *sempre* despertavam. Ela fitou os olhos claros dele mais uma vez.

- O senhor me ganhou.

Ele não teve nem a elegância de fingir constrangimento.

- Sim, em uma aposta com seu pai.

- É claro. – Isabel bufou de frustração, levemente. – Por quanto?

- Cem libras.

– Ora. Isso é mais do que o costumeiro.

Asperton fez um aceno com a mão, descartando as palavras misteriosas, e deu mais um passo em direção a ela, com um sorriso pretensioso.

– Ganhei a rodada. A senhorita é minha por direito. – Ele estendeu a mão e passou um dedo pela face de Isabel. Então baixou a voz para um sussurro: – Acho que nós dois vamos gostar disso.

Ela permaneceu imóvel, esforçando-se ao máximo para evitar o estremecimento que ameaçava tomar conta de si.

– Não tenho tanta certeza.

Ele se inclinou para a frente, e Isabel ficou paralisada pelos lábios do homem – vermelhos, pareciam de cera. Ela se afastou, desesperada para manter uma distância segura, enquanto ele dizia:

– Então vou ter que convencê-la do contrário.

Ela começou a se contorcer ao toque do homem e ficava cada vez mais desconfortável com sua proximidade, então colocou uma velha cadeira esgarçada entre eles. Uma centelha brilhou nos olhos de Asperton enquanto ele a seguia, chegando mais perto.

*Ele gostava da caça.*

Isabel teria que pôr um fim àquela situação. Imediatamente.

– Lamento que tenha vindo de tão longe em vão, Sr. Asperton. Sabe, eu já sou maior de idade há bastante tempo. Meu pai... – O amargor com que pronunciou a palavra a fez parar de falar por um instante. – Meu pai deveria saber que não pode me prometer em uma aposta. Nunca deu certo antes. Certamente não vai dar certo agora.

Ele parou a perseguição, os olhos se arregalando.

– Ele já fez isso antes?

*Diversas vezes, até de mais.*

– Pelo que vejo, apostar a única filha é aceitável, mas fazê-lo várias vezes de certa forma ofende a sensibilidade do senhor. Estou correta?

Asperton ficou boquiaberto.

– É claro!

Isabel estreitou os olhos para seu pretense noivo.

– Por quê?

– Porque ele sabia que acabaria não cumprindo a aposta!

*Definitivamente, o sujeito era amigo do pai dela.*

– Sim, é claro. Esse é o motivo da afronta indefensável desta situação – disse Isabel, com ironia, virando-se de forma abrupta e abrindo bem a porta do aposento. – Temo, Sr. Asperton, que o senhor seja o sétimo homem que veio me reivindicar como sua noiva. – Ela não pôde conter um sorriso diante da surpresa dele. – E também será o sétimo homem a partir de Townsend Park solteiro.

A boca de Asperton se abriu e se fechou rapidamente, seus lábios grossos fazendo Isabel pensar em um bacalhau.

Ela começou a contar até cinco.

Eles sempre explodiam antes que ela chegasse ao cinco.

– Isso não vai ficar assim! Prometeram-me uma esposa! A filha de um conde!

A voz dele havia se tornado aguda e anasalada, o tom que Isabel sempre associara aos desagradáveis desocupados que se relacionavam com seu pai.

*Não que ela tivesse visto o pai nos últimos seis anos.*

Isabel cruzou os braços, oferecendo ao sujeito seu melhor olhar compreensivo.

– Imagino que ele tenha insinuado um dote substancial também, não é?

Os olhos dele se iluminaram, como se enfim tivesse sido compreendido.

– Exato.

Ela quase sentiu pena dele. *Quase.*

– Bem, temo que isso também não vá acontecer. – Quando ele franziu as sobrancelhas, Isabel acrescentou: – Gostaria de um chá?

Ela observou enquanto as engrenagens lentas do cérebro de Asperton completavam sua rotação até que ele anunciou:

– Não! Eu não gostaria de um chá! Vim atrás de uma esposa e, por Deus, vou sair daqui com uma! Com a senhorita!

Tentando aparentar calma, Isabel suspirou e disse:

– Eu realmente esperava que não chegasse a esse ponto.

Asperton estufou o peito ao ouvir isso, compreendendo de forma equivocada o significado do que ela dissera.

– Tenho certeza que esperava. Mas não vou embora desta casa sem a esposa que me prometeram! A senhorita pertence a mim! Por direito!

Então ele pulou em cima dela. *Eles sempre faziam isso.* Isabel deu um passo para o lado, e ele mergulhou pelo portal que levava ao saguão.

Onde as mulheres estavam esperando.

Isabel foi atrás dele e o observou apertar-se ao notar a presença das três mulheres ali, de pé como soldados bem-treinados, um muro de segurança entre ele e a porta da casa. Certamente ele nunca vira nenhuma mulher assim antes.

É claro que nunca saberia que estava olhando para três mulheres.

Isabel sempre achara que os homens só viam o que queriam ver.

Ela assistiu enquanto o olhar de Asperton passava do cozinheiro para o cavaleiro-chefe, depois para o mordomo.

Ele se virou para Isabel.

– O que é isso?

O cavaleiro-chefe bateu seu chicote de couro enrolado contra a coxa, fazendo Asperton se encolher com o barulho.

– Não gostamos que levante a voz para uma dama, senhor.

Isabel observou as veias no pescoço fino dele vibrarem.

– Eu... eu sou...

– Bem, sabemos o que o senhor *não* é: um cavalheiro,

considerando a forma violenta como irrompeu pelo portal do aposento – disse o cozinheiro, apontando com seu grande e pesado rolo de macarrão.

Asperton olhou de novo para Isabel e ela deu de ombros de leve.

– Sem dúvida o senhor não estava partindo para cima de lady Isabel de tal maneira – falou o mordomo, que, em seu traje engomado com perfeição, estudava preguiçosamente o fio do sabre que segurava.

Isabel fez o melhor que pôde para não olhar para o espaço na parede de onde a antiga, e provavelmente cega, espada fora retirada.

*Elas gostavam mesmo de uma performance dramática.*

– Eu... Não!

Seguiu-se um longo momento de silêncio, enquanto Isabel esperou o brilho de suor tomar conta da testa de Asperton. Ela observou enquanto o peito dele subia e descia cada vez mais rápido e só então decidiu intervir.

– O Sr. Asperton estava de saída – anunciou, prestimosa.

Ele assentiu nervosamente, hipnotizado pelo chicote de Kate, que o movia em círculos lentos e ameaçadores.

– Eu... eu estava.

– Acho que ele não vai voltar. Vai, senhor?

Ele ficou sem responder. Kate deixou o couro macio do chicote estalar no chão, e o movimento súbito o tirou do transe. Asperton voltou a prestar atenção e balançou a cabeça com firmeza.

– Não. Acho que não.

A ponta do sabre de Jane atingiu o chão de mármore, fazendo o tinido forte ressoar.

Isabel arregalou os olhos e baixou a voz para um sussurro:

– Acho que é melhor *ter certeza*, senhor.

Ele pigarreou rapidamente.

– Sim. É claro. Quer dizer... não. Não vou voltar.

Isabel então deu um sorriso largo e amigável.

– Ótimo. Devo me despedir do senhor, então. Sei que já sabe onde fica a saída. – Ela indicou a porta, agora ladeada pelas três mulheres. – Adeus.

Isabel então voltou para a sala de visitas e foi até a janela bem a tempo de ver o homem magrelo descer correndo os degraus da entrada, montar em seu cavalo e cavalgar para longe da casa como se os cães do inferno estivessem atrás dele.

Ela soltou um profundo suspiro.

Só então permitiu que as lágrimas viessem.

Seu pai a havia prometido em uma aposta.

*De novo.*

A primeira vez fora a mais dolorosa. Era de esperar que ela já estivesse acostumada a tal tratamento a esta altura, mas a verdade a surpreendeu, mesmo assim.

Como se, algum dia, tudo pudesse ser diferente e seu pai pudesse ser algo além do Conde Perdulário.

Como se, algum dia, ele pudesse se importar com ela.

Como se, algum dia, *qualquer um* pudesse se importar com ela.

Por um instante, Isabel se permitiu pensar no pai, um homem que havia largado os filhos e a esposa no campo e voltara a Londres para levar uma vida devassa e escandalosa. Um homem que nunca havia se importado: nem quando a esposa morrera; nem quando os criados, por não quererem passar mais um dia sem pagamento, abandonaram seus empregos todos de uma vez; nem quando sua filha mandara cartas e mais cartas pedindo que ele retornasse a Townsend Park e revitalizasse a casa de campo para que ela recuperasse a antiga glória – se não para Isabel, ao menos para seu herdeiro.

*A única vez que ele havia voltado...*

Não. Ela não ia pensar nisso.

Seu pai. O homem que havia roubado a alegria de sua mãe. Que

havia roubado de seu irmão – um bebê – um pai.

Se ele não os houvesse desertado, Isabel nunca teria assumido a responsabilidade pela propriedade. Ela se mostrara à altura do desafio, fazendo o melhor que podia para manter a casa de pé e colocar comida na mesa. Embora não fosse produtiva, a propriedade fora capaz de sustentar – ainda que mal – seus habitantes e inquilinos, enquanto seu pai gastara até o último centavo da renda das terras em atividades escandalosas.

Houvera o suficiente para comer, e a má reputação do Conde Perdulário evitara que visitantes curiosos ousassem se aproximar de Townsend Park, permitindo que Isabel povoasse a casa e a ala dos criados como bem entendesse, longe dos olhos bisbilhoteiros da sociedade.

Mas isso não a impedia de desejar que tudo tivesse sido diferente, que ela pudesse ter tido a chance de ser o que filhas de condes nasciam para ser, que tivesse sido criada sem nenhuma preocupação, com a certeza de que algum dia brilharia e seria cortejada adequadamente por um homem que se interessaria pelo que ela era, não por ser um espólio de jogos de azar.

Desejar não ser tão solitária.

*Mas desejar nunca a tinha ajudado.*

A porta para o cômodo se abriu e se fechou silenciosamente e Isabel deu uma risadinha autodepreciativa, enxugando as lágrimas do rosto. Enfim ela se virou para fitar os olhos sérios e cúmplices de Jane.

– Você não devia tê-lo ameaçado.

– Ele mereceu – disse a mulher vestida de mordomo.

Isabel assentiu. Aspertou tomara o lugar de seu pai naqueles minutos finais. As lágrimas arderam mais uma vez, mas Isabel as manteve distantes.

– Eu o odeio – sussurrou.

– Eu sei – disse Jane, sem sair de seu lugar no vão da porta.

– Se ele estivesse aqui, eu ficaria feliz em matá-lo.

Jane assentiu.

– Bem, parece que isso não será necessário. – Ergueu uma das mãos, revelando um pergaminho. – Isabel, o conde... ele morreu.

# UM



*E o que seriam essas lições, cara leitora, sem um lorde em potencial para conquistar? O cavalheiro para quem a senhorita estudou de forma tão diligente? A resposta, claro, é que seriam praticamente inúteis.*

*Não somos, então, as damas mais sortudas que existem, já que nossa bela cidade abriga os melhores, mais brilhantes, encantados e encantadores solteiros? Temos um verdadeiro tesouro de cavalheiros ricos, solitários e dispostos a se comprometer andando pelas nossas ruas, querendo apenas uma esposa!*

*Encontrar essas preciosidades é uma tarefa complicada, mas não tema, cara leitora! Nós assumimos o trabalho pela senhorita – vasculhamos a cidade atrás dos lordes mais dignos da sua inestimável e incontida atenção.*

*Considere, por assim dizer, o primeiro na nossa lista de lordes eminentemente conquistáveis...*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**Q**uando a loura perto da porta piscou para ele, foi a gota d'água. Lorde Nicholas St. John afundou ainda mais no assento, praguejando baixinho. Quem teria imaginado que um exagero veiculado por uma revista feminina fútil seria o suficiente para transformar todas as mulheres de Londres em tolas insistentes?

A princípio, ele achara engraçado – nada além de uma diversão bem-vinda. Aí os convites haviam começado a chegar. E quando o relógio em sua casa em St. James mal tinha batido duas horas, lady Ponsonby se juntara a eles, alegando ter negócios para discutir: algo relacionado com uma estátua que ela havia adquirido recentemente no sul da Itália. Nick sabia que não era nada disso. Só existia um motivo para uma víbora como lady Ponsonby ir à casa de um solteiro – um motivo que Nick tinha certeza de que lorde Ponsonby não acharia nem um pouco sensato.

Então ele havia fugido. Primeiro se refugiara na Sociedade Real de Antiguidades, isolando-se na biblioteca, longe de qualquer um que já tivesse ouvido falar em revistas femininas, quanto mais lido uma. Infelizmente, o jornalista da tal publicação – Nick se encolheu diante do uso generoso do termo – fizera muito bem sua pesquisa, e, em apenas uma hora, o lacaio-chefe anunciara a chegada de quatro mulheres, em separado, variando em idade e posição social, todas necessitando urgentemente de uma consulta sobre suas esculturas de mármore – e todas tendo insistido em que ninguém além de lorde Nicholas serviria.

Nick bufou com a lembrança. *Esculturas de mármore, claro.*

Ele pagara uma generosa quantia ao lacaio por sua discrição e fugira mais uma vez, agora sem tanta dignidade, pela porta dos fundos da Sociedade Real. Saíra em um beco estreito e sórdido que pouco fizera para animar seu espírito. Puxando a aba do chapéu para baixo a fim de ocultar o rosto, abrira caminho até o santuário, o Dog & Dove, onde permanecera escondido em um canto escuro durante as últimas horas.

Completamente encurralado.

Em geral, quando uma garçonete voluptuosa flertava com ele, Nick ficava mais do que disposto em atentar para seus fartos encantos. Aquela mulher em particular era a 14<sup>a</sup> do dia a atentar

para as qualidades *dele*, e Nick já estava farto. Fechou a cara e permaneceu ali, sentindo-se mais sombrio e irritado a cada minuto.

– Tenho que sair desta maldita cidade – bufou.

A risada profunda e retumbante do outro lado da mesa não melhorou seu humor.

– Não duvide nem por um momento de que eu possa mandá-lo de volta para a Turquia – rosnou Nick.

– Espero que não faça isso. Eu odiaria perder a conclusão desse divertido enredo. – Seu amigo, Durukhan, mais conhecido como Rock, virou-se e olhou por cima do ombro, avaliando preguiçosamente a linda jovem. – É uma pena. Ela nem se dá conta da minha existência.

– Garota inteligente.

– O mais provável é que ela apenas acredite em tudo o que lê em suas revistas. – Rock riu quando Nick franziu a testa. – Vamos, Nick, será que isso é tão terrível assim? E daí que as mulheres de Londres foram informadas sobre as suas... qualidades?

Nick se lembrou da pilha de convites à espera de que ele os respondesse – cada um deles de uma família com uma filha solteira – e deu um longo gole na cerveja. Apoiando a caneca de estanho na mesa, resmungou:

– Pois é. Será?

– Eu tiraria vantagem disso, se fosse você. Agora você pode ter qualquer mulher que quiser.

Nick fixou os olhos azuis e frios no amigo.

– Eu estava me saindo muito bem sem essa maldita revista, obrigado.

A resposta de Rock foi um grunhido prudente enquanto se virava para chamar a jovem garçonete. Ela veio rápido como uma flecha e num instante chegou à mesa deles. Inclinando-se bem por cima de Nick para exibir as curvas provocantes, ela sussurrou:

– Milorde? Está... necessitando de algo?

– Estamos, de fato – respondeu Rock.

A mulher insolente sentou-se no colo de Nick e pressionou os seios contra o peito dele.

– Serei qualquer coisa que quiser, querido – falou, a voz baixa e sedutora. – Qualquer coisa.

Ele afastou o braço dela que estava sobre seus ombros e tirou uma coroa do bolso.

– Uma oferta tentadora, com certeza – afirmou ele, colocando a moeda na mão dela e fazendo-a se levantar. – Mas temo que eu só queira mais cerveja. É melhor você procurar companhia em outro lugar hoje.

A decepção tomou o rosto dela por uma fração de segundo antes que redirecionasse sua atenção para Rock, admirando seu tórax largo, sua pele morena e seus braços fortes.

– E você? Algumas garotas não gostam de homens de pele escura, mas acho que você vai servir muito bem.

Rock não se mexeu, mas Nick percebeu a tensão nos ombros do amigo diante da referência à sua origem.

– Vá para outro lugar – disse o turco, dando as costas à garçonete.

Ela empinou o nariz ante a recusa dos dois e se retirou para buscar a cerveja – ou pelo menos era isso que Nick esperava. Enquanto a observava abrir caminho pelo salão, ele sentiu sobre si a atenção entusiasmada das outras mulheres na taverna.

– São predadoras. Todas elas.

– Parece justo que o *bulan* finalmente saiba o que é ser caçado.

Nick fez uma careta diante do nome turco e da longa história que o acompanhava. Havia anos ninguém o chamava de *bulan* – caçador. O termo não significava nada agora, era só um resquício de seus dias no Oriente, no Império Otomano, quando ele fora outra pessoa – alguém sem nome – com apenas uma habilidade que no final seria sua ruína.

A ironia não lhe passou despercebida. Sua estada na Turquia terminara de forma brusca quando uma mulher voltara a atenção para Nick e ele cometera o erro de se permitir ser capturado – literalmente.

Havia passado 22 dias em uma prisão turca antes de ser resgatado por Rock e despachado para a Grécia, onde jurara deixar o *bulan* para trás.

Na maior parte do tempo, ficava feliz por ter feito isso. Agora vivia apaziguado pelo mundo de Londres, os negócios relativos a sua propriedade e suas antiguidades. Mas havia dias em que sentia saudades daquela vida.

Ele preferia caçar do que ser caçado.

– As mulheres sempre ficam assim perto de você – observou Rock, fazendo Nick voltar ao presente. – Você só está mais consciente disso hoje. Não que eu entenda o interesse delas. Você é um sujeito bem fei...

– Está querendo levar um soco, não está?

O rosto do turco se abriu em um sorriso largo.

– Lutar comigo em um bar não seria um comportamento adequado a um cavalheiro exemplar como você.

Nick franziu as sobrancelhas para o amigo.

– Eu arriscaria minha reputação pelo prazer de tirar esse sorriso do seu rosto.

Rock riu mais uma vez.

– Todo esse interesse feminino perturbou sua cabeça, se você acha que poderia me derrubar. – Ele se inclinou para a frente e apoiou os braços na mesa entre eles, destacando sua força. – O que aconteceu com seu senso de humor? Você teria achado isso extremamente divertido se tivesse acontecido comigo. Ou com seu irmão.

– Pois é, mas aconteceu comigo.

Nick inspecionou o salão e grunhiu quando um homem alto de

cabelos pretos entrou, cruzando a porta do estabelecimento. O recém-chegado fez uma pausa assim que colocou os pés no salão, correndo os olhos pelas pessoas e parando, finalmente, ao avistar Nick. Então o sujeito ergueu uma sobrancelha, achando graça, e começou a se dirigir à mesa deles, abrindo caminho pela multidão.

Nick lançou um olhar acusador para Rock.

– Você está pedindo para ser mandado de volta para a Turquia. Não, implorando.

Rock olhou por cima do ombro para o recém-chegado e abriu um sorriso amplo.

– Teria sido muito antipático de minha parte não convidá-lo para a diversão.

– Que sorte. Confesso que não achei que seria capaz de chegar perto desse *lorde londrino disponível para conquista* – disse uma voz baixa e divertida.

Nick ergueu os olhos e viu seu irmão gêmeo, Gabriel St. John, o marquês de Ralston, parado próximo à mesa. Rock se levantou e deu um tapinha nas costas de Gabriel, convidando-o a se juntar a eles. Depois que se sentou, Ralston continuou:

– Embora fosse de esperar encontrá-lo aqui... – Ele fez uma pausa. – Se escondendo. Covarde.

Nick franziu as sobrancelhas enquanto Rock ria.

– Eu estava justamente comentando que, se *você* fosse eleito um dos lordes londrinos disponíveis, Nick teria desfrutado imenso prazer com seu sofrimento.

Gabriel se recostou na cadeira, sorrindo como um idiota.

– Sem dúvida, teria. E, ainda assim, você não parece muito animado, irmão. Por quê?

– Suponho que você esteja aqui para rir da minha provação – falou Nick. – Mas sem dúvida tem coisas melhores a fazer. Ainda tem uma esposa para entreter, não tem?

– Decerto que tenho – disse Gabriel, o sorriso se suavizando. –

Apesar de ela quase ter me expulsado, para ser sincero, estava ansiosa demais para que eu o encontrasse. Ela vai oferecer um jantar na quinta-feira à noite e reservou um lugar para vocês dois. Não quer lorde Nicholas perambulando melancolicamente pelas ruas nessa noite, sem destino, atrás de uma esposa.

Rock deu um sorriso afetado.

– É perfeitamente possível que ele fosse fazer exatamente isso se esse convite não tivesse surgido.

Nick ignorou o amigo.

– Callie é leitora daquele lixo?

Ele esperava que a cunhada estivesse acima dessas coisas. Se ela tivesse lido, não havia esperança.

Gabriel se inclinou para a frente.

– O artigo desta semana todos nós lemos. Você trouxe respeitabilidade para o nome St. John, Nick. Finalmente. Bom trabalho.

A garçonete voltou e deixou outra rodada de bebidas na mesa. Olhou para Nick, depois para Gabriel e para Nick de novo, enquanto uma expressão de surpresa e, em seguida, de prazer tomava conta de seu rosto. Gêmeos eram bastante raros, e as pessoas tendiam a encarar os irmãos St. John quando eles se aventuravam em público juntos. Nick percebeu que não tinha paciência para a curiosidade dela. Desviou o olhar enquanto Gabriel pagava a garota generosamente, dizendo:

– É claro que mulheres que me cobiçavam devem estar felicíssimas por terem uma segunda chance. Com ou sem título, você pelo menos tem a minha beleza, ainda que seja uma versão menor e mais jovem dela.

Os olhos azuis de Nick se estreitaram na direção do irmão e do amigo, que agora gargalhavam como idiotas. Erguendo sua cerveja, ele brindou à dupla.

– Que os dois vão direto para o inferno.

Gabriel ergueu sua caneca.

– Creio que valeria a pena só para vê-lo tão irritado. Não é a pior coisa do mundo ser rotulado como solteiro disponível, Nick. Posso atestar que o casamento não é a prisão que eu acreditava ser. É muito agradável, na verdade.

Nick se recostou na cadeira.

– Callie o amoleceu, Gabriel. Não se lembra das mães aos gritos e filhas enjoativas, todas esperando atrair sua atenção?

– Nem um pouco.

– É porque Callie é a única mulher disposta a ficar com você apesar de seu histórico de devassidão e vícios – observou Nick. – Minha reputação é bem menos maculada do que a sua costumava ser. Sou um partido muito mais valioso, que Deus me proteja.

– Acho que o casamento pode lhe fazer bem.

Nick ficou em silêncio, apenas fitando sua cerveja, por tempo suficiente para que seus companheiros achassem que ele não responderia.

– Acho que todos nós sabemos que o casamento não é para mim – disse, enfim.

Gabriel soltou um grunhido evasivo.

– Devo lembrá-lo de que eu achava o mesmo. Nem todas as mulheres são como a megera sem coração que quase fez com que você morresse, Nick – comentou Gabriel.

– Ela era só uma entre muitas – respondeu Nick, e em seguida deu um longo gole na cerveja. – Obrigado, mas aprendi a interagir com minhas mulheres da melhor forma possível: em encontros breves e sem emoção.

– Eu não me vangloriaria por ser breve se fosse você, St. John – falou Rock, dando um sorriso largo para Gabriel antes de continuar. – O seu problema não são as mulheres que o escolhem, mas as que você escolhe. Se não fosse tão atraído por aquelas que bancam a vítima, poderia ter mais sorte com o sexo frágil.

Rock não tinha dito nada que Nick já não soubesse. Desde a juventude ele tivera uma queda por mulheres em apuros. E, ainda que entendesse que isso era uma de suas maiores fraquezas – tendo lhe causado mais problemas do que soluções –, parecia incapaz de resistir a damas do tipo.

Então ele mantinha suas mulheres a distância. As regras eram claras: nada de amantes, nada de encontros regulares e, definitivamente, nada de casamento.

– Bem, de qualquer modo – completou Gabriel, com leveza –, vou me divertir imensamente enquanto você passa no meio desse corredor polonês.

Nick fez uma pausa, dando mais um gole antes de se recostar e colocar as mãos espalmadas na mesa.

– Sinto decepcioná-lo, mas não pretendo passar no meio de corredor polonês nenhum.

– Ah, é? Como espera evitar as mulheres de Londres? Elas são caçadoras do mais alto calibre.

– Elas não podem caçar se a presa se esconder – retrucou Nick.

– Você vai embora? – Gabriel não parecia feliz. – Para onde?

Nick deu de ombros.

– Obviamente já fiquei mais do que devia em Londres. Posso partir para o continente. Ou para o Oriente. Para as Américas. Rock? Você está se coçando por uma aventura há meses. Para onde gostaria de ir?

Rock ficou pensativo.

– Não para o Oriente. A última vez que estivemos lá não foi nada boa. Eu preferiria manter distância.

– É justo – disse Nick. – Às Américas, então.

Gabriel balançou a cabeça.

– Você ficaria fora por um ano, pelo menos. Já se esqueceu de que temos uma irmã que acabou de debutar e que precisa de um par? Não vai me deixar sozinho para lidar com um evento que pode

ser um desastre só porque teme a atenção de um punhado de damas.

– Um punhado! – protestou Nick. – Elas são um enxame. – Ele fez uma pausa, considerando as opções. – Não me importo muito com o lugar para onde irei... desde que não haja mulheres por lá.

Rock pareceu alarmado.

– Nenhuma?

Nick riu pela primeira vez naquela noite.

– Bem, não *nenhuma*, obviamente. Mas seria pedir muito que não houvesse mulheres que tenham lido aquela revista ridícula?

Gabriel ergueu uma sobrancelha.

– Muito provavelmente.

– St. John.

Os três cavalheiros se viraram ao ouvir o nome de Nick. O duque de Leighton estava parado ao lado da mesa. Alto e de ombros largos, ele teria sido um excelente viking se não fosse um duque, com os cabelos louros e a expressão dura. Mas hoje Nick percebeu que o homem parecia ainda mais rígido do que o normal.

– Leighton! Junte-se a nós. – Nick puxou com o pé uma cadeira próxima. – Salve-me desses dois.

– Sinto muito, mas não posso ficar – disse o duque, as palavras saindo entrecortadas. – Vim procurar você.

– Você e quase toda a população feminina de Londres – falou Gabriel, rindo.

O duque o ignorou enquanto se sentava e colocava as luvas na mesa arranhada. Depois de se virar para ficar de frente para Nick, quase bloqueando Rock e Gabriel da conversa, ele falou:

– Acho que você não vai gostar do que eu vim lhe pedir.

Nick pediu à garçonete um copo de uísque, profundamente consciente da angústia no olhar do amigo.

– Envolve fazê-lo se casar? – perguntou Gabriel com a voz seca.

Leighton pareceu surpreso.

– Não.

– Então acho que Nick vai atender seu pedido.

O duque deu um longo gole no uísque e buscou a atenção de Nick:

– Não tenho tanta certeza. Veja, não vim aqui atrás de Nick. Vim aqui atrás do *bulan*.

Um longo silêncio se seguiu. Rock e Gabriel se enrijeceram, mas não disseram nada e se limitaram a observar Nick atentamente. Nick inclinou-se para a frente, colocou os antebraços na mesa e juntou os dedos. Quando respondeu, foi em voz baixa, sem desviar os olhos de Leighton:

– Eu não faço mais isso.

– Eu sei. E eu não pediria se não precisasse de você.

– Quem?

– Minha irmã. Ela sumiu.

Nick se recostou na cadeira.

– Não vou atrás de fugitivos, Leighton. Devia chamar as autoridades.

A frustração de Leighton o fez se inclinar para a frente em um movimento precipitado.

– Pelo amor de Deus, St. John. Você sabe que não posso fazer isso. Vai estar nos jornais assim que eu for à polícia. Preciso do *bulan*.

Nick se encolheu diante da palavra. Ele não queria ser o caçador de novo.

– Eu não faço mais isso. Você sabe.

– Pagarei o que você quiser.

Gabriel riu disso, e o duque deixou escapar um rosnado.

– O que há de tão divertido nisso?

– Só a ideia de que meu irmão aceitaria pagamento. Não creio que você vá convencê-lo oferecendo dinheiro, Leighton.

O duque fechou a cara.

– Sabe, Ralston, você nunca foi o meu gêmeo favorito.

– A maioria das pessoas acha a mesma coisa – retrucou Gabriel.

– Eu lhe garanto que isso não me incomoda nem um pouco. Na verdade, confesso que estou até um pouco surpreso por você estar aqui, dignando-se a falar conosco, considerando a nossa “linhagem duvidosa”. Não é assim que você se refere a nós?

– Gabriel, já chega – disse Nick, evitando que o irmão fosse longe demais mexendo no passado.

Leighton pelo menos teve a decência de ficar envergonhado.

Por muitos anos, os gêmeos St. John, apesar de serem aristocratas, haviam sido o alvo principal do desprezo do jovem Leighton. O escândalo que havia se abatido sobre a casa Ralston quando os gêmeos eram pequenos – sua mãe abandonara o marido e os filhos – tornara-os a presa ideal para as famílias mais imaculadas da alta sociedade, e Leighton, que era da turma dos dois irmãos em Eton, nunca deixara de lembrá-los dos atos desonrosos de sua mãe.

Até que um dia Leighton passou dos limites e Nick o imprensou contra a parede.

Esmurrar um duque não era algo de que o segundo filho de um marquês pudesse se safar em Eton; Nick sem dúvida teria sido expulso da escola se o irmão gêmeo não tivesse assumido a responsabilidade pelo ocorrido. O futuro marquês de Ralston fora mandado para casa antes do fim do período, e Leighton e Nick chegaram a uma trégua hesitante, sem que ninguém soubesse o que de fato ocorrera.

A trégua se transformara em uma espécie de amizade, que florescera nos anos seguintes em Eton e murchara durante o período que Nick passara viajando pelo continente. Leighton já ascendera ao ducado e sua fortuna havia financiado, em grande parte, as expedições de Nick e Rock aos recessos obscuros do Oriente.

Leighton tivera um papel importante na criação do *bulan*.

*Mas Nick não era mais aquele homem.*

– O que você sabe?

– Nick... – começou Rock, falando pela primeira vez desde a chegada do duque.

Mas Nick ergueu a mão para silenciá-lo.

– Mera curiosidade – disse, apenas.

– Sei que ela sumiu – começou Leighton. – Levou dinheiro e um punhado de objetos que considera inestimáveis.

– Por que ela iria embora?

Leighton balançou a cabeça.

– Não sei.

– Sempre há um motivo.

– Pode ser que haja, mas eu não sei qual é.

– Quando?

– Há duas semanas.

– E você só veio me procurar agora?

– Ela havia planejado uma viagem para visitar uma prima em Bath. Passaram-se dez dias até eu perceber que ela havia mentido para mim.

– E a criada dela?

– Eu a ameacei e ela acabou confessando que Georgiana foi para o norte. Ela não sabia nada além disso. Minha irmã foi muito cuidadosa em cobrir seus rastros.

Nick se recostou na cadeira, a mente a mil, o corpo retesado de energia contida. Alguém havia ajudado a garota. Ainda a estava ajudando, já que ela não desistira e voltara para a casa do irmão. Fazia anos desde que ele localizara alguém pela última vez – havia se esquecido da emoção de uma nova busca.

*Mas esta não era mais sua vida.*

Viu o olhar preocupado do duque.

– Ela é minha irmã, Nick – disse Leighton. – Você sabe que eu não lhe pediria se fosse outra pessoa.

As palavras atingiram Nick profundamente. Ele também tinha uma irmã. E faria o que fosse preciso para mantê-la em segurança.

*Maldição.*

– Milorde?

Nick se virou ao ouvir uma voz feminina hesitante e viu duas moças de pé ao lado da mesa, observando-o avidamente.

– Pois não? – disse, cauteloso.

– Nós... – começou a falar uma delas, mas parou, insegura.

A outra a empurrou na direção dele.

– Sim? – perguntou Nick.

– Somos fãs.

Ele piscou.

– De...?

– Do senhor.

– Minhas.

– Sem dúvida! – exclamou a outra garota, com um sorriso largo.

Então ela se aproximou, estendendo algo que parecia uma...

Nick praguejou baixinho.

– Estaria disposto a autografar nossa revista?

Ele ergueu a mão.

– Eu estaria, meninas, mas estão falando com o irmão errado. – Então apontou para Gabriel. – *Ele* é lorde Nicholas.

Rock bufou enquanto as duas desviaram a atenção para o marquês de Ralston, uma cópia deslumbrantemente linda de sua presa, e balbuciaram seu entusiasmo.

Gabriel mergulhou de imediato no personagem, dando um sorriso brilhante para as garotas.

– Eu ficaria feliz em autografar sua revista. – Pegou o periódico e a pena que elas estenderam e acrescentou: – Sabem, devo confessar que esta é a primeira vez que chamei a atenção de damas estando na presença de meu irmão. Ralston sempre foi considerado o mais bonito de nós dois.

– Não! – protestaram as garotas.

Nick revirou os olhos.

– É verdade. Perguntem a qualquer um. Todos vão lhes dizer que o marquês é o mais bem-apegoado. Tenho certeza de que já ouviram isso. – Ele ergueu os olhos para elas com um sorriso sedutor. – Podem admitir, meninas. Não ficarei magoado.

Gabriel levantou a revista, exibindo a capa, que alardeava: *Nesta edição: Os Lordes Londrinos Disponíveis!*

– Sim... não há dúvidas de que isso vai fazer maravilhas pela minha reputação. Fico tão feliz em ver que está correndo a notícia de que estou à caça de uma esposa!

As garotas quase morreram de prazer.

Sem achar aquilo nem um pouco divertido, Nick olhou para Leighton.

– Norte, você disse?

– Sim.

– *Norte* é um lugar enorme. Poderíamos levar semanas para encontrá-la – advertiu Rock.

Nick olhou para as duas garotas entusiasmadamente perto de Gabriel e então de volta para os homens à mesa.

– Estou disposto a fazer a viagem.

## DOIS



*Townsend Park  
Dunscroft, Yorkshire*

**I**sabel avaliou a garota pálida e exausta sentada diante dela na cama baixa e estreita. Mal tinha idade para ter debutado, quanto mais para ter viajado quatro dias de carruagem até chegar à porta de uma estranha no meio da noite.

Com os olhos arregalados de medo, a moça se levantou, segurando uma pequena mala de viagem.

Isabel sorriu.

– Você é Georgiana.

A garota não se mexeu. Sua expressão também não mudou.

– Eu sou Isabel.

Os olhos azuis de Georgiana cintilaram com o reconhecimento.

– Lady Isabel?

Isabel chegou mais perto, calorosa e acolhedora.

– Eu mesma.

– Eu pensei...

O sorriso de Isabel se alargou.

– Deixe-me adivinhar. Você achou que eu seria velha.

Encarquilhada.

A garota deu um meio sorriso. Um bom sinal.

– Talvez.

– Neste caso, vou considerar sua surpresa um grande elogio.

A garota largou a mala e se curvou em uma reverência.

Isabel a deteve.

– Ah, por favor, isso não é necessário. Vai fazer com que eu me sinta velha e encarquilhada. Sente-se. – Isabel puxou para perto um banquinho de madeira para se juntar a ela. – Não fazemos cerimônia aqui. E, se fizéssemos, seria eu que me curvaria a você. Afinal de contas, sou uma mera filha de conde e você...

Georgiana balançou a cabeça, com o rosto triste.

– Não mais.

A garota estava com saudades de casa.

Poucas jovens que chegavam a Townsend Park sentiam saudades do lugar de onde tinham vindo.

– Como nos encontrou?

– Minha... uma amiga. Ela disse que vocês acolhiam garotas. Falou que poderiam me ajudar.

Isabel assentiu, encorajando-a a continuar.

– Meu irmão. Eu não podia lhe dizer... – A voz dela ficou entrecortada, tornando a fala impossível.

Isabel se inclinou para a frente e pegou as mãos frias e trêmulas da jovem.

– Você também não precisa me contar. Não até estar pronta.

*Eu sei que às vezes é mais fácil não contar.*

Georgiana ergueu a cabeça para fitá-la com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

– Minha amiga... Ela disse que vocês cuidariam de nós.

Isabel assentiu.

– E vamos cuidar. – A garota foi tomada pelo alívio. – Acho que você percorreu um longo caminho até aqui. Que tal tentar dormir um pouco? Tomaremos café pela manhã e você poderá me contar qualquer coisa que queira.

Depois de alguns minutos, Georgiana havia se enfiado debaixo

dos lençóis limpos e diáfanos da cama estreita, que Isabel imaginava ser muito menos luxuosa do que a do quarto da irmã do duque de Leighton na casa dele. Ficou observando por um momento até ter certeza de que a jovem estava dormindo antes de se esgueirar para fora do quarto.

Assim que colocou a cabeça no corredor, constatou que um grupo de espectadoras curiosas havia se reunido do outro lado.

– Ela está dormindo? – sussurrou Lara, prima e melhor amiga de Isabel.

Isabel assentiu. Ao ouvir o clique da fechadura, voltou-se para sua plateia.

– Por que este corredor não está adequadamente iluminado?

– Porque você não pode pagar pelas velas.

*É claro.*

– A irmã de um duque, Isabel? – murmurou Jane.

– Quem ela é não devia ter importância – argumentou Gwen, a cozinheira. – Ela precisa de nós! Nós acolhemos garotas que precisam de nós.

– Ela não pode ficar – anunciou Kate com o rosto inexpressivo, olhando para as outras em busca de apoio.

– Que tal termos esta conversa longe da pobre garota? – sussurrou Isabel, fazendo um gesto para que todo o grupo descesse o corredor.

– Ela não pode ficar! – repetiu Kate, baixinho, enquanto andavam.

– Sim, creio que você já deixou sua posição clara – disse Isabel secamente.

– É um risco enorme, Isabel – argumentou Jane quando estavam de volta ao topo da escada.

Como se Isabel não tivesse pensado nisso.

Como se seu coração não estivesse disparado de pavor.

*É claro que era um risco.* Não se abriam as portas para oferecer

abrigo à irmã de um duque – um dos homens mais poderosos da Inglaterra – sem o conhecimento dele, simplesmente.

*Isso podia ser o fim de James.*

Seu irmão tinha apenas 10 anos, um novo conde, e teria dificuldade para escapar da reputação do pai deles. Se o duque de Leighton descobrisse sua irmã ali – se descobrisse as mulheres que estavam escondidas naquele lugar sob a proteção do duque de Reddich –, James nunca sobreviveria ao escândalo.

As outras estavam certas. Ela devia mandar a garota embora.

Seria a atitude responsável a tomar. Protegeria todas elas.

Ela olhou de uma mulher para outra, todas tendo ido parar em Townsend Park em circunstâncias semelhantes às da jovem que ela acabara de acolher. Isabel podia ter virado as costas a todas elas. Mas não virara. Pousando o olhar na prima, ela disse:

– Lara?

Seguiu-se um instante de silêncio, enquanto Lara pesava suas palavras.

– Conheço as regras, Isabel. Sei o que dizemos. Mas... um duque. Vai trazer suspeita sobre todas nós. Ela... E se alguém vier procurá-la? E se formos descobertas?

Isabel olhou na direção do quarto onde deixara a garota adormecida.

– Imagino que seja mais uma questão do que irá acontecer *quando* alguém vier procurá-la. Irmãs de duques não costumam ter permissão para desaparecer. – Ela fez uma pausa. – Ela está crescendo.

Jane soltou um assovio baixo.

– Ela lhe disse isso? – perguntou Gwen.

– Não precisou.

– Bem – falou Lara –, obviamente não podemos mandá-la embora, então.

Kate discordou.

– Ela não é filha de um comerciante. Não é esposa de um estalajadeiro. Não é nem da pequena nobreza rural. É uma aristocrata, pelo amor de Deus. Podem ser dois aristocratas em um corpo só! Devíamos mandá-la para casa, para sua família aristocrata.

– Uma família aristocrata nem sempre é a solução, Kate. Sei disso melhor do que ninguém – retrucou Isabel, pensando nas profundas olheiras da frágil jovem, nas faces encovadas que diziam muito sobre aquela mulher pequena e misteriosa.

*Aquela mulher que estava perdida e sozinha.*

Era o suficiente para Isabel.

– Nunca mandei uma menina embora. Não vou começar agora. Ela terá um lugar aqui pelo tempo de que precisar. Vamos colocá-la para trabalhar. James está precisando de uma professora. Tenho certeza de que ela servirá muito bem.

Kate riu com desdém.

– Você a viu? Aposto que ela nunca trabalhou nem um dia na vida.

Isabel sorriu.

– Você também não tinha trabalhado até eu acolhê-la. E agora é o melhor cavaleriço-chefe desta parte de Londres.

Kate desviou o olhar, batendo com uma das mãos no traseiro.

– Irmã de um duque – sussurrou.

Isabel olhou para as mulheres à sua volta – para Jane, seu mordomo, capaz de gerenciar a casa com a facilidade de qualquer criado do sexo masculino preparado durante anos; Gwen, uma cozinheira que podia ter sido treinada nas melhores cozinhas de Londres pelo orgulho que tinha de seu trabalho; Kate, que tinha um jeito com cavalos que rivalizava com o dos jóqueis em Ascot. Cada uma delas chegara a Townsend Park em circunstâncias similares às de Georgiana, e cada uma delas recebera casa, comida e a chance de um futuro.

E todas haviam acreditado que Isabel podia encarar qualquer

desafio.

*Mal sabiam elas.*

Isabel tinha tanto medo quanto as outras. Tanta insegurança quanto elas.

Respirou fundo para se acalmar e, quando falou, fez o melhor para soar confiante – rezando para que as outras acreditassem.

– Ela precisa da Casa de Minerva. E a Casa de Minerva irá enfrentar o desafio.

*Eu espero.*



Isabel abriu os olhos e se aprumou imediatamente na cadeira.

Sua prima Lara estava de pé do outro lado da mesa do conde.

– Bom dia.

Isabel franziu os olhos para as janelas, nas quais um céu azul brilhante anunciava que ela dormira boa parte da manhã. Olhou de volta para Lara.

– Peguei no sono.

– Sim, estou vendo. Por que não tentou fazer isso na sua cama?

Isabel inclinou a cabeça para trás, os músculos do pescoço e dos ombros sofrendo com o movimento.

– Muita coisa para fazer.

Ela levou a mão à face e descolou um pedacinho de papel que tinha ficado grudado em sua bochecha durante a noite.

Lara colocou uma xícara de chá em cima da mesa e sentou-se na frente de Isabel.

– O que poderia ser tão urgente a ponto de você abrir mão do sono? – Ela fez uma pausa, distraída. – Você está com tinta no rosto.

Isabel passou a palma da mão na face manchada, o olhar

recaindo no pedaço de papel que ela havia removido do mesmo local. Avaliou a lista que rascunhara na noite anterior.

A lista *imensa* que rascunhara na noite anterior.

Sentiu o estômago se revirar.

Isabel afastou uma mecha castanho-avermelhada do rosto e prendeu-a em seu coque apertado e prático. A culpa a invadiu enquanto ela era consumida pelo monte de tarefas que deveria ter feito na noite anterior – depois de tirar um rápido cochilo.

Devia ter criado um plano para garantir a segurança das garotas. Devia ter rascunhado uma carta para o procurador de seu pai a fim de confirmar que não havia fundos reservados para a educação de James. Devia ter escrito para a imobiliária em Dunscroft para começar a procurar uma nova casa. Devia ter começado a ler o livro sobre conserto de telhados antes que se tornasse uma emergência.

Mas não fizera nenhuma dessas coisas. Em vez disso, dormira.

– Você precisa descansar.

– Já descansei bastante.

Isabel começou a organizar os papéis na mesa e notou uma nova pilha de envelopes ali.

– De onde veio isto?

Ela levantou as cartas, revelando uma revista feminina que chegara para as garotas. Registrou a manchete – *Nesta edição: Os Lordes Londrinos Disponíveis!* – e revirou os olhos antes de devolver os envelopes ao lugar.

– Veio com a correspondência hoje de manhã. Antes que abra...

Isabel ergueu um abridor de cartas e olhou para Lara.

– Sim?

– Devíamos conversar sobre James.

– O que foi agora?

– Ele tem fugido das aulas.

– Não estou surpresa. Vou falar com ele. Ele já foi apresentado à nova professora?

– Não exatamente.

As palavras eram um sinal.

– Como assim, não exatamente, Lara?

– Bem, Kate o flagrou observando-a tomar banho.

Isabel se inclinou para a frente.

– Suponho que não queira dizer que ele estava observando Kate tomar banho.

Lara riu.

– Pode imaginar como isso teria acabado? Ela o teria esfolado vivo.

– Talvez eu mesma o esfole! Ele é um conde agora! Vai ter que se comportar como um! Observar a garota nova no banho? Mas que coisa! O que o levaria...

– Ele pode ser um conde, Isabel, mas ainda é um menino. Acha que não tem curiosidade?

– Ele cresceu em uma casa cheia de mulheres, então não. Achei que não teria o menor interesse.

– Bem, só que ele tem. Na verdade, acho que tem um interesse enorme, e precisa de alguém com quem discuti-lo.

– Ele pode falar comigo!

Lara lançou um olhar descrente para Isabel.

– Isabel.

– Ele pode!

– Você é uma irmã maravilhosa. Mas ele não pode falar sobre essas coisas com você.

Isabel pensou, em silêncio, sobre o que acabara de ouvir. É claro que ele não podia. Era um menino de 10 anos sem ninguém para ajudá-lo a entender o mundo, um menino que precisava de um homem com quem discutir tais... assuntos... masculinos.

Ela suspirou.

– Tenho que achar um modo de colocar James na escola. Planejo mandar uma carta ainda hoje para o procurador do meu pai, falando

sobre isso. Não que vá haver dinheiro para levar adiante a ideia. – Ela fez uma pausa. – Por outro lado, talvez o novo guardião da propriedade chegue trazendo conhecimentos que apenas homens possam transmitir.

Elas esperavam notícias de Oliver, lorde Densmore, o misterioso e desaparecido guardião nomeado no testamento de seu pai, desde que souberam da morte do conde. Fazia pouco mais de uma semana, agora, e cada dia que se passava sem notícias, Isabel respirava com um pouco mais de facilidade.

Ainda assim, o fantasma dele continuava pairando na casa, pois se o Conde Perdulário o nomeara, tudo indicava que lorde Densmore seria exatamente o tipo de guardião que elas todas prefeririam não ter.

– Há mais uma coisa.

*Sempre havia.*

Isabel se retraiu com o pensamento.

– Sobre James?

– Não. Sobre você. – Lara se inclinou para a frente na cadeira. – Eu sei por que você adormeceu aqui em vez de ir para a cama. Sei que está preocupada com nosso futuro. Com as finanças. Com James. Com a Casa de Minerva. – Isabel se levantou e balançou a cabeça, mas Lara continuou: – Não me insulte fingindo ignorância. Eu a conheço desde sempre. Moro com você há seis anos. Sei que está preocupada.

Isabel abriu a boca para falar, mas a fechou em seguida. Lara estava certa, é claro. Isabel *estava* preocupada. Temia que as dificuldades financeiras da propriedade impedissem James de ir à escola, de aprender a ser um conde, de devolver algum vestígio de honra ao condado. Temia que o tal novo guardião nunca fosse mostrar as caras – e as finanças – quase tanto quanto receava que ele fosse chegar e fechar a Casa de Minerva, expulsando as mulheres que ela se esforçara tanto para manter seguras.

As mulheres que precisavam dela.

O telhado tinha goteiras, elas haviam perdido sete ovelhas que escaparam pela cerca quebrada na parte oeste da propriedade naquela semana, e Isabel não tinha um tostão em seu nome. Teria que mandar algumas das garotas embora se não encontrasse uma solução.

– Suponho que o conde não tenha deixado *nenhum* dinheiro – disse Lara baixinho.

Era a primeira vez que uma das residentes da propriedade falava de sua situação financeira.

Isabel balançou a cabeça, sentindo a frustração aumentar diante da pergunta.

– Acabou tudo.

Tudo o que não fora deixado para o futuro conde de Reddich.

Seu pai nem se importara o suficiente para garantir que os filhos estivessem seguros – que seu *herdeiro* estivesse seguro. Ela levava meia hora para convencer o procurador que aparecera um dia depois da notícia da morte de seu pai de que ela conseguia entender as finanças da propriedade bem o bastante para que ele lhe explicasse sua situação.

*Como se estar na miséria fosse algo difícil de compreender.*

O Conde Perdulário perdera tudo no jogo – a casa na cidade, as carruagens, os móveis, os cavalos... *a filha*. Não havia sobrado nada. Nada além do que agora era de James por direito.

E o que era de Isabel para vender.

Uma pontada de tristeza atravessou seu peito.

Seu irmão não tivera nem o pai, nem a mãe, nem a criação que o condado deveria ter garantido a ele – mas teria um condado. E Isabel faria o que pudesse para impedi-lo de afundar.

Um conde morto.

Um menino herdeiro.

Uma propriedade caindo aos pedaços.

Duas dúzias de bocas para alimentar, e todas precisavam ficar bem escondidas.

Ela nunca sentira tanto pânico.

Se ao menos não tivesse pegado no sono na noite anterior, poderia já ter inventado um plano para que todas elas fossem salvas.

Só precisava de tempo.

Fechando os olhos, Isabel respirou fundo para se acalmar.

– Não se preocupe com isso, Lara – falou com firmeza, recusando-se a revelar seus pensamentos. – Vou garantir que todas nós estejamos seguras.

O olhar de Lara se suavizou.

– É claro que vai. Nenhuma de nós duvidou disso nem por um instante.

*É claro que não.* Ninguém jamais duvidava da força de Isabel. Nem mesmo quando deviam. Nem mesmo quando estava tudo por um fio.

Ela se levantou, foi até a janela e olhou para as terras de Townsend, que já tinham sido luxuriantes e férteis. Agora os campos estavam cobertos de mato, sem qualquer cultivo, e o gado havia diminuído a uma insignificância.

– As garotas estão preocupadas?

– Não. Acho que não passou pela cabeça delas que podem ser todas jogadas na rua.

O coração de Isabel disparou ao ouvir isso.

– Elas não serão jogadas na rua. Nunca mais diga uma coisa dessas.

Lara a havia seguido.

– É claro que não serão.

*Poderão ser.* Isabel ouviu as palavras como se tivessem sido ditas em voz alta.

Virou-se rapidamente, as saias rodopiando em volta dos

tornozelos enquanto ela erguia um dedo e o sacudia na frente do nariz de Lara.

– Vou pensar em alguma coisa. Vamos arranjar dinheiro. Vou mudá-las todas para outra casa. Convenhamos que esta não é nenhuma preciosidade.

– Casa de Minerva II – falou Lara.

– Exato.

– Uma ideia genial.

Isabel bufou diante do tom da prima.

– Não precisa concordar só para me acalmar.

– Tudo bem – disse Lara. – Você tem uma pilha de dinheiro escondida em algum lugar? Porque, até onde sei, casas que comportam duas dúzias de mulheres exigem fundos.

– É. Bem. Essa é a parte do plano que eu ainda não resolvi.

Isabel atravessou o aposento até a porta, então virou-se e retornou à mesa. Sentou-se atrás dela, onde três gerações de condes Reddich haviam se sentado, e olhou para os papéis espalhados pelo tampo enorme. Depois de um longo silêncio, disse:

– Só há uma forma de garantir que tenhamos dinheiro para sobreviver.

– E qual é?

Ela respirou fundo.

– Vou vender as esculturas de mármore.

Enquanto falava, seus ouvidos foram invadidos por um zumbido – como se, ao não ouvir as palavras, elas não tivessem sido ditas.

– Isabel... – falou Lara, balançando a cabeça.

*Por favor, não conteste isso, Lara. Eu não tenho forças.*

– É bobagem ficar com elas – argumentou. – Ninguém gosta delas.

– Você gosta – retrucou Lara.

– São um luxo que não tenho mais como manter.

– Não. Elas são o único luxo que você já teve.

*Como se ela não soubesse disso.*

– Você tem uma solução melhor?

– Talvez – respondeu Lara. – Talvez você devesse considerar... Talvez devesse começar a pensar em casamento.

– Está sugerindo que eu deveria ter aceitado um dos inúmeros imbecis que passaram por aqui ao longo dos anos após terem me ganhado em um jogo de azar?

Lara arregalou os olhos.

– Ah, meu Deus, não! Não um deles. Isso nunca. Ninguém que conhecesse o seu pai. Alguém... bom. E, se ele for rico, bem, então melhor ainda.

Isabel ergueu a revista que vira mais cedo.

– Está sugerindo que eu tente conquistar um lorde, prima?

O vermelho ardeu nas bochechas de Lara.

– Não pode negar que um casamento inteligente não é a pior coisa que poderia acontecer com você.

Isabel balançou a cabeça. Casamento não era a resposta. Ela estava disposta a engolir um remédio amargo ou até dois para salvar aquela casa e as mulheres dentro dela, mas não sacrificaria sua liberdade, sua sanidade ou sua pessoa por ninguém. Não importava se essa era ou não uma solução.

*Egoísta.*

A palavra ecoou em sua cabeça como se tivesse sido dita segundos antes, e não anos. Isabel sabia que, se fechasse os olhos, veria sua mãe, o rosto contorcido de angústia, lançando-a como uma adaga.

*Você deveria tê-lo deixado casá-la, sua besta egoísta. Ele teria ficado, se você tivesse deixado. E você teria ido embora.*

Ela balançou a cabeça para afastar a imagem e pigarreou, tentando limpar a garganta subitamente apertada e dolorida.

– Casamento não é a resposta, Lara. Acha mesmo que alguém com os meios para nos ajudar consideraria se casar com a filha de

24 anos do Conde Perdulário, uma garota que nunca colocou os pés em um salão de baile londrino?

– É claro que sim!

– Não. Não iria. Eu não tenho habilidades, nenhum treinamento, nenhum dote, nada além de uma casa cheia de mulheres, a maioria delas escondida, algumas *ilegalmente*. Como você propõe explicar isso a um possível pretendente? – Lara abriu a boca para responder, mas Isabel continuou: – Vou lhe dizer. É impossível. Nenhum homem são se casaria comigo e assumiria o fardo que eu carrego. E, para ser sincera, fico bastante grata por isso. Não. Vamos ter que tentar uma tática diferente.

– Ele se casaria se você lhe dissesse a verdade, Isabel. Se você explicasse tudo.

O silêncio recaiu entre elas e Isabel se permitiu considerar, por um breve instante, como seria ter alguém com quem pudesse dividir todos os seus segredos. Alguém para ajudá-la a proteger as meninas... e educar James. Alguém que a ajudasse a carregar seu fardo.

Afastou o pensamento de imediato. Dividir o fardo da casa exigiria dividir seus segredos. Confiar em alguém para guardá-los.

– Devo lembrá-la das criaturas horrendas que a Casa de Minerva nos mostrou? Os maridos com punhos inchados de tanto bater? Os irmãos e tios perversos? Homens tão beberrões que não arrumavam tempo para pôr comida na mesa para os filhos? E não vamos nos esquecer do meu próprio pai, disposto a nos vender por quantias suficientes para mais uma noite de farra, incapaz de sustentar sua propriedade, sem ver nenhum problema em deixá-la totalmente falida para seu herdeiro ainda criança. – Ela balançou a cabeça com firmeza. – Se aprendi uma coisa na vida, Lara, é que a maioria dos homens é tudo menos boa. E os que são bons não têm o costume de vir à área rural de Yorkshire atrás de solteironas como eu.

– Não podem ser todos maus.... – retrucou Lara. – Você tem que

admitir, Isabel, que as garotas que vêm para a Casa de Minerva... Bem... as chances delas devem ser as piores de todas. Talvez homens como os dessa revista sejam diferentes.

– Duvido, mas vou lhe dar o benefício da dúvida. Mesmo assim, sejamos sinceras. Não sou exatamente o tipo de mulher que poderia conquistar um lorde, quanto mais um lorde merecedor de um artigo em uma revista para divulgar suas qualidades excepcionais.

– Bobagem. Você é adorável, inteligente e incrivelmente competente. E é irmã de um conde. Melhor ainda, um conde que não arruinou seu nome – falou Lara. – Tenho certeza de que os *lordes londrinos disponíveis* ficariam bastante interessados.

– Sim, bem, também estou 320 quilômetros ao norte de Londres. Imagino que esses lordes já tenham sido conquistados pelas moças de sorte com assinaturas que não são entregues pela carruagem dos correios.

Foi a vez de Lara suspirar.

– Talvez não *esses* lordes. Talvez a revista seja só um sinal.

– Um sinal.

Lara assentiu.

– Você acha que a... – ela fez uma pausa para verificar o nome da revista – *Pérolas e Peliças...* é um sinal. Por que nós recebemos esse lixo, aliás?

Lara fez um gesto com a mão, descartando a crítica dela.

– As garotas gostam. E, sim, eu acho que é um sinal de que você deveria levar o casamento em consideração. Com um bom homem. Um homem de posses.

O tom de Isabel se suavizou.

– Lara, casamento só ia nos trazer mais problemas. E, mesmo que não trouxesse, você realmente acha que homens bons e de posses estão formando fila em Dunscroft, esperando que eu faça uma incursão pela cidade?

Ela abriu a revista e avaliou a descrição de Nicholas St. John, o

primeiro dos lordes londrinos citados pela publicação.

– Quero dizer, pense só. Esse homem é o irmão gêmeo de um dos sujeitos mais abastados da Inglaterra, que enriqueceu por mérito próprio, um cavaleiro excepcional, um esgrimista incomparável e, pelo jeito, bonito o bastante para fazer as damas da alta sociedade correrem para pegar seus lencinhos e se abanar. – Ela fez uma pausa, olhando para Lara com uma expressão travessa. – É fácil imaginar todas as mulheres de Londres quase desmaiando quando ele e o irmão gêmeo aparecem juntos em público.

Lara deu uma risadinha.

– Talvez eles sejam gentis o suficiente para manterem certa distância um do outro, pela segurança e dignidade da sociedade.

– Isso seria a atitude apropriada para este “modelo de masculinidade”.

– Modelo de masculinidade?

Isabel leu em voz alta:

– “Lorde Nicholas é um verdadeiro modelo de masculinidade. Bonito e charmoso, com uma aura de mistério que faz leques e cílios balançarem. E os olhos, cara leitora! Tão azuis!” Me diga mais uma vez por que esta revista é tão edificante.

– Bem, não esta matéria em especial, obviamente. O que mais diz aí? – perguntou Lara, esticando o pescoço para ler junto.

– “Mas este lorde é um partido ainda melhor, cara leitora! Ora, suas lendárias viagens não apenas pelo continente, mas também pelo Oriente, não só deixaram sua pele bronzeada como também expandiram sua mente. Damas afetadas não servem para lorde Nicholas, senhoritas. Ele vai querer uma companheira com quem possa conversar! Ora...”

– Não está escrito “ora”! – disse Lara, incrédula, estendendo a mão para a revista.

– Está sim! – exclamou Isabel, afastando dela o periódico. –

“Ora, nós não declaramos que havíamos encontrado os melhores cavalheiros londrinos para sua consideração?”

– Bem, suponho que, se ele é um homem tão incrível, *ora* é tão apropriado quanto qualquer outra interjeição.

– Hum – murmurou Isabel, lendo em silêncio agora.

– Isabel? – Lara se inclinou para a frente a fim de ver o que havia capturado a atenção da prima. – O que foi?

Ao ouvir a pergunta urgente, Isabel levantou a cabeça.

– Lara, você tem razão.

– Eu tenho?

– Essa revista boba é um sinal!

Lara ficou confusa.

– É?

– É! – exclamou Isabel, parando de ler e esticando a mão para pegar uma folha de papel em branco para escrever sua carta.

– Mas eu pensei...

– Eu também. Mesmo assim, ela é.

– Mas... – Lara fez uma pausa, perplexa, e então disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça: – Mas... e quanto aos 320 quilômetros de distância daqui até Londres?

Isabel ergueu a cabeça ao ouvir isso. Ficou em silêncio por um longo tempo, inclinando o pescoço enquanto pesava as palavras.

– Bem, então vou ter que usar um argumento muito convincente.

# TRÊS



## ***Lição Número Um***

*Não tente causar uma primeira impressão muito forte.*

*Para conquistar seu lorde, você deve ser vista, mas quase não deve ser ouvida. A princípio, não se exceda em conversas – você não gostaria de sobrecarregá-lo com os seus pensamentos. Ainda que isso possa parecer desafiador, não se inquiete, cara leitora. Sua graça e sua serenidade serão mais do que suficientes para conquistar seu lorde.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**N**ick viajara muito e se orgulhava de enxergar o valor até mesmo dos locais menos inspiradores. Passara anos percorrendo o continente – não Viena, Praga, Paris ou Roma, mas as aldeias não celebradas da Europa. Depois, fora para o leste, onde encontrara joias em lúgubres bazares otomanos e abraçara o prazer simples das pequenas comunidades nas partes mais remotas do Oriente.

Quando ele e Rock haviam caminhado lentamente da Turquia até os desfiladeiros nas montanhas da Grécia apenas com a roupa do corpo, Nick passara semanas sem comida quente, sem cama, sem qualquer luxo e, ainda assim, descobrira sua paixão por

antiguidades. Nunca houve um lugar onde ele não pudesse encontrar uma ou duas características redentoras.

Mas ele estava muito próximo de desistir da vila de Dunscroft. Parecia haver pouca coisa digna de nota naquela localidade.

Nick e Rock estavam parados juntos no pátio da única estalagem da cidade, esperando seus cavalos. Aguardavam havia quase meia hora, e o alvoroço inicial da cidade dera lugar a uma preguiça silenciosa do meio da manhã. Nick mudou o peso do corpo de uma perna para a outra enquanto observava a porta do açougue se abrir e um garoto desengonçado aparecer. O menino carregava uma pilha alta de pacotes e, assim que saiu, deixou um embrulho de formato estranho cair no chão poeirento. Quando se virou para pegá-lo, a pilha começou a balançar em seus braços.

Era a coisa mais interessante que acontecera desde que eles haviam chegado à pequena aldeia de Yorkshire, duas noites antes.

– Aposto uma coroa que ele deixa outro pacote cair antes de chegar ao armário – disse Nick.

– Vamos apostar 1 soberano – sugeriu Rock.

O garoto passou pela loja sem problemas.

– Já está pronto para voltar a Londres? – perguntou Rock, embolsando seu prêmio.

– Não.

– Pode ao menos considerar irmos embora de Yorkshire?

– Não, a não ser que tenhamos motivos para acreditar que ela saiu de Yorkshire.

Rock respirou fundo, balançando-se nos calcanhares. Após um tempo, disse:

– Ocorreu-me que é *você* quem está comprometido a encontrar a garota. Não há nada neste lugar que me prenda. Ancara é mais hospitaleira do que esta cidade.

Nick ergueu uma sobrancelha escura.

– Ancara? Acho que isso é um pouco extremo, tendo em vista

nossas acomodações na última vez em que visitamos a Turquia.

– Também coisa sua – resmungou Rock. – Podíamos pelo menos ir a York. Esta estalagem, se é que se pode chamá-la assim, é horrível.

Nick sorriu.

– Sabe, para um turco, você realmente se tornou um janota e tanto.

– O nome do lugar é O Porco Empacado, pelo amor de Deus!

– Você acha que encontraríamos um estabelecimento com um nome mais interessante em York?

– Acho que podemos muito bem achar um estabelecimento *melhor* lá.

– Talvez, mas a última coisa que soubemos é que ela veio para cá – disse Nick. – Onde está seu senso de aventura?

Rock bufou de irritação, olhando na direção do estábulo.

– Perdido, com os nossos cavalos. Onde você acha que essa hospedaria os está deixando? Em Bath? A única desculpa para demorar tanto para buscar duas montarias é a morte.

– A morte dos cavalos?

– Eu estava mais inclinado a pensar na morte do cavaliço que foi buscá-los – falou Rock, que saiu andando em direção ao estábulo, deixando Nick sozinho para pensar na aldeia de Dunscroft.

*Eles estavam perto.*

Haviam rastreado lady Georgiana pela Inglaterra até Yorkshire, onde seu rastro desaparecera. Cavalgaram para o norte durante um dia, interrogando qualquer um que pudesse ter visto uma moça viajando sozinha, e não descobriram nada para além de Dunscroft, onde um garoto que trabalhava nos correios se lembrou de ter avistado “uma dama que parecia um anjo” descer da carruagem dos correios. Ele não se lembrava o que havia acontecido com o anjo em questão, mas Nick rapidamente decidira que ela não fora longe. Só podia estar em Dunscroft. Ou perto dali.

Ele tinha certeza.

Respirando fundo, Nick avaliou o pequeno vilarejo que só tinha uma rua, na qual uma igreja, uma estalagem e algumas lojas marcavam a civilização. Na frente da estalagem ficava a praça, um pequeno pedaço de verde que ainda exibia um mastro vazio da Festa de Maio que provavelmente proporcionava a noite mais emocionante do ano em Duncroft. Enquanto observava a praça, a atenção de Nick foi atraída por uma mulher solitária que atravessava o lugar.

Ela lia enquanto andava, hipnotizada pela pilha de papéis que carregava, e a primeira coisa que Nick percebeu foi sua habilidade em manter uma linha reta apesar da óbvia falta de consciência do que a cercava.

Ela estava de luto, usando um vestido diurno preto simples, um modelo bastante comum e ligeiramente fora de moda, o que era de esperar, considerando-se o vilarejo em que estava. O traje indicava que ela devia ser filha de algum aristocrata rural local, mas seus movimentos eram naturais o bastante para sugerir que não era uma dama da sociedade.

Ele a avaliou com atenção, observando sua altura incomum – achava que jamais conhecera uma mulher tão alta quanto aquela. Os passos rápidos e decididos eram o oposto dos passinhos afetados que as moças eram ensinadas a achar graciosos. Nick não conseguiu resistir a se concentrar na saia da mulher, que se agarrava a suas pernas torneadas a cada passo longo. Conforme ela avançava, a bainha do vestido subia, revelando botas simples de caminhada: calçados escolhidos pela utilidade, não pela moda.

Seu chapéu preto fora colocado baixo, de modo a proteger os olhos do sol. Entre a borda do acessório e o que quer que ela estivesse lendo, Nick não conseguia distinguir nada além da ponta do nariz, que parecia bastante aprumado. Distraidamente, ele ficou imaginando a cor dos olhos dela.

A mulher quase chegara à rua agora, tendo atravessado todo o relvado sem erguer os olhos uma única vez. Ele observou enquanto ela virava uma página, sem perder nem o equilíbrio nem uma palavra de sua correspondência. Aquela concentração singular era fascinante – ele não pôde deixar de imaginar como seria ser o objeto de uma atenção tão resoluta. Será que ela era tão determinada em tudo o que fazia?

Ele se aprumou, virando-se para procurar Rock. Pelo visto fazia tempo de mais que Nick estava sem uma mulher, para estar pensando em uma da qual não sabia o nome e de quem sequer conhecia o rosto, uma que simplesmente entrara em seu campo de visão.

E então aconteceu o fim do mundo.

O estrondo alto veio de perto, seguido de uma combinação de homens berrando, cavalos zurrando e pancadas cuja origem Nick não conseguiu identificar de imediato. Ele se virou na direção do som e de início não viu nada, mal registrando que o barulho viera de mais além, após uma curva na estrada, antes que a seriedade da situação se mostrasse de forma clara e aterrorizante.

Em disparada pela estrada vinha um grupo de enormes cavalos de tração, os cascos esmurrando o chão conforme as ancas musculosas se moviam com força desenfreada. Eles puxavam uma grande carroça que havia perdido duas rodas e estava sendo arrastada de lado. O veículo estava perdendo seu carregamento de lajes e o som das pedras caindo da carroça de madeira enervava os cavalos, que corriam a uma velocidade vertiginosa, ignorando qualquer coisa que estivesse na frente. O condutor também caíra, e não havia ninguém no controle do imenso veículo.

E a garota da praça estava prestes a se pôr diretamente em seu caminho.

Ela continuou absorta na leitura mesmo com Nick gritando para

chamar sua atenção. Deu seu último e fatídico passo para a rua e foi então que ele soube que não teria outra opção a não ser salvá-la.

*Maldição.*

Nick saiu correndo pelo pátio da estalagem. Uma rápida olhada confirmou que poderia alcançar a mulher bem a tempo, presumindo que ele não tropeçasse e que ela não decidisse de repente tomar consciência do que a cercava.

Não que a última opção parecesse provável de acontecer.

Ele sentiu a terra endurecida vibrar sob suas botas de montaria com o estrondo das patas dos cavalos enquanto ele corria pela rua, seguindo na direção dela mesmo enquanto sentia os enormes animais investindo para cima deles.

*Aquilo era estupidez.*

Fosse pela cacofonia que a cercava ou pelo senso latente de autopreservação, ela ergueu os olhos.

*Que eram castanhos.*

E estavam arregalados.

O queixo dela caiu e ela estacou, paralisada pela surpresa e pela incerteza, e Nick só podia esperar que ela não saísse de seu caminho, ou ambos estariam em extrema dificuldade.

Será que ele não havia aprendido a lição quanto a salvar moças da desgraça iminente?

*Pelo visto, não.*

Nick então a alcançou, o ímpeto de seu corpo grande impelindo-a para trás, seus braços envolvendo-a enquanto a força da colisão os erguia do chão. Os papéis dela saíram voando.

De forma instintiva, ele girou no ar, protegendo-a do impacto que quase com certeza arrancaria o fôlego dele – assim como seus membros funcionais, muito possivelmente.

Quando aterrissaram, foi de forma atabalhoada o bastante para causar uma dor aguda que irradiou pelo braço de Nick. Ele rangeu os dentes antes de os dois tombarem vários metros à frente na

grama alta. Conforme iam parando, Nick sentiu os cavalos passarem, o chão tremendo debaixo deles enquanto deixavam a terra ferida em seu rastro.

Nick ficou imóvel por um longo tempo, seu ombro esquerdo e o joelho direito latejando com uma dor familiar o suficiente para não ser preocupante. Foi então que ele percebeu sua posição, colado a um corpo quente e feminino.

Ele estava agarrado a ela, protegendo instintivamente sua cabeça e seu pescoço. Nick virou o rosto com cuidado, olhando para ela aninhada em seu abraço, os olhos fechados com força, os lábios apertados em uma linha fina. Podia sentir o ritmo acelerado da respiração dela contra seu peito. Ela havia perdido o chapéu na queda e um grosso cacho castanho-avermelhado caíra por cima de seu rosto. Ele afastou a mão que aninhava a cabeça dela e, sem pensar, tirou o cabelo.

Ela abriu os olhos diante do toque, piscando para ele.

Os olhos dela não eram de um simples castanho. Eram um mosaico de tons de mel, dourado e mogno ampliado pelo brilho de lágrimas, a consequência do medo, da confusão, da surpresa e do alívio.

Havia algo delicado e tentador naquela mulher.

Então ela começou a se debater.

– Senhor! Afaste-se de mim! – Ela recuperou o movimento das mãos e começou a esmurrar o peito e os braços dele. – Imediatamente!

Um dos golpes atingiu em cheio o braço machucado de Nick e ele se retraiu com a dor que lhe atravessou o ombro.

Tinha se enganado. Não havia nada de delicado naquela mulher. Ela era uma megera.

– Pare – falou.

A palavra a paralisou.

Ela ficou rígida, e Nick subitamente se tornou bastante

consciente da posição deles – a sensação do corpo dela contra o dele, os seios pressionando seu peito enquanto ela lutava para respirar fundo e se acalmar, o lugar em que a coxa dele repousava, aninhada entre as dela. E, de repente, o latejar em seu joelho não era tão perturbador quando em *outras* partes.

*Aquilo não ia dar certo.*

Ele ergueu o corpo de cima do dela suavemente, retraindo-se conforme seu ombro machucado protestava contra o peso. Sibilou diante do desconforto, crispando um dos cantos de sua boca.

– Espero que as suas cartas valham o fato de quase termos morrido.

Ela arregalou os olhos ao ouvir isso.

– Sem dúvida não está me culpando por estarmos nesta posição. O senhor me atacou!

Ela espalmou as mãos no peito dele e o empurrou com toda a força que tinha.

Nick ergueu uma sobrancelha ante a resposta dela, mas se levantou e ajeitou o casaco, tirando um momento para avaliar a manga arruinada, meio rasgada no cotovelo. Então segurou o tecido do punho e, com um puxão firme, arrancou completamente toda a parte do cotovelo para baixo.

Mais uma vez, voltou a atenção para ela, agora sentada no chão, o tronco ereto como uma vareta. Ela o encarava, agora com os cachos castanho-avermelhados soltos, hipnotizada por sua manga branca esvoaçante que se agitava ao sabor da brisa.

– Bem, não era possível consertar o estrago – observou ele, estendendo o braço com a manga rasgada na direção dela.

Ela se inclinou ligeiramente para longe, como se não estivesse entendendo o que ele pretendia.

– Um homem menos generoso ficaria ofendido, sabe? – comentou Nick. – Salvar a sua vida deveria ter provado minha boa-fé.

A mulher piscou e, por um breve momento, ele teve certeza de ter visto algo tremular nos olhos dela – divertimento, talvez? Ela esticou o braço, aceitando a ajuda dele, e ficou de pé.

– O senhor não salvou a minha vida. Eu estava perfeitamente bem até...

Ela se retraiu conforme testou seu peso em um dos pés. Nick poderia nem ter percebido se não estivesse tão fascinado por ela.

– Calma – falou ele, deslizando o braço comprido por trás dela. – A senhorita levou um tombo e tanto.

Os dois rostos ficaram a poucos centímetros um do outro. Ele baixou a voz.

– Está se sentindo bem? Posso ajudá-la a chegar em casa?

Quando ela ergueu a cabeça, Nick viu a centelha de consciência em seu olhar. *Ela estava começando a gostar dele.* A centelha sumiu antes que ele pudesse avaliá-la melhor. A mulher se desvencilhou de seu toque e afastou a mão da dele. O rubor se espalhou por seu rosto, incongruente com o borrão de sujeira em uma das faces.

– Não. Estou ótima, milorde, não precisa se incomodar.

Ele foi pego de surpresa.

– Não é incômodo nenhum, senhorita. Fiquei feliz em bancar o cavaleiro para a donzela em apuros.

O tom dela ficou defensivo:

– Entendo que o senhor tenha achado que eu estava em apuros, milorde, mas lhe garanto que estava completamente ciente do meu entorno.

Nick ergueu uma sobrancelha.

– Estava mesmo?

– Perfeitamente – garantiu assentindo.

– E em que momento planejava sair do caminho dos cavalos que corriam na sua direção?

Ela abriu a boca para responder, mas logo a fechou. Deu mais um passo para trás e virou-se para pegar os papéis que perdera na

queda, agora espalhados pela grama em volta deles. Estava envergonhada, e Nick ficou imediatamente mortificado. Ele a observou por um instante e então começou a ajudá-la, correndo atrás de várias cartas que haviam sido sopradas para longe. De forma furtiva, ele olhou o conteúdo dos papéis que a haviam deixado tão absorta e percebeu que eram contas, o que o surpreendeu. Por que uma moça atraente estaria lidando com questões financeiras?

Voltando até ela, fez uma reverência profunda e lhe entregou as folhas que tinha recolhido. Quando ela esticou o braço para pegá-las, ele recapturou sua mão, passando o polegar por cima dos nós dos dedos sujos de grama enquanto se aprumava.

– Milady, eu peço desculpas. Posso me apresentar? Sou o lorde Nicholas St. John.

Ela ficou paralisada, inspecionando o rosto dele, e Nick resistiu ao impulso de endireitar sua gravata. Retirando a mão da dele, ela perguntou:

– O senhor disse St. John?

Havia uma ponta de reconhecimento na indagação, e Nick fez uma pausa, sem saber bem o que pensar.

– Disse.

– Lorde *Nicholas* St. John?

Ela sabia quem ele era.

*A maldita revista.*

Quando ele falou, seu tom estava cheio de temor:

– Sim.

Ela estava atrás dele. Como todas as outras.

*É claro que as outras não tinham sido um perigo à sua vida.*

*Nem lindas como ela.*

Ele balançou a cabeça para afastar o pensamento – linda ou não, a mulher era uma víbora – e olhou por cima do ombro, procurando a rota de fuga mais rápida.

– Lorde Nicholas St. John, o *antiquário*?

Foi a vez de Nick ficar surpreso. A pergunta tinha sido inesperada. Ele havia se preparado para “Nicholas St. John, irmão do marquês de Ralston?” ou “O lorde disponível, Nicholas St. John?” ou até “O melhor partido de Londres, Nicholas St. John?”. Mas ser identificado como um especialista em antiguidades era uma abordagem completamente diferente da que ele esperaria da maioria das mulheres.

Talvez tivesse acabado de conhecer a única mulher na Grã-Bretanha que não lia *Pérolas e Peliças*.

– O próprio.

Então ela riu, o som claro e agradável. Ficou mais bonita ainda, e Nick não pôde deixar de retribuir o sorriso.

– Não posso acreditar. Está muito longe de casa, milorde.

*Não tão longe, desde que ela continuasse sorrindo.*

Nick afastou o pensamento ridículo.

– Parece injusto que eu tenha vindo de tão longe e você tenha me vencido. Em vários níveis.

– Confesso que achei que o senhor seria... diferente. – Ela riu mais uma vez. – Não que eu passasse muito tempo pensando no senhor, é claro. Mas agora está aqui. Em Dunscroft! Que sorte!

Nick se esforçou para livrar a mente da confusão que ela havia causado.

– Acho que não estou entendendo.

– É claro que não! Mas vai entender! O que o traz a Dunscroft? – Ele abriu a boca para falar, mas ela fez um gesto com a mão. – Deixe para lá. Não tem importância! O que importa é que está aqui!

As sobrelhas de Nick se ergueram.

– Como assim?

– O senhor é um sinal.

– Um sinal?

– Sim. Mas não no sentido que Lara tinha pensado.

– Não.

Aquela conversa o estava fazendo imaginar se não tinha batido com a cabeça quando caíram.

Ela balançou a cabeça.

– Não. O senhor é um sinal de que eu tenho que vender as esculturas.

– As esculturas.

Ela inclinou a cabeça.

– Lorde Nicholas, o senhor está bem?

Ele piscou.

– Sim. Creio que sim.

– Porque só está repetindo o que eu digo, em vez de realmente responder.

Ele não disse nada.

– Tem certeza de que é lorde Nicholas St. John? O antiquário? – insistiu Isabel.

Sim. Isso era uma das poucas coisas das quais ele tinha certeza após ter conhecido aquela mulher desconcertante.

– Absoluta.

Ela o avaliou por um longo instante.

– Bem, acho que o senhor vai ter que servir.

– Como disse?

– Desculpe, mas o senhor não parece o mais... atento dos eruditos.

Agora ele estava ofendido.

– Milady, eu lhe garanto: se precisa de um antiquário, não poderia arrumar nenhum melhor do que eu.

– Não precisa ficar tão ofendido – disse ela. – Não tenho nenhuma seleção de antiquários para escolher.

Ela deu um sorriso largo e foi como uma pancada na cabeça. De novo.

*Quem era aquela mulher?*

Como se tivesse lido seus pensamentos, ela se apresentou:

– Eu sou lady Isabel Townsend. E tenho que lhe agradecer por tornar minha escolha muito fácil.

Nick franziu a testa.

– Perdão?

Mas a mulher desconcertante não respondeu. Em vez disso, virou de costas, olhando para o chão em volta deles até que, com um grito de triunfo, mancou por vários metros e recuperou uma bolsinha bastante surrada. Nick a observou vasculhá-la e tirar lá de dentro, finalmente, um pequeno quadrado de papel, que estendeu para ele.

Ele deu uma olhada desconfiada para a oferenda e perguntou:

– O que é isso?

– É para o senhor – respondeu ela simplesmente, como se fosse óbvio.

– Para mim?

Ela assentiu.

– Bem, era para a Sociedade Real de Antiguidades como um todo. – Ela sorriu ante o ar confuso dele. – Mas como o senhor já está aqui... Acho que vai servir muito bem.



Não era todo dia que Isabel era lançada para fora do caminho de um bando de cavalos a galope. Mas se isso era necessário para atrair a Yorkshire um membro da mais importante sociedade de antiquários de Londres, ela aceitaria os hematomas que tinha quase certeza de ter adquirido na queda.

Sim, lorde Nicholas St. John era, definitivamente, um sinal.

O homem era um antiquário – um especialista na história e, mais importante, no valor das esculturas gregas de mármore. E ela por

acaso tinha uma coleção de esculturas gregas precisando ser avaliadas. E vendidas. O mais rápido possível.

Isabel ignorou o pequeno incômodo que a invadia toda vez que pensava naquele plano. *Era a única solução possível.* Ela precisava de dinheiro.

E, em vez de ter conhecido lorde Nicholas, podia muito bem ter esbarrado com o altamente questionável lorde Densmore. Se isso tivesse acontecido, ela e o restante das mulheres em Townsend Park estariam em grandes apuros.

*Mas não fora isso que ocorreria.* Ela respirou fundo diante do pensamento.

Não, lorde Nicholas era a resposta para o problema delas.

Se o pai de Isabel tivesse lhe deixado 10 mil libras, ela não teria ficado tão feliz.

*Bem, 10 mil libras deixariam qualquer um bem feliz.*

Mas as esculturas valiam alguma coisa – o suficiente para alugar uma casa nova e tirar as garotas de perigo. Com alguma sorte, ela teria uma segunda Casa de Minerva pronta em uma semana.

Nunca havia pensado que diria isso, mas aquela revista fora como uma dádiva de Deus.

Ela observou enquanto lorde Nicholas lia a carta que ela havia escrito naquela manhã. Realmente não era de espantar que ele tivesse sido classificado como um lorde disponível. Era um espécime notável de virilidade. Empiricamente, é claro. Era alto, tinha os ombros largos, e Isabel sabia logo de cara que seu sobretudo arruinado escondia músculos que sobrepujavam a maioria dos homens em Yorkshire, e provavelmente em toda a Grã-Bretanha.

Mas seu maior atrativo não era o corpo. Era o rosto, fino e bonito. Ele tinha o riso fácil, e seus olhos eram de um azul adorável, que contrastava com o cabelo preto e a pele bronzeada. Ela nunca vira olhos tão azuis – e tão deslumbrantes que quase não se percebia a cicatriz.

Ainda havia a cicatriz.

Com vários centímetros de comprimento, ela se estendia numa diagonal de cima da sobrancelha direita até a metade superior da face. Uma linha fina e branca que havia se suavizado com o tempo. Isabel se retraiu quando imaginou a dor que aquele ferimento devia ter lhe causado. Ficava perigosamente perto do olho, tão perto que ele tinha sorte por não tê-lo perdido.

Devia ser um alerta, um sinal de que aquele homem era perigoso, alguém com quem não se devia brincar. E parte de Isabel via aquela marca como uma manifestação da intensidade que ela acreditara haver em lorde Nicholas, antes mesmo que ele a derrubasse na rua para tirar ambos do caminho dos cavalos. Mas ela não sentiu medo enquanto olhava para a cicatriz. Onde ele a havia conseguido? Como? Quando?

– Lady Isabel.

O som de seu nome a despertou de seus devaneios.

*Havia quanto tempo ele estava esperando que ela respondesse?*

Forçando-se a não corar, ela o encarou.

– Milorde?

– A senhorita é filha do conde de Reddich?

– Irmã do conde atual.

O olhar dele se tornou compassivo.

– Eu não sabia das notícias sobre seu pai. Por favor, aceite meus pêsames.

Os olhos de Isabel se estreitaram.

– O senhor o conhecia?

Ele balançou a cabeça.

– Acho que não frequentávamos os mesmos círculos.

Ela soltou a respiração que estivera prendendo sem nem perceber.

– Não, imagino que não.

Se ele entendeu o que ela queria dizer, não demonstrou. Ergueu

a missiva que ela havia escrito.

– Quer dizer então que é dona de uma coleção de antiguidades?

– Não há coleção mais bonita.

Ela não conseguia esconder o orgulho.

Quando ele ergueu uma sobrancelha ao ouvir suas palavras, ela corou.

Bem, nenhuma coleção *particular* mais bonita.

Ele sorriu, em seguida ficou sério.

– Nunca ouvi falar dela.

– Era da minha mãe – falou ela rapidamente, como se isso esclarecesse tudo. – Eu lhe asseguro, vai valer o seu tempo.

Ele assentiu de leve.

– Nesse caso, milady, aceito sua oferta para dar uma olhada. Tenho um compromisso esta tarde, mas talvez possa ir amanhã.

*Tão rápido?*

– Amanhã?

A palavra saiu em uma expiração forçada. Ela não esperara receber a visita de um avaliador antes de uma semana. No mínimo. Afinal, quem imaginaria que um deles estivesse perambulando por Dunscroft? Quais eram as chances?

A propriedade não estava em condições de receber um homem, muito menos londrino. As garotas teriam que ser preparadas para a chegada dele, teriam que se comportar com a maior discrição possível quando ele chegasse. Um dia não era muito tempo.

– Amanhã – repetiu, distraída.

*Como poderia adiar a visita?*

– Exatamente. Na verdade – acrescentou ele lançando um olhar na direção da estalagem –, meu amigo está a caminho com os nossos cavalos. Se nossa tarefa terminar rápido, talvez possamos ir ainda hoje.

*Ainda hoje.*

– O seu amigo... – entoou ela, olhando por cima do ombro para

acompanhar o olhar dele.

Então viu um homem enorme guiando um cavalo cinza e outro preto na direção deles. Seus olhos se arregalaram ao notar o tamanho dele. Devia ser uns 15 centímetros mais alto e vários centímetros mais largo do que o ferreiro da aldeia. Isabel nunca vira alguém tão grande. Ou tão imponente.

*Ela tinha que ir para casa. As garotas precisavam ser avisadas.*

Virando-se de novo para St. John, Isabel desconversou:

– Milorde... eu... eu tenho certeza de que tem coisas muito melhores para fazer com a sua tarde do que ir avaliar minhas esculturas de mármore. Obviamente tinha planos antes que eu...

– Quase matasse nós dois, sim – interrompeu ele, completando a frase. – Bem, por sorte não temos nada melhor para fazer. Provavelmente passaríamos a tarde em busca de aventuras, mas, como a senhorita já me forneceu emoções suficientes por hoje, eu gostaria muito de fazer uma visita para ver suas estátuas. – Ele fez uma pausa, percebendo o receio nos olhos dela. – Não está com medo de Rock, está? Ele é um doce.

*O nome do gigante era Rock? Rocha?*

*É claro que era.*

– Certamente que não – respondeu Isabel um pouco rápido demais. – Tenho certeza de que o Sr. Rock é um perfeito cavalheiro.

– Ótimo. Então está decidido.

– O que está decidido?

– Iremos a Townsend Park esta tarde, o mais tardar amanhã. Mas eu gostaria de acompanhá-la até sua casa, agora. Gostaria de me assegurar de que, caso a senhorita se distraia, tenha alguém ali para salvá-la de cavalos em fuga.

Ela corou novamente e percebeu que ele a estava provocando.

– Está exagerando, senhor. Eu teria ficado muito bem.

A expressão dele ficou séria.

– Não, lady Isabel, não teria. Teria sido morta.

– Bobagem.

Os olhos dele se estreitaram na direção dela.

– Vejo que é do tipo difícil.

– Não sou, não! – Ela pensou nas palavras dele. – Não mais difícil do que a maioria das damas, pelo menos.

– Agradeço sua sinceridade. No entanto, a maioria das damas já teria me agradecido por ter salvado sua vida.

– Eu...

Ela parou, sem saber o que responder. *Aquilo era uma provocação?*

– Não, não – falou ele, interrompendo qualquer desculpa tola que ela estivesse prestes a balbuciar. – Não diga nada agora. Só vai fazer parecer que eu a forcei a expressar sua gratidão.

*Definitivamente era uma provocação.*

Ele se inclinou para perto.

– Pode me agradecer em outra ocasião.

Isabel não gostou da maneira como a promessa obscura fez seu estômago se revirar.

Antes que ela pudesse responder, ele havia se virado para cumprimentar o amigo e pegar as rédeas de um grande cavalo cinza. Voltando-se de novo para ela, falou:

– Lady Isabel, permita que lhe apresente ao meu amigo e companheiro, Durukhan.

O homem era imenso de perto, quase tão alto quanto o garanhão preto ao lado dele. Isabel lhe ofereceu a mão, e o sujeito se curvou em uma reverência perfeita.

– Sr. Durukhan – disse ela. – É um prazer conhecê-lo.

Ele se aprumou, sua curiosidade evidente.

– O prazer é todo meu.

Fitando os olhos escuros do homem, ela se sentiu compelida a explicar:

– Lorde Nicholas... ele foi gentil o bastante para... me empurrar

para fora do caminho de... – ela fez um gesto com a mão na direção da carroça, que já tinha desaparecido fazia muito tempo – alguns cavalos.

– Ele foi?

Os dois homens trocaram um olhar que Isabel não conseguiu decifrar e desapareceu rapidamente quando St. John mudou de assunto:

– Lady Isabel nos convidou para visitar sua coleção de antiguidades, Rock.

– Ah – disse Rock, avaliando Isabel. – Estamos indo agora?

O coração de Isabel começou a bater mais forte enquanto ela imaginava os dois sujeitos chegando inesperadamente à Casa de Minerva.

– Não! – falou, alto demais.

Lorde Nicholas e Rock se entreolharam e então olharam para ela. Isabel deu uma risada nervosa.

– Tenho muito o que fazer aqui na cidade. E em casa. E a coleção não está pronta para o senhor. Afinal, eu não esperava encontrá-lo aqui. O senhor foi um sinal, lembra?

*Cale a boca, Isabel. Você está parecendo uma boba.*

Ele deu um sorrisinho que fez o estômago dela se revirar mais uma vez, de uma forma não de todo desagradável.

– E a senhorita não estava preparada para um sinal.

– Exato! – Ela fez uma pausa. – De qualquer modo, tenho certeza de que os senhores entendem.

St. John assentiu.

– Sem dúvida. A senhorita tem muito o que fazer.

– Muito.

Isabel ignorou o brilho divertido nos olhos dele e começou a apalpar a cabeça nervosamente antes de olhar em volta em busca de seu chapéu, que tinha ido parar a vários metros de distância. Então foi na direção dele – andando da melhor forma possível para

alguém com um tornozelo latejando – e o pegou, depois se virou de novo para os dois homens que ainda a observavam.

Se não estivesse tão constrangida, teria achando graça da expressão estupefata deles.

Em vez disso, ela começou a se afastar.

– Então, lorde Nicholas, como eu disse, não posso lhe mostrar as antiguidades agora... mas amanhã... amanhã parece bom. À tarde? Às três horas?

Ele assentiu.

– Amanhã, então.

– Amanhã à tarde – repetiu ela.

– Combinado.

– Ótimo. Vou... aguardar ansiosamente.

Com um sorriso alegre demais e um aceno de cabeça ávido demais, Isabel se virou e foi embora quase correndo, deixando a dupla para trás.

Após alguns minutos, Rock se virou para Nick, que ainda tinha o olhar fixo na direção dela.

– Nós não vamos esperar até amanhã, vamos?

Nick balançou a cabeça.

– Não.

– Ela está escondendo alguma coisa.

Nick deu um único e breve aceno de cabeça.

– E não muito bem.

Ele ficou olhando para ela, notando seu ligeiro coxear enquanto ela atravessava a rua apressada e entrava em um prédio próximo.

– Faz anos que não vejo isso – disse Rock.

Nick não tirou a atenção de Isabel.

– Não vê o quê?

– O rosto do *bulan*.

Um longo momento se passou antes que Nick se virasse para Rock.

- Aposto 100 libras que nós a encontramos.
- Rock balançou a cabeça.
- Não vou fazer essa aposta.

## QUATRO



Várias horas depois, Nick e Rock estavam na entrada larga e circular de Townsend Park. A residência rural do conde de Reddich era uma construção grande e imponente, de três andares, janelas altas em arco e uma fachada que dizia mais sobre o passado glorioso do condado do que sua atual situação indicava.

Havia uma quietude em relação à casa que Nick achou intrigante. Poderia ser um sinal de que o lugar era bem morto e quase nunca recebia visitas ou então de que não era nem um pouco morto e muito mais interessante do que se poderia achar. A julgar pela jovem dama de Townsend Park, Nick apostaria na segunda opção. Se suas suspeitas estivessem corretas, ele estava prestes a encontrar as duas mulheres que procurava.

Isto é, presumindo que fosse autorizado a entrar na casa.

Nick e Rock estavam havia vários minutos na base da escada que levava ao solar, rédeas nas mãos, esperando que um laçao ou criado anunciasse a chegada deles.

Àquela altura, parecia que isso não iria acontecer.

– Você percebe que estamos parecendo idiotas – disse Rock secamente, guiando seu cavalo para a beira do caminho, onde podia se apoiar no corrimão dos largos degraus de pedra que levavam à porta da casa.

O cavalo negro pareceu sentir a desaprovação de seu dono, batendo a pata no chão uma vez com uma fungada impaciente.

– Não podemos parecer idiotas sem ter uma plateia. Ela não nos queria aqui hoje. Provavelmente não há nenhum criado a postos.

Rock lançou para Nick com um olhar franco.

– Vejo que sua insistência em salvar mulheres que são capazes de cuidar de si mesmas permanece intacta.

Nick o ignorou e, depois de jogar suas rédeas para o turco, subiu a escada, dois degraus de cada vez.

Rock o imitou, rendendo-se à curiosidade.

– O que você pretende fazer?

Nick se virou para ele com um sorriso enviesado.

– Ora, pretendo fazer o que qualquer cavalheiro faria nesta situação: bater à porta.

Rock cruzou os braços.

– Isso vai ser, no mínimo, divertido.

Nick ergueu a grande aldrava de metal e a deixou cair com um estrondo, tentando lembrar a última vez que havia usado uma aldrava.

Antes que pudesse chegar à conclusão, porém, a porta se abriu. Por um momento muito breve, Nick achou que houvesse sido um movimento espontâneo, até olhar para baixo e ver um menino pequeno de olhos castanhos, com o rosto todo sujo de algo que parecia geleia de morango.

Nick não sabia muito bem como proceder em uma circunstância como aquela, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, a criança assumiu o comando.

A porta se fechou tão rápido quanto havia sido aberta.

– TEM UM HOMEM LÁ FORA!

O grito foi alto o bastante para Nick ouvi-lo claramente. Surpreso, ele se virou para Rock, para confirmar com o outro se aquilo acabara mesmo de acontecer.

O amigo estava se sacudindo em uma gargalhada profunda e trovejante.

– Vejo que você vai ser de grande ajuda – comentou Nick.

Com uma última risada, Rock ergueu uma das mãos em solidariedade.

– Eu lhe garanto, depois que você tiver rompido as defesas do castelo, que lhe darei todo o meu apoio.

Nick se virou novamente para a porta e, após um longo momento, pressionou a orelha contra ela, tentando ouvir o que se passava lá dentro. Rock começou a rir mais uma vez e Nick fez um gesto para que ele ficasse em silêncio, quase certo de que estava ouvindo sussurros frenéticos vindos do interior da casa.

Dando um passo para trás, ele esticou a mão mais uma vez para a aldrava, mas foi interrompido antes de voltar a usá-la.

– Milorde?

Ele se virou e viu um garoto alto e esguio dobrando a esquina vindo da lateral da casa, vestido com calças de lã, camisa branca, um colete verde sujo e uma boina que lhe cobria a testa. Nick se perguntou por que o criado não havia tirado o chapéu, antes de perceber que nada naquela propriedade parecia normal.

– Estamos aqui a convite de lady Isabel.

O menino chegara à base da escada e fez uma pausa.

– Vocês não deveriam vir amanhã?

Ignorando o comportamento insolente – quando é que ele algum dia fora interrogado por um criado? –, Nick respondeu:

– Estamos aqui agora.

– Não vão encontrá-la lá dentro.

– Ela não está em casa?

O garoto se apoiou nos calcanhares, pensativo.

– Ela está em casa. Mas não lá dentro.

Nick começou a sentir sua calma se esvaír.

– Menino, não estou interessado em joguinhos. A sua senhora está em casa ou não?

O criado então deu um sorriso largo que não parecia em nada

com o de um criado.

– Ela não está dentro da casa. Está fora dela. Em cima, mais precisamente. – Ele apontou para o alto. – No telhado.

– No telhado – repetiu Nick, achando que entendera mal.

– Isso mesmo. Devo chamá-la?

A pergunta era tão estranha que Nick levou vários segundos para compreender seu significado.

Rock, não. Incapaz de conter o riso, o turco disse:

– Sim, por favor. Gostaríamos muito que fosse chamá-la.

O garoto voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, botou as mãos em concha em torno da boca e gritou:

– Lady Isabel! Visitas!

Nick também se afastou da casa, com Rock ao seu lado e os cavalos a reboque. Olhou para cima, sem saber bem o que viria a seguir, sem querer aceitar a possibilidade de que a dama que conhecera mais cedo tivesse algum motivo para estar no telhado de seu lar ancestral, três andares acima do chão.

Então, uma cabeça apareceu na beirada do telhado.

Parecia que era lá mesmo que lady Isabel estava, afinal.

*Deus do Céu, a mulher queria morrer.*

A cabeça desapareceu por um instante, e Nick ficou imaginando se não tivera uma alucinação. Quando ela reapareceu, ele ficou decepcionado pelo fato de a tarde inteira não ter sido fruto de sua imaginação.

– Vocês só deviam vir amanhã – disse ela. – Hoje eu não estou recebendo.

Rock deu uma risada alta e comentou:

– Parece que encontramos uma mulher que não o considera irresistível.

Nick lançou um olhar atravessado para o amigo.

– Você não está ajudando.

Virando-se resolutamente de costas para Rock, Nick gritou na

direção do telhado:

– Parece que ter vindo hoje foi melhor, lady Isabel. Talvez a senhorita precise ser salva mais uma vez.

O sorriso que ela ofereceu foi angelical – e totalmente falso.

– Sobrevivi 24 anos sem um guardião, milorde. Não preciso de um hoje.

Ele teve um desejo quase irresistível de fazer aquela mulher exasperante descer dali e mostrar-lhe como ela precisava, sim, de um guardião. O pensamento mal havia se formado em sua cabeça quando foi substituído pela visão da dama meiga e linda em seus braços naquela tarde – inteiramente entregue a ele. Por um instante, Nick permitiu que a fantasia seguisse seu curso natural: ela estava exuberante e nua, à mercê dos caprichos dele.

Afastou a imagem. Não havia nada a respeito daquela mulher que estivesse à mercê dos caprichos dele.

– Considerando que a senhorita quase foi atropelada hoje de manhã e que agora está perigosamente perto de cair do seu telhado, perdoe-me se não partilho da sua certeza.

– Eu não estava nem perto da beirada antes de o senhor chegar, lorde Nicholas. Se eu cair, vai ter que carregar a culpa. – Ela inclinou a cabeça, com ar pensativo. – Talvez de forma bastante literal.

Ela desapareceu de novo, e o laçao chegou a dar uma *risadinha*. Nick lhe lançou um altivo olhar de desdém, que não intimidou nem um pouco o rapazola insolente.

Rock riu de novo, jogando as rédeas de ambos os cavalos para o garoto.

– É melhor você levá-los. Acho que poderemos ficar aqui por algum tempo.

O criado não se mexeu, fascinado demais pela cena que se desenrolava para se retirar.

Nick virou para o amigo com uma careta.

– Essa mulher conseguiria levar um santo à loucura. Será que se

esqueceu de que foi *ela* quem *me* convidou para esta maldita casa?

Isabel colocou a cabeça acima da beirada do telhado mais uma vez.

– Seria bom lembrar-se de que consigo ouvi-lo daqui, milorde. Modere a linguagem, por favor.

– Me desculpe – disse Nick, fazendo uma reverência exagerada.  
– Não estou acostumado a conversar com damas em telhados. Não conheço as regras de etiqueta para tal situação.

Ela estreitou os olhos para ele.

– Mesmo a três andares de distância, posso ver que está sendo debochado.

Ele ignorou isso.

– Que tal nos explicar por que a senhora está no telhado?

– Estou aprendendo – disse ela, como se fosse uma resposta perfeitamente normal.

– Aprendendo a quase se matar de novo?

– Quantas vezes vou ter que lhe dizer que eu não cheguei nem perto de me matar?

– Mais uma vez, me desculpe. O que está aprendendo?

– Os fundamentos do reparo de telhados. É fascinante.

Ela sorriu. Desta vez, de verdade.

Ele prendeu a respiração. Algum dia se acostumaria com os sorrisos dela?

*Reparo de telhados?*

– Perdão, a senhorita disse que está consertando o telhado?

– Bem, sem dúvida ele não vai se consertar sozinho, milorde.

*Adorável ou não, ela era maluca.* Era a única resposta.

Ele olhou para Rock, que sorria como um palhaço.

– Ela tem razão, Nick.

*E sua loucura era obviamente contagiosa.*

– Lady Isabel, devo insistir para que desça.

Ela o observou por um momento, como se avaliasse a

probabilidade de ele ir embora da propriedade se ela permanecesse no telhado.

– Eu gostaria muito de ver suas esculturas e ficarei feliz em avaliá-las – continuou Nick. – Será que pode considerar minha sugestão valiosa o suficiente para concordar?

Isabel olhou para Rock, então para o cavaleiro, antes de soltar um suspiro profundo.

– Muito bem, eu vou descer.

Nick não pôde conter a onda de triunfo que o tomou ao ouvir as palavras. Ele havia restaurado a normalidade àquele cantinho da Grã-Bretanha.

Pelo menos pelo tempo que ela levaria para planejar seu próximo estratagema maluco.



– Lara!

Isabel passou atabalhoadamente pela janelinha do sótão que levava ao topo da casa, a calça coberta da sujeira adquirida durante sua incursão ao telhado. Após jogar para o lado o livro que usara lá em cima, ela soprou uma mecha solta de cabelo para longe do rosto e se dirigiu à escada estreita que descia para a ala dos criados. Jane, que estava no telhado com ela, seguia logo atrás.

– Jane, você tem que...

– Tudo estará pronto quando você estiver – interrompeu Jane, enquanto elas percorriam às pressas a passagem comprida e escura que dava na escadaria central da casa e na ala da família.

Isabel assentiu enquanto Jane saía em disparada na direção da escada, sem parar quando Lara as alcançou, sem fôlego por causa da velocidade de sua subida. Após abrir a porta do quarto com força, Isabel correu para pegar um vestido limpo do guarda-roupa.

Ela falou com a cabeça dentro do móvel, presumindo que Lara a tivesse seguido.

– Eu falei para aquele homem irritante só vir amanhã!

– Parece que ele não escutou.

– Não! Não escutou! Você o viu lá fora? Que afronta! Como se a única coisa que eu devesse estar fazendo fosse bordar e esperar que ele chegasse!

Isabel pegou um vestido diurno amarelo que sempre achara que favorecia sua silhueta.

Não que fizesse questão de que lorde Nicholas a visse em um vestido lisonjeiro.

Longe disso.

– Eu não o vi – falou Lara. – Você está de luto, Isabel.

Ela resmungou e se virou de volta para o armário.

– Estou quase descendo com a roupa com que já estava! – exclamou, o tom de voz subindo. – Seria bem-feito para ele e suas suscetibilidades cavalheirescas! – Ela deu um puxão feroz em um vestido cinza para caminhadas e se voltou para Lara. – É claro que isso não seria nada bom, já que estou de luto. O que você insiste em me lembrar.

O canto da boca de Lara se contorceu.

– Você está certa, é claro. Se descesse de calças, seria o seu rompimento com a etiqueta do luto que chamaria a atenção de lorde Nicholas.

Isabel ergueu um dedo sujo para a prima.

– Você não está sendo nem um pouco engraçada.

– E você não está nem um pouco limpa. – Lara então se levantou e foi despejar um pouco de água em uma bacia. – Acho que você deveria mandá-lo embora. Vamos encontrar outra maneira de ganhar dinheiro.

– Não. Foi você quem começou com essa história de sinal. O

homem é o sinal mais claro que eu já recebi. Vou vender as esculturas. Ele é a resposta.

Isabel jogou o vestido em cima da cama e foi se lavar. Lorde Nicholas St. John era sua única esperança, e ela estava no *telhado* quando ele chegara, pelo amor de Deus. Damas não andavam em telhados.

E certamente cavalheiros não frequentavam a casa dessas damas que andavam em telhados.

Não importava que o telhado em questão estivesse necessitando urgentemente de reparos.

Ou que a dama em questão não tivesse escolha.

– Vai ser um milagre se ele não tiver descoberto todos os nossos segredos a esta altura. Kate estava lá fora, socializando com o homem. Tenho certeza de que ele e seu gigante já descobriram que ela é...

Isabel ficou em silêncio e fez um gesto no ar antes de jogar uma mãozada de água no rosto.

– Bobagem. Se você me ensinou uma coisa nesses anos em que estou aqui, é que as pessoas veem o que desejam ver. – Lara observou enquanto Isabel esfregava a sujeira do rosto. – O importante é que lorde Nicholas veja uma dama em você. O que pode ser difícil a esta altura.

Isabel interrompeu suas abluções.

– Como vou convencê-lo a ficar?

– Bem, é inteiramente possível que ele a considere fascinante.

Isabel ergueu os olhos para a prima, a água escorrendo do rosto.

– Não, é inteiramente possível que ele me considere perturbada.

– Isso também é bem provável, sim.

– Lara! Você devia fazer eu me sentir *melhor* a respeito da situação – disse Isabel, esticando a mão para pegar uma toalha branca comprida e secar o rosto. Com a mão a meio caminho, ela

ergueu a cabeça e olhou horrorizada para a prima. – As garotas. Os uniformes delas.

– Jane está cuidando de tudo. – Lara pegou o vestido cinza e o passou pela cabeça de Isabel. – Você não tem tempo para pôr espartilho.

Virando-se de costas para permitir que a prima amarrasse os fechos do vestido, Isabel enfiou as mãos debaixo da saia para desamarrar a calça e despi-la. Então a jogou de lado e atravessou o quarto até sua penteadeira, arrastando Lara consigo.

De frente para o espelho, Isabel soltou os longos cabelos e começou a escová-los furiosamente, tentando domar os cachos que haviam escapado durante sua atividade no telhado.

Quando Lara terminou de amarrar o vestido, tomou a escova da mão de Isabel e começou a restaurar o cabelo dela a seu estado normal.

– Você precisa de uma aia.

– Não preciso, não. Eu poderia ter me vestido muito bem sem você. Só não tão rápido.

– É exatamente por isso que você precisa de uma aia – disse Lara. – Você tem uma casa cheia de garotas à sua disposição, Isabel. Por que não selecionar uma delas para ser sua criada pessoal?

Isabel balançou a cabeça enquanto observava Lara pelo espelho.

– Nada elaborado. Não temos tempo para isso. – Após uma pausa curta, ela respondeu à pergunta: – Não posso fazer isso. Do jeito que as coisas estão estruturadas, elas partilham da gestão da casa. Cozinham, limpam, ajudam com James. Se sentem parte de algo maior, de uma comunidade, algo que a maioria delas nunca teve antes da Casa de Minerva. Se uma delas fosse minha criada pessoal... bem... isso não iria parecer certo.

– Isso é completamente ridículo. Você é filha de um conde. Ninguém iria se ressentir por você ter uma ou duas criadas, Isabel.

– Eu tenho criados. Só não tenho uma aia. E não preciso de uma. Quando foi a última vez que eu precisei me arrumar às pressas para receber um cavalheiro galante?

– Galante, é?

*Sim. Muito.*

– Não. De forma nenhuma. Ele é um homem que parece não entender bem nem datas nem convites. Ele só deveria aparecer aqui amanhã!

Isabel ficou olhando enquanto sua prima enfiava um grampo no volume apertado de cabelos em sua nuca.

– Assim está bom. Não posso demorar mais. – Ela se levantou e se virou para Lara, alisando as saias. – Como estou?

– Bastante respeitável. Nem parece uma dama que há alguns instantes estava consertando o telhado.

Isabel respirou fundo.

– Ótimo.

– Você sabe que não precisa fazer isso.

– Isso o quê?

Lara deu um pequeno suspiro.

– Vender as esculturas. Podemos encontrar outro modo.

Isabel desviou o olhar por um momento enquanto respirava fundo.

– Não precisamos delas. Elas não têm nenhuma utilidade aqui.

– Elas não têm utilidade em lugar algum. Mas são suas, Isabel.

*Como se ela precisasse ser lembrada disso.*

Isabel forçou um sorriso, recusando-se a se permitir pensar demais sobre sua decisão.

– Elas são nossa última esperança. A última esperança da Casa de Minerva. Eu vou vendê-las.

Ela endireitou os ombros e atravessou o quarto para sair.

No corredor, James, Jane e Gwen a esperavam.

– Isabel! – gritou James, correndo na direção dela. – Tinha um

homem à porta!

Isabel não pôde conter o sorriso que se abriu em seu rosto diante da surpresa do menino.

– Sim, eu vi.

– Ele é muito alto.

A observação tocou o coração de Isabel. É claro que James iria notar algo assim. Homens eram uma ocorrência estranha e incomum na Casa de Minerva, e era normal o menino de 10 anos coletar o máximo de informações que pudesse sobre eles.

*James precisa de um homem como modelo.*

Isabel afastou o pensamento.

– Ele é bem alto, sim – concordou ela, bagunçando o cabelo louro e sedoso do irmão. – Mais alto do que o normal. E o amigo dele também.

– Há *dois*? – perguntou James, boquiaberto. Como Gwen. – O que eles estão fazendo aqui?

– Eu os convidei – respondeu Isabel, passando em direção à escada.

– Por quê?

A curiosidade de James refletiu a curiosidade de todas as pessoas que estavam no corredor.

Ela se virou.

– Bem, um deles é muito inteligente, com talento para estátuas gregas. Achei que ele pudesse ser útil para nós.

– Entendi – disse James, assentindo para indicar uma compreensão que Isabel tinha certeza de que ele não possuía. – Então não estão aqui para levar você.

– Por Deus! Não! – Ela olhou na direção da escada. Lorde Nicholas podia esperar mais um minuto. – Ninguém vai me levar a lugar algum.

– Precisa que eu fale com eles?

Isabel teve que conter um sorriso diante do tom sério do menino.

– Não. Estou bastante segura.

– E as outras?

Isabel piscou.

– Ninguém precisa ser salvo, amor. Não hoje.

– Mas estamos muito felizes por termos você para nos proteger – falou Gwen, sorrindo. – Você é um excelente protetor.

– Sem dúvida – concordou Jane prontamente. – Temos sorte em morar com você, milorde.

O peito de James se inflou e Isabel quase riu de seu orgulho. Quase. Mas o imponente lorde em sua sala de estar estragava o momento.

– E agora tenho que ir convencer o homem que estava à porta de que, apesar de ser difícil acreditar, não estamos em um hospício.

– Excelente plano – disse Lara, sorrindo.

– É, eu também achei.

Isabel foi na direção da escada, então parou e se virou para o grupo.

– Cadê Georgiana? – perguntou, referindo-se à nova habitante da casa.

– Na biblioteca. Ela não será vista – respondeu Jane.

Ela sem dúvida tinha pensado em tudo.

Isabel assentiu ligeiramente.

– Ótimo. Vou encontrar nosso visitante, então.

– Alguém o deixou entrar? Digo, depois que James bateu com a porta na cara dele? – quis saber Gwen.

Isabel empalideceu.

– Ah, não. – Ela olhou de um rosto para outro, a boca aberta em choque. – Ah, não!

Ela saiu correndo pela escada, ignorando a dor em seu tornozelo.

*Minha Nossa. Ele deve estar furioso.*

*Se ainda estiver lá.*

*Mas tinha que estar. Era sua única esperança.*

– Ela o chamou de galante – comentou Lara em um sussurro alto demais enquanto elas desciam a escada em algazarra.

– Não chamei, *não*.

– Chamou mesmo? – indagou Jane.

– Eu estava me referindo a homens galantes em um sentido mais amplo.

– Sim, *claro* – disse Lara secamente. – Considerando as legiões de homens galantes que aparecem aqui todos os dias, no meio do nada.

Lara riu. Isabel pensou em empurrar todas elas escada abaixo.

– É uma pena que não haja mais tempo para a lição número um – comentou Gwen.

Isabel se virou para trás quando chegou ao térreo.

– Como assim? O que quer dizer?

Gwen balançou a cabeça.

– Nada importante, só que a última edição da *Pérolas e Peliças* tinha sugestões exatamente para essa situação...

Jane deu uma risada de desdém.

– Pare – retrucou Isabel, erguendo a mão. – Não tenho tempo para isso, Gwen.

– Mas a revista diz...

– Não. Preciso arrumar uma forma de consertar o estrago que fiz mostrando aquelas esculturas a lorde Nicholas.

Isabel se virou para a porta e Regina, uma das meninas vestida de lacaio, esticou a mão para a maçaneta. Respirando fundo, Isabel disse, afobada:

– Ele ainda está aqui? Vá em frente. Abra. Não, espere. – Ela se virou para Gwen. – Pensando bem, a esta altura, preciso de toda a ajuda que puder ter. Que lição ridícula é essa?

Gwen recitou de memória:

– “Lição Número Um: Não tente causar uma primeira impressão muito forte.”

Isabel fez uma pausa, pensando em seu primeiro encontro com lorde Nicholas – e depois no segundo – à luz daquele conselho.

– Bem, sem dúvida essa aí já era.

Conforme a porta começou a se abrir, ela enxotou todas elas.

– Escondam-se.

# CINCO



**N**a última vez que uma mulher deixara Nick esperando, ele acabara em uma prisão turca. Duvidava que fosse ter um destino similar em Yorkshire, mas ainda assim preferia não ficar aguardando.

Do lado de fora.

Por uma mulher louca.

*Não importava quão adorável ela fosse.*

O criado havia sumido, junto com os cavalos, e Nick e Rock tinham sido esquecidos nos degraus da mansão por muito mais tempo do que era aceitável. Não que Nick tivesse qualquer resquício de expectativa em relação à obediência à etiqueta em Townsend Park. Pelo que parecia, enquanto o conde estivera em Londres causando escândalos, deixara a família para levar uma vida simples no campo. Muito possivelmente sob o cuidado de lobos.

Por fim, Nick e Rock tinham ignorado os bons modos e se sentaram nos largos degraus de pedra, esperando que alguém viesse resgatá-los.

E, enquanto Nick bufava, Rock achava tudo aquilo cada vez mais divertido.

– Retiro minhas declarações anteriores sobre Yorkshire – disse o turco, apoiando-se casualmente na balaustrada de pedra, girando um talo de grama na mão. – Mudou para melhor, você não acha?

– Talvez você queira morar aqui, em um lugar cheio de

esquisitices.

Rock riu do tom ranzinza de Nick.

– Infelizmente, Yorkshire parece ter lhe roubado o bom humor.

– É, bem, ficar sentado ao relento por horas esperando uma mulher que deve ter sua fantástica coleção de antiguidades apenas na imaginação não ajuda. Estou quase indo embora.

– Aposto 5 libras que a coleção é real.

Nick encarou o amigo com um olhar frio.

– Que sejam 10.

– Dez libras que vamos ficar para catalogá-la.

Como se aproveitasse a deixa, a porta se abriu, revelando uma lady Isabel ligeiramente ruborizada em um vestido diurno de musselina cinza. Seu cabelo fora restaurado a um estado impecável, e ela era o retrato da calma e do absoluto refinamento.

Nick ergueu os olhos para ela, apreciando imediatamente sua silhueta longilínea e esbelta. Ela era alta, graciosa e deslumbrante.

Não parecia mais importar o fato de ele ter ficado sentado naqueles malditos degraus durante metade do dia.

Ele se levantou, com Rock a seu lado, enquanto ela falava sorrindo com simpatia:

– Milordess.

Um jovem lacaio de libré terminou de abrir a porta.

– Por favor, perdoem-me por tê-los deixado esperando – acrescentou lady Isabel.

Ela estava totalmente composta, o tom e a conduta tão equilibrados que jamais se adivinharia que eles haviam acabado de ter uma conversa inteira com ela em cima do telhado.

Isabel deu um passo para o lado, abrindo espaço para a entrada deles.

No interior da casa, Nick percebeu o silêncio do ambiente – o saguão era mal iluminado, tendo sido a frente da mansão protegida do sol do fim de tarde.

Não havia sinal do menino que atendera à porta mais cedo – ele parecia ter sido substituído pela mulher parada ao pé de uma larga escadaria de pedra, também vestida com roupas de luto. Nick parou brevemente para avaliá-la. Era loura e esbelta, com um sorriso sereno e olhos cabisbaixos – bem diferente de lady Isabel.

Seria possível que fosse outra irmã Townsend?

Percebendo a atenção de Nick, Isabel deu um passo para trás e falou:

– Lara, permita-me que lhe apresente lorde Nicholas St. John e o Sr. Durukhan. Lorde Nicholas, Sr. Durukhan, essa é minha prima, Srta. Lara Caldwell.

– Srta. Caldwell – cumprimentou Nick, fazendo uma reverência profunda antes de Rock dar um passo à frente.

Os olhos de Lara se arregalaram ante o tamanho do turco e assim continuaram enquanto ele lhe oferecia um sorriso caloroso e estendia o braço para cumprimentá-la, pegando sua mão.

– Srta. Caldwell, é um prazer conhecê-la.

Os olhos do turco se demoraram no rosto de Lara enquanto Nick se virava para Isabel.

– Onde está o menino?

– Milorde?

– O menino. Que atendeu à porta mais cedo.

– O senhor quer dizer James... meu irmão... o conde... lorde Reddich, como acho que eu deveria começar a chamá-lo. – Ele observou enquanto as faces dela ruborizavam. – Ele está... com a professora. Peço desculpas novamente por nosso tratamento... um tanto... heterodoxo. Sabe, a casa não estava esperando visitas. Nós quase nunca as recebemos, e o senhor assustou James...

Rock se virou ante a explicação afobada de Isabel e olhou nos olhos de Nick. A mulher não se sentia à vontade com eles na casa, isso estava claro.

– E vários dos criados tiraram a tarde de folga – ela se apressou

em acrescentar.

– Enquanto a senhorita aprendia os fundamentos do reparo de telhados.

– Exatamente.

Ela abriu um sorriso tímido, e ele ficou surpreso mais uma vez pela mudança que ocorrera com ela.

*Ela é linda.*

Quando Nick retribuiu o sorriso, o dela sumiu em um instante, tão rápido quanto surgira.

– Quer que eu lhe mostre a coleção, milorde? Eu odiaria mantê-lo aqui por tempo de mais, sobretudo quando deve estar planejando deixar Yorkshire a qualquer momento.

As palavras dela eram uma clara tentativa para obter uma informação que Nick não estava disposto a dar.

– De forma nenhuma. Na verdade, Rock acabou de comentar como o lugar é cativante. Podemos muito bem ficar mais um pouco. Portanto temos tempo suficiente esta tarde.

– Ah – falou ela, e Nick não deixou de perceber a decepção em seu tom.

*Ela o queria longe. Por quê?*

Ele estava ficando intrigado.

Pelo canto do olho, Nick percebeu uma porta próxima entreaberta e protegida por dois lacaios de libré, um magro e alto, o outro baixo e atarracado. Olhou por entre a fenda e viu, cerca de 1,20 metro acima do chão, um rostinho encarando-o com os olhos arregalados. Era o menino de antes.

Nick não conseguiu se conter. Piscou para a criança e foi recompensado com um suspiro de surpresa que cortou o espaço aberto e silencioso antes de o menino sumir, arrancado da porta com um grito de ultraje emitido por alguém jovem.

Isabel nem piscou quando a porta bateu. Em vez disso, deu meia-volta para guiá-los em direção à escada.

– Por favor, venham comigo. Fico feliz em poder lhes mostrar as esculturas.

Eles subiram a larga escadaria de pedra em silêncio, Nick absorvendo a dignidade discreta da casa, que não via móveis novos havia mais de uma década. A iluminação era mantida o mais baixa possível, não havia criados nos corredores escuros e quase todas as portas se encontravam fechadas, indicando que aqueles aposentos raramente eram usados.

Enquanto ela os guiava por um corredor longo e estreito, Nick perguntou:

– Lady Isabel, por que estava consertando o telhado?

Ela virou um pouco a cabeça para trás enquanto absorvia a pergunta. Depois de uma longa pausa, falou:

– Ele tem goteiras.

A mulher era capaz de desafiar a paciência de um santo.

Ele esperou que ela continuasse. Como não o fez, Nick disse:

– Imagino que esse seja o motivo mais provável para um telhado precisar de conserto.

Ignorou o som que veio de Rock, uma espécie de risada estrangulada.

Ao chegarem ao outro lado da casa, Nick percebeu um odor familiar, e não desagradável – um cheiro bolorento que ele associava havia muito tempo às melhores descobertas. Quando Isabel abriu uma porta perto do fim do corredor e indicou para que entrassem, o banho de luz dourada do sol que se esparramou o surpreendeu.

Isabel deu um passo para trás, dando passagem. O aposento era enorme e perfeitamente simétrico, com pé-direito alto e uma parede tomada por janelas com vista para as vastas terras do solar. A luz muito forte do sol de fim da tarde entrava livremente no espaço, derramando-se sobre dúzias de estátuas de diferentes tamanhos e formatos, cobertas com lençóis empoeirados de musselina.

O entusiasmo invadiu Nick enquanto ele absorvia o conteúdo da

sala, ansioso por remover as mortalhas para ver os tesouros que escondiam. Ele parou e virou-se para Isabel.

– A senhorita não estava exagerando.

Um sorrisinho brincou nos lábios dela e, quando ela falou, ele percebeu o orgulho em sua voz.

– Há outra sala, idêntica a esta, do outro lado do corredor. O senhor sem dúvida vai querer vê-la também.

A surpresa de Nick era óbvia.

– Talvez a Srta. Caldwell possa abrir a sala para Rock enquanto a senhorita me conta mais sobre as estátuas.

Após um momento de hesitação, Isabel assentiu na direção da prima e os dois saíram da sala, deixando a porta bem aberta. Isabel foi em direção a uma das estátuas, e Nick observou seus movimentos enquanto ela puxava o pano para o lado e revelava um nu alto em mármore.

Ele se aproximou da peça e olhou-a por um instante antes de passar a mão pela curva do braço da estátua. Quando falou, havia reverência em sua voz.

– Ela é deslumbrante.

Isabel inclinou a cabeça para o lado, avaliando a escultura.

– É, não é?

As palavras dela, que ecoavam a reverência com que Nick falara, o despertaram de sua inspeção. Ele se virou para ela, notando a maneira como a mulher olhava para a estátua – parecia angústia.

– Mais importante, ela é real.

Isabel ergueu os olhos bruscamente.

– O senhor duvidava disso?

– Não é todo dia que eu conheço uma mulher que diz ter uma coleção de antiguidades como esta. – Ele levantou a ponta de um tecido. – Posso?

Quando ela assentiu, Nick puxou o pano, revelando outra

estátua: um guerreiro, lança na mão, em posição de caça. Ele balançou a cabeça devagar.

– E nunca conheci uma mulher que *realmente* tivesse uma coleção como esta.

Ela sorriu enquanto revelava um querubim.

– Fico feliz por nosso encontro ter resultado em algo tão emocionante para o senhor.

Ele fez uma pausa enquanto descobria outra estátua e buscou o olhar dela.

– Mesmo sem uma coleção como esta, lady Isabel, acho que seria difícil esquecer nosso encontro.

O rubor dela fez uma onda de satisfação invadi-lo.

– Acho que devo admitir a derrota, milorde. O senhor sem dúvida salvou minha vida. Tenho uma dívida de gratidão para consigo.

Ele passou a mão por um busto de mármore de Dionísio, perfeitamente entalhado, seus dedos traçando as linhas intrincadas das folhas de parreira que cingiam a cabeça da estátua.

– Permitir-me acesso a uma coleção como esta é um excelente começo para pagar essa dívida. – Ele encarou-a de novo. – É uma tragédia que esteja escondida.

Isabel ficou por um instante em silêncio e, quando falou, sua voz tinha uma tensão da qual ele não gostou, e seu rosto ostentava um sorriso triste.

– Isso logo será remediado, graças ao senhor. Depois que os tiver identificado, as esculturas deverão ser vendidas.

Os olhos dele se arregalaram.

– Não pode vendê-las.

Ela puxou o tecido que cobria uma grande estátua particularmente bem-conservada.

– Posso, sim, milorde. Como vê, elas têm pouca serventia para mim aqui, acumulando poeira. Precisam ser vendidas.

– Elas significam mais para você do que o valor monetário.

Isso estava claro para ele no orgulho dela, em sua óbvia paixão pela coleção.

Os ombros dela se aprumaram ante essas palavras. Quando ela se virou para Nick, ele percebeu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. Isabel respirou fundo.

– Eu lhe garanto, lorde Nicholas, eu não as venderia se... – Havia um mundo de significados no silêncio que se seguiu às palavras dela. – Se eu sentisse que estão bem expostas aqui – continuou ela, acompanhando a linha do pé da estátua com a mão. – Quanto tempo acha que vai levar?

Se Nick tivesse achado que a tarefa que ela lhe pedia fosse levar menos de uma semana, teria mentido para lhe dar mais tempo para pensar no que ia fazer. Mas não precisaria mentir.

– Algumas esculturas vão ser mais fáceis de identificar do que outras – falou cautelosamente, correndo o olhar pela sala. – Duas semanas no mínimo. Talvez mais.

– Duas semanas!

Os olhos dela se arregalaram de desespero.

– Vejo que preferiria se livrar de mim antes disso.

Isabel olhou para ele apreensiva, mas pareceu relaxar um pouco ao ver que ele sorria.

– Não é isso... É só o tempo. Eu esperava vendê-las mais rápido.

– Impossível. Mesmo o melhor antiquário da Grã-Bretanha não cumpriria esse prazo.

– Me desculpe, milorde, mas tive a impressão de que *o senhor* era o melhor antiquário da Grã-Bretanha.

A ousadia das palavras o sobressaltou, e ele sorriu, surpreso e encantado com a provocação dela, tão inesperada para uma mulher.

Estava começando a ver que havia muito a respeito de lady Isabel que era inesperado.

– E vai levar pelo menos um mês para que a senhorita consiga um preço razoável por elas.

- Eu não disponho de um mês.
- Mais provavelmente, um mês e meio.
- Eu definitivamente não tenho um mês e meio – disse Isabel, parecendo desolada.

*A situação estava ficando cada vez mais curiosa.*

A coleção teria sido suficiente para mexer com os sentimentos dele, mas agora, ao ver a preocupação inundar o olhar dela, Nick soube que não eram só as esculturas que o estavam mantendo em Yorkshire.

*Ele queria saber todos os segredos de lady Isabel.*

E ela lhe dera a forma perfeita de descobri-los.

Eles estavam muito próximos agora, e Nick deu outro passo na direção dela, empurrando-a para mais perto da estátua. Os olhos dela se arregalaram, e ele descobriu que gostava de surpreendê-la.

– Duas semanas – disse ele, em voz baixa. – E, quando tiver acabado, vou ajudá-la a vender as esculturas.

– Obrigada. – O alívio dela era palpável. – Só lamento não ter como lhe pagar o favor.

– Tenho certeza de que conseguiremos imaginar alguma forma de pagamento pelos meus serviços.

Seu tom de voz era baixo e as palavras pretendiam ser provocantes, mas Isabel ficou imediatamente na defensiva.

– Conseguiremos?

*Alguém a havia machucado.*

O pensamento o deixou tenso, os músculos de suas costas enrijecendo enquanto ele imaginava quem teria feito isso. E como.

Ele se virou e tentou usar um tom brincalhão:

– Posso propor um jogo?

– Jogo?

– Para cada estátua que eu identificar, a senhorita tem que me contar algo sobre Townsend Park. E sobre sua vida aqui.

Enquanto Isabel avaliava a oferta dele, o silêncio tomou conta do

apartamento e se estendeu por tempo suficiente para que Nick acreditasse que ela não responderia. Ele a ouviu fingir respirar fundo e a fitou diretamente, buscando seu olhar. Avaliou sua profundidade escura, cor de mogno, tão reservada e incerta. Tantos segredos escondidos ali, tanta coisa que ele queria descobrir... Era o legado do *bulan*: ele não podia deixar um mistério sem solução.

*O que seria preciso para desvendar aqueles segredos? Para fazê-la baixar a guarda?*

Uma imagem surgiu em sua mente, rápida e intensa: Isabel com a cabeça jogada para trás, entregue à paixão, aberta e sem defesas, seu corpo longilíneo e gracioso espalhado na cama dele, esperando-o. A força da visão o fez se afastar dela até estar a uma distância mais segura.

Ele indicou um busto próximo.

– Essa é Medusa.

Ela deu uma risada curta.

– É claro que é. Até eu poderia tê-la identificado. Não pode realmente esperar que eu partilhe meus segredos por *isso*.

– Eu nunca falei que precisavam ser segredos – provocou ele –, mas, se são informações desse quilate que estão em jogo, o busto é Medusa, em mármore preto, cuja procedência é, provavelmente, de Livadeia. Mais importante, é Medusa depois de ser decapitada por Perseu, mas antes de sua cabeça ser colocada no centro do escudo de Atena.

– Como sabe disso?

Ele fez um gesto para que ela se aproximasse da estátua. Depois, apontando para uma pequena chanfradura na qual a cabeça de uma áspide comia o rabo de outra, falou:

– Olhe com atenção. O que a senhorita vê?

Isabel se inclinou para mais perto e espiou dentro do recanto escuro.

– Uma pena.

– Não uma pena qualquer. Uma pena das asas de Pégaso. Que foi gerado a partir do sangue que pingou da espada de Perseu.

Ela o fitou com os olhos arregalados, e Nick resistiu ao ímpeto de se vangloriar.

– Eu olhei para essa estátua centenas de vezes e nunca reparei nisso. O senhor é o melhor.

Ele fez uma reverência exagerada.

– Como tal, deve-me o pagamento, milady.

Isabel mordiscou o lábio inferior.

– Está bem. Vou lhe contar sobre a coleção.

– Um excelente começo.

Isabel fez uma longa pausa, e Nick achou que ela poderia mudar de ideia. Quando enfim falou, parecia estar longe dali, perdida em pensamentos.

– Meu pai as ganhou de um contrabandista francês em um jogo de azar.

Anos de prática fizeram-no não responder, e ela preencheu o silêncio com mais informações:

– Foi no começo da guerra. Ele sempre foi um jogador inveterado. Apostava tudo: dinheiro, casas, criados... – Ela parou por um momento, o olhar distante, então pareceu despertar do transe e continuou: – Passávamos semanas sem vê-lo, e então, um dia, ele aparecia à porta com uma cesta cheia de cachorrinhos na mão ou um novo cabriolé de dois cavalos na entrada. Ele deu essa coleção de presente para minha mãe três dias depois do meu aniversário de 7 anos.

Havia mais para contar, Nick tinha certeza.

– E ela as deu para a senhorita – sugeriu ele.

Ela assentiu rigidamente, os lábios apertados em uma linha fina.

– Deu. São minhas.

Havia algo naquela palavra, *minhas*, que tocou Nick. Ali estava

uma mulher que se importava profundamente com aquilo que lhe pertencia.

– A senhorita não quer vendê-las – disse ele.

Isso era óbvio.

As palavras dele a trouxeram de volta de onde quer que ela houvesse estado. O silêncio se prolongou, e Nick achou que ela poderia não falar nada. Quando ela o fez, não havia emoção em seu tom.

– Não.

– Então... Por quê?

Ela deu uma risadinha amarga.

– Às vezes, milorde, somos obrigados a fazer coisas que não queremos.

Isabel respirou fundo, e ele notou o volume de seus seios. Sentindo-se culpado, desviou o olhar para uma estátua próxima, muito mais alta do que eles. O reconhecimento se acendeu, e ele deu uma risada curta e rouca.

– O que é tão divertido?

– Essa estátua. Sabe quem é?

Isabel se virou e a avaliou, levando a mão ao peito como se pudesse esconder sua vergonha pela nudez da escultura. Observando a curva da espinha dorsal de mármore, o prazer sereno no rosto da estátua, a guirlanda de rosas que se enrolava e subia por uma perna, Isabel balançou a cabeça.

– Não.

– Hedonê, a filha de Eros e Psiquê.

– Como sabe disso? Ela se parece com todas as outras estátuas femininas da coleção.

Ele lhe lançou um olhar franco.

– Eu sei porque sou o melhor.

Isabel sorriu, e ele sentiu uma satisfação suprema com o

divertimento dela. Quando não estava desconfiada dele, ela era extraordinária.

O ar entre eles ficou pesado, o aposento, subitamente mais quente, a atmosfera preenchida com o cheiro limpo dela – uma mistura de flor de laranjeira e algo fresco e agradável que ele não conseguia identificar.

Nick percebeu o rubor da pele de Isabel, a curva no ponto onde o pescoço encontrava o ombro, e foi tomado pelo desejo mais intenso que sentira em muito tempo.

Observou conforme a tensão do momento a atingia também – a proximidade dele deixando-a subitamente sem fôlego. O olhar dos dois se cruzou e Nick ficou totalmente consciente da proximidade entre eles, posicionados entre duas estátuas, quase se tocando. Estavam a sós, sem ninguém além das esculturas para vê-los.

O desejo o fez dar um passo para a frente.

Ele esticou o braço na direção dela, a mão quase roçando a bochecha de Isabel antes que ele percebesse o erro que seria tocá-la. Reparou em seus olhos castanhos arregalados, inundados de emoção, uma mistura estonteante de curiosidade, entusiasmo e medo que iluminava todo o seu rosto, transformando-a em uma sereia inocente, de carne e osso, cercada por suas irmãs de mármore.

Isabel fechou os olhos ante a proximidade dele e Nick continuou a inspeção de seu rosto adorável – as maçãs altas e marcantes, a boca suculenta, a testa lisa. Sua beleza era generosa quando tinha tempo de ser.

Ela soltou a respiração que estivera prendendo com um som ruidoso e irregular e seus lábios se abriram, pontuando o momento com um suspiro.

Os lábios de Nick estavam a um milímetro dos dela quando veio o som de fora da sala.

Nick afastou o rosto bruscamente, aprumou-se e praguejou

baixinho. Deu um longo passo para trás, desejando não ter chegado nem perto daquela mulher, que parecia ter um efeito inexplicável sobre seu bom senso.

Os olhos dela se abriram de supetão, revelando uma mistura de emoções dentro deles, e, por um momento, Nick só quis puxá-la para seus braços e mandar todo o resto para o inferno.

Então a Srta. Caldwell e Rock voltaram, e Nick se afastou ainda mais de Isabel, que se encostou com tanta força na estátua de Hedonê que ele chegou a pensar que ela a derrubaria do pedestal.

Isso certamente desviaria a atenção dos outros do que ele estava fazendo.

– O que você encontrou? – perguntou Nick, tentando disfarçar a tensão que ocorrera entre ele e Isabel, que ainda estava no ar.

Rock olhou de Nick para Isabel e então para Nick de novo, erguendo uma das sobrancelhas escuras. Nick imitou o gesto do turco, como se o desafiasse a tecer algum comentário sobre a situação dentro da sala.

Depois de uma pausa, Rock respondeu:

– Não vi nada igual fora da Grécia.

Em seguida, começou a descrever o escopo das esculturas no outro cômodo, e Nick observou pelo canto do olho enquanto Lara ia até a prima. Isabel abriu um sorriso alegre demais, que denunciava tudo.

*Ela o desejava.*

Nick afastou o pensamento. Devia estar grato pela interrupção que impedira o enorme erro que estivera prestes a cometer. Aquela garota era tudo o que ele não procurava em suas mulheres. Era inocente e solitária, exatamente o tipo de mulher que ele evitava – o tipo que iria querer mais dele do que ele era capaz de dar. Podia apostar que ela nunca fora beijada de forma satisfatória ali no campo, onde não havia ninguém com quem se divertir além do cavaleiro.

Ele não negava que gostaria muito de mostrar a Isabel como beijar podia ser satisfatório.

– Você me deve 10 libras.

As palavras de Rock trouxeram Nick de volta para o presente.

A coleção era real. Sua dona, um mistério.

Eles iam ficar.

Ignorando o sorrisinho afetado do amigo, Nick voltou a olhar para Isabel, que os observava com curiosidade. Quando percebeu que ele a encarava, ela corou e começou a ajeitar nervosamente o cabelo.

– Lady Isabel – disse ele, gostando do som do nome dela em sua boca. – Se lhe for conveniente, começaremos nosso trabalho com a coleção amanhã de manhã.

Ele viu a indecisão nos olhos dela, seguida pelo reconhecimento de que ela os levara longe demais por esse caminho em particular para dispensá-lo.

Ela passou a mão pelo cabelo em um movimento que Nick estava rapidamente começando a reconhecer como nervosismo.

– Por favor. Amanhã seria... ótimo... – Ela se dirigiu para a porta.  
– Agora... Lara vai acompanhá-los até a porta. Eu estou... Eu tenho... – Ela fez uma pausa, e Nick esperou, com um meio sorriso, que ela terminasse. – Eu tenho que ir.

E então ela se retirou, a saia do vestido cinza sem graça sendo a última coisa que ele viu enquanto ela fugia da sala.

# SEIS



## ***Lição Número Dois***

*Faça o melhor que puder para permanecer na mente do seu lorde. E sob os olhos dele.*

*Apesar do ditado que prega "longe dos olhos, perto do coração", somente a proximidade resultará em uma ligação sólida entre um homem e uma mulher. Tenha em mente que, se o seu lorde reconhecer que deseja uma esposa, ele deve ser constantemente lembrado da existência de tal mulher! Faça o máximo possível para ficar à vista de seu objeto de desejo: passe perto dele em bailes, descubra suas preferências de passeios pelo parque e encoraje seus criados a fazerem amizade com os dele. Saber os horários dele é a melhor estratégia para laçar um verdadeiro cavalheiro.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

O duque de Wellington pode até ter dito que a coisa mais difícil para um soldado é recuar, mas adotar essa linha de ação era muito mais fácil para Isabel do que permanecer na sala das estátuas – e na companhia de lorde Nicholas St. John.

De fato, ela havia fugido da sala correndo o mais rápido que uma dama era capaz.

Pelo menos uma dama em traje de luto completo.

Ela quisera que ele a beijasse.

*Quisera muito.*

O que teria sido um erro de proporções épicas.

Graças a Deus por Lara e o Sr. Durukhan, ou quem sabe o que poderia ter acontecido.

Isabel percorreu depressa o labirinto de passagens dos criados que levavam à cozinha de Townsend Park, sabendo que estava, muito possivelmente, vivendo o momento mais covarde de sua existência.

Mas que outra opção ela tivera? Precisara sair da sala, clarear as ideias, para... se recriminar.

O que tinha se passado pela cabeça dela?

Convidar um homem estranho para entrar na Casa de Minerva era uma coisa – uma coisa muito pouco inteligente e arriscada. Mas permitir-se considerá-lo algo mais que um meio para atingir um fim vital e importante era inaceitável.

Ela precisava de Nicholas St. John para avaliar suas esculturas de mármore e vendê-las. Nada mais.

Se uma vida inteira cercada de homens e de mulheres magoadas por eles havia ensinado algo a Isabel, era que não se devia brincar com eles. Ela vira um sem-número de mulheres com o coração e o corpo arruinados, um mundo de mulheres – inclusive sua própria mãe – serem vítimas de sorrisos encantadores e toques envolventes. E havia jurado nunca deixar que isso acontecesse com ela.

Isabel não permitiria que um londrino mudasse tudo isso. Não importava que fosse considerado um dos melhores partidos da Grã-Bretanha.

Respirou fundo enquanto fazia a última curva em direção à cozinha, novamente preparada para ignorar a presença de lorde Nicholas em sua casa. Quão difícil isso podia ser? O homem era um antiquário. Sem dúvida, estaria interessado apenas em antiguidades. Seria bem fácil evitá-lo.

Além do mais... ela tinha uma casa para sustentar.

Uma casa para *comprar*.

Uma casa cheia de gente para cuidar.

– Você não pode me obrigar a ir para a escola. Eu sou um conde agora. Ninguém diz a condes o que fazer.

Ao ouvir isso, Isabel se aproximou rapidamente e ficou espiando do lado de fora da cozinha. Viu James esticar a mão por cima da mesa de madeira arranhada, pegar um biscoito e jogá-lo dentro do chá, fazendo o líquido espirrar para fora da xícara. Ele fez um bico na direção da bebida por um momento antes de olhar para Georgiana, sentada do lado oposto da mesa.

Isabel se apoiou nos calcanhares para continuar ouvindo escondido. Ela pedira a Georgiana que começasse a tocar no assunto da escola para James, na esperança de que ele viesse a gostar da ideia.

Pelo jeito, isso ainda não havia acontecido.

– Infelizmente, James, sempre haverá alguém para nos dizer o que fazer. Até quando se trata de condes – disse Georgiana, servindo-se de uma xícara da infusão fumegante.

– Odeio que me digam o que fazer.

– É, bem, eu também não gosto muito.

– Eu sou inteligente – retrucou James, de forma defensiva.

Georgiana lhe deu um sorrisinho e pegou um biscoito.

– Você é *muito* inteligente. Nunca neguei isso.

– Eu sei ler. E sei somar. E estou aprendendo latim. Você está me ensinando.

– Está, sim. E está aprendendo muito bem. Mas jovens rapazes... jovens *condes*... vão à escola.

– O que a escola vai me ensinar que você não pode?

– Todo tipo de coisas. Coisas reservadas aos condes.

Ele observou enquanto ela olhava pensativa para o biscoito.

– Você devia molhá-lo no chá. Fica mais gostoso.

Isabel sorriu. Ela podia apostar que Georgiana nunca havia molhado o biscoito no chá.

– Assim – falou James, jogando um segundo biscoito dentro de sua xícara antes de fisgar o primeiro, mergulhando os dedos no líquido até os nós.

Quando retirou o biscoito e o segurou no alto, metade caiu de volta no chá, fazendo-o respingar por cima da mesa. Georgiana fez uma careta e James riu.

Isabel passou os braços em volta do corpo e apoiou as costas na parede. Conde ou não, ela não estava preparada para perder James para o título que cabia a ele.

– Você acha que os homens que chegaram aqui hoje vão à escola? – perguntou ele a Georgiana, curioso.

– Ah, tenho certeza que sim – respondeu ela. – Eles pareceram cavalheiros elegantes. E cavalheiros elegantes vão à escola.

James então ficou em silêncio, avaliando a veracidade da afirmação.

– Eu tenho um irmão, sabia? – acrescentou Georgiana baixinho, e Isabel se inclinou para mais perto do vão da porta.

Nas três semanas desde que ela havia chegado, a garota não falara sobre a vida que havia deixado em Londres.

– É mesmo? Ele vai à escola?

– Ele foi. Na verdade, ele é muito inteligente por causa disso. Um dos homens mais inteligentes da Grã-Bretanha.

*E um dos mais poderosos,* pensou Isabel.

– Você deve ter aprendido com ele – disse James pragmaticamente. – Senão como uma garota saberia latim?

– Perdão, lorde Reddich – retrucou Georgiana. – Garotas sabem *muitas* coisas... não só latim.

Isabel não pôde evitar a tentação de espiar pelo canto mais uma vez. A testa de James estava franzida – ele obviamente não estava seguro de que garotas soubessem muitas coisas.

– Você é a garota mais inteligente que eu conheço.

Isabel ergueu as sobrancelhas diante da reverência que ouviu no tom dele. Ela ia ignorar o insulto à sua própria inteligência em vista da clara paixão de seu irmão pela professora – sem dúvida a mais bonita que ele já vira –, mas não resistiu a interromper a conversa amigável.

Sorrindo alegremente, ela entrou no aposento dizendo:

– Já está na hora do chá?

James voltou os olhos ávidos para ela.

– Isabel! O que aconteceu com os homens? Um deles era muito grande! Você percebeu?

*Sim. E um deles era muito lindo. Quase fiz papel de idiota.*

Ela se aproximou para se servir de uma xícara de chá.

– Claro que percebi.

– Cadê eles? Eles vão ficar aqui?

– Ainda estão no andar de cima. No estatuário.

– Posso ir vê-los?

Era quase impossível resistir ao rostinho ansioso dele.

– Não, não pode.

– Por quê? Eu sou o conde agora, você sabe. É meu trabalho manter os moradores de Townsend Park em segurança. Acho que eles deviam me conhecer.

A referência de James à segurança – tão pouco tempo depois de sua preocupação com ela mais cedo – surpreendeu Isabel. Elas sempre haviam feito tudo o que podiam para não deixar James perceber a seriedade da situação das garotas, só que ele estava ficando mais velho e mais astuto, e Isabel sentiu que aquela conversa exigia um cuidado maior do que o normal.

– Eu agradeço – falou, com um aceno de cabeça –, e concordo que o seu papel como conde seja crucial para a segurança do solar. Mas os dois cavalheiros vão estar muito ocupados enquanto permanecerem aqui, e não podemos nos dar ao luxo de distraí-los. –

Ela avaliou o olhar determinado de James. – Talvez possamos convidá-los para jantar um dia. O que acha?

James considerou a opção seriamente.

– Acho que seria a coisa certa e educada a fazer.

Isabel jogou um biscoito na boca.

– Estou tão feliz que você tenha concordado – disse ela, piscando para Georgiana, que escondeu o sorriso por trás da xícara de chá. – Agora... vá.

James avaliou as duas mulheres e então decidiu que havia aventuras mais interessantes acontecendo fora da cozinha. Após roubar um biscoito extra, ele pulou da cadeira e saiu para o corredor escuro pelo qual Isabel viera.

Ela se sentou na cadeira deixada pelo irmão e esticou a mão para pegar outro biscoito. Com um suspiro, olhou para a jovem do outro lado da mesa e disse:

– Obrigada por conversar com ele sobre a escola.

– Fico feliz em fazer isso. Um conde precisa de uma educação adequada, lady Isabel.

– Você sabe que pode dispensar as formalidades, Georgiana.

A outra mulher sorriu.

– Pelo contrário. Eu sou sua criada.

– Bobagem – falou Isabel. – Nós duas sabemos que seu título é superior ao meu. Por favor. Eu me sentiria melhor se você me chamasse de Isabel.

Uma centelha de tristeza passou pelo olhar da garota.

– Meu título agora é o de professora. Tenho sorte em ter uma posição tão valorizada quanto esta.

Isabel sabia que não estava chegando a lugar algum e mudou o rumo da conversa:

– Sabe os homens que chegaram hoje?

Georgiana balançou a cabeça.

– Eu estava trabalhando nas lições da tarde para o James e só

soube que eles tinham chegado depois que você já os havia levado ao estatuário.

– Eles são londrinos.

– Aristocratas? – perguntou Georgiana, a tensão se infiltrando em sua voz.

– Não exatamente. Lorde Nicholas St. John, irmão do marquês de Ralston. O antiquár... – Isabel parou ao ver os olhos de Georgiana se arregalarem. – Georgiana?

– Lorde Nicholas e meu irmão... eles são... conhecidos. – Ela baixou a voz para um sussurro. – Eu não o conheço, mas...

*É claro que eles se conheceriam. Mais uma coisa que tornava a situação toda um desafio.*

– Georgiana – disse Isabel com a voz firme. – Você vai ficar bem. Quando a acolhi, garanti que a Casa de Minerva cuidaria de você, não garanti?

A outra engoliu em seco e respirou fundo.

– Garantiu.

– Então é isso que vamos fazer – continuou Isabel, com a voz calma. – Vamos simplesmente mantê-la bem escondida. Esta é uma casa grande. E você é a professora de James. Há poucos motivos para que um visitante a veja.

– Por que ele está aqui? Em Yorkshire?

– Não sei. Pelo que entendi, ele estava só em uma viagem de verão. – Ela fez uma pausa, observando o medo tomar conta da garota. – Você está segura sob a proteção do conde de Reddich.

*Tão segura quanto qualquer uma de nós pode estar.*

Isabel rejeitou a vozinha em sua cabeça.

Elas estavam seguras. Ela se certificaria disso.

Georgiana ficou por um longo tempo em silêncio. Depois assentiu, demonstrando sua confiança em Isabel – na casa.

– Ótimo – falou Isabel, servindo mais chá para as duas. –

Quando estiver pronta para me contar como veio parar aqui, estarei pronta para ouvir. Você sabe disso, não sabe?

Georgiana assentiu novamente.

– Sei. Eu só... não estou... E se...

– Quando e se você estiver pronta, Georgiana, eu estarei aqui.

As palavras de Isabel eram simples e diretas. Ela tinha anos de experiência em persuadir garotas a confiarem nela. Irmãs de duques ou garçonetes de Cheapside, elas não eram tão diferentes umas das outras.

*Nem tão diferentes dela.*

Se tivesse outra escolha, ela nunca teria permitido a entrada de lorde Nicholas St. John em sua casa.

Mas a alternativa a isso – jogar Georgiana e as outras no mundo só com a roupa do corpo – era impensável. Portanto Isabel estava assumindo um risco calculado.

Lorde Nicholas.

Ela percebeu a ironia de colocar o futuro de uma casa cheia de mulheres nas mãos de um dos homens mais perigosamente atraentes que já conhecera. Mas enquanto olhava para Georgiana, pequena e insegura, segurando a xícara de chá com as duas mãos e o olhar fixo no líquido, Isabel soube que ele era sua melhor chance de sucesso. Sua melhor esperança de um futuro.

Elas só tinham que mantê-lo confinado ao estatuário.

Isso não seria tão difícil.



Na tarde seguinte, Isabel estava se sentindo confiante e muito orgulhosa de si mesma.

Todas as suas preocupações em relação a lorde Nicholas haviam sido infundadas.

Ele não era uma ameaça.

Na verdade, desde que o lorde e o Sr. Durukhan haviam chegado e ela os enclausurara no estatuário, dizendo que eles não deveriam ser incomodados, Isabel havia efetivamente evitado a dupla.

*Bem, se escondido da dupla estava mais próximo da realidade.*

Tolice. Em cima do telhado mais uma vez, Isabel afastou o pensamento. A casa ainda tinha goteiras e, se as nuvens que vinham do leste fossem um indício confiável, os consertos seriam ainda mais úteis naquela noite.

Ela estava de calça e camisa de manga comprida, acompanhada de Jane, as duas ajoelhadas aplicando uma pasta fedorenta na parte de baixo das telhas de cerâmica que pareciam ter se soltado pelo telhado todo. Fazia sete anos que os criados tinham começado a ir embora de Townsend Park, incluindo os peritos em atividades específicas, que tinham mais valor para serem contratados em outras grandes propriedades pelo país. Com eles também tinha ido embora qualquer conhecimento do ofício de conserto de telhados, trabalho com pedra e marcenaria e várias outras habilidades especialmente proveitosas em uma propriedade rural.

Isabel suspirou com a lembrança. Achava que tinham tido sorte em passar tantos anos sem precisar fazer consertos estruturais importantes na casa. Graças a Deus tinham a biblioteca do solar e uma coleção de títulos sobre arquitetura e práticas de construção. Ela deu um sorriso enviesado. Conserto de telhados não era o assunto preferido de leitura da maioria das moças, mas valeria a pena se ela pudesse remover o penico posicionado no pé de sua cama para recolher os pingos de chuva que caíam regularmente do telhado mal-alcatroado.

– Quer me dizer o que aconteceu ontem para fazer com que se escondesse de lorde Nicholas?

Jane nunca fora de fazer rodeios.

Isabel mergulhou um pincel dentro do repugnante balde de

alcatrão e respondeu:

- Não aconteceu nada.
- Nada?

*Nada que eu gostaria de lembrar.*

– Nada. Ele concordou em identificar e avaliar a coleção. Achei que deveria deixá-lo ir em frente. Se tudo der certo, a Casa de Minerva terá um novo lar dentro de um mês – disse Isabel, tentando manter a voz despreocupada e confiante.

Jane ficou em silêncio enquanto colocava várias telhas que haviam sido consertadas de volta no telhado.

- E lorde Nicholas? – perguntou, enfim.
- O que tem ele?
- É isso que eu quero saber.

– Eu preferiria que ele não fosse necessário na empreitada – falou Isabel, fingindo não ter entendido o significado da pergunta. Uma forte rajada de vento soprou, fazendo as mangas de sua camisa se agitarem como as velas de um barco em uma tempestade. Ela passou os braços ao redor do corpo para se proteger da brisa fria enquanto escolhia suas próximas palavras com cuidado. – Mas acho que não temos muita alternativa.

- Você tem alternativas, Isabel.
- Nenhuma que eu possa enxergar.

No silêncio que se seguiu, Jane colocou várias outras telhas no lugar antes de se virar de volta para Isabel.

– Você cuidou de nós por muito tempo. Fez da Casa de Minerva um lugar lendário para as garotas de toda a Londres. As que vêm até nós agora... elas mal podem acreditar na nossa existência. Tudo isso é graças a você.

Isabel parou de passar alcatrão nas telhas e buscou os olhos verdes e frios de Jane.

– Mas você não pode deixar a lenda suplantá-la – acrescentou Jane.

- Não é uma lenda para mim, Jane. É real.
- Mas você pode ter mais. Você é filha de um conde.
- Um conde com uma moral bastante questionável.
- A irmã de um novo conde, então – retrucou Jane. – Você pode se casar. Viver a vida que nasceu para ter.

*Viver a vida que nasceu para ter.* As palavras pareciam tão simples, como se o destino fosse algo claramente traçado – e talvez fosse. Outras garotas bem-nascidas pareciam não ter problemas em seguir o caminho esperado.

*Outras garotas não tinham tido seu pai. Sua mãe.*

Ela balançou a cabeça.

– Não. *Esta* é a vida que eu nasci para ter. Sem casamento arranjado, sem chás com as damas da alta sociedade, sem temporada londrina para mudar o rumo da minha vida. E veja aonde meu caminho me trouxe. Veja a diferença que eu fiz para você. Para as outras.

– Mas não devia se sacrificar por nós. Isso não seria contra o propósito da casa? Você não nos ensinou que a nossa felicidade e a nossa vida são infinitamente mais importantes do que os sacrifícios que fizemos antes de chegarmos aqui?

Jane falava com delicadeza, com a melhor das intenções. Isabel avaliou a mulher que era seu mordomo, com as faces coradas pelo vento, o cabelo castanho escapando da touca. Jane fora a primeira a vir até Isabel, uma prostituta que escapara por pouco de uma surra nas mãos de um cliente embriagado e que conseguira reunir coragem para trocar Londres pela Escócia, onde esperava começar uma nova vida. Ela chegara a Yorkshire com um punhado de moedas roubadas – não o suficiente para viver, mas o bastante para mandá-la para a prisão por roubo pelo resto da vida. Quando o dinheiro acabara, ela fora largada à beira da estrada apenas com a roupa do corpo. Isabel a encontrara dormindo em uma baia vazia no estábulo, um dia depois do último criado que restava ter ido embora.

Isabel mal tinha completado 17 anos e estava sozinha na casa com James, que tinha quase 3 anos, e sua mãe, já perto da morte. Tinha bastado um olhar para Jane, fraca demais para correr, abalada demais para lutar, para Isabel entender o desespero que levava a garota a assumir o mais extremo dos riscos: dormir em um estábulo que não era seu, obviamente parte de uma propriedade.

Não fora bondade que levava Isabel a acolher Jane – fora pânico. A condessa estava morrendo, louca de tristeza e desespero, os criados tinham ido embora, James precisava de amor e carinho, e Isabel não tinha nada. Ela oferecera trabalho a Jane e ganhara a mais leal das criadas. A mais confiável das amigas.

Jane fora a única a testemunhar a condessa em seus últimos dias, enquanto ela brigava com Isabel, com o pequeno e sorridente James, com Deus e a Grã-Bretanha, culpando a todos por seu isolamento e sua ruína. Quando enfim morrera, ajudar Jane havia impedido que Isabel desmoronasse.

Depois de algumas semanas, ela tomara a decisão de acolher outras garotas em Townsend Park. Se não podia ser uma boa filha ou uma boa esposa, podia garantir que outras mulheres à margem da sociedade tivessem um lugar para viver e prosperar. Algumas cartas certeiras haviam atraído Gwen e Kate à propriedade e, depois disso, houve pouca necessidade de divulgar sua localização. As garotas as encontravam. Townsend Park foi rebatizada como Casa de Minerva em sussurros baixos por toda a Grã-Bretanha, e garotas em apuros sabiam que, se pudessem chegar às suas portas, estariam em segurança.

Com aquelas garotas, Isabel encontrara um propósito – proteger mulheres maltratadas e infelizes e lhes dar uma nova oportunidade na vida.

Encontrara uma forma de provar que ela era mais do que os outros viam.

Uma forma de se sentir necessária.

Nem todas as garotas haviam ficado. Nos sete anos desde a chegada de Jane, elas tinham visto dezenas de jovens aparecerem e partirem no meio da noite, incapazes de virar as costas à existência da qual tinham fugido. Mas muitas haviam partido para construir a própria vida, e Isabel aproveitara a chance de ajudá-las a realizar seus sonhos. Hoje elas eram costureiras, estalajadeiras, e uma delas até se tornara a esposa de um vigário no norte da Inglaterra.

Eram a prova de que Isabel não estava sozinha. Que ela tinha um propósito. Que era mais do que a filha não desejada de um notório patife. Que não era a criança egoísta que a mãe a acusara de ser durante aquelas semanas finais.

E quando estava pensando nelas – na Casa de Minerva –, Isabel não pensava em todas as coisas que nunca tivera a chance de experimentar.

*Todas as coisas que teria merecido – e tido – se fosse filha de outro conde.*

Não.

– Não é um sacrifício continuar a Casa de Minerva – disse ela por fim, as palavras quase soando baixo demais para serem ouvidas ao vento. – Eu consertaria cem telhados para garantir que este ficasse firme em cima da cabeça das garotas.

Jane deu um sorriso torto.

– Preciso lembrá-la de que não está sozinha aqui? Nunca vou conseguir tirar o cheiro dessa porcaria de mim.

– Bem, então vamos feder juntas – respondeu Isabel, rindo.

– O seu lorde não vai gostar disso.

Isabel não se fez de desentendida.

– Ele não é meu lorde.

– Gwen e Lara pensam diferente.

Isabel franziu a testa.

– Gwen e Lara não sabem o que dizem. Não vou ser jogada para cima dele, Jane. É melhor você dizer isso a elas.

Jane riu, o som musical e alegre.

– Você acha que *eu* tenho mais influência do que aquela revista ridícula?

– Acho que deveria ter – retrucou Isabel, com um suspiro. – Ele só estará aqui por duas semanas. Só preciso manter as garotas longe do estatuário.

– E quanto a você, Srta. Ele-Não-É-Meu-Lorde?

Isabel ignorou a provocação de Jane, o lindo rosto de lorde Nicholas surgindo em sua mente. Viu o brilho dos dentes brancos dele contra a pele bronzeada, os lábios carnudos e macios se curvando em sorrisos ousados e promissores, os olhos azuis tentando-a a lhe contar tudo.

Ele era muito perigoso, sem dúvida.

– Vou fazer o mesmo: manter distância. Não deve ser tão difícil. Afinal de contas, eu tenho um telhado para consertar.

Ela mal havia acabado de falar quando uma voz masculina familiar soou em seus ouvidos:

– Eu devia ter adivinhado que a encontraria aqui.

O coração de Isabel deu um salto. Com os olhos em pânico, ela olhou para Jane, que imediatamente baixou a cabeça e se concentrou em sua tarefa, como faria qualquer boa criada.

Ela estava por conta própria. Sem alternativa, virou-se para lorde Nicholas, que surgia pela janela do sótão.

*Quem o deixara subir?*

Isabel observou-o dar um passo hesitante na direção dela com a enorme bota de cano alto e aterrissar precariamente em cima da telha.

Se ele não tomasse cuidado, ia danificar mais ainda o maldito telhado.

– Espere! – exclamou ela.

Nick obedeceu.

– Eu... – Isabel olhou para Jane, que balançou a cabeça de um

modo que indicava que ela não ajudaria de jeito nenhum, e então continuou: – Eu irei até o senhor, milorde!

Atrapalhando-se para ficar de pé, ela se apressou pelo telhado com o máximo de cuidado possível. Quando o alcançou, deu um sorriso animado demais.

Que ele não retribuiu.

– Milorde! O que o traz até aqui? Está precisando de alguma coisa?

– Não – respondeu ele, bem devagar, enquanto a olhava de cima a baixo, observando sua vestimenta.

Deus do Céu. Ela estava com roupas de homem. Nem um pouco adequado. *É claro que uma dama no telhado também não era exatamente adequado.* Mesmo assim, seus trajes eram um problema. E pular do telhado não parecia ser uma solução muito boa. Ela simplesmente teria que enfrentar.

Cruzou os braços por cima dos seios, ignorando o rubor que se espalhou por suas faces.

– Não esperava que fosse vir até aqui, lorde Nicholas – falou, mordaz.

– Percebi. Devo admitir que fico um pouco surpreso que apareça vestida assim na frente de seus criados – comentou ele, apontando para Jane, que continuou de cabeça baixa, colocando uma telha no lugar.

– Ah. – *Como ela ia escapar disso?* – Sim. Bem, Jan... – *Cuidado, Isabel.* – Janney está com a família há muitos anos. *Ele* conhece todas as minhas... excentricidades.

Então ela riu, retraindo-se com o som, alto e desconfortável.

– Entendi. – O tom dele indicava que, na verdade, não entendia.

– Vamos entrar? Aceita um pouco de chá? – falou ela rapidamente, como se o apressasse a sair do telhado, da casa e, sem dúvida, de Yorkshire.

– Não.

– Milorde?

– Eu gostaria de ver esse telhado que capturou tanto a sua atenção.

– Eu... Ah.

Estava imaginando coisas? Ou ele parecia *satisfeito* com o desconforto dela?

– Pode me mostrar os consertos, milady?

Ele definitivamente a estava provocando.

*Lorde Nicholas era um homem terrível. Nem um pouco digno de beijar.*

– Sem dúvida. – Isabel virou-se para Jane. Ela tinha que dar um jeito de mandá-la embora dali. – É o bastante por hoje, Janney. Pode ir.

Jane levantou-se de um pulo, dirigindo-se para a janela do sótão como se fosse uma salvação.

*O que, é claro, era mesmo.*

Mas, conforme ela passava por eles, St. John a deteve:

– Você devia proteger melhor a sua senhora.

Jane fez uma pausa, com a cabeça baixa, e assentiu.

– Vejo que entendeu o que eu quis dizer.

Isabel prendeu o fôlego por um momento, esperando que ele continuasse. Quando ele permaneceu calado, ela disse:

– É só, Janney.

E Jane atravessou rapidamente a janela, desaparecendo dentro do sótão.

Observando-a partir, Isabel considerou suas opções. Apesar de nunca ter recebido educação formal em comportamento, tinha quase certeza de que telhados não eram locais apropriados para conversas entre membros de sexos opostos.

– Não gosto da senhorita no telhado.

As palavras autoritárias, como se ela tivesse sido posta na terra por capricho dele, pegaram Isabel de surpresa. Ela olhou nos olhos

dele e sentiu a própria irritação se igualar à dele. *Parecia até que o tinha convidado a se juntar a ela ali em cima, pelo amor de Deus.*

– Bem, considerando-se que se trata do *meu* telhado e da *minha* pessoa, não vejo como minha localização impacta minimamente a *sua* vida.

– Se a senhorita caísse...

Ela levantou um pé, mostrando a ele sua sandália.

– Tenho uma passada excelente.

O olhar dele percorreu a perna inteira dela, passando pela coxa, descendo até a curva de sua panturrilha e continuando até o pé, e a avaliação a deixou instantaneamente nervosa. Ela baixou o pé com firmeza, o barulho das telhas pontuando o movimento. Uma de suas mãos se dirigiu, nervosa, para o cabelo, preso em um coque apertado.

– Acho que devemos entrar – disse Isabel.

Ele se moveu para sentar-se na cumeeira do telhado. Após inspecionar o trabalho que ela e Jane haviam executado, perguntou:

– Por que a senhorita me deixou no estatuário ontem?

Isso a pegou de surpresa.

– Milorde?

– *Deixar* não é bem a palavra, não é? *Fugir* parece mais adequada.

– Eu prefiro *escapar*, na verdade.

A franqueza dela surpreendeu a ambos. Ele inclinou a cabeça para o lado.

– Um golpe palpável, lady Isabel.

Ela corou, envergonhada por suas palavras, mas recusou-se a ceder.

– Não tenho todo o tempo do mundo para permanecer no estatuário com o senhor, lorde Nicholas. Tenho muitas outras coisas a fazer.

– Preciso lembrá-la de que foi a senhorita quem me pediu que

cuidasse das suas esculturas?

A cor nas faces dela se intensificou. Ele a estava chamando de mal-educada. *E não estava inteiramente errado.*

– Não, não precisa. Estou muito grata por sua ajuda, milorde.

Nick estreitou os olhos para ela.

– Fico feliz em ajudá-la, mas a senhorita precisa admitir que nosso tempo juntos tem sido um tanto... heterodoxo.

Ela deu um sorriso torto.

– Suponho que o local em que nos encontramos agora não faça nada para remediar isso.

– Nem suas roupas, lady Isabel. – Ele retribuiu o sorriso dela antes de perguntar de novo: – Por que fugiu do estatuário?

– Eu... eu não tinha opção.

Ela pensou que ele iria pressioná-la, mas algo em seu tom deteve o interrogatório.

Houve um longo silêncio antes de ele mudar de tática:

– Acho que devia me dizer por que está consertando o telhado.

Ela deu levemente de ombros.

– Eu já lhe disse, milorde. Ele tem alguns buracos que tornam a vida bastante desagradável quando chove. E, como estamos na Grã-Bretanha, chove bastante.

Nick passou um braço comprido pelo joelho dobrado e olhou para as terras, ignorando o tom da voz dela.

– A senhorita finge não me entender. Vejo que não tenho opção a não ser usar minha única moeda de troca. – Ele suspirou e então recitou: – Hedonê, a filha de Eros e Psiquê, é feita de mármore rosa de Mergozzo, uma área nos Alpes conhecida por essa rocha.

– Aquela estátua não é rosa. E não é italiana.

Nick a encarou, e ela se perdeu no azul cintilante de seus olhos antes de perceber a contração no músculo de sua bochecha. Ficou imaginando o que significaria aquele movimento.

– A estátua é feita de *mármore* rosa de Mergozzo – repetiu ele,

devagar, como se ela fosse estúpida. – Mármore rosa nem sempre é rosa. E a peça é romana. Hedonê é uma deusa romana.

Isabel sabia o que ele estava fazendo: forçando-a a responder à pergunta dele sobre o telhado dando-lhe informações sobre a estátua.

Se ele estivesse certo, ela estaria sem defesa.

– O senhor deve estar enganado – falou Isabel, sem se preocupar com o insulto que as palavras transmitiam.

– Eu lhe asseguro, não estou enganado. Hedonê é quase sempre retratada envolta em rosas. Como se isso não fosse o suficiente, o rosto dela confirma sua identidade.

– Não é possível reconhecer uma deusa a partir de um rosto esculpido em mármore – escarneceu Isabel.

– É possível reconhecer Hedonê por seu rosto.

– Eu nunca sequer ouvi falar dessa deusa, e o senhor sabe como ela é?

– Ela é a deusa do prazer sensual.

Isabel ficou boquiaberta ante as palavras. Não conseguia pensar em resposta possível.

– Ah.

– O rosto dela reflete isso. Prazer, enlevo, paixão, êxta...

– Sim, entendo – interrompeu Isabel, percebendo o divertimento nos olhos dele. – O senhor está se divertindo, não é?

– Imensamente.

Ele então deu um grande sorriso, e ela teve que se conter para não sorrir de volta. Fechou a cara para Nick, e ele riu. O som foi mais agradável do que ela estava disposta a admitir.

– Vamos, lady Isabel, sente-se comigo e conte-me histórias de um telhado de mansão necessitando de reparos.

Ela não conseguiu resistir. Fez o que ele havia pedido.

Depois que estava sentada, Nick não olhou para ela. Ficou, em

vez disso, encarando o jardim da casa. Após um longo silêncio, perguntou baixinho:

– Por que a senhorita está consertando o telhado? E sem ninguém além do mordomo para lhe ajudar?

Ela respirou fundo, o vento quente de verão rodopiando livremente em volta deles, sem árvores ou edificações para contê-lo. Sentindo a umidade no ar que sinalizava a iminente tempestade de verão, Isabel experimentou uma pontada de pesar pelo fato de as nuvens não terem aparecido ainda, dando-lhe um motivo para fugir da pergunta dele. Só restava dizer a verdade.

– Não tenho como pagar um telhador – falou simplesmente, olhando para baixo e espanando a poeira imaginária de uma das telhas marrons embaixo deles. – Não tenho dinheiro para contratar um homem com essa habilidade. Não tenho um homem em quem possa confiar a não ser... Janney.

– E os lacaios?

*Bem, para começar, milorde, eles são lacaios.*

– Estão ocupados com as próprias tarefas – explicou Isabel, dando de ombros quase imperceptivelmente. – Posso aprender a consertar um telhado tão bem quanto qualquer um.

Nick ficou calado por um momento, até ela enfim o fitar e ver a compreensão em seus olhos. Aquela revista tola estava certa. Eles eram de um lindo e perturbador tom de azul.

– Só que a maioria das damas na sua posição *não* aprende a consertar telhados tão bem quanto qualquer um.

Ela sorriu, envergonhada.

– Isso é verdade. Mas a maioria das damas na minha posição não faz muitas das coisas que eu faço.

Ele a avaliou, e ela pensou ter visto admiração em seu olhar.

– Nisso eu acredito. – Ele balançou a cabeça. – Sem dúvida não há outra filha de conde no reino com o seu destemor.

Ela desviou o olhar para as terras. *Destemor, não. Desespero.*

– Bem, acho que se existisse outro conde como meu pai poderia haver outra filha de conde como eu. O senhor pode agradecer a qualquer um dos deuses no estatuário por terem quebrado a fôrma do Conde Perdulário.

– A senhorita sabia, então, das atividades de seu pai.

– Não conheço os detalhes, mas, mesmo enfiada em Yorkshire, uma criança escuta coisas.

– Sinto muito.

Ela balançou a cabeça.

– Não sinta. Ele se foi há sete anos. James mal o conheceu, e eu não o via desde que foi embora.

– Sinto ainda mais por isso. Sei o que é perder um dos pais para algo menor do que a morte.

Ela olhou nos olhos dele ao ouvir isso. Viu que ele estava sendo sincero. Imaginou, por um instante, qual seria a história por trás daquilo.

– A perda do meu pai não foi exatamente uma grande perda. Sem dúvida ficamos em situação melhor sem ele – disse Isabel.

Nick a observou com atenção por um tempo, até ela ficar desconfortável e voltar sua atenção para o céu, que escurecia.

– Não vou negar que 1 ou 2 xelins teriam sido úteis – acrescentou ela.

– Ele não lhes deixou nada?

Isabel se fechou diante da pergunta. Estava disposta a admitir suas dificuldades financeiras, mas não a discuti-las. Não aceitaria a piedade dele. Ele parecia ser o tipo de homem que pressionaria para saber mais. Que iria querer ajudar.

E ela não podia se dar ao luxo de permitir que ele entrasse em sua vida.

Traçou a curva de uma telha, sentindo a dor em seus ombros. A pontada de preocupação que sumira durante os últimos momentos

voltou. Houvera um breve instante durante o qual ela dividira seu fardo – quando parecera bom e certo.

No entanto, aquele não era um fardo a ser partilhado. Pertencia apenas a ela. Havia sido assim desde o dia em que seu pai fora embora, quando Isabel assumira a responsabilidade pela propriedade e pelas pessoas dentro dela. Fizera o melhor que podia sem ajuda, independentemente da frequência com que tivesse pedido. E então aprendera sua lição – que um lugar empobrecido, com uma casa cheia de desajustados, não era algo de que cavalheiros aristocratas queriam fazer parte.

Sobretudo lordes ricos e bem-sucedidos que por acaso estavam passando por Yorkshire.

– A coleção vale muito dinheiro, Isabel.

Ela levou vários segundos para compreender o significado das palavras dele, tão desconectadas dos seus pensamentos.

– Vale?

– Sem dúvida.

– O suficiente para... – Ela parou.

Havia tantas formas de terminar a frase... formas de mais. O suficiente para comprar uma casa? Para cuidar das meninas? Para mandar James para a escola? Para resgatar o nome dos Townsend depois de anos de devassidão o terem destruído?

Ela não podia dizer nenhuma dessas coisas, é claro, sem revelar seus segredos. Então não falou nada.

– O suficiente para consertar o telhado e muito mais – disse Nick.

Ela exalou, seu alívio quase insuportável.

– Graças a Deus.

O sussurro mal se ouviu, perdido em um violento estrondo de trovão que fez um choque percorrer o corpo dela, empurrando-a mais para perto de Nick, ali no pico de Townsend Park. Sentindo o coração dele tão próximo ao seu, Isabel se virou para encará-lo. Ele

a fitava com uma mistura inebriante de perigo, curiosidade e observação no olhar. Foi a última coisa que fez sua pulsação disparar, como se ele pudesse ser capaz de enxergar bem no fundo dela e descobrir tudo o que Isabel vinha escondendo havia tanto tempo.

*Talvez isso não fosse tão terrível.*

Ela sabia que era um sinal de fraqueza, mas não conseguia desviar seu olhar. Os olhos dele eram tão azuis, a compreensão neles, tão tentadora... Quase o suficiente para fazê-la se esquecer de todas as regras.

Mas Isabel não teve a chance de cair na tentação.

Em vez disso, o céu se abriu e o universo interveio.

## SETE



**N**os verões de Yorkshire, a chuva não costumava ser leve. Em geral, caía com muita violência, como se o país inteiro tivesse feito algo para merecê-la. No caso daquela tarde em particular, entretanto, Nick sabia exatamente quem atraía a ira dos céus sobre eles.

Ele mesmo.

Quando, como um absoluto cafajeste, considerara beijar lady Isabel Townsend no telhado, logo depois de sua confissão um tanto crua de pobreza.

Ela o havia encarado com aqueles enormes olhos castanhos, e ele soubera que o deixaria beijá-la, mas por nenhum motivo além de sua óbvia gratidão.

E gratidão não era um motivo viável para se conectar a alguém no alto do telhado.

Então, quando o céu se abriu acima deles, para cada parte dele que queria gritar sua frustração, havia uma parte que agradecia pela interrupção. Até os raios brilharem, perversos e esverdeados, e ele perceber que, se permanecessem ali em cima, não só ficariam ensopados como também seriam, muito provavelmente, mortos.

O pensamento o impulsionou à ação, e ele passou um braço em volta dos ombros de Isabel, guiando-a pela tempestade na direção da janela do sótão. Assim que alcançaram a entrada, ela se virou, passou por baixo do braço dele com uma velocidade incrível e se

dirigiu para o outro lado do telhado, até o local onde estivera trabalhando mais cedo.

– Nossa pasta de calefação!

Entre as telhas molhadas, a chuva torrencial e o risco real de serem atingidos por um raio, o resto da paciência dele evaporou.

– Isabel! – gritou Nick.

O nome dela atravessou o telhado, tão agourento quanto os trovões que soavam em volta deles, e ela estacou. Então se voltou para ele, os olhos arregalados e inseguros.

– Deixe isso aí! – disse ele.

– Não posso! – Ela balançou a cabeça e virou de costas, mais uma vez, descendo a rampa do telhado, suas palavras chegando até ele através do vento que fustigava seu rosto. – Levamos horas fazendo isso!

– Pode e vai! – ordenou ele.

Ela olhou por cima do ombro, os olhos faiscando.

– O senhor não é responsável por mim, milorde.

Ela não verificou onde estava pisando enquanto continuava seu caminho.

O que foi um erro.

Sua sandália deslocou uma telha de barro solta, fazendo-a deslizar pelo telhado inclinado e cair pela beirada. O movimento prejudicou o equilíbrio de Isabel e Nick viu o pânico em seus olhos quando ela começou a cair. Ele foi imediatamente em sua direção.

Ela esticou o braço para se segurar, mas a força do impacto deslocou mais telhas, que se despedaçavam no chão lá embaixo. Isabel então começou a se arrastar, desesperada de medo, o movimento servindo apenas para aumentar sua instabilidade.

Em um instante Nick estava lá, agarrando a mão dela em uma pegada firme e livrando-a da queda. Ele não falou nada quando os olhos dos dois se encontraram, a raiva no rosto dele espantando o desespero no dela.

Nick continuou em silêncio enquanto Isabel se firmava e recuperava o equilíbrio, aceitando a ajuda dele. Ela respirou fundo para acalmar a pulsação acelerada.

Mesmo ao levantá-la nos braços e carregá-la pelos vários metros até a janela do sótão, ele permaneceu calado.

Somente quando a colocou no chão na entrada aberta foi que ele falou, dispensando o tratamento formal:

– Posso não ser seu responsável, Isabel, mas se você não tem condições de se responsabilizar pela própria segurança, alguém tem que fazê-lo por você. – Apontou para a janela do sótão. – Para dentro. Agora.

Fosse em razão do tom dele, ou da chuva, ou por algum senso inato de autopreservação, ela obedeceu. Milagrosamente.

Nick observou enquanto ela entrava, assegurou-se de que ela estava a salvo lá dentro e voltou para pegar a maldita pasta de calefação à qual ela dava tanto valor.

Com o balde na mão, ele lançou um olhar pelas terras até o estábulo, onde o garoto que havia encontrado mais cedo fechava a porta, usando todo o seu peso para fazer isso. O jovem então correu na direção do solar, com o vento e a chuva crispando seu rosto. Quando ele abaixou a cabeça para se proteger, seu chapéu voou, soltando o cabelo ao vento.

O cabelo muito comprido.

Nick enrijeceu, observando enquanto o cavaleiro se virava para pegar o chapéu que rolava pelo chão. Seu cabelo voava para trás em longas madeixas ruivas, imediatamente ensopado pela chuva. E, quando o garoto se virou de frente para a casa mais uma vez, não houve dúvidas sobre qual era o segredo de Townsend Park.

Nick repassou os criados em sua mente: o cavaleiro, o mordomo efeminado, a coleção variada de lacaios pequenos e únicos.

Isabel tinha uma casa cheia de mulheres.

Era por isso que estava no telhado, quase se matando para

consertá-lo.

*Porque não tinha mais ninguém para fazê-lo por ela.*

Nick praguejou asperamente diante do pensamento, a palavra se perdendo no uivo do vento que chicoteava a beirada do telhado. Com ou sem uma casa cheia de mulheres, não havia desculpa para o total e absoluto descuido dela. Isabel devia ficar trancada em um quarto pelo bem da sanidade. Da sanidade *dele*.

Trovões explodiam muito acima de Nick, forçando-o a voltar à entrada do sótão. Lá dentro, Isabel o espiava, a água da chuva escorrendo por seu rosto. Ele empurrou o balde para ela, que o pegou e se afastou da janela enquanto ele entrava também.

Nick levou um tempo para conseguir fechar a janela atrás de si, aferrolhando-a contra a tempestade que martelava o vidro.

Depois, virou-se para ela, ensopado até os ossos e nem um pouco feliz.

Isabel colocou cuidadosamente o balde no chão, então hesitou por um instante e falou em um sussurro agitado:

– Eu teria ficado muito bem...

Frustrado, ele enfiou as duas mãos no cabelo molhado, e o movimento deteve as palavras dela. Graças a Deus. Porque ele bem poderia tê-la estrangulado se ela tivesse continuado.

Lady Isabel era a mulher mais irritante que ele já conhecera. Era um perigo para si mesma e para os outros. Ela podia ter feito os dois morrerem, pelo amor de Deus.

Nick estava farto.

– Você não vai para o telhado de novo – disparou ele.

As palavras foram ditas em voz baixa, mas em um tom que já havia paralisado assassinos no ato.

E, sobre Isabel, pareceram ter um efeito apenas exasperador.

– O que disse?

– Evidentemente, todos esses anos presa em Yorkshire com a

administração da propriedade não lhe ensinaram a ter um pingo de bom senso. Você vai ficar longe do telhado de agora em diante.

– De todas as coisas autoritárias, condescendentes e arrogantes...

– Pode chamar do que quiser. Eu chamo de garantir a sua segurança. E a segurança daqueles à sua volta. – Ele fez uma pausa breve, sufocando o ímpeto de sacudi-la. – Passou pela sua cabeça que eu poderia ter morrido junto com você?

– Eu não pedi para ser salva, lorde Nicholas – retrucou ela, o tom de voz subindo.

– É, bem, considerando que eu salvei a sua vida duas vezes nesses dois dias desde que a conheci, devo sugerir que peça da próxima vez.

Isabel se aprumou o máximo que pôde e disparou, aparentemente sem se preocupar com o fato de que qualquer um perto da entrada do sótão poderia ouvi-los:

– Eu estava bastante segura no telhado até *o senhor* chegar! E será que considerou a ideia de que eu só estava *em cima* do telhado porque estava me *escondendo* do senhor?

A confissão saiu antes que ela pudesse impedir, surpreendendo a ambos.

– Escondendo-se de *mim*?

Em vez de responder, ela bufou e desviou o olhar.

– *Você* me convidou a vir aqui!

– Bem, basta dizer que estou começando a me arrepender disso – resmungou ela.

– Por que você estava se escondendo de mim?

– Pensei que isso estivesse bastante claro. – Como Nicholas não respondeu, ela continuou, ansiosa para preencher o silêncio: – Fiquei surpresa com o... momento que tivemos no estatuário. Eu não esperava...

Ele seguiu os movimentos nervosos das mãos dela, que primeiro

alisou a calça, depois cruzou os braços, fazendo a cambraia branca da camisa se esticar por cima de seus seios, torturando-o com sua forma – com seus adoráveis picos sombreados. Nick, de súbito, tornou-se consciente de sua localização no sótão escuro, a chuva que caía do lado de fora abafando todos os sons, o espaço pequeno e aconchegante se fechando em volta deles. Era o lugar perfeito para um encontro clandestino.

Isabel respirou fundo, olhando para o teto por um longo momento. Uma gota de chuva escorreu lentamente por seu pescoço; Nick a observou enquanto ela descia pelo declive do seio dela e desaparecia pelo colarinho de sua camisa.

Ele estava quase sentindo inveja daquela gotícula de água. Yorkshire obviamente fazia mal à sanidade de um homem.

– Eu não esperava ficar tão... – disse Isabel, fazendo mais uma tentativa, olhando nos olhos dele antes de suas palavras sumirem.

Nick deu um passo mais para perto. Estavam a poucos centímetros um do outro. Ele sabia que não devia pressioná-la, mas não conseguiu se conter.

– Tão...?

Ela suspirou, resignada.

– Tão... atraída por você.

Mais um passo.

– Você está atraída por mim?

Ele nunca vira uma dama admitir tal coisa. Havia algo avassalador na honestidade de sua confissão.

Isabel então deu um passo para trás e ele observou a vergonha inundar as bochechas dela, feroz e vermelha.

– Tenho certeza de que é só uma fase passageira – emendou, as palavras saindo apressadas. – Acho que é melhor você ir embora. Encontrarei outra maneira de vender a coleção.

O nervosismo dela era inebriante.

Nick esticou a mão, as pontas de seus dedos roçando a pele

macia da têmpora dela, contendo o fluxo de palavras. Afastou de seu rosto uma mecha comprida e molhada, prendendo-a atrás da orelha, antes de passar o dorso da mão em sua face.

Os olhos de Isabel se arregalaram com o toque, e ele sorriu brevemente ante a surpresa dela. Tomou seu rosto entre as duas mãos e inclinou-o para cima, permitindo enxergá-lo melhor no espaço silencioso e mal iluminado.

*Não devia beijá-la. Ele sabia disso.*

No entanto, ela era diferente de qualquer mulher que já havia conhecido – e ele queria descobrir seus segredos. Mais do que isso: ele a queria.

Colou seus lábios aos dela e, no instante seguinte, ela era dele.



Como em nada que se referisse a ele, também não havia nenhuma hesitação nos beijos de Nicholas St. John. Em um momento, Isabel estava lutando contra uma série de emoções estranhas e perturbadoras relativas à arrogância daquele homem, e no momento seguinte ele havia tomado sua boca em um beijo ardente, roubando seu ar, seus pensamentos e sua sanidade.

Ela ficou paralisada por um momento, saboreando a sensação dos lábios dele nos seus, daquelas mãos segurando seu rosto, do dorso dos dedos descendo por seu pescoço, e os polegares que acariciavam a pele de suas faces, fazendo-a arder em chamas. Ele a segurou firme contra si, a boca brincando com a dela, despertando-lhe ondas de prazer. Então a carícia ficou mais suave. Ele afastou os lábios até mal estarem tocando os dela e lambeu-lhe o lábio inferior, a língua quente contra a pele macia de Isabel, que arfou com aquela sensação tão estranha, tão pecaminosa.

*Tão magnífica.*

Ele capturou sua boca mais uma vez, acariciando-a até que se abrisse para ele, insegura. Isabel não sabia bem o que fazer – tinha medo de tocá-lo, de se mexer, de fazer qualquer coisa que pudesse interromper as carícias e o prazer que elas traziam.

Nick pareceu ler os pensamentos dela e deslizou suavemente os lábios pela face até chegar à orelha de Isabel, que sentiu um arrepio de prazer por todo o corpo quando ele segurou de leve o lóbulo entre os dentes.

– Toque em mim, Isabel.

Era por isso que as mulheres ficavam bobas pelos homens. Aquela mistura embriagante de poder... e impotência.

Isabel não devia tocá-lo. Sabia disso. Mas as palavras, combinadas com a carícia sensual na curva de sua orelha, a despertaram de seu torpor, e ela deslizou as mãos pelo peito dele, até chegar aos ombros. O movimento o incentivou e ele passou os braços em volta dela, puxando-a mais para perto de sua firmeza, de seu calor. Então ele se afastou só um pouco, olhou em seus olhos semicerrados como se para confirmar que ela queria aquilo tanto quanto ele, e tomou sua boca mais uma vez.

Isabel foi invadida pela sensação da língua de Nick, a pressão de seu corpo, seu cheiro. Retribuiu as carícias, devolvendo o beijo com uma paixão inocente que só o encorajava. Entrelaçou os dedos no cabelo úmido dele e ficou na ponta dos pés para alcançar mais facilmente sua boca. Ele a deixou explorar, aumentando a intensidade do beijo e então recuando para permitir que ela tomasse a liderança. Isabel passou hesitantemente a ponta da língua por cima do lábio inferior carnudo dele, e o gemido que ele deixou escapar lhe deu uma satisfação diferente de tudo o que ela já sentira.

Ele interrompeu o beijo, recuperando o controle, e passou os lábios pelo pescoço dela, sentindo profundamente o cheiro da região que o ligava ao ombro. Então mordiscou de leve a pele, despertando

outra onda de prazer que percorreu todo o corpo dela. Isabel suspirou e sentiu um sorriso dele se formar contra sua pele, um gesto que ela nem precisava ver para saber que era cheio de promessa maliciosa.

Nick levantou a cabeça, os olhos azuis ofuscados pelo ardor do momento. Sua boca se abriu ligeiramente, deixando-a hipnotizada enquanto aguardava a próxima ação dele.

– Isabel?

Seu nome soou estranho a seus ouvidos e, por um breve instante, ela não teve certeza de onde tinha vindo. Estava concentrada demais no fato de que Nick a havia soltado e se afastado. De repente, ela sentiu frio, a ausência do calor dele, uma intensa perda. Levou uma das mãos aos lábios, como se para confirmar que ela e Nick haviam mesmo estado enlaçados apenas alguns segundos antes.

– Isabel!

Na segunda vez em que James chamou seu nome, a percepção desabou em volta dela. Ela se tornou totalmente consciente de onde estava, de sua situação, de suas *ações*, e foi tomada pelo desespero de fugir pela janela de volta para o telhado. E permanecer lá por algum tempo.

Pelo menos até lorde Nicholas ir embora.

Em vez disso, ela o fitou com os olhos arregalados e sussurrou:

– É o meu irmão.

– Eu já tinha percebido isso – falou Nick secamente. – Não acha que deveria responder?

– Eu... – Ele tinha razão, é claro. – James! – gritou ela, correndo para perto da escada. – Estou aqui em cima!

– Izzy! Kate está procurando você!

A menção ao cavaliço-chefe – que era do gênero oposto ao que se esperava de um cavaliço-chefe – deixou Isabel tensa. Ela olhou de volta para Nick, profundamente consciente de tudo o que acabara

de acontecer entre eles e dos segredos que ela não tinha opção a não ser esconder.

Tudo acabara de ficar muito mais complicado.

Sem saber bem o que dizer, ou como se terminava um encontro como aquele, Isabel falou a primeira coisa que lhe veio à cabeça – a única que tornaria sua situação mais fácil.

– Você tem que ir embora.

– E como sugere que eu faça isso? Pelo telhado?

Ela respirou fundo, desesperada para recuperar um pouco da calma de que tinha tanto orgulho.

– É claro que não. Pode usar a porta da frente.

– Que gesto nobre de sua parte – retrucou ele, e ela ignorou a provocação, começando a descer a escada.

Não chegara nem ao segundo degrau, e as palavras dele a detiveram:

– Você não pode descer com a aparência que está.

Ela descartou as palavras dele com um gesto.

– Eles todos já me viram vestida de homem. Não vai haver problema.

– Não estou me referindo às suas roupas, Isabel.

Ela se virou ao ouvir isso, fitando os olhos azuis cintilantes que pareciam ver tanto. *Ver tudo.*

– O que é, então?

– A sua aparência como um todo.

Ela levou uma das mãos aos cabelos em um gesto nervoso.

– Como assim? Como estou?

– Como alguém que foi intensamente beijada.

Ela corou, o calor subindo rápido por suas faces. Pressionou a mão contra o rosto, forçando-se a se afastar, então se aprumou e, em seu tom mais frio, disse:

– Você tem que ir embora. Imediatamente.

Com isso, ela correu escada abaixo para lidar com qualquer que

fosse o novo desafio a se impor em sua vida.



– Como assim, “eles não podem ir embora”?!

Kate espremeu o longo cabelo molhado e apoiou-se na porta da baia de um dos dois cavalos remanescentes no estábulo de Townsend Park.

– Exatamente o que eu disse. Eles não podem ir embora. A chuva alagou a estrada. Não há como chegar à cidade.

– Eles não têm escolha! Têm que ir embora!

Kate franziu a testa diante do guincho agudo de Isabel.

– Isabel. Não sei bem o que você quer que eu faça a respeito. Não posso comandar o clima.

– Só vamos ter que manter as meninas escondidas – falou Jane, sempre prática, de seu lugar perto da porta do estábulo. – Já fizemos isso antes.

Isabel virou-se de costas em um ataque de frustração, levando as mãos fechadas à testa e respirando fundo várias vezes.

Ao se voltar de novo para as duas, encarou-as com um olhar severo.

– Lorde Nicholas não é bobo. Ele logo vai perceber que algo a respeito de Townsend Park não é o que parece ser. O amigo dele também. Eles vão notar a falta de homens.

– Não se estiverem ocupados demais notando a falta de criados – observou Gwen, deslizando um dedo pela curva de uma sela passada por cima da porta de uma baia vazia. – Eles não viram muitas de nós. Podemos só esconder as garotas e... bem, esperar o melhor.

Ela pontuou a frase com um grande sorriso que não reconfortou Isabel nem um pouco.

– Sete anos protegendo vocês, garotas, e a Casa de Minerva, e a sua sugestão é “esperar o melhor”?

Gwen assentiu alegremente, e Isabel estreitou os olhos, desconfiada.

– Por que está tão animada?

Gwen abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Kate começou a tossir fortemente – em um claro fingimento – e Gwen a fechou. Ela balançou a cabeça e desviou o olhar. Jane foi acariciar o focinho do cavalo mais próximo a ela, Lara parecia hipnotizada por suas luvas de pelica e Kate observava o teto do estábulo.

*Havia algo errado.*

Isabel olhou de uma para outra.

– O que foi? – Como ninguém respondeu, ela insistiu: – Vocês quatro nunca foram capazes de esconder algo de mim. O que foi?

Gwen não conseguiu mais se conter:

– Só que o universo está parecendo apoiar o nosso plano.

– Gwen... – falou Jane, em tom de advertência.

– O plano de vocês?

– Isso – disse a cozinheira, olhando para Lara em busca de apoio. – Sabe, a *Pérolas e Peliças*...

– É claro – falou Isabel. – Eu devia saber que isso teria a ver com aquela revista ridícula.

– A *Pérolas e Peliças* – repetiu Gwen enfaticamente – nos diz que a melhor maneira de garantir o interesse de um lorde é mantê-lo por perto! E que maneira melhor de fazer isso do que uma tempestade que parece que não vai diminuir tão cedo? Ora, não precisamos nem inventar um motivo para mantê-la nos pensamentos dele! A natureza fez isso por nós!

Isabel ergueu as sobrancelhas na hora.

– Você presume que eu queira garantir o interesse dele! A única coisa pela qual eu quero que ele se interesse é o estatuário! –

Dirigindo-se a Kate, ela acrescentou: – Não há mesmo nenhuma chance de fazê-los voltar a Dunscroft?

Kate balançou a cabeça.

– Absolutamente nenhuma. Acho que a estrada estará transitável pela manhã, presumindo que a chuva pare em algum momento durante a noite, mas eu não sairia a cavalo nesse tempo. Ainda mais não conhecendo a região.

– Imagino que esteja me dizendo a verdade e não inventando essa história para incentivar a maluquice da Gwen.

Kate olhou para Isabel como se ela tivesse duas cabeças.

– Acha realmente que eu apoiaria qualquer coisa relacionada àquela revista?

Isabel jogou as mãos para cima e olhou para Lara.

– O que eu devo fazer?

– Vamos ter que esperar a bonança que virá depois da tempestade – respondeu ela.

– Não haverá bonança depois dessa tempestade, Lara. Só uma estrada alagada e um homem observador demais.

– Bobagem! – exclamou Lara. – Isabel, isso significa que lorde Nicholas vai ter mais tempo para trabalhar no estatuário! Talvez a chuva até acelere o processo!

Isabel duvidava disso.

– E você se esquece da parte mais importante – acrescentou Jane.

– E qual é?

– Enquanto a estrada estiver alagada, estaremos livres do visconde de Densmore.

Isabel considerou as palavras. Jane tinha razão. Não havia muitas coisas piores do que lorde Nicholas estar preso em Townsend Park, mas a chegada de Densmore era uma delas.

– Talvez lorde Nicholas possa nos fornecer informações sobre o visconde – sugeriu Gwen, em um sussurro que ecoou pelo estábulo.

– Eu preferiria que ele não soubesse mais nada sobre nossos problemas – retrucou Isabel. – Estarmos presas aqui com ele por uma noite inteira já é ruim o bastante.

*E particularmente ruim para ela.*

– Eles parecem ser homens bons – disse Lara, chamando a atenção do resto do grupo.

– Parecem? – perguntou Gwen.

– Bem, não passei nenhum tempo com lorde Nicholas – desconversou Lara –, mas o Sr. Durukhan parece... encantador.

– Encantador – repetiu Kate.

– Sim. Encantador. Bem, gentil. Gentil o suficiente, pelo menos.

Todas estudaram Lara por um momento, até ela se virar para cuidar de um dos cavalos grandes que haviam chegado com os visitantes da casa. O movimento a denunciou, e as outras mulheres se entreolharam, cada uma confirmando as suspeitas das outras.

– Lara, o gigante chamou sua atenção? – provocou Isabel, feliz por poder se distrair dos próprios problemas.

Ela olhou de volta para as outras, os olhos arregalados.

– Eu não falei isso!

– Não precisou – retrucou Kate. – Está bastante claro pelo vermelho nas suas bochechas.

Estava mesmo. Isabel observou enquanto Lara abria a boca e então a fechava, e no mesmo instante entendeu o conflito da prima. Ela sabia exatamente como era se sentir tão atraída por um homem que só conhecera um dia antes.

– Eu ouvi lorde Nicholas chamá-lo de Rock ontem – disse Kate. – “Rocha” parece um nome apropriado para uma criatura tão grande.

Lara pensou por algum tempo antes de responder:

– Ele tem olhos bondosos.

Isabel sorriu com a descrição do turco enorme, imaginando quanto tempo se passaria até que seus convidados tivessem enfeitado cada uma das mulheres na casa. Afinal de contas, eles

não eram o tipo de homem aos quais as residentes da Casa de Minerva estavam acostumadas. Eram encantadores, lindos e inteligentes...

*E beijavam muito bem.*

Não. Ela não ia pensar nas qualidades do sujeito. Para manter qualquer aparência de sanidade enquanto ele estivesse em sua casa, arriscando tudo por que batalhara, ela devia se lembrar da arrogância avassaladora dele, dos desafios impertinentes, do comportamento inaceitável no sótão.

*É claro, ela não tivera nenhuma dificuldade em aceitá-lo na hora.*

Suas experiências com homens eram escassas: tirando os comerciantes da cidade e o vigário, havia poucos motivos para Isabel interagir com o sexo oposto – sobretudo londrinos solteiros e desejáveis com ombros largos, braços de aço e olhos azuis como o céu.

*Não.*

Isabel passara a vida evitando homens ricos, charmosos e conquistadores que atraíam a atenção de todas as mulheres com suas gravatas perfeitamente arrumadas e seus sorrisos rápidos e fáceis. Homens que se deleitavam em roubar a felicidade dos outros.

Homens como seu pai.

Homens que acabavam arruinando tudo. Que escarneciam do casamento, que transformavam mulheres sonhadoras e apaixonadas em seres desesperados e sem amor-próprio que faziam qualquer coisa para descobrir por que foram abandonadas pelo marido.

E então lorde Nicholas St. John chegara, com seu rosto lindo e sua arrogância autoritária, e Isabel esperara que ele fosse um desses homens. Mas, em vez disso, ele concordara em ajudá-la, pusera-se em perigo para garantir a segurança dela, prometera-lhe que seus problemas podiam ser superados – tudo isso em apenas algumas horas.

Não era de estranhar que ele a tivesse deixado tão nervosa. Não

havia nada de normal a respeito daquele homem. Nada que sequer se aproximasse do que Isabel entendia como *normal*.

Agora ele estava preso em sua casa. Um convidado. Em meio a mais de vinte mulheres escondidas dos incontáveis males que poderiam atingi-las.

E, para piorar a situação, ele a havia beijado.

Não que ela o tivesse impedido. Ou mesmo pensado em fazer isso.

Durante anos Isabel havia sonhado com seu primeiro beijo. Ela o imaginara em inúmeros lugares – com incontáveis homens sem rosto e sem nome, cada um deles um herói –, como parte de juras de amor, pedidos de casamento e outras fantasias que acometiam todas as garotas jovens e inocentes.

E o tempo todo ela sabia que não havia sentido em sonhar com isso, porque heróis não existiam e a ideia de que o amor completava as mulheres não era verdadeira. Sem dúvida, em sua experiência, o amor apenas diminuía as mulheres, deixando-as tristes, desoladas e fracas.

Isabel não queria isso.

E, ainda assim, nos braços de lorde Nicholas, ela vislumbrava aquela promessa efêmera – aquela tentação – que vinha com a atenção dele. Naquele momento, ela fora simplesmente uma garota de novo, sonhando com o primeiro beijo.

Nunca imaginara, porém, que seria com um quase estranho, no sótão empoeirado da casa de seus ancestrais, depois de quase cair de um telhado.

Para ser justa, ela também não havia imaginado que seria tão maravilhoso.

Nem que seria com um homem tão... bem... másculo.

Ela deu um pequeno suspiro, chamando a atenção das outras. Jane estreitou os olhos para ela.

– Isabel? Há algo que queira compartilhar?

Isabel baixou os olhos e fingiu que ajeitava as bainhas da calça ensopada de chuva.

– Não, por que haveria?

– O que aconteceu depois que eu a deixei no telhado com lorde Nicholas?

– Você ficou *sozinha* com ele? Que maravilha! A *Pérolas e Pelijas* diz que você tem que permanecer na mente dele... e à vista! – exclamou Gwen, ainda mais entusiasmada.

Isabel deu um meio sorriso.

– É, bem, já que prendemos o pobre homem aqui, acho que estarei mais do que presente em sua mente e à sua vista. O que quer que isso signifique.

– De um jeito ou de outro, deixá-los sozinhos no telhado foi uma ideia genial, Jane! Bom trabalho!

Jane revirou os olhos.

– Não foi inteiramente ideia minha. Se eu tivesse ficado, acho que ele poderia perceber que não sou um homem. Só escapei porque ele quase não conseguia tirar os olhos de Isabel.

Isabel levantou a cabeça no mesmo instante para encarar Jane.

– Isso não é verdade!

*Seria?*

– Tem certeza? – perguntou Kate. – Isso explicaria por que ele reagiu de forma tão estranha quando viu você no telhado ontem.

– Eu também percebi, ontem, no estatuário– intrometeu-se Lara, tendo aparentemente superado seu desconforto com o interrogatório anterior. – Ele está fascinado por ela.

– Não está, não!

Ela não era nem um pouco fascinante. *Ou era?*

– O que aconteceu depois que eu saí do telhado? – tornou a perguntar Jane, seu tom enganosamente casual.

– Nada. Começou a chover e nós entramos – disse Isabel, e então mordeu a língua.

Talvez as outras não percebessem o nervosismo em suas palavras, que tinham saído rápido demais.

Mas elas perceberam. Havia quatro pares de olhos fixos em Isabel agora com tanta atenção que ela teve que lembrar a si mesma que beijos não deixam marcas.

– Nós estávamos molhados.

Os olhos de Kate se estreitaram.

– Estavam?

– E depois? – perguntou Gwen, afobada.

A atenção delas era desconcertante. Isabel olhou para cima e falou para o teto, frustrada, a voz mais aguda do que o normal:

– E depois nada! James me chamou e disse que Kate precisava de mim. Então eu saí correndo do sótão, porque fiquei morrendo de medo de ele fazer alguma referência ao estábulo ou a qualquer outra coisa que revelasse que a casa é habitada por um monte de *quase-criados* que só *parecem* ser homens!

Um silêncio pesado caiu entre elas, e Isabel encarou as mulheres, todas de olhos arregalados, focados em um ponto atrás de seu ombro esquerdo. Uma sensação imediata de pavor a invadiu enquanto ela se virava para ver o que tinha atraído a atenção das outras.

*É claro.*

De pé no vão da porta do estábulo estava o Sr. Durukhan, a boca ligeiramente aberta, olhando de Jane para Kate, observando seus trajes masculinos, o chapéu justo que escondia os cabelos de Kate, a trança antiquada que Jane gostava de usar. O olhar dele absorveu cada pequeno traço que elas não podiam esconder: queixos sem barba; as sobrancelhas altas e arqueadas; o pescoço alongado de Kate; as maçãs do rosto deslumbrantes e a boca larga de Jane.

*Elas tinham sido pegas.*

Ele pigarreou e fez uma reverência zombeteira na direção delas.

– Lady Isabel, Srta. Lara – disse, ignorando o fato de Isabel estar

de calça. – Vim falar com o seu... cavaliariço-chefe, para discutir nossa partida.

O silêncio se abateu sobre o ambiente, sendo pontuado apenas pelos cascos do cavalo de Rock, batendo no chão da baia ao ouvir a voz do dono. As mulheres haviam ficado mudas. Se não estivesse tão apavorada, Isabel teria achado engraçado.

Nenhuma delas estava disposta a ser a primeira a falar – a reconhecer o que ele obviamente tinha escutado.

Isabel engoliu em seco, nervosa. Ela era a dona da casa. Era sua responsabilidade falar. Fazer o que pudesse para proteger seus segredos... Ao menos os que ela não havia revelado.

– Sr. Durukhan...

– Por favor – interrompeu ele, com um meio sorriso. – Pode me chamar de Rock.

– Ah... eu... nós não poderíamos.

O meio sorriso se alargou.

– Antes deste momento em particular, milady, eu teria concordado. No entanto, parece que todos nós temos uma relação muito mais... familiar agora, não concorda?

Gwen riu baixinho e recebeu uma cotovelada nas costelas desferida por Kate. Isabel não deu atenção ao grito de dor e ao sussurro furioso que veio da direção delas. Em vez disso, observou com um pânico iminente enquanto o olhar sagaz do enorme homem se voltava para Kate e Jane, percorrendo primeiro o corpo de uma, depois o da outra, da cabeça aos pés, como se para confirmar mais uma vez o que havia escutado.

*Ah, Isabel...* Ela fechou os olhos brevemente. *Como você pôde ser tão tola?*

Ela estivera distraída e agitada, tudo por conta de lorde Nicholas. Se ele não tivesse insistido em causar tamanha perturbação...

*Ah, não.* Lorde Nicholas. Sem dúvida, Rock lhe contaria tudo. O

que significava que era apenas uma questão de tempo até Londres inteira saber sobre a Casa de Minerva.

O pavor tomou conta de Isabel. Se ele descobrisse, tudo estaria arruinado.

Talvez houvesse um modo de esconder dele. Talvez Rock pudesse...

– Presumo que tenha um bom motivo para uma farsa como esta, milady.

Isabel piscou diante das palavras, tentando parecer calma.

– Senhor?

Rock a encarou.

– O seu cavaliço-chefe, milady. E o seu mordomo. Presumo que o... uniforme deles... sirva a um propósito.

Os olhos de Isabel se estreitaram. Aonde ele queria chegar?

– Nós... sim.

Ele assentiu uma vez, com firmeza.

– Eu não duvidava disso.

– Eu... – começou ela, sem saber como prosseguir. – Nós... – Olhou para as outras em busca de ajuda, mas nenhuma delas parecia disposta a entrar na discussão. – Isto é... – *Ah, pelo amor de Deus, Isabel. Fale logo.* – Espero que guarde nosso segredo, senhor.

Rock a avaliou por um longo tempo, enquanto a chuva que batia sem parar no telhado continuava sendo o único som no estábulo. Isabel se esforçou muito para não se contorcer sob o olhar atento dele.

– Quer que eu esconda isso de St. John.

*Aí estava. O momento da verdade.*

– É exatamente isso que eu quero.

O homem fez silêncio, e Isabel ficou apavorada com a ideia de que ele poderia recusar. A mente dela começou a divagar, catalogando as pessoas e os locais para onde ela poderia enviar as garotas rapidamente, antes que qualquer um em Londres

descobrisse sua localização. Ela não podia deixar que sua tola explosão causasse mal a nenhuma delas.

– Está feito.

Ela estava tão entregue ao pânico que quase não ouviu.

– O que... o que disse?

– Todos nós temos segredos, milady.

– Temos?

Um dos lados da boca de Rock subiu em um sorriso enviesado.

– Eu certamente tenho. E não gostaria de pensar que a senhorita os entregaria se os descobrisse.

– Decerto que não – garantiu ela, balançando a cabeça com veemência.

– Apesar de eu não entender, imagino que tenha uma razão muito séria para este... – ele avaliou as outras mulheres – arranjo pouco ortodoxo.

Ela assentiu.

– Tenho.

Quando ficou claro que Isabel não ia acrescentar mais nada, Rock assentiu uma vez, aparentemente satisfeito com a resposta que recebeu. Talvez Lara estivesse certa. Talvez ele fosse um homem bondoso, afinal de contas.

– Percebe, no entanto, que ele vai descobrir sozinho.

Isabel arqueou as sobrancelhas imediatamente. *Não, Lara estava errada. Ele não era nem um pouco bondoso.*

– Não vejo motivos para que ele descubra. Muitos homens, incluindo *vocês*, já estiveram em Townsend Park e nunca perceberam.

– Isabel... – disse Lara em tom de advertência.

Rock a ignorou.

– St. John não é como os outros homens. Ele é profundamente consciente de seu entorno. Eu me arriscaria a dizer que, se não estivesse tão distraído pelas outras... peculiaridades da casa, ele já

teria descoberto o que a senhorita está escondendo bem debaixo do seu nariz.

– Não há *peculiaridades* a respeito de Townsend Park! – protestou Isabel.

Rock desviou o olhar de Isabel para Kate e então para Jane, demorando-se nos trajes masculinos que todas as três usavam.

– É claro que não. – Então, voltando a atenção para Isabel, ele acrescentou: – Ele não vai gostar de ser o último a saber.

– Ele não será o último a saber – disse ela, sentindo-se incrivelmente irritada. – Ele *nunca* vai saber.

Rock fez um som evasivo antes de falar:

– Sim. Bem. Em todo caso, terminamos no estatuário por hoje, então a senhorita tem pelo menos a noite para decidir como vai continuar sua farsa amanhã. – Ele se virou para Kate e, como se a situação toda fosse perfeitamente normal, pediu: – Precisamos de nossas montarias.

Então um trovão soou, alto e agourento, instando as mulheres a agir.

– É claro – respondeu Kate, indo para a baia onde o cavalo de Rock estava abrigado. Antes de chegar lá, parou de forma abrupta, girou de volta com os olhos arregalados e encontrou o olhar de Isabel. – É...

– Algum problema? – perguntou Rock.

– Não! – exclamaram em uníssono Lara, Kate, Gwen e Jane, entreolhando-se constrangidas.

– É só que... – começou Jane, e parou.

– Veja, senhor... – tentou Gwen, sem sucesso.

– A estrada está alagada – disparou Kate.

– Não é tão ruim quanto parece – atalhou Lara, apressando-se em fazer a situação parecer melhor. – É bastante comum em uma tempestade de verão. Em breve já deve ser possível passar.

*É claro que a situação não era melhor do que parecia.*

– Mas, por enquanto? – indagou Rock, fitando Isabel.

*Aquilo era uma centelha de divertimento nos olhos dele?*

– Vocês não podem ir embora – respondeu ela, derrotada.

Houve um momento de silêncio enquanto Rock digería a informação.

– Entendo. Então isso vai ser muito mais interessante do que eu havia pensado inicialmente. – Depois de um instante, ele completou, oferecendo o braço a Lara: – Posso acompanhar as damas de volta até a casa?

Lara ficou imóvel, sem saber como se comportar, até Gwen lhe dar uma cotovelada e ela pular para a frente com um tímido “Obrigada, Sr. Durukhan”.

Ele acomodou a mão dela na dobra de seu braço.

– Rock. Por favor.

Ela corou e deu uma risadinha.

As sobrancelhas de Isabel se ergueram. *Ela realmente deu uma risadinha!*

Entre as inúmeras razões para elas manterem homens longe de Townsend Park, as risadinhas estavam no topo da lista.

O grupo inteiro começou a sair do estábulo, deixando Isabel para trás para considerar suas opções. Os homens teriam que passar a noite na propriedade, e lorde Nicholas logo descobriria todos os seus segredos – fossem contados por seu amigo ou não. As garotas não eram boas em interpretar o papel de homem. Seus gestos, seus trajes, tudo era projetado como um stratagema para um momento passageiro, não para o longo prazo. Era só uma questão de tempo antes que uma delas revelasse seu disfarce.

Então elas estariam em dívida com lorde Nicholas.

E o problema não se resumia àquela noite. Se ele estivesse lá, trabalhando perto delas por duas semanas... elas nunca seriam capazes de esconder seu segredo.

Isabel suspirou. Não ia dar certo.

O desespero cresceu. Nada havia mudado. Ela não resolvera nenhum de seus problemas. Em vez disso, atraía mais problemas para todas. Convidara um *lorde* para dentro de casa. Alguém que poderia arruinar todas elas com uma única palavra.

Lorde Nicholas não parecia ser do tipo que faria isso, mas *poderia*. E isso era o suficiente para deixá-la nervosa.

Precisava pensar em uma forma de convencê-lo a ficar do seu lado. Para que, quando descobrisse a verdade sobre elas, não as entregasse.

Mas como?

– Isabel?

O som de seu nome interrompeu esses pensamentos. Ela ergueu a cabeça e deu com o olhar curioso de Gwen.

– Está tudo bem?

*Não.*

– Sim. Tudo ótimo.

Gwen fez uma expressão de descrença.

– Vai ficar tudo bem, Isabel.

Isabel não conseguiu conter uma risadinha de pânico.

– Ele vai descobrir.

A cozinheira assentiu uma vez.

– Vai.

Sua concordância fez as palavras de Isabel saírem em um jorro:

– E o que vai acontecer conosco? Pelo menos com meu pai havia segurança. Ninguém ligava para Townsend Park o suficiente para se importar com a Casa de Minerva. Ninguém chegava perto de nós. Não, nós não tínhamos dinheiro. Não tínhamos proteção. Mas ainda assim estávamos seguras. – Ela andava de um lado para outro no estábulo enquanto falava, incapaz de ficar parada. – E, como se meu pai não tivesse feito o bastante, deserdando-nos e nos deixando à mercê do fracasso, ele tinha que *morrer*. E não podia nos deixar

nada. Nem dinheiro, nem segurança, nem mesmo alguém em quem pudéssemos confiar para nos ajudar.

Gwen se aproximou dela.

– Isabel... vai ficar tudo bem.

As palavras fizeram Isabel perder o controle. Ela cobriu o rosto com as duas mãos, frustrada.

– Pare de dizer isso!

Gwen fez silêncio e o ar ficou pesado entre elas.

– Pare de dizer isso – repetiu Isabel, baixinho. – Você não tem como saber.

– Sei que você vai encontrar um jeito...

– Eu estou tentando, Gwen. Estou procurando um jeito. Desde que recebi a notícia da morte dele não paro de tentar encontrar uma forma de fazer com que tudo fique bem. – Ela balançou a cabeça. – Mas nada deu certo: a casa está caindo aos pedaços, James não está nem de perto pronto para ser conde, não temos dinheiro para pagar as contas, e eu trouxe uma raposa para dentro do galinheiro. – Fez uma pausa e então bufou uma risadinha autodepreciativa. – Ah, que metáfora adequada. – Sentou-se pesadamente em um fardo de feno, desanimada. – Enfim, estou sem ideias. E parece que, com a chegada dessa chuva, nosso tempo acabou.

*Ela não podia mais mantê-las em segurança.*

*Não podia mais manter a casa unida.*

Sempre soubera que este dia iria chegar, que bastaria um erro bobo, uma pequena mudança de sorte. Ela nunca fora forte o bastante para proteger todas as meninas.

Estava na hora de admitir.

As lágrimas arderam.

– Não posso salvar a nós, Gwen.

Havia certo alívio nas palavras sussurradas – palavras em que ela havia pensado dezenas, centenas de vezes antes, mas nunca dissera. Dizê-las em voz alta ajudava.

Seguiu-se um longo silêncio enquanto Gwen considerava as palavras dela. Então ela disse:

– Talvez ele não seja um perigo tão grande para nós. Não conheci lorde Nicholas, mas parece que o amigo dele é um sujeito bastante bondoso.

– Você não tem como saber isso.

– Você se esquece de que eu conheci homens ruins o suficiente para ter formado uma opinião embasada.

Era verdade, é claro. Gwen era filha de um vigário do interior que tinha uma atração, pelo que Isabel podia supor, pelo fogo e pelo enxofre. Apesar de Gwen não falar com muita frequência sobre sua infância, havia revelado em seus primeiros tempos na Casa de Minerva que o pai sempre acreditara que ela estava mais perto do pecado do que seus irmãos – que tinham prazer em concordar com ele. Gwen fugira de casa na primeira oportunidade, para se casar com um fazendeiro local que se mostrara muito pior do que o pai ou os irmãos dela jamais poderiam ter sido. Ela aguentara as surras por quase um ano antes de desafiar a lei e ir atrás de Isabel.

No terceiro dia na mansão, Gwen havia acordado e encontrado o caminho para a cozinha, os hematomas já começando a desaparecer. Com o sorriso largo que passara a ser sua característica mais marcante, ela proclamara as residentes da casa como “um batalhão de Minervas... todas deusas da guerra e da sabedoria”.

Assim, a Casa de Minerva fora batizada.

*E Isabel estava prestes a perdê-la.*

– Ele é um estranho. Não podemos confiar nele.

– Sou a primeira a questionar a natureza dos homens, Isabel. Mas não acredito que sejam todos maus. E também não acho que você acredite nisso. – Ela fez uma pausa antes de acrescentar: – Talvez este não queira nos prejudicar.

*Ah, como Isabel queria que isso fosse verdade.*

– Ele é muito perturbador – falou.

– Homens bonitos costumam ser – retrucou Gwen. – Eu li que os olhos dele são de um tom inacreditável de azul...

– São.

Gwen sorriu.

– Ah. Você notou.

Isabel corou.

– Não *notei*. Eu só...

– Ele a beijou no telhado, não foi?

Isabel arregalou os olhos.

– Como sabe disso?

O sorriso de Gwen se alargou ainda mais.

– Eu não sabia. Mas agora sei.

– Gwen! Não pode contar isso a ninguém!

A cozinheira balançou a cabeça.

– Sinto muito, mas não posso concordar com isso. Você gostou?

O rubor tomou conta das faces de Isabel.

– Não.

Gwen riu.

– Você mente muito mal, Isabel.

– Ah, está bem. Sim. Eu gostei. Ele parece ter muita habilidade em beijar.

– É melhor você ter cuidado. Se vier a se apaixonar por esse lorde, nem mesmo saberá como isso aconteceu.

Isabel ficou pensativa. Tudo estava saindo de controle. Estava arriscando-se a perder tudo o que era importante para ela... tudo o que lhe era mais caro.

E estava beijando estranhos no telhado.

Gwen tinha razão.

Ela já não sabia o que tinha acontecido com ela.

# OITO



— Todos os criados dela são mulheres.

Na biblioteca de Townsend Park, Nick apoiou-se em uma mesa comprida e baixa na qual havia espalhado suas anotações sobre a coleção de esculturas, esquecendo-as em seguida. Depois do jantar, havia tentado mergulhar nas estátuas da mansão – a única coisa a respeito daquela casa que ele sentia que entendia –, mas abandonara o trabalho após apenas alguns minutos, distraído pela verdade sobre o solar. E sua dona.

Rock ergueu os olhos de seu livro, impassível.

– São.

– Você percebeu.

– Percebi.

As sobrancelhas de Nick se ergueram.

– E não achou que devia mencionar?

Rock deu de ombros.

– Estava esperando para ver quanto tempo você ia levar para notar.

– Não muito.

– Elas não parecem ser muito boas em esconder.

– Não. Você percebeu o laçao durante o jantar?

– Você quer saber se eu notei os seios do laçao durante o jantar?

Nick deu um sorriso divertido para o amigo.

– Não devia olhar para a criadagem desse jeito, Rock. – Andou furtivamente até a janela e observou a chuva torrencial que caía lá fora. – Por que alguém precisaria de uma casa cheia de mulheres?

Rock colocou o livro de lado, recostou-se na cadeira e olhou para o teto.

– Não há nenhuma resposta sensata a essa pergunta.

– Conheço lady Isabel há apenas dois dias, mas posso lhe dizer que *sensata* não é uma palavra que eu usaria para classificar qualquer uma de suas ações. – Ele se virou de volta para o amigo. – Algum tipo de escola? Uma escola de etiqueta?

Rock balançou a cabeça.

– Ela não teria motivos para esconder. Seu segredo faz com que seja mais provável ser algo indigno.

A ideia fez um gosto amargo subir à boca de Nick.

– Duvido.

– Se ela estiver fazendo algo ilegal, está condenando o irmão – disse Rock. – Londres nunca irá aceitá-lo se seu pai e sua irmã estiverem envolvidos em atividades questionáveis.

Nick considerou as possibilidades:

– Ela não tem nenhum dinheiro. Se for uma cafetina, não é muito boa. – Ele fez uma pausa antes de sugerir: – É possível que seja um bordel?

– Não sem homens.

Nick pensou por um instante.

– Talvez seja alguma espécie de harém. Para o conde.

Rock lhe lançou um olhar de descrença.

– Você acha que o Conde Perdulário teria um harém sem nunca anunciar isso para o mundo?

A ideia era absurda, é claro.

– Não. É óbvio que não. Mas que diabo de lugar é este? Existe algum motivo para não haver homem algum por aqui.

Rock empertigou-se na cadeira.

– A não ser...

– O quê?

– É uma casa cheia de mulheres.

– Sim.

– Talvez seja uma casa cheia de mulheres sem nenhum interesse em homens. Mas que, em vez disso, tenham... interesse em mulheres.

Nick balançou a cabeça.

– Não é isso.

– Nick. Raciocine. Elas podem facilmente ser...

– Algumas delas, talvez. Mas não Isabel.

– Você não pode ter certeza.

Nick encarou o amigo.

– Sim, Rock, eu posso. Isabel não está interessada em prazeres sáfcicos.

A compreensão se abateu sobre o turco.

– Já?

*Já. E ela era macia e deslumbrante, e ele queria mais.*

Nick voltou a olhar para a janela, em silêncio.

– Ora, ora, St. John – disse Rock, com a fala arrastada. – Bom trabalho.

Com um rosnado, Nick sentou-se de novo à mesa baixa e começou a avaliar suas anotações sobre o estatuário, ignorando o divertimento do amigo. Ele não devia ter admitido. Beijar Isabel fora um erro de grandes proporções. A única solução era tirar aquilo da cabeça.

É claro, ele vinha tentando fazer exatamente isso desde que acontecera. Em vão.

Em vez disso, toda vez que achava que tinha conseguido afastar Isabel dos pensamentos, ela voltava à sua lembrança – macia e disposta em seus braços.

O suspiro dela era uma arma, pelo amor de Deus. Como um

homem sensato poderia resistir?

Era o suficiente para levá-lo a beber.

O que era outro problema, já que parecia não haver nenhuma bebida alcoólica que valesse a pena na maldita casa.

Ele e Rock haviam recebido uma pequena jarra de vinho com o jantar daquela noite, que haviam devorado sozinhos. As damas tinham se desculpado, e Isabel declarara que seu luto a impossibilitava de receber convidados. Com isso, Lara também não podia se juntar a eles, visto que era altamente inapropriado que uma moça sozinha jantasse com dois homens solteiros.

Ninguém poderia adivinhar, mas parecia que o decoro era uma questão a ser observada em uma casa cheia de mulheres em trajes masculinos.

Então Nick e Rock haviam comido sozinhos – uma refeição bastante aceitável de rosbife e legumes – e, quando os pratos foram retirados, um jovem laçao – não, uma *lacaia* – os havia acompanhado em silêncio até a biblioteca da mansão.

O que Nick teria achado ótimo, se fosse capaz de se concentrar em qualquer outra coisa além da dona da casa, que era uma distração do pior tipo.

Ele remexeu seus papéis, avaliando as anotações sobre Hedonê mais uma vez. *Ela está tendo os espasmos do clímax*, escrevera mais cedo naquele dia a respeito da estátua voluptuosa – antes de começar a imaginar Isabel em um estado similar.

Depois disso, Nick não havia feito muito progresso.

Foi nesse momento, distraído pela imagem de Isabel esparramada diante dele no auge do prazer, que Nick terminara seu trabalho e fora procurá-la. Sabia que seria mais uma punição do que qualquer outra coisa – e o que acontecera entre eles no telhado provaria isso.

Nick não queria que aquele beijo terminasse. Em vez disso, não desejava nada além de deitá-la naquele sótão empoeirado e lhe

mostrar como tempestades de verão podiam ser bem-vindas. Se não fosse pela interrupção do jovem conde, Nick não tinha como jurar que não teria feito exatamente isso.

Ele mudou de posição na cadeira com o pensamento, a tensão em sua calça lembrando-o de sua localização – e de seu erro.

Nick nunca se sentira tão frustrado: frustrado por sua incapacidade de entender a situação na qual se encontrava, frustrado pela mulher atraente que virara sua cabeça do avesso mais cedo e frustrado pela maldita chuva que o estava prendendo naquela casa.

– Ela só pode estar em alguma encrenca. – Ele se levantou novamente, voltou à janela, bateu com a palma da mão nos lambris e virou-se enfim para Rock. – Essa chuva incessante não o incomoda?

O turco deu um meio sorriso.

– Nem mesmo homens como nós podem mover montanhas, Nick.

As palavras o irritaram.

– Não quero parar a chuva, Rock. Só quero poder sair desta casa.

– Quer mesmo?

Os olhos de Nick se estreitaram na direção do amigo.

– Quero. Você duvida?

– De forma alguma – respondeu Rock, voltando a atenção para seu livro e recusando-se a morder a isca.

*Nick sempre fora difícil nesse sentido.*

Após um momento, Nick abriu a janela e inclinou-se para fora. Na escuridão só havia a tempestade, nada além de um vazio negro e profundo.

Ele a quisera naquela tarde.

E agora que não conseguia entendê-la, queria ainda mais.

Rançou os dentes.

*Uma bebida lhe faria um bem enorme.*

Saiu da janela, ignorando o cabelo agora molhado, foi até o aparador e começou a abrir as portas.

– Tem que haver algum tipo de bebida nesta casa.

– Você sabe que está fazendo de novo, não sabe?

Nick virou-se para encarar Rock, atento.

– Acho que não entendi.

A boca do turco se contorceu em um sorriso e ele voltou os olhos para o livro.

– É claro que não.

Nick estreitou os olhos ante as palavras.

– O que isso quer dizer?

Rock não olhou para ele ao falar.

– Só que, desde que eu o conheço, você é um alvo fácil para mulheres misteriosas. Mais fácil ainda para mulheres misteriosas em apuros. Você nega? – Nick ficou calado. – Quando eu o tirei daquela prisão no coração da Turquia, você mal conseguia se mexer por causa da surra que havia levado por causa de uma mulher. Estivemos em mais brigas do que eu consigo contar em razão do seu desejo de salvar cada garota que considerou ter sido maltratada. Mas, deixando de lado o fato de que viemos a Yorkshire para salvar uma garota que você nunca viu, é claro... você está certo. Não estamos presos nesta sala, sem nada além de livros para nos entreter, por causa do seu senso equivocado de dever em relação a todas as mulheres que encontra pelo caminho.

Nick fechou a cara.

– Você não acabou de me advertir sobre a essência imutável da natureza? Se estivesse chovendo mais forte, seria necessário construirmos uma arca. Eu não convoquei o clima, Rock.

O olhar negro do turco cortou o aposento.

– Não. Mas, se *lady* Isabel fosse *lorde* Reddich, teríamos ficado presos aqui, para começo de conversa?

Nick não gostou da pergunta.

Enquanto Rock virava silenciosamente uma página, Nick se abaixou, continuando sua busca por uma garrafa. Àquela altura, não estava sendo exigente. Beberia o que pudesse encontrar.

Em geral, ele teria apreciado uma noite como aquela, com o clima impedindo-o de sair da casa, de ver e ser visto.

Mas não hoje. Não enquanto estivesse debaixo daquele teto. Debaixo do teto *dela*.

Não quando pensar naquela tempestade em particular lhe trazia à lembrança os cachos castanho-avermelhados pingando água da chuva, o adorável volume dos seios dela brilhando com os resquícios da tempestade vespertina.

Ele deu uma risadinha curta e áspera, desprovida de humor. Estava em uma casa estranha, em uma biblioteca estranha, com Rock e suas anotações sobre uma estátua romana orgástica. Estava desejando a mulher mais desconcertante que já conhecera – que por acaso também era dona da residência mais desconcertante que ele já visitara.

E esperavam que ele fizesse tudo isso sem uma bebida.

O universo estava claramente conspirando contra ele.

Queria sair daquela sala.

Girando nos calcanhares, Nick dirigiu-se para a porta, sua rapidez atraindo a atenção de Rock.

– Aonde você vai?

– Voltar para o estatuário. Não consigo me concentrar aqui.

– Interessante.

Nick se deteve diante do tom seco, lançando um olhar cruel para o amigo.

– Há algo que queira dizer, Rock?

O turco deu um sorrisinho afetado.

– De forma nenhuma. Só estou achando divertido termos fugido

da multidão de mulheres arrebatadas de Londres e virmos parar aqui, onde há uma multidão de mulheres ainda mais perigosas.

– Isso é um exagero. Elas são inofensivas.

– São mesmo?

A pergunta casual despertou a irritação de Nick. Um dia naquela casa e ele já estava procurando briga.

– Vou trabalhar.

Continuou a atravessar a sala e puxou a porta para abri-la, determinado a tirar Isabel da cabeça.

Se pelo menos ela não estivesse no corredor, ele teria tido uma chance de fazer isso.

Mas ali estava ela, paralisada no meio do movimento, apenas o rodopio de suas saias indicando que ele a havia sobressaltado. Nick sentiu uma pontada de decepção com seus trajes – adequadamente femininos, mas conservadores demais para a mulher ousada e excitante que vira mais cedo. O vestido era preto, tão escuro que, de costas para ele, ela poderia muito bem ter sumido na escuridão não fosse pela profunda consciência que ele tinha de sua presença.

Após um longo momento, a tensão entre eles se tornou insuportável, e ela virou ligeiramente a cabeça, o ângulo de seu maxilar e a linha de seu pescoço iluminados pela luz que se derramava da biblioteca, sua pele de alabastro deixando Nick hipnotizado.

Ela girou de volta, e o aroma de flor de laranjeira o cercou. Ele ignorou o prazer que o invadiu ao ver os olhos arregalados dela, o rápido subir e descer de seu peito.

Apoiou-se, relaxado, no vão da porta e disse:

– Lady Isabel. Está precisando de alguma coisa?



Era a biblioteca dela, pelo amor de Deus. E o corredor dela. Bem, a biblioteca e o corredor de James, mas a questão é que *não era* a biblioteca de lorde Nicholas.

E, portanto, não havia absolutamente nenhum motivo para Isabel se sentir como uma criança que fora pega no flagra fazendo bobagem. Ela tinha o direito de estar ali.

Podia sair sem responder, se quisesse.

Só que a forma como ele estava apoiado languidamente no vão da porta, como se não tivesse nada melhor para fazer do que observá-la – e sorrir para ela com afetação – dava-lhe a sensação de que ele sabia que ela tinha ficado parada à porta da biblioteca por quase quinze minutos, tentando reunir coragem para entrar no aposento.

Isabel decidira ir vê-los na esperança de entretê-los e, assim, impedi-los de partilhar informações. Foram necessários os esforços conjuntos de Gwen e Lara para levá-la até lá depois que a decisão fora tomada.

E então, cada minuto que passara olhando para a imensa porta, pensara ela, era mais um minuto em que Rock podia estar se divertindo ao contar ao amigo sobre sua descoberta no estábulo. Ou mais um minuto em que lorde Nicholas podia estar contando ao turco sobre o que acontecera entre eles no telhado mais cedo naquele dia.

Ela estava prestes a bater à porta. De verdade.

Até decidir que também era importante se certificar de que ele receberia um café adequado pela manhã. E se dirigira para a cozinha.

Lorde Nicholas escolhera aquele exato instante para abrir a porta.

E fora tão casual a respeito da situação! Que homem irritante.

Bem. Ela também podia parecer casual.

– Lorde Nicholas! Justamente quem eu esperava encontrar!

*Hum. Ela não tinha soado nem um pouco casual. Parecera um leitãozinho sobressaltado, isso sim.*

Isabel sufocou a vozinha em sua cabeça.

– Fico feliz por ter podido realizar o seu desejo – disse ele, com a voz arrastada.

Estava iluminado por trás pela luz que vinha da biblioteca. As velas bruxuleantes do corredor eram insuficientes para desvendar seus traços fortes, mas Isabel viu um sorrisinho brincar nos lábios dele.

– O senhor está me provocando.

– Só um pouco – admitiu ele, segurando a porta bem aberta para permitir a entrada dela.

Isabel deu um passo para dentro, só um pouco além do vão, e ele fechou a porta, encarcerando-a.

Ela fez uma pausa, sentindo uma pontada estranha no estômago conforme avaliava o aposento aconchegante, registrando os papéis espalhados pela escrivaninha. Depois de tê-los deixado ali, Regina tinha ido verificar se haviam se acomodado bem e eles lhe pareceram bastante confortáveis.

Em um canto da sala, Rock fechava uma janela. Ele se virou quando ouviu o barulho da porta e ofereceu a Isabel um sorriso amigável e uma breve reverência.

– Lady Isabel – falou –, eu estava verificando se ainda chove muito.

– Começou a diminuir – disse ela, ávida pela segurança do tópico. – Acho que as estradas estarão transitáveis amanhã.

– Com que frequência vocês têm essa dificuldade de acesso à cidade? – perguntou Nick.

– Não é algo incomum. Parte do charme de Townsend Park é o isolamento do mundo exterior. Há coisas piores do que ficar preso pela chuva ou pela neve. – Diante do grunhido evasivo dele, ela

acrescentou: – É claro, nossos pertences não estão na cidade. Sinto muito por tamanho inconveniente.

Ele a observou atentamente por um instante, e Isabel resistiu ao ímpeto de levar a mão ao cabelo para verificar seu estado. Em vez disso, ela se forçou a olhar nos olhos dele e permanecer tão calma quanto ele parecia estar. O silêncio se estendeu, e Isabel observou o cabelo molhado dele, assim como a gota de chuva que escorria por seu nariz. *Ele tinha saído da casa?*

O pensamento mal havia se formado antes que Nick desse um passinho na direção dela. Quando ele falou, as palavras a deixaram com os nervos à flor da pele.

– Estava precisando de nós para alguma coisa?

Por que ela estava ali?

*Para impedi-lo de descobrir os segredos delas. E estragar tudo.*

Bem. Essa não era uma resposta adequada.

Por um instante, Isabel ficou paralisada, apertando a garrafa empoeirada que tinha nas mãos. Finalmente o divertimento que chamejava nos olhos azuis dele a impeliram a responder, um pouco alto demais:

– Eu trouxe bebida para os senhores. – Diante do olhar inexpressivo dos dois, ela continuou, as palavras saindo muito rápido: – Não faço ideia do que seja. Nós temos um engradado lá embaixo, na adega. Também há outras coisas lá... mas isto pareceu bem útil no momento. – Ela fez uma pausa, então se enterrou ainda mais fundo: – Bem, não para mim... Eu certamente não preciso beber... mas entendo que os homens... como os senhores... bem, talvez quisessem...

Então ela parou, registrando a surpresa deles, suas sobrancelhas erguidas, sua absoluta imobilidade diante da enxurrada de palavras dela. *Cale a boca, Isabel.*

Ela apertou os lábios em uma linha fina e tensa e estendeu a garrafa na direção de Nick, uma espécie de oferta de paz.

Ele a pegou, o olhar frio e azul focado nela.

– Obrigado.

A palavra, dita em tom baixo e calmo, atingiu-a em cheio, fazendo algo em seu âmago desmoronar. O rubor subiu às suas faces, sem motivo concreto. Isabel desviou o olhar dele para Rock – maior, mais moreno e, de certa forma, infinitamente mais seguro. Ela respirou fundo para se acalmar.

– De nada.

Nick começou a abrir o lacre de cera no gargalo da garrafa, e Isabel se sentiu atraída pelo movimento. Percebeu o cuidado, a destreza dos dedos dele – os mesmos que a haviam acariciado naquela tarde. Eram bronzeados, com as unhas perfeitamente cuidadas, mas fortes e capazes – nada parecidos com as mãos afeminadas dos homens ricos de famílias aristocráticas que ela conhecera no passado.

Eram bem bonitas, na verdade.

*Ela estava reparando nas mãos do sujeito.* Quando se forçou a desviar o olhar delas e fitou novamente os olhos de Nick, notou seu brilho sagaz – ele parecia capaz de ler seus pensamentos. Parecia saber que ela estava admirando as mãos dele.

Que situação constrangedora.

Por um momento fugaz, Isabel pensou em sair da sala correndo sem olhar para trás. Quando Rock inclinou a cabeça na direção dela, no entanto, ela foi lembrada do motivo pelo qual havia ido ali, para início de conversa.

Tinha que ficar e entretê-los. E impedir que Rock revelasse os segredos da Casa de Minerva e Nick revelasse os segredos de sua senhora.

Se ela não estivesse sendo alvo de um escrutínio tão intenso, teria fugido dali. *Homens eram um problema, sem dúvida.*

Disfarçando sua frustração com o que esperava ser um sorriso cordial, Isabel disse:

– Vão precisar de copos, é claro.

Nick assentiu e dirigiu-se ao aparador do outro lado do aposento. Lá, abaixou-se e pegou três copos de cristal.

Isabel não escondeu a surpresa.

– O senhor não demorou a se ambientar. Vejo que já sabe a localização de nosso bar.

Ele lhe ofereceu um sorriso envergonhado, uma covinha despontando em uma das faces, e Isabel teve um vislumbre da criança peralta e encantadora que ele devia ter sido.

Descobriu que gostava dessa imagem.

– Só um reconhecimento superficial, eu lhe garanto. Rock estava aqui o tempo inteiro e pode atestar que meu comportamento foi absolutamente honesto.

Isabel olhou para Rock, que, com seriedade fingida, anunciou:

– Lorde Nicholas é sempre um perfeito cavalheiro.

Isabel não pôde conter o sorriso quando voltou a atenção para lorde Nicholas e disse:

– Sinto muito, mas acho bastante difícil acreditar nisso.

As palavras saíram antes que ela pudesse pensar melhor e na mesma hora Isabel ficou consciente da possibilidade de Rock adivinhar algum sentido oculto nelas. Com os olhos arregalados, ela voltou rapidamente a atenção para Rock, insegura sobre o próximo passo. Quando o turco começou a gargalhar, ela soltou um pouco a respiração que não sabia que estivera prendendo.

– Peço desculpas por não termos nada melhor do que... o que quer que isso seja – falou Isabel, acenando com a mão na direção da garrafa, ansiosa para mudar de assunto. – Temo que não tenhamos muitas ocasiões propícias para o consumo de bebidas alcoólicas.

Nick derramou dois dedos do líquido âmbar em cada um dos copos, em seguida atravessou o aposento para oferecê-los a Rock e Isabel.

– Não, obrigada – disse ela, chegando mais perto da escrivaninha cheia de papéis no canto mais afastado do cômodo. Fez um gesto com uma das mãos no ar enquanto acrescentava: – Mas gostaria de saber o que é.

Nick deu um gole, depois se apoiou em uma estante baixa e fitou Isabel com os olhos semicerrados.

– Conhaque.

Ela ergueu a cabeça da escrivaninha.

– É mesmo?

– Sim. Um conhaque espetacular, devo acrescentar.

Isabel olhou para Rock em busca de confirmação. Quando o turco assentiu, ela disse:

– Confesso que estou surpresa. Não consigo imaginar meu pai permitindo que um engradado de conhaque espetacular ficasse esquecido na adega. Não quando podia consumi-lo todo pessoalmente. – Ela voltou a atenção para a mesa. – Estou muito impressionada com a quantidade de trabalho que vocês parecem ter realizado em apenas uma tarde.

Nick foi na direção dela, com o copo na mão.

– E estou ansioso para continuar, de manhã. – Ele fez uma pausa, observando-a detidamente antes de continuar: – Como acha que seu pai adquiriu um engradado de conhaque francês?

Isabel observou o copo de cristal na mão dele, a onda de líquido âmbar por trás de seus dedos fortes. Lembrou-se de quando o pai trouxera a bebida para casa, depois de uma viagem. Fora a última vez que o vira, quando ele lhe prometera uma temporada em Londres. Quando ela pensou que ele havia mudado... Até descobrir seus planos de casá-la com quem pagasse mais.

Isabel procurara a mãe e implorara que a ajudasse. Que saísse em sua defesa. Mas a mulher, desesperada para recuperar o amor que havia perdido, recusara-se a socorrê-la. Chamara-a de egoísta.

O conde partira em uma semana, de qualquer modo,

aparentemente percebendo que uma filha relutante e sem dote não valia muito no mercado nupcial.

Nunca retornara.

E a mãe de Isabel nunca a perdoara.

*Bem. Ela não podia contar isso a lorde Nicholas.*

Isabel não ergueu os olhos, forçando sua voz a permanecer calma.

– Aprendi há muito tempo, milorde, a nunca questionar os atos do meu pai. Imagino que o conhaque tenha chegado pelos mesmos meios que o restante das coisas nesta casa. Por meios nefastos.

– Talvez não.

Ela discerniu o carinho na voz dele.

– É, bem... Nunca saberemos, não é?

Isabel não estava mais concentrada nos papéis em cima da escrivaninha, mas ainda assim esticou a mão e moveu uma página para o lado. Seu olhar correu pelo que estava escrito, sem realmente prestar atenção, até ela registrar as linhas fortes e fluidas da palavra *orgasmo*. Ela se sobressaltou.

*Sobre o que ele estava escrevendo?*

Inclinou a cabeça para facilitar a leitura antes de Nick interromper, com um tom jocoso:

– Lady Isabel?

Ela ergueu a cabeça com um sorriso animado demais, ignorando o rubor que se espalhava por suas faces, e fitou os olhos divertidos e presunçosos de Nick. O homem irritante sabia exatamente o que ela havia lido.

Ele era perverso.

Bem. Ela não ia deixá-lo levar a melhor.

– Por favor. Não fiquem de pé por minha causa. Vamos todos nos sentar? – sugeriu, fazendo um gesto com a mão em direção ao conjunto de cadeiras em que Rock deixara o livro de lado. – Encontrou algo interessante para ler nesta noite terrível?

Foi a vez de o turco parecer envergonhado com a pergunta dela. Ele seguiu rapidamente na direção do livro e pegou-o com as mãos enormes antes que ela tivesse a chance de ver o título.

– Para falar a verdade, encontrei.

Um dos cantos da boca de Isabel se ergueu em um meio sorriso.

– Ah, sim? Qual?

A risada abafada de Nick chamou a atenção dela por um breve momento, mas, quando olhou para ele, o lorde ergueu o copo até a boca e, dando de ombros, disse:

– Não faço a menor ideia do que ele está lendo.

Ela olhou de volta para Rock e ele fitou Nick com o que só podia ser descrito como ódio profundo.

O que começara como um modo de tirar seu pai do tópico da conversa agora se tornara uma questão da maior importância. O turco estava corando?

– Rock?

– *O castelo de Otranto.*

Isabel deu uma risadinha ao ouvir o título – não conseguiu se conter. O romance gótico era um dos preferidos das garotas, a história complicada de um lorde condenado, um casamento forçado e a ascensão de um príncipe. Decididamente não era o tipo de livro que se esperaria encontrar nas mãos de um gigante.

Diante da risada dela, Nick falou secamente:

– Eu não levaria para o lado pessoal, Rock. Tenho quase certeza de que lady Isabel julgaria qualquer pessoa que lê essa bobagem gótica.

– Não! – exclamou Isabel. – Não estou julgando, Rock, de jeito nenhum!

– Está tudo bem – disse Rock, ante a pressa dela em tranquilizá-lo. – Nick que vá para o inferno. Sem dúvida é uma história envolvente.

Nick riu, e Isabel o silenciou com um olhar repressor antes de se

virar para corrigir o equívoco.

– É! Quando as outras meninas o leram... – Quando Rock arregalou os olhos, ela se apressou em corrigir o ato falho: – Com *as outras meninas* eu quis dizer Lara e nossas... amigas. Da cidade, é claro. Elas gostaram.

– E a senhorita, milady?

A pergunta de Rock encobriu o desconforto dela.

– Ah. Eu não li. Bem, não todo.

– Não conseguiu terminar?

Isabel balançou a cabeça.

– Eu nunca comecei. Não gostei do final.

Nick inclinou-se para a frente.

– Do final?

Isabel assentiu.

– Eu sempre começo os livros pelo final.

As sobrancelhas de Rock se ergueram.

– Por quê?

Ela deu de ombros.

– Gosto de estar preparada.

Nick riu, fazendo com que ela se virasse. Ele estava zombando dela?

– Acha isso engraçado, lorde Nicholas?

Ele não ficou envergonhado pela insinuação dela de que a havia ofendido.

– Sem dúvida acho, lady Isabel.

– Por quê?

– Porque explica muita coisa.

*O que isso queria dizer?*

Ela resistiu ao ímpeto de pressioná-lo sobre o assunto. Em vez disso, desviou sua atenção para o outro hóspede, mais simpático. Foi até uma estante próxima e começou a procurar entre as lombadas, forçando-se a ignorar lorde Nicholas.

– Também temos outro livro desse autor em algum lugar por aqui. Deixe-me encontrá-lo para você!

– Lady Isabel – disse Rock, a voz divertida –, apesar de ser grato por sua oferta, não preciso de outro livro esta noite. Este aqui vai servir muito bem.

Ela se virou de volta ao ouvir o tom calmo dele.

– Ah. – Alisou as saias. – Bem, se mudar de ideia, ficarei feliz em emprestá-lo.

Rock abaixou a cabeça em um gesto cordial e falou:

– Obrigado, mas por enquanto acho que vou me retirar para ler mais a respeito do malfadado lorde Otranto e seu filho azarado.

Isabel piscou enquanto ele se dirigia para a porta. *Ele ia deixá-la sozinha com Nick.* Isso era, obviamente, um castigo. Jurou nunca mais zombar do romance gótico. *Queria tanto que Rock ficasse.*

Mas pelo visto os deuses tinham pouco interesse na boa reputação do romance gótico.

Ela fez um último esforço para mantê-lo no aposento:

– Ah! Mas não prefere ler aqui? A luz é tão boa... E poderíamos discutir as... nuances do texto!

– Pelo menos as do final do texto, Rock – disse Nick secamente.

Isabel queria bater na cabeça dele com um livro. Um bem grande. A Bíblia, por exemplo.

Rock sorriu para ela.

– Isso parece maravilhoso, milady. Quem sabe amanhã?

Ela não podia pressioná-lo sem parecer totalmente descortês com lorde Nicholas e sem chamar atenção para a tensão que se formava entre eles. Só conseguiu proferir um “É claro. Amanhã” desanimado enquanto o observava sair da sala.

Ao som da porta se fechando, o ar no aposento pareceu ficar mais denso, e de repente Isabel se tornou profundamente consciente de estar sozinha com Nick. Com um suspiro trêmulo, ela se virou de frente para ele, sem saber muito bem o que esperar.

Ele ergueu o copo de conhaque que ela recusara antes e andou em sua direção, parecendo um felino à caça. Isabel fitou os olhos dele, maravilhando-se mais uma vez com seu vívido azul.

– Eu também devo me retirar. Já interrompi seu trabalho por tempo suficiente.

Nick ficou em silêncio por um instante, analisando as palavras.

– Sem dúvida interrompeu. Mas eu jamais pensaria em privá-la de estar em sua própria biblioteca. Por que não se senta? Vamos conversar.

Ela não percebeu que ele a havia encurralado contra uma das poltronas no canto até sentir o assento contra a parte de trás de suas saias.

– Conversar?

Um dos cantos da boca dele se ergueu em um meio sorriso diante da descrença dela.

– Sou capaz de conversar, Isabel. Pelo menos é o que me dizem.

*Não era fácil se concentrar em suas palavras com tamanha proximidade entre eles.*

Ela se sentou, após pegar o copo oferecido por ele.

– Ótimo. – Nick a imitou, relaxando na poltrona na frente da dela. – Agora, conte-me os seus segredos.

# NOVE



## ***Lição Número Três***

*Não tenha medo de partilhar algumas pérolas sobre si mesma para seduzir seu lorde.*

*Quando ele indagar sobre seus pensamentos mais íntimos, certifique-se de revelar partes pequenas e interessantes de sua mente – nada intelectual demais. Não gostaríamos que ele pensasse que você é uma sabichona! Assim sendo, forneça-lhe informações interessantes sobre você: sua cor favorita, sua preferência por bordado em vez de pintura a óleo, o nome do seu pônei de infância.*

*Domine a arte de permanecer acessível, mas não excessiva.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**E**la se deteve diante das palavras, sem saber bem como deveria responder.

– Os meus... os meus o quê?

– Os seus segredos, lady Isabel – repetiu ele, a voz baixa e persuasiva. – Se os meus instintos estão corretos, a senhorita tem muitos.

– Que ideia absurda – disse ela. – Ora, minha vida é um livro aberto.

Nick a fitou por longos minutos com os olhos semicerrados –

tempo suficiente para dar-lhe a sensação real de que ele sabia de algo que ela não queria que ele soubesse. *Seria possível que Rock tivesse traído sua confiança? A confiança de uma casa cheia de mulheres em dificuldades?*

Não parecia muito cavalheiresco, mas quem podia dizer se o homem enorme era um cavalheiro? Sem dúvida o companheiro dele não agira de acordo com nenhum código particular de conduta cavalheiresca naquela tarde.

Isabel balançou a cabeça. Não ia pensar nos acontecimentos daquela tarde. Não quando estava ali em sua biblioteca aconchegante.

Com um patife.

Uma das sobrancelhas de Nick se ergueu e ele se recostou na poltrona, espreguiçando-se como se fosse o dono do lugar, cruzando uma perna por cima da outra. Que homem arrogante. Isabel afastou afetadamente as saias do alcance das botas dele. Nick observou, um sorrisinho presunçoso brincando em seus lábios. Suas botas não estavam nem perto das saias dela, e os dois sabiam disso.

Não importava. Ele poderia ter sido mais cortês.

– Perdoe-me, milady, se não acredito na senhorita.

Isabel arregalou os olhos.

– Como disse? – perguntou, o tom altivo como o de uma rainha.

– Está me chamando de mentirosa?

– Estou acusando-a de esconder a verdade.

– Ora! De todas as... – Não importava que ele tivesse razão e que ela estivesse mesmo escondendo vários segredos dele. Segredos enormes. Um cavalheiro não questionava a veracidade das palavras de uma dama. – Preciso lembrá-lo de que, como hóspede em Townsend Park, o senhor me deve um mínimo de respeito?

– Preciso lembrá-la, milady, de que, como minha anfitriã, a *senhorita* me deve um mínimo de generosidade?

Isabel inclinou-se para a frente.

– O que quer dizer?

– Apenas que seria melhor me contar a verdade sobre sua situação. Eu vou descobrir de qualquer jeito, logo, logo.

– Eu... – Ela parou.

A que situação ele se referia?

– Sei que está passando por dificuldades financeiras, Isabel.

– *Lady* Isabel – retrucou ela, mas ele não se corrigiu. – E não consigo ver por que isso seria motivo de preocupação para o senhor, lorde Nicholas.

– St. John. Ou Nick. Poucas pessoas me chamam de lorde Nicholas. – Ela não se corrigiu. – E é um problema muito sério para mim, Isabel. Afinal de contas, a senhorita me trouxe aqui para avaliar sua coleção de esculturas de mármore.

– Eu... – Ela tinha que tomar cuidado. – Eu o libero desse pedido.

– Sim, mas parece que a natureza tem outros planos para nós. – Ele fez uma pausa. – De quanto precisa?

Era só o que faltava. O homem era impossível. Cavalheiros não impunham sua presença a damas e perguntavam sobre suas finanças. A conversa era mais do que grosseira.

Isabel não conseguia imaginar por que qualquer mulher iria querer conquistar aquele lorde, afinal de contas. Ela certamente não queria.

*Isso tornava tudo mais fácil.*

– Lorde Nicholas...

– Para cada vez que me chamar de lorde Nicholas, eu vou fazer mais uma pergunta inadequada.

– Não há muitas mais inapropriadas do que esta.

– Pelo contrário, Isabel, há tópicos muito mais inadequados que eu ficaria feliz em discutir com você.

*Por exemplo?*

Ele pareceu ler seus pensamentos. Seu olhar azul penetrante

cintilou com um conhecimento enervante e, naquele momento, Isabel só queria uma lista de todos aqueles tópicos obscuros. Sentiu as faces corarem com o pensamento. Para disfarçar o rubor, bebeu um gole de conhaque e o líquido ardente queimou sua garganta. Ela tossiu uma vez, depois duas, desesperada para manter o ato delicado e não chamar atenção para seu desconforto. Quando ele não desviou o olhar, o rubor dela ficou mais forte.

Ela não podia deixá-lo levar a melhor.

– Eu também sei jogar esse jogo, milorde. Para cada pergunta inadequada que fizer, eu lhe garanto que também vou encontrar uma.

– Sim... mas vai ser capaz de fazê-la?

*Era um teste. Os dois sabiam disso.*

– Onde o senhor... – Ela parou.

Houve uma longa pausa enquanto Nick esperava que ela terminasse a pergunta. Isabel baixou os olhos para o copo em suas mãos, profundamente consciente da sensação do cristal pesado, o líquido âmbar rodopiando lá dentro. *Ela não podia terminar a pergunta.*

– Onde eu...?

Isabel balançou a cabeça, sem desviar os olhos da bebida. Havia uma gotinha bem na beira do copo e, em seu nervosismo, ela a tocou, observando o líquido desaparecer em sua pele, desejando poder fazer o mesmo – desaparecer daquela sala, fugir daquela conversa que estava tão além de sua experiência.

– Estou decepcionado com você – disse ele, a voz baixa e cortante. – Eu tinha esperanças de que fosse uma oponente formidável, mas estava enganado.

Ela ergueu os olhos ao ouvir as palavras, ligeiramente provocantes. Viu uma covinha se insinuar na face dele e decidiu pôr um fim às provocações.

– Onde arrumou a sua cicatriz?

As palavras mal haviam acabado de sair e ela queria desesperadamente engoli-las de volta. *O que estava pensando?*

Ele sorriu e bebeu um gole de conhaque.

– Boa garota. Eu sabia que você conseguiria. Sabe, nenhuma mulher jamais me fez essa pergunta.

Ela tentou descartar a importância da pergunta:

– Tenho certeza de que mal percebem...

Nick ergueu uma sobrancelha e o movimento a deteve.

– Não estrague minha recém-descoberta visão de você, Isabel. Eu adquiri a cicatriz na Turquia.

Ela balançou a cabeça uma vez, como se para clareá-la.

– Eu... Eu não quis...

– É claro que quis. – Ele ergueu o copo em um brinde. – Agora que resolvemos isso, de quanto precisa?

A mente dela fervilhava com outras perguntas que queria fazer.

Ele havia aberto as comportas.

– Não tenho certeza. Mais do que o que ganhamos com a propriedade. Quando?

Nick não fingiu não entender. Rodou o copo descuidadamente na mão.

– Há nove anos. Está dizendo que a propriedade não pode se sustentar?

Isabel bebeu mais um gole. Então se recostou, pressionando as costas na poltrona macia.

– Poderia, durante alguns meses, se ainda tivéssemos os animais e as lavouras para sermos autossustentáveis. Mas não sobrou nada. Nada para a escola de James. Nada para comprar roupas novas...

– Você gostaria de roupas novas?

– Não – respondeu ela, balançando a cabeça. – Estou falando de roupas novas para James. Para... – Ela parou. *Para as garotas.* Fitou os olhos dele. – Doeu?

– Já passei por coisa pior.

– Pior do que um corte de 10 centímetros na bochecha?

Ele balançou a cabeça lentamente.

– É a minha vez. Só para constar, eu gostaria que você tivesse roupas novas. Gostaria de vê-la em cores vivas e ousadas. Acho que ficariam bem em você, com certeza melhores do que as cores do luto. Gostaria de vê-la de vermelho. Um rosa-escuro bem bonito.

Fosse por causa do conhaque ou do tom atencioso dele, Isabel se sentiu mais quente. Esperou que ele falasse, imaginando o que poderia dizer em seguida, ansiosa para que a conversa continuasse apesar de temer os tópicos que poderia abordar.

– Por que não se casou?

A pergunta não era absolutamente o que Isabel havia esperado.

– Eu... – Ela fez uma pausa, insegura. – O que isso tem a ver com o assunto?

Nick abriu um sorriso enviesado e sagaz.

– Ah, vejo que encontrei um tópico interessante.

– Eu lhe asseguro, milorde, não estou nem um pouco interessada nele.

– Não... mas eu estou.

Ele se levantou e atravessou o aposento para encher o copo. Isabel seguiu seus movimentos, os olhos arregalados, e quando ele voltou com a garrafa e lhe ofereceu mais uma dose, ela não recusou.

– Casamento é a resposta para os seus problemas, Isabel. Por que não se casar?

Ela pensara que não existia nenhum assunto que quisesse discutir ainda menos do que as finanças da propriedade. Parecia que estava errada.

– Nunca foi uma opção. Como aconteceu?

Nick voltou a se sentar de frente para ela.

– Lugar errado na hora errada. Não acredito que casamento nunca tenha sido uma opção. Diga a verdade.

– Os únicos homens que demonstraram interesse foram amigos do meu pai. Se conhecesse meu pai, também não consideraria casar-se com qualquer um de seus amigos uma opção. – Ela bebeu de novo, o líquido mais suave, e mais agradável, dessa vez. – Não acredito que o senhor só estava no lugar errado na hora errada. Diga a verdade.

Um sorriso se formou nos lábios dele conforme reconhecia as próprias palavras.

– Um golpe indiscutível, milady. – Ele se recostou na poltrona. – Vou lhe contar, mas terá que ser sincera comigo. Tem certeza de que está à altura do desafio?

*Não.* Mas, naquele momento, não havia nada que ela não promettesse para ouvir a história dele.

– É claro.

Nick levantou uma sobrancelha, com um ar de dúvida, mas falou:

– Por um golpe de imenso azar e uma terrível capacidade de julgamento, fui parar em uma prisão turca durante minha estada no Oriente.

Ela prendeu a respiração enquanto ele continuava:

– Fiquei lá por 22 dias antes de Rock me encontrar e me resgatar. Acho que o fato de eu ter escapado com uma única cicatriz visível é bem impressionante.

*Que horror.* Que sorte ele tivera por Rock tê-lo encontrado. E se não tivesse sido salvo? E se tivesse sumido por um mês? Um ano? Que outras cicatrizes, mais sinistras, poderia ter havido? *Será que havia?*

Ele se inclinou para a frente, então, e esticou o braço na direção dela. Isabel se sobressaltou quando os longos dedos dele roçaram o espaço entre suas sobrancelhas, alisando a testa franzida que ela nem havia percebido.

– Posso ver sua imaginação correndo solta.

Ela balançou a cabeça, afastando-se do calor de seu toque.

– Bobagem. Só fico feliz por ter sido capaz de fugir de seus captores. Que horrível deve ter sido ficar lá. Como é sortudo por ter Rock.

– Não romanceie a história, Isabel. Eu lhe asseguro, mereci a cicatriz.

As palavras caíram como uma pedra entre eles. *O que isso queria dizer? Como aquele homem, aquele lorde, aquele... antiquário... podia ter feito algo digno de um ferimento como aquele?* A boca de Isabel se abriu, mas Nick continuou antes que ela pudesse fazer qualquer uma das perguntas que passavam por sua mente.

– Sua vez.

Ela piscou uma vez, duas vezes. *O que ele queria saber?*

– Casamento.

Isabel precisava ser cuidadosa.

– Eu... eu nunca quis me casar.

Ele esperou. Como ela não disse mais nada, ele insistiu:

– Mas...?

Ela balançou a cabeça.

– O senhor tem razão. O casamento resolveria vários dos meus problemas. Mas, sinceramente, acho que criaria outros.

Ele deu uma risadinha e, quando ela o fitou com curiosidade, disse:

– Perdão. É só que nunca conheci uma mulher que achasse isso sobre casamento.

No mesmo instante ela entendeu que ele estava pensando na *Pérolas e Peliças*.

– Não, suponho que não.

– Não deseja a felicidade matrimonial?

– Se a felicidade matrimonial fosse uma opção verdadeira, talvez eu a desejasse... – Isabel riu com desdém, olhando detidamente para dentro de seu copo antes de beber o restante do conhaque. A

verdade estava vindo mais fácil agora. – Mas a felicidade matrimonial nunca pareceu viável para mim.

– Não?

Ela ergueu a cabeça e viu o olhar curioso dele.

– Nem um pouco. Não conheceu meu pai?

– Não, não conheci.

– Que sorte a sua. – Por um momento ela achou que Nick fosse dizer algo em resposta a suas palavras amargas. Como ele permaneceu calado, Isabel continuou: – Ele não passava muito tempo aqui. Minha mãe era muito apaixonada por ele, apesar de eu nunca ter entendido por quê. Ele era bem bonito, eu acho, e certamente a alma de qualquer festa. Era um pândego. Mas quando precisávamos dele, nunca estava aqui.

Havia mais a dizer – muito mais –, mas Isabel se conteve. Lorde Nicholas St. John, por mais fácil que fosse conversar com ele, por mais que fosse uma companhia envolvente, era um perigo para ela – para todas elas –, e Isabel precisava mantê-lo a uma distância segura.

– Basta dizer que a ideia de um casamento como o deles nunca me atraiu.

Ele assentiu uma vez, bem devagar, como se entendesse.

– Nem todo casamento é como o deles.

– Talvez – concordou Isabel, baixinho, antes de olhar de novo para dentro do copo vazio. – Suponho que o senhor tenha uma família fantástica, calorosa e cheia de amor. Provavelmente nasceu de um casamento feliz.

Nick deu uma risadinha ao ouvir isso, o que fez despertar a curiosidade de Isabel.

– Isso não podia estar mais longe da verdade – disse ele, mas não seguiu em frente. Em vez disso, mudou de assunto: – Mas então você está vendendo a coleção.

A dor a respeito desse assunto se acendeu. Quando Isabel falou,

não conseguiu afastar o pesar da voz.

– Sim.

– E não quer fazer isso.

Não havia razão para mentir.

– Não.

– Então por que seguir em frente? Certamente há um tutor nomeado no testamento de seu pai que pode ajudar.

– Nosso *tutor*, se é que podemos chamá-lo assim, não foi encontrado. Como sempre, meu pai deixou para mim a tarefa de colocar comida na mesa e um teto sobre nossas cabeças. – Ela fez uma breve pausa e sorriu. – Literalmente.

Nick também sorriu com a piada dela e, naquele momento em que ambos estavam descontraídos, algo mudou nos olhos dele, que se preencheram com uma clara consciência. Isabel soube muito bem para onde os pensamentos dele tinham ido: para o telhado, a chuva, e o encontro vespertino deles. As faces dela ficaram quentes, e ela lutou contra o impulso de pressionar os dedos no rosto para afastar o rubor.

– Talvez o senhor o conheça.

– O seu tutor?

Ela assentiu.

– Lorde Oliver Densmore.

Nick levantou as sobrancelhas na hora.

– Densmore é o seu tutor?

Ela não gostou do seu tom.

– Então o conhece?

– Conheço.

– E como ele é?

– Ele é... – Ela observava Nick atentamente enquanto ele procurava o adjetivo adequado. – Bem, sem dúvida ele é divertido.

– Divertido – repetiu Isabel, decidindo que não gostava dessa palavra.

– Sim. Como foi que você descreveu o seu pai? Um pândego?

Isabel assentiu.

– Os semelhantes se aproximam. Mas ele não é um homem que eu escolheria para proteger minha família.

*É claro que não era.*

Isabel já sabia disso, mas uma pequena parte sua tivera esperanças de que em seu último ato seu pai pudesse ter sido, realmente, um *pai* para ela. E, se não para ela, pelo menos para James.

Em vez disso, ao pensar no que Nick dissera, ela sentiu uma enorme pressão crescer em seu peito. De repente, não conseguiu mais respirar ante a ideia de mais um homem, irresponsável e ainda assim tão poderoso, dominando-a... dominando James... dominando as meninas. Sentiu o pânico tomar conta de si, puro e descontrolado.

Precisava tirar as garotas dali. Agora. Antes que estivessem encurraladas.

Antes que fossem encontradas.

Antes que tudo o que ela havia construído com tanto cuidado fosse destruído por um homem igual a seu pai.

Tentou respirar fundo, mas não encontrou ar suficiente.

– Isabel.

O som de seu nome sendo pronunciado veio de longe à medida que ela fechava os olhos e se esforçava para respirar. No momento seguinte, Nick estava ao lado dela, a mão forte em suas costas, correndo pela estrutura do espartilho.

– Esses negócios são instrumentos de tortura – resmungou ele enquanto erguia o queixo dela com um dedo, forçando-a a encará-lo. – Olhe para mim. Respire.

Isabel balançou a cabeça.

– Eu estou... – Ela fez uma pausa, então tentou de novo: – Estou bem.

– Não, não está. Respire.

A calma na voz dele a tranquilizou, e ela obedeceu. Sua respiração era profunda e inconstante enquanto ele acariciava as costas dela.

Quando havia se recuperado, Isabel se recostou em um braço da poltrona, desesperada para se afastar do toque perturbador de Nick. Ele a soltou, mas não mudou de posição, continuando agachado ao seu lado. Ela desviou os olhos, culpada, envergonhada de seus atos. Seu olhar recaiu na porta do outro lado da sala, e então considerou as diversas razões que podia inventar para fugir.

– Você não vai sair desta biblioteca – disse ele.

Ela podia sair se quisesse. Afinal, a casa era dela. Ele não precisava ser tão agressivo a respeito. Ela agarrou a beirada da poltrona, os nós dos dedos ficando brancos.

– Não há necessidade de se preocupar.

Os olhos de Nick brilharam conforme ele trocou o peso do corpo de um joelho para o outro e tomou as mãos dela nas suas.

– Você está sobrecarregada com tantos segredos, Isabel. Em algum momento vai ter que partilhá-los.

Ela olhou para ele, aquele homem que parecia ser bom. E forte. E rico. E percebeu que ele era, sem dúvida, sua maior esperança.

Se ao menos ela não se sentisse tão culpada sobre isso...

– Por que não começar pelo seu pai? – sugeriu Nick.

Ela se afastou mais ainda, resistindo fisicamente à ideia de se abrir a respeito do homem que a colocara naquela situação. Nick apertou as mãos dela.

– Por que não falar o que você não consegue parar de pensar?

Isabel prendeu a respiração ao ouvir as palavras, tão delicadas, tão persuasivas.

*E se contasse a ele?*

*E se abrisse mão de alguns de seus segredos?*

Eles ficaram parados ali, à mercê de algo mais poderoso do que

qualquer um dos dois, e Isabel sentiu o peso do silêncio como se fosse algo físico.

Nenhum deles estava de luvas aquela noite; a natureza informal da mansão não havia exigido. Nick esfregou as mãos dela entre as suas com todo o cuidado, passando as pontas de seus dedos largos e maravilhosamente ásperos por cada um dos dela. Isabel observou o movimento, imaginando, ao sentir a pele calejada dele, como um dos lordes mais cobiçados de Londres teria adquirido aquelas mãos de trabalhador. Estava tão distraída com isso que quase cedeu a seu pedido.

Quase.

Mas em algum lugar no fundo de sua mente, Isabel sabia que se abrir para aquele homem seria a coisa mais perigosa que faria na vida.

Ele a fez querer acreditar que poderia dividir seu fardo, quando a verdade era que estava sozinha e sempre estaria.

No começo, ela havia pensado que a solidão seria melhor, porque todas as mulheres que conhecera que escolheram compartilhar seus segredos haviam se arrependido. Ela aprendera com a mãe, com as mulheres da Casa de Minerva. Dividir a vida com um homem acabaria levando-a a se tornar metade de uma mulher. E ela jamais desejaria se sentir desse jeito.

Não importava quanto se sentia tentada pelas mãos quentes e pelas palavras encorajadoras dele.

Isabel engoliu em seco e se esforçou para que sua voz saísse forte e firme.

– Não há nada a dizer. O senhor conhece a reputação dele tão bem quanto eu. Melhor, imagino. Nós não o conhecíamos. Ele não fez questão de que isso acontecesse.

Ela encolheu os ombros ligeiramente e puxou as mãos, ansiosa para se livrar do toque dele.

Nick não disse nada. Apenas soltou uma de suas mãos, mas

continuou segurando a outra com firmeza, virando-a para cima e fixando o olhar nela. Com os polegares, começou a traçar círculos vagarosos pela palma. A sensação foi instantaneamente avassaladora.

Quando ele falou, foi quase sussurrando:

– Você não precisa me contar, mas acredite em mim quando lhe digo que não pode permitir que ele a coloque contra a vida. Não deixe que ele roube de você o prazer de viver.

Isabel olhou para ele, mas Nick continuava concentrado na mão dela, nas carícias que enviavam maravilhosas ondas de prazer por todo o seu corpo. Isabel suspirou e afundou as costas na almofada da poltrona, ciente de que devia fazê-lo parar, mas incapaz de reunir energia para isso. O que quer que ele estivesse fazendo com sua mão... era *delicioso*. Muito mais do que qualquer coisa que ela tivesse experimentado em muito tempo.

A não ser, talvez, pelo seu beijo, que também fora bastante delicioso.

Mas aquilo que ele estava fazendo com ela... a forma como os dedos dele pareciam encontrar os pontos mais sensíveis de sua mão... Isabel nunca imaginara o prazer que o toque de uma pessoa podia proporcionar.

Ela desviou o olhar para o pescoço de Nick, desde a linha do maxilar até o colarinho. Ela nunca havia reparado no pescoço de alguém e, enquanto fazia o caminho de volta do colarinho até o maxilar, ficou imaginando por quê.

Pescoços eram bem magníficos, na verdade.

Ele começou a esfregar a base do polegar dela com as pontas de seus dedos fortes, e Isabel quase se derreteu ao toque, afundando ainda mais na poltrona. Nick continuou a carícia, pressionando da maneira mais maravilhosa, fazendo-a se arrepiar de satisfação. Isabel suspirou, ainda sem forças para interrompê-lo.

Ergueu o olhar para o rosto dele, observando todos os seus

traços, o queixo forte, os lábios firmes e macios. Não se demorou naquela boca... ou nas lembranças perturbadoras que traziam. Em vez disso, voltou a atenção para a ligeira e quase imperceptível falha em seu nariz.

Nick havia quebrado o nariz em algum momento. Teria sido na mesma ocasião em que ganhara a cicatriz?

Quem era aquele homem, ao mesmo tempo um antiquário, um cavalheiro, um misterioso fugitivo de cadeia e o irritante dono de um beijo maravilhoso?

Por que ele parecia compreendê-la tão bem?

E, mais importante, por que ela queria tanto conhecê-lo?

Arriscou-se a fitar os olhos dele, então, e ficou aliviada em descobrir que Nick continuava concentrado em sua mão, não em seu rosto. Observou o olhar intenso daquele homem. O azul brilhante que tinha notado desde o início – que todas as mulheres de Londres haviam notado em algum momento, segundo aquela revista idiota – não era simplesmente azul. Era uma combinação deslumbrante de tons de cinza, violeta e safira... emoldurados por cílios escuros e tão exuberantes que qualquer cortesã os invejaria.

*Ele era lindo.*

O pensamento irrompeu, e Isabel se empertigou na poltrona, puxando a mão que ele segurava e ignorando a sensação imediata de perda que a invadiu ao fazer isso. Engoliu em seco, recuperando a compostura.

– O senhor está exagerando na intimidade, lorde Nicholas.

Ela conseguiu não se retrair ante o tremor em sua própria voz e ficou bastante orgulhosa de seu autocontrole.

Sem pestanejar, Nick apoiou as mãos nas coxas e ficou parado, a não ser pela ligeira elevação do canto de sua boca em um sorrisinho irônico.

– Eu ouvi seu suspiro, Isabel. Seu corpo não me achou nada exagerado.

Ela arregalou os olhos ao ouvir isso.

– Que coisa mais... arrogante... grosseira... de se dizer!

Nick deu de ombros quase imperceptivelmente.

– Eu a avisei sobre o que aconteceria se me chamasse de lorde Nicholas de novo.

Isabel abriu a boca para retrucar, mas descobriu que não tinha nada a dizer. Que coisa mais frustrante. Nos romances, a heroína sempre tinha algo espirituoso a dizer.

*Só que ela não era nenhuma heroína.*

Balançou a cabeça para afastar o pensamento, então se levantou, aprumou os ombros e passou por ele. Adorou o som de suas saias roçando o ombro dele.

Quando achou que estava longe o suficiente, Isabel se virou.

E o viu já de pé, perto demais dela.

Ficou paralisada, o nervosismo crescendo à medida que ele erguia uma das mãos até a face dela e passava a ponta dos dedos pela sua pele, fazendo-a estremecer. Isabel estava envolvida pelo aroma que ele exalava, uma combinação inebriante de conhaque, sândalo e algo maravilhoso que ela não conseguiu identificar. Resistiu à tentação de fechar os olhos e aspirar aquele perfume, de se entregar ao toque suave e encorajá-lo a seguir adiante.

E se ele seguisse? O que aconteceria?

*Ele a beijaria de novo?*

*Ela queria que ele a beijasse?*

Isabel permaneceu completamente imóvel, hipnotizada pela leveza do toque de Nicholas.

Sim. Queria que ele a beijasse.

Olhou dentro dos olhos dele e tentou, com a força do pensamento, fazer com que ele se aproximasse – que repetisse os atos da tarde.

Nick podia ler seus pensamentos, Isabel sabia disso. Ela viu a centelha de satisfação masculina no olhar dele conforme ele

absorvia o desejo dela... porém ela não se importava. Contanto que ele a beijasse.

Ele estava tão perto... Era enlouquecedor. Isabel não conseguia suportar a espera – a enorme ansiedade por uma carícia que poderia não acontecer – e por fim fechou os olhos, incapaz de continuar fitando o azul intenso e sagaz daquele olhar. Privada da visão, Isabel se sentiu oscilar na direção de Nick, atraída pelo calor dele. Sabia que aquilo era um descaramento, mas havia algo naquele homem que a fazia perder as inibições, que a fazia se esquecer de seu passado, de tudo o que ela havia jurado que jamais se tornaria.

– Isabel...

Ele sussurrou seu nome, e ela resistiu ao impulso de abrir os olhos, temendo quebrar o encanto quente e íntimo que fora tecido ao redor deles. Em vez disso, ela se regozijou com o som de seu nome sendo pronunciado pela voz grave de Nick. Ao mesmo tempo, suas mãos subiam por vontade própria para tocar de leve no tecido áspero do sobretudo dele – ansiosas por explorar seu tórax largo.

Ele havia falado dos prazeres da vida. Isabel queria que os mostrasse a ela.

O toque suave pareceu estimulá-lo a prosseguir, e Isabel suspirou quando ele encostou os lábios nos dela... sendo tomada por uma mistura de prazer e alívio.

O beijo foi mais suave, menos urgente do que o daquela tarde. Nick enterrou as mãos no seu cabelo, na altura da nuca, enquanto roçava os lábios nos dela em um toque leve como uma pluma uma, duas vezes... inebriando-a de sensações. Isabel suspirou, os lábios se abrindo, e ele a recompensou aprofundando o beijo, alinhando sua boca com a dela e deslizando a língua por cima do lábio inferior carnudo, deixando um rastro de fogo.

Isabel passou as mãos por cima dos ombros largos dele e pressionou o corpo contra seu tórax, desejando que ele chegasse mais perto. Nick entendeu e puxou-a para si, para o aconchego de

seu abraço. Então acariciou a língua dela com a sua antes de interromper o beijo para roçar os lábios pela face de Isabel até a orelha, sussurrando seu nome – mais sensação do que som – e pegou o lóbulo macio entre os dentes, mordiscando-o até ela estremecer de prazer e passar os braços em volta do seu pescoço.

Ela podia sentir o sorriso satisfeito dele conforme pressionava os lábios no ponto macio atrás de sua orelha. Seu coração batia em um ritmo louco e insuportável. Nick passou a salpicar beijos suaves e irresistíveis pelo pescoço dela abaixo, fazendo uma pausa para roçar os dentes na pele dela até ela gemer e ter que se esforçar para se manter de pé.

Ele a levantou nos braços e, sem afastar os lábios de seu pescoço, voltou para a grande poltrona perto da lareira. Sentou-se com Isabel no colo, então ergueu a cabeça dela, capturando seu olhar como se para confirmar sua disposição em continuar. Ela suspirou em aprovação enquanto ele inclinava o queixo dela ainda mais para cima e voltava a beijar a pele macia no ponto em que o pescoço encontrava o ombro, lambendo de leve, a maciez da língua dele deixando-a enlouquecida.

Isabel suspirou, e o som o atraiu de volta para sua boca. Ele capturou-a em outro beijo, passando a língua por cima de seus lábios enquanto deslizava a mão pela lateral do corpo dela até a curva de seu seio. Uma vez ali, a mão dele ficou imóvel, e isso provou ser a ruína de Isabel. Ela sentiu o seio cheio, pesado e ávido pelo toque dele. Ela o desejava de uma forma que nunca imaginou ser capaz de desejar nenhum outro homem.

Começou a se mexer, então, incitando-o a acariciá-la, e Nick interrompeu o beijo, abrindo os olhos azuis brilhantes e capturando o olhar dela.

– O que foi, linda? – perguntou, movendo o polegar só um pouquinho, mas o suficiente para ela ter a certeza de que ele sabia exatamente o que ela queria.

Ele a estava provocando.

– Eu... – Ela não podia dizer.

Nick pressionou a palma da mão – aquela mão cruel, tão perto de onde ela a queria – contra o corpo dela e colou os lábios em sua orelha.

– Tão linda... tão ardente... minha própria Hedonê. – As palavras, mais respiração do que voz, fizeram-na quase explodir de satisfação. – Me mostre.

O pedido libertou algo dentro de Isabel. Ela deslizou a mão pelo braço de Nick até onde a mão dele repousava, quase em seu seio. Afastou-se um pouco e buscou o olhar dele com mais coragem do que imaginava possuir. Então guiou sua mão forte até que capturasse seu seio, e os dois observaram enquanto ele roçava o mamilo com o polegar por cima do tecido, até enrijecer. Ela suspirou com a sensação, e seus olhares se cruzaram.

– Diga-me o que está sentindo.

Isabel corou.

– Eu... eu não consigo.

Ele repetiu a carícia, e ela suspirou de novo.

– Você consegue.

Ela balançou a cabeça.

– Eu nunca... É maravilhoso. Maravilhoso demais.

Nick a recompensou com um longo beijo enquanto escorregava um dedo para dentro do vestido dela, acariciando a pele quente e tesa. Ela gemeu então, interrompendo o beijo, e ele encostou a testa na dela, a sombra de um sorriso brincando em seus lábios inchados.

– Só vai ficar melhor.

As palavras eram cheias de promessa ardente.

Nick a ergueu nos braços de novo, surpreendendo-a com o movimento conforme ele se levantava, então a colocou na poltrona como se ela não pesasse nada. Inclinou-se por cima dela, apoiando-

se nos braços da poltrona, e roubou seus lábios mais uma vez, até Isabel ficar incapaz de se mover.

Logo em seguida ele se afastou, e ela, ao abrir os olhos, viu o intenso desejo nos dele – rapidamente substituído por algo que ela só podia descrever como determinação. Confusa pela mudança, ela não teve alternativa a não ser observar enquanto ele sussurrava:

– Não sei do que está se escondendo, Isabel, mas vou descobrir. E, se estiver em meu poder mudar isso, vou mudar.

Ela ficou boquiaberta ante as palavras tão inesperadas.

Então Nick se retirou do aposento – seus movimentos tão confiantes quanto suas palavras tinham sido –, deixando-a ávida pelo seu toque.

## DEZ



**P**ela manhã, antes de abrir os olhos, Nick soube que alguém o estava observando.

Mantendo a respiração regular, ele considerou suas opções.

Ouviu uma respiração suave e constante vindo de alguns metros de distância. O intruso estava perto dele, próximo à cama, e nem um pouco nervoso. Se aquilo fosse uma década antes e Nick estivesse na Turquia, ficaria perturbado pelo fato – mas ele se encontrava em Yorkshire, preso em uma casa por causa de uma tempestade, o que limitava bastante as possibilidades de visitantes.

Não sentiu o cheiro de flor de laranjeira, o que significava que não era Isabel – infelizmente. Ele teria gostado de acordar com ela ao seu lado na cama. Os acontecimentos da noite anterior só haviam servido para aumentar sua curiosidade em relação a ela. Ele nunca conhecera uma mulher tão ardente... e tão misteriosa. Queria descobrir tudo sobre ela.

Sim, teria mesmo gostado de acordar com ela em sua cama, quente e exuberante, ao lado dele, os olhos cor de mel sonolentos e acolhedores. Não havia nada do mundo que fizesse valer a pena sair de uma cama tão bem ocupada.

Nick voltou a se concentrar na situação. Seu visitante não era perigoso – isso ele podia perceber –, mas aquela não era hora de fantasiar sobre a senhora do solar. Na verdade, fantasiar qualquer coisa sobre Isabel era uma tarefa muito perigosa.

Abriu os olhos e deu com olhos castanhos muito sérios, não muito diferentes dos que ele estivera imaginando, encarando-o.

– Ótimo. Você está acordado.

De todos os possíveis intrusos, Nick não esperara encontrar o jovem conde de Reddich agachado ao lado de sua cama, sem piscar.

– Parece que sim.

– Eu estava esperando você acordar – anunciou James.

– Sinto tê-lo feito esperar – falou Nick, secamente.

– Não é um problema, na verdade. Só tenho aula daqui a uma hora.

Nick sentou-se ereto, os lençóis de linho caindo até sua cintura nua enquanto ele esfregava o rosto para espantar o sono.

– Ninguém nunca lhe disse que entrar furtivamente no quarto dos hóspedes é falta de educação?

James inclinou a cabeça de lado.

– Achei que isso só se aplicava aos quartos das meninas.

Nick sorriu.

– Sim, bem, é ainda pior quando se trata de quartos de meninas.

James assentiu, como se Nick tivesse acabado de transmitir algum grande segredo.

– Vou me lembrar disso.

Escondendo seu divertimento, Nick colocou as pernas para fora da cama e vestiu o robe pequeno demais que lhe fora oferecido na noite anterior. Ficou de pé, amarrou bem apertado a faixa do roupão e virou-se de volta para o menino, avaliando-o do outro lado da cama.

Enquanto James seguia seus movimentos, Nick percebeu que ele tinha um ar sério – uma circunspeção no olhar que não combinava com a idade. Não conseguiu evitar pensar em Isabel. A seriedade era hereditária.

– O que posso fazer por você, lorde Reddich?

James balançou a cabeça.

– Ninguém me chama assim.

– Pois deviam começar a chamar. Você é o conde de Reddich, não é?

– Sou...

– Mas?

James mordeu o canto do lábio inferior.

– Mas não faço realmente as coisas que os condes fazem. Não tenho idade suficiente.

– Que coisas são essas?

– Coisas que meu pai fazia.

– Sim, bem, não tenho certeza se *eu* tenho idade suficiente para fazer as coisas que seu pai fazia – falou Nick, atravessando o quarto e indo lavar o rosto com a água fria de uma bacia.

Puxou uma toalha branca do suporte próximo e secou-se antes de se virar de novo para o menino, que agora estava sentado ao pé da cama, observando-o.

– Devo aprender logo, logo, suponho – disse James, e Nick percebeu a falta de entusiasmo em seu tom. – Isabel disse que quando você tiver terminado seu trabalho com as estátuas, teremos dinheiro suficiente para me mandar para a escola.

Nick assentiu uma vez antes de erguer solenemente um pote de creme de barbear e ensaboar o rosto. Ele se virou para o espelho no canto do quarto, consciente de que o menino acompanhava todos os seus movimentos, fascinado.

– Quantos anos você tem?

– Dez.

*A idade que ele tinha quando tudo mudara.*

Erguendo uma navalha, Nick fingiu não perceber o olhar intenso de James. Ele posicionou a lâmina rente à face e falou:

– Meu irmão é um marquês, sabia?

O garoto levou um instante para absorver as palavras, de tão concentrado que estava no movimento da lâmina de aço passando

pela pele de Nick. Quando o jovem conde enfim se deu conta do que Nick falara, arregalou os olhos.

– É mesmo?

– É mesmo. – Nick se concentrou em sua tarefa por alguns segundos antes de acrescentar: – E ele aprendeu a maior parte das coisas que sabe sobre ser um marquês na escola.

O silêncio caiu entre eles, apenas o som da água na navalha de Nick soando no quarto enquanto James pensava no que ouvira.

– Você foi à escola?

– Fui.

– Você gostava?

– Às vezes.

– E os outros?

Nick fez uma pausa, usando o delicado ato de barbear o queixo para ganhar tempo e pensar na resposta. Ele tinha muito em comum com aquele menino – uma história estranha que o diferenciava de seus pares, um futuro incerto, um passado infeliz. Nick se lembrou do abandono de sua mãe, do turbilhão de fofocas que começou logo depois que ela foi embora, de como seu pai havia se isolado e mandado Nick e Gabriel para a escola sem prepará-los para o que os outros iriam falar, para o modo como iriam provocá-los. Como filho caçula, sem um título, Nick fora alvo da parte mais grosseira das provocações. E naqueles dias ele se jogara de cabeça nos estudos.

Isso fora antes de aprender a retaliar com os punhos. Antes de perceber que seu tamanho, sua estatura e sua força física podiam abrir as portas para uma vida mais satisfatória do que a que ele esperava levar como filho mais novo do marquês de Ralston.

Não, Nick não gostara nem um pouco da escola. Mas seria diferente para James. Ele não era o filho de um marquês fraco e de uma marquesa de moral questionável. Era um conde, e tinha direito ao respeito que vinha com o título.

– Às vezes os homens têm que fazer coisas das quais não

gostam. É o que nos faz homens.

James considerou as palavras. Nick o observou atentamente pelo espelho, imaginando no que o jovem conde estava pensando. Por fim, o menino levantou a cabeça.

– Eu gostaria de ser visto como um homem.

– Então temo que a escola seja obrigatória.

– Mas e quanto a... – James se deteve, e Nick não o pressionou, em vez disso secando o rosto agora bem barbeado enquanto esperava. – E quanto às garotas?

Algo irrompeu no peito de Nick – uma pontada de afeto despertada pela pergunta lamuriosa. O menino estava preocupado com a irmã. E, levando-se em conta a imprudência dela nos últimos dois dias, Nick não poderia culpá-lo.

Não que ele fosse dizer isso.

– Sua irmã parece se virar muito bem sozinha, você não acha?

James balançou a cabeça.

– Isabel odeia ficar sozinha. Ela ficaria triste se eu fosse embora.

Nick tentou afastar a imagem que surgiu em sua mente de Isabel triste e sozinha. Não gostou do que vislumbrara.

– Acho que ela entenderia o seu dever.

O menino havia voltado a morder o lábio – um hábito encantador do qual Eton o livraria imediatamente, pensou Nick, uma pontada de decepção surgindo com a ideia.

– E quanto ao meu dever aqui? Para com as meninas? – indagou James.

– Isabel e Lara estarão aqui quando você voltar, James. E elas estarão em uma situação melhor com tudo o que você terá aprendido sobre ser um conde.

James balançou a cabeça com veemência.

– Elas não são... – Ele parou, refletiu e recomeçou: – Não posso protegê-las se estiver na escola.

O alarme soou na mente de Nick diante das palavras.

– Protegê-las? – falou, mantendo a voz casual mesmo enquanto se aproximava de James. – Protegê-las de quê?

O menino desviou o olhar, olhando pela janela do quarto para os hectares de terra verde mais além.

– De... tudo.

Nick soube, de imediato, que James não se referia a uma preocupação geral e abrangente, mas a algo específico. Também sabia que o garoto não ia contar facilmente.

– James – disse, sem querer assustá-lo –, se há algo que o preocupa... Eu posso ajudar.

O menino voltou a encará-lo e seu olhar recaiu sobre a cicatriz de Nick, surpreendendo-o – não porque ele estava olhando, mas porque estava olhando pela primeira vez. James desviou o olhar muito rápido, desta vez para os ombros de Nick, onde o tecido do robe emprestado e pequeno demais tinha se retesado.

– Acho que você pode ser capaz de ajudar – falou o garoto finalmente, em voz baixa. – Acho que é grande o suficiente para conseguir fazer isso.

Se não tivesse ficado tão perturbado com as palavras de James, Nick teria sorrido. O menino tinha consciência do tamanho dele e sabia que poderia parecer avassalador para aqueles que não estavam acostumados.

– Nunca encontrei um perigo que não pudesse superar.

As palavras arrogantes eram apenas uma meia verdade, mas a criança não precisava saber disso.

James assentiu.

– Elas vão precisar de alguém para protegê-las. Principalmente...

*Isabel.*

O nome surgiu na cabeça de Nick conforme ele registrava a óbvia preocupação no rosto de James.

Seria possível que ela estivesse seriamente em perigo? Que alguém estivesse atrás dela? Que ela estivesse se escondendo? Nick

rangeu os dentes, um senso de dever invadindo-o. Ele queria sair correndo do quarto, encontrá-la e sacudi-la até obter a informação. No que diabo aquela mulher havia se metido?

Enfim, James sussurrou:

– Principalmente Georgiana.

A consciência despontou. *Georgiana.*

– Quem é Georgiana?

– A minha professora.

*Elas a haviam encontrado.*

O prazer da caçada cresceu dentro dele e Nick o sufocou, mantendo a voz casual:

– E há quanto tempo ela é sua professora?

– Só há algumas semanas. Mas ela é boa. Sabe latim. E sabe muitas coisas sobre ser conde.

*Conhecimento que ela adquiriu sendo irmã de um duque.*

– E se ela precisar de mim e eu não estiver aqui? – acrescentou James.

A pergunta inocente distraiu Nick de sua descoberta. Quantas vezes ele havia imaginado a mesma coisa quando tinha a idade de James? E se sua mãe tivesse precisado dele e ele não tivesse percebido? Como poderia protegê-la se não fazia ideia de para onde ela fora?

Balançou a cabeça uma vez para clarear as ideias. Ali estava um menino apaixonado por sua professora – uma coisa totalmente diferente.

– Eu sei que é difícil imaginar estar longe da mansão, mas tenho certeza de que ela ficará bem sem você. – James parecia discordar, então Nick continuou: – Ela está bem agora, não está?

– Sim, mas... E se alguém vier buscá-la?

A culpa invadiu Nick. *Alguém já veio buscá-la.*

– Ela vai ficar bem.

Pelo menos isso ele podia prometer ao menino.

James queria dizer mais – Nick podia ver. Mas em vez disso ele baixou a cabeça e falou:

– Suponho que sim. Talvez... se eu for embora... você pudesse ficar? Só para garantir que elas estejam em segurança?

Nick avaliou o jovem conde, registrando a preocupação em seus olhos, reconhecendo-a como o mesmo sentimento que vira nos olhos de Isabel na noite anterior.

*Em que diabo eles estavam envolvidos? Quem eram aquelas garotas? Eram todas da aristocracia?*

Respirou profundamente. Se Isabel tinha uma casa cheia de filhas de aristocratas, estava infringindo uma dezena de leis da Coroa. Estava em uma encrenca enorme. Maior do que ele poderia ajudá-la a sair.

Nick foi até onde suas roupas passadas haviam sido deixadas e ergueu a camisa limpa de linho. Virou-se de volta para James, que esperava ansiosamente sua resposta.

– Vou ficar por tempo suficiente para garantir que vocês todos estejam seguros. Isso basta?

– Você dá a sua palavra?

– Dou.

O rosto de James se abriu em um grande sorriso de alívio que fez Nick se lembrar de Isabel.

Ele não podia deixar de sentir prazer com a felicidade do menino.

– Agora espere lá fora enquanto eu me visto e poderá me mostrar sua sala de aula. Eu gostaria muito de conhecer sua professora.



Quinze minutos depois, Nick seguia James pelos corredores de Townsend Park na direção da sala de aula.

– É no caminho para o estatuário. Talvez você possa nos visitar no almoço. Se sentir vontade, é claro.

O menino não tinha parado de tagarelar desde que Nick o encontrara à porta do quarto. Parecia que a conversa anterior reconfortara James e, apesar de Nick ter pouca experiência com crianças, estava satisfeito em fornecer uma distração para a óbvia preocupação do menino.

*Preocupação válida.*

Nick engoliu sua culpa.

– Talvez. Depende de quanto trabalho eu terei conseguido realizar até lá. Mas vou tentar.

A resposta pareceu satisfazer James e ele assentiu, antes de voltar a atenção para uma porta fechada próxima a eles. A madeira escura tornava-a quase invisível no corredor mal iluminado. James abriu-a e revelou uma sala de aula clara e convidativa por trás dela.

Nick entrou atrás do menino, intrigado. Fazia muitos anos que colocara os pés em uma sala de aula pela última vez, mas o espaço lhe era estranho e familiar ao mesmo tempo – das palavras em latim espalhadas pela sala ao cheiro de giz que invadiu suas narinas.

No canto, Isabel estava inclinada por cima de um grande retângulo de vidro, enquanto uma jovem mulher loura a observava. *Georgiana*. Mesmo que ela não tivesse a postura da filha de um duque – ereta e aprumada como se fosse intocável –, Nick a teria reconhecido, pela semelhança com Leighton. Os cachos louros eram iguais aos do irmão, que levavam as mulheres a se abanarem por ele e os olhos cor de mel eram os mesmos que marcavam a linhagem da família.

Ela se virou diante do grito de bom-dia de James e seu olhar recaiu imediatamente em Nick. Ele fez questão de esconder seu reconhecimento, mas viu a centelha de medo nos olhos dela e no mesmo instante soube que Townsend Park não estava sequestrando as garotas, mas salvando-as. Georgiana estava apavorada pela

presença dele ali. Sabia quem ele era – se Isabel não tivesse lhe contado, a cicatriz dele teria entregado sua identidade –, e devia imaginar que Nick era amigo de seu irmão.

Com um pedido de licença sussurrado, ela se retirou, as saias esvoaçando conforme passava apressada por uma porta para uma sala adjacente. Ele a observou sair, uma estranha emoção fazendo seu estômago se revirar.

*Culpa.*

Nick não gostou disso.

Com convicção, voltou sua atenção para Isabel, que usava um vestido de musselina cinza e se inclinava para dentro de uma caixa transparente de vidro.

– De todas as... Por que eu concordei... A maldita criatura está o mais longe possível de mim, é claro.

– Izzy! – James correu até ela e puxou sua mão livre. – O que você está fazendo? Vai machucá-lo!

– Não vou, não – disse ela, com a cabeça dentro da caixa.

Nick se aproximou um pouco para ver melhor a estrutura de vidro, cheia de pedras e folhagens, como uma floresta minúscula. Viu, lá dentro, as pontas dos dedos de Isabel afastando folhas e seixos e, finalmente, um galho grosso. Observou conforme ela virava uma pedra grande até conseguir segurá-la com firmeza.

– Te peguei! – ouviu-a exclamar.

Ela se aprumou com um sorriso triunfante, várias mechas de cabelo castanho-avermelhado soltas das amarras, conferindo-lhe a aparência de uma moça do campo animada. Nick se lembrou, de imediato, da noite anterior, dos beijos entusiasmados, dispostos e ávidos que os dois tinham trocado. Observou, sorrindo, enquanto ela balançava seu prêmio no ar, bem longe do alcance de James.

O jovem conde ficou na ponta dos pés, esticando-se na direção do objeto em questão.

– Izzy! Me dê!

– Por que eu deveria? – Nick ouviu a provocação no tom de Isabel e se sentiu atraído por ela. – Fui eu que o salvei. Por direito, ele pertence a mim agora.

– Você nem gosta de cágados!

– E por isso, irmão, você deveria ser eternamente grato a mim.

Então ela olhou para além dele, rindo, e viu Nick. Ele soube o momento exato em que Isabel registrou sua presença, porque o sorriso sumiu e ela correu o olhar em volta do aposento. *Procurando Georgiana*. Ela a estava escondendo dele. A raiva se acendeu, brevemente, diante da descoberta de que Isabel não confiava nele.

*Não que devesse. Ele estava prestes a revelar sua localização para o mundo.*

Ela levou a mão livre ao cabelo, em um movimento que Nick estava começando a reconhecer como consequência de seu nervosismo. Distraída, Isabel abaixou o outro braço e entregou a James o item que havia obtido tão orgulhosamente.

Nick experimentou uma sensação aguda de perda diante da mudança de comportamento dela. Queria conhecer a Isabel sorridente, feliz. Já tivera o bastante da séria.

Ele fez uma breve reverência.

– Lady Isabel. Mais uma vez, nos encontramos em circunstâncias... estranhas.

Ela fez uma reverência rápida, quase imperceptível, mais para evitar os olhos dele do que qualquer outra coisa.

– Lorde Nicholas. Se o senhor parasse de aparecer sem ser convidado, asseguro-lhe que eu pareceria menos estranha.

– Eu nunca a chamei de estranha. Única, sim. Intrigante, com certeza. Mas nunca estranha.

O rubor subiu às faces dela e Nick sentiu uma onda de prazer. Lembrou-se, então, da presença de James e voltou sua atenção para o menino.

– Eu gosto muito de cágados, lorde Reddich – disse, agachando-

se. – O seu parece ser um belo exemplar. Posso dar uma olhada?

James estendeu orgulhosamente seu animal de estimação para ser inspecionado. Nick fez uma grande cena para avaliar o bichinho.

– Muito bonito, sem dúvida.

James sorriu.

– O nome dele é George. Em homenagem ao rei.

– Tenho certeza de que o rei ficaria muito honrado em ter um homônimo como este.

– Eu o encontrei na primavera. Izzy e eu construímos o viveiro para ele. Levamos várias semanas para deixá-lo perfeito.

Nick ergueu os olhos para Isabel, curioso a respeito de uma moça que gastaria tanto tempo desenvolvendo um habitat para um cágado.

– É mesmo? – O olhar dele não a deixou. – Que projeto excelente.

Isabel bufou, irritada com a conversa, então desviou deliberadamente o olhar e cruzou os braços, puxando o tecido do vestido até ele estar bem esticado por cima de seus seios.

Ele se forçou a não perceber.

*Ela tinha seios lindos.*

– É, bem, se não mudarmos esse viveiro de lugar, George vai perder todas as suas terras – falou Isabel, chamando a atenção de Nick para o problema em questão. – As goteiras do telhado resolveram mirar no cágado.

James e Nick seguiram a direção do dedo de Isabel, que estava apontado para o teto. Havia uma goteira, e o habitat de George estava, sem dúvida, sob ataque.

– Portanto, o senhor pode muito bem ficar, lorde Nicholas – continuou Isabel, e Nick notou a secura em seu tom. – Podemos usar sua força bruta a nosso favor.

Ele sentiu uma satisfação primitiva com as palavras dela – um

reconhecimento da mais básica diferença entre eles. A resposta grosseira não era algo de que devia se orgulhar, ele sabia.

– Vou interpretar como um grande elogio que me considere útil de alguma forma, lady Isabel.

Ele notou um sorrisinho rondando os lábios dela enquanto Isabel se virava de costas para o enorme cercado de vidro. Ela não era a mulher imperturbável que gostaria de ser.

– Ponha George ali – disse ela para o irmão, indicando uma mesa baixa no canto mais distante da sala –, depois volte aqui para ajudar.

Ela olhou para o teto de novo, avaliando as alternativas.

Por fim, olhou de novo para Nick e, indicando o canto mais distante do aposento, falou:

– Acho que ali é nossa melhor opção.

Com um aceno de cabeça, Nick tomou seu lugar em uma das pontas do viveiro.

– Suponho que não vá permitir que eu vá buscar Rock para ajudar, em vez de fazer isso você mesma.

Isabel se posicionou do outro lado da caixa.

– Se precisasse de ajuda, St. John, eu chamaria um laçao.

– É claro – retrucou Nick secamente, imaginando quem do variado grupo de laçaias ela convocaria.

Não valia a pena discutir. Ele encostou o ombro no viveiro e empurrou. Deus do Céu, o negócio pesava uma tonelada. Nick fez a maior parte do trabalho, enquanto Isabel usava sua força para guiá-lo para o lugar escolhido e James observava tudo, segurando George.

E então o céu desabou.

Em um instante, Nick estava recuperando o fôlego, esperando Isabel confirmar que estava satisfeita com a nova localização do viveiro e, no seguinte, ouviu um estrondo terrível atrás de si. Ao se virar, constatou que um pedaço enorme de gesso do teto havia

caído, aterrissando no local exato onde eles todos tinham estado um minuto antes. Uma nuvem de poeira marcava a trilha do pedaço de teto molhado, pesado com a água da chuva que havia se infiltrado pelo telhado durante a noite.

Houve um momento de silêncio estupefato enquanto os três assimilavam os danos. Então, Isabel soltou um longo suspiro.

– Acho que era apenas questão de tempo antes que isso acontecesse. Agora o senhor vê por que eu estava consertando o telhado ontem, lorde Nicholas. – Ela se virou para James. – É melhor você ir procurar a sua professora. Imagino que vocês não vão usar a sala de aula hoje.

James piscou para a irmã, avaliando suas opções. Aparentemente, uma tarde com a professora em algum outro lugar que não a sala de aula era sedutor demais. Depois de devolver George à sua casa, o menino saiu correndo do aposento, deixando Nick e Isabel com a bagunça toda.

Nick ficou olhando enquanto a cabeça do cágado emergia de seu casco e arrancava um pedaço de uma folha próxima, mastigando tranquilamente, alheio a qualquer agitação externa.

Ah, que maravilha ser um cágado...

Nick se virou de novo para Isabel, que olhava para o buraco no telhado. Então ele viu. Uma única lágrima descia por sua face. Ela a enxugou imediatamente, tão rápido que foi quase como se não tivesse acontecido.

Mas ele vira.

*Droga.*

– Isabel... – chamou, a incerteza em seu tom soando estranha para ele.

Com um suspiro profundo, ela se voltou para ele.

– Não há muito que possamos fazer a respeito agora, há? Devemos apenas esperar que a chuva pare antes de termos que construir um banheiro aqui.

Ao ouvir isso, Nick reconheceu como admirava Isabel. Todas as mulheres que já conhecera – de sua mãe àquelas que ele levava para a cama – usavam as lágrimas para manipular.

Isabel as escondia.

E isso a tornava ainda mais notável.

Ele queria puxá-la para si. Dar-lhe a chance de baixar a guarda. Isabel tinha responsabilidades demais. Nick não a culpava por se sentir sobrecarregada. Mas sabia que ela não iria querer que ele mencionasse as lágrimas, então também não falou nada.

– Todas as melhores casas em Londres estão instalando banheiros. Estão gastando pequenas fortunas para fazê-lo. Você estaria no topo da moda.

Quando Isabel o fitou, seus olhos demonstravam um misto de alívio e gratidão.

– Bem, que sorte temos, não é, em ter um telhado tão obsequioso?

Ela deu uma risadinha, uma onda de som que instigou os sentidos dele. Nick se permitiu rir também, e eles ficaram assim por um momento, aproveitando a companhia um do outro e a possibilidade de estarem relaxados.

Quando o silêncio substituiu as risadas de Nick, trouxe consigo uma percepção. Ele gostava daquela mulher. Muito mais do que gostaria de admitir, na verdade.

Um pensamento preocupante, que levaria inevitavelmente ao sofrimento. Ou a amarras.

Ele pigarreou.

– Fiquei pensando sobre a preocupação de James com sua segurança, mas agora vejo que ele tem razão em se sentir assim. Você tem um talento para atrair o perigo.

Isabel franziu as sobrancelhas.

– James está preocupado com minha segurança?

– Com a sua, a da professora dele, a de Lara... “As garotas”,

como ele se refere a vocês. – Ela desviou o olhar na mesma hora. – Isabel, há algo que deva me contar?

*Conte-me.* Ele tentou, com a força do pensamento, fazê-la confessar tudo. Se o fizesse, Nick lutaria de todas as formas para mantê-las a salvo. No entanto, ela tinha que confiar nele.

Isabel não disse nada, é claro. Em vez disso, atravessou a sala para pegar um balde e começou a reunir nele grandes pedaços de gesso que haviam sido arremessados pelo aposento com o impacto.

– Isabel... eu posso ajudá-la.

Nick ouviu as próprias palavras soarem mesmo sabendo que não deveria dizê-las.

– O que o faz pensar que precisamos de ajuda?

O tom dela era suave, mas Nick percebeu a tensão. Estava ligado demais a Isabel para não reparar.

Ele se agachou na frente dela, que havia parado para limpar o gesso. Esticou o braço e segurou o pulso dela, bem na faixa de pele entre a luva e a manga.

– Não fuja de mim – pediu. – Posso ver que há algo errado.

Ela fitou o ponto onde a pele dos dois se tocava, então desviou o olhar para os olhos dele.

– Não estou fugindo de nada, milorde – disse, com frieza. – A única coisa errada aqui é um telhado com goteiras. Isso e um hóspede intrometido. Pare de tentar nos entender. Não somos problema seu, lorde Nicholas. Faria bem a nós dois se parasse de fingir que somos. – O silêncio caiu no aposento. Ela se desvencilhou da mão dele e retomou sua faxina. – Posso tomar conta de nós. Sempre fiz isso.

Havia mágoa naquelas palavras.

– Nunca insinuei que não podia – retrucou Nick.

Ela encarou-o, então, a voz dura.

– Insinuou, sim. Todo mundo insinua. Mas estou aqui há anos. Sozinha. Mantendo a casa funcionando. E estarei aqui muito tempo

depois de o senhor ter ido embora. Com teto pingando, um conde criança e tudo mais.

O arfar no peito dela ressaltava sua frustração. Nick disse as únicas palavras nas quais conseguiu pensar. Palavras totalmente inadequadas.

– Deixe-me ajudá-la.

Isabel estreitou os olhos para ele.

– Quer ajudar? Termine de avaliar as malditas esculturas.

Virou de costas de novo enquanto Nick a observava, os punhos cerrados de irritação.

Havia algo acontecendo naquela casa. Ele havia perdido a conta dos inimigos cruéis que enfrentara: homens que podiam infligir dor com precisão científica, mulheres de coração frio, vilões com mais riqueza e poder do que qualquer ser humano perverso deveria ter. Tinha certeza absoluta de que podia derrotar qualquer demônio que Isabel estivesse enfrentando. Sabia que podia salvar aquela garota. Aquele condado.

Mas não sabia por que era tão importante fazer isso.

O que havia naquela mulher, naquela casa, naquele lugar que o fazia querer ficar, quando em toda sua vida a menor sugestão de comprometimento, de responsabilidade, ou mesmo a sutil ameaça de ficar muito tempo em um único lugar o fizera sair correndo para a próxima aventura?

Ele não ia deixá-la. Não até ter certeza de que todas as garotas estavam a salvo de qualquer que fosse o mal que enfrentassem.

*Ele só tinha que convencê-la a deixá-lo fazer o que fazia melhor.*

Um dos dois precisava parar de mentir.

Então ele lhe contou a verdade.

Pelo menos, parte dela.

– Pelo amor de Deus, Isabel. Eu sei sobre as meninas.

# ONZE



## ***Lição Número Quatro***

*Recrute aliados.*

*Cortejar seu cavalheiro é travar uma guerra. Você vai precisar de uma estratégia superior, táticas já testadas e a companhia confiável de homens (ou mulheres) para garantir a vitória. Alianças estratégicas serão necessárias – ou melhor, críticas – para o seu sucesso! Considere amigos, parentes, criados e outros que possam ajudar a aproximá-los. Não despreze o poder de um anfitrião ou anfitriã disposto; um verdadeiro cavalheiro nunca irá ignorar uma sugestão para valsar, e é um pequeno passo de uma valsa em um salão de baile que leva a uma caminhada pelo jardim... E, de um jardim cheio dos sons de um baile para uma capela com um altar, não há distância nenhuma!*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**H**avia um caráter bastante tranquilizador na descoberta dele sobre a Casa de Minerva.

Isabel não esperava que fosse assim... Teria esperado ficar em pânico ou negar o que lorde Nicholas vira – desdenhar do conhecimento dele e seguir em frente como se nada tivesse mudado.

No entanto, o que ela sentira quando ele a olhara bem nos olhos e, com toda a calma, proclamara sua descoberta fora mais parecido com alívio do que com pânico. Estava cansada de esconder aquilo dele, de esperar que ele descobrisse seus segredos de uma forma ou de outra. Analisando em retrospecto, fora tolice da parte dela imaginar que poderia esconder a verdade dele.

– Você tem um mordomo mulher, um laçao mulher e um cavaliço mulher.

Isabel se levantou retirando as luvas, agora arruinadas pelos pedaços de gesso que ela estivera recolhendo da sala.

– Eu tenho um cavaliço-*chefe* mulher.

Ele ignorou a correção.

– Você tem uma casa cheia de mulheres.

– Não uma casa *inteira*.

– Quantas, precisamente?

Ela fez uma pausa.

– Todas, menos um.

Nick se virou de costas para ela. Isabel notou a cicatriz na bochecha dele, branca e rígida de frustração, antes que ele concluísse o movimento. Observou então as mãos dele envolverem a nuca conforme ele olhava para o teto.

– O seu irmão.

– O *conde*.

Parecia imperativo que ela enfatizasse o título.

– O conde de 10 anos de idade.

– Que importância tem isso? Ele ainda é o conde!

– Significa que não há ninguém para protegê-la!

As palavras fizeram o aposento tremer, surpreendendo Isabel com seu poder. De repente, ela estava irritada. Furiosa com a verdade daquelas palavras, com o universo, com aquele homem – que a conhecia havia menos de três dias – e sua insistência de que

ela deveria ser protegida, que não podia cuidar de si mesma, de seu irmão, das meninas.

– O senhor acha que não entendo as dificuldades pelas quais estamos passando? Acha que não vejo os riscos que estamos correndo? Acha que, se houvesse outra maneira, eu não teria recorrido a ela? – As lágrimas vieram, velozes e cheias de mágoa. – Nunca pedi sua ajuda, lorde Nicholas. Nunca lhe pedi que me protegesse.

Ele a encarou, a frustração brilhando em seus olhos azuis.

– Eu sei, Isabel. Você não ousaria me pedir ajuda. Tem medo de mais de revelar suas fraquezas.

– Talvez eu não peça sua ajuda porque em geral precisamos ser protegidas dos homens. Já pensou nisso?

Ela se arrependeu de imediato das palavras, que caíram entre eles como uma pedra.

Nick não as merecia. Não era como os outros homens. Ela sabia disso.

*Embora também soubesse que ele era infinitamente mais perigoso.*

– Me desculpe – disse ela.

Ele a encarou por um momento.

– Foi bastante fácil descobrir que são mulheres. Mas quem são elas? Por que estão aqui?

Isabel balançou a cabeça.

– Não pode realmente achar que eu lhe contaria isso.

– São criminosas?

– Algumas delas? Tenho certeza de que você pensaria que sim. – Ela sabia que não estava sendo justa. Mas não conseguia se conter. Estava hipnotizada pelo movimento das mãos dele, abrindo e fechando devagar. – Algumas são só garotas que precisavam fugir.

– Se estiver abrigando criminosas, Isabel, você pode ir para a prisão.

Ela não respondeu.

– Pessoas podem vir atrás delas. É por isso que você as mantém em segredo.

Ele estava juntando todas as peças, mas ela não lhe daria o prazer de reconhecer a verdade.

– As esculturas. Sua preocupação com as finanças. Não é só por James. É por elas também.

– Nunca neguei que precisava do dinheiro para mais coisas do que a escola de James.

– Não. Você só omitiu toda a verdade.

– Verdade que não é sua para carregar.

– Parece que a estou carregando mesmo assim.

– Eu nunca lhe pedi para fazer isso.

Nick não respondeu. Em vez disso, virou-se novamente para a janela, olhando para as terras molhadas lá fora. Isabel só podia ver a metade marcada do rosto dele, a linha branca rígida iluminada pela luz cinzenta da manhã. Ele ficou nessa posição por longos minutos, até Isabel achar que poderia enlouquecer com o silêncio. Por fim, ele falou:

– Você pode confiar em mim.

*Confiar.* Que palavra maravilhosa.

Havia algo naquele homem, algo em sua força, em como seu caráter praticamente exalava dele, em como ele olhava para ela com paciência, honestidade e *promessa* que a deixava desesperada para acreditar nele. Que a fazia querer depositar sua confiança, suas garotas, sua casa... tudo o que tinha... nas mãos dele, e pedir-lhe que a ajudasse.

Só que ela não podia.

Sabia que não.

Ah, sem dúvida ele achava que podia ajudá-las, que podia ser seu protetor. Certamente a ideia satisfazia algum tipo de desejo masculino dele. Mas Isabel já vira o que acontecia quando homens

com um discurso bonito e braços fortes ficavam entediados com o que os cercava. Com as necessidades das mulheres em suas vidas. Ela vira seu pai abandonar sua mãe, deixando-a apenas com uma propriedade caindo aos pedaços e um coração partido.

*Se Isabel se apoiasse nele agora, não conseguiria sobreviver quando ele fosse embora.*

– Você me trouxe para o seu mundo, Isabel, goste ou não. Eu mereço saber.

Não havia espaço para confiar nele. Não importava quanto ela quisesse fazer isso. Não importava quanto a força e a segurança – e os beijos – dele a chamassem.

*Aquele homem era mais perigoso do que legiões de homens como o pai dela.*

Isabel balançou a cabeça.

– Então não vai me contar – disse ele.

Ela se manteve firme.

– Não.

– Você não confia em mim.

*Eu quero confiar!*

– Eu... Eu não posso.

Algo chamejou nos olhos dele – algo perigoso – e Isabel desejou não ter dito aquilo.

Nick deu um passo para mais perto dela, a voz grave e sombria.

– Você sabe que eu vou descobrir sozinho. Sou um excelente caçador.

Ela não duvidava. Mas não ia deixar que ele visse isso.

– Ora, pelo amor de Deus, não se trata de uma coleção de esculturas. Não pode esperar que elas simplesmente se abram e lhe contem tudo.

Um dos cantos da boca de Nick subiu em um meio sorriso.

– Elas não seriam as primeiras mulheres a fazer isso.

Isabel não gostava de pensar em outras mulheres se abrindo

para ele. Continuou em silêncio.

– Então vai ser assim, não é... Izzy?

Havia algo em seu apelido de infância que a fazia se sentir exposta. Ela não gostava nem um pouco daquilo. Aprumou os ombros.

– Parece que sim.

– Ótimo. Então, que comece a caçada.



– Isso torna tudo mais fácil, não é?

– Com certeza as meninas ficarão felizes por não terem mais que tomar tanto cuidado perto dele.

Isabel deslocou o olhar de Gwen para Jane, certa de que as duas haviam enlouquecido.

– Acho que vocês não entenderam. Isso não é bom. Lorde Nicholas sabe que estamos escondendo uma casa cheia de mulheres. Sabe que a Casa de Minerva existe. Isso não é bom.

Retirou um maço de papéis e um tinteiro de uma gavetinha na cozinha e sentou-se em volta da mesa grande no meio do aposento.

– Tenho que encontrar um lugar para vocês todas. Vou tirá-las de Townsend Park até tudo estar resolvido. Tenho certeza de que posso achar meia dúzia de casas dispostas a aceitar uma ou duas garotas.

O silêncio tomou o aposento, o único som sendo o bico da pena de Isabel rabiscando o papel. Gwen e Jane se entreolharam, em seguida encararam Kate, incentivando-a a falar.

– Isabel... talvez você devesse reconsiderar uma atitude tão drástica.

– Não é nem um pouco drástica. É a única atitude *inteligente*. Lorde Nicholas sabe que nós temos uma casa cheia de mulheres e é só uma questão de tempo até ele descobrir como exatamente vocês

todas vieram parar aqui. E depois? Vocês acham que Margaret abrigaria uma ou duas garotas?

– Margaret morava aqui. É claro que vai acolher algumas das meninas. Mas será necessário? Por que não esperar até que as esculturas sejam vendidas e então mudar todas de uma vez?

Isabel balançou a cabeça.

– É tarde demais para isso.

– Você não pode achar que lorde Nicholas revelaria nossa localização – disse Kate, descrente.

– É claro que posso – retrucou Isabel, sem erguer os olhos do papel à sua frente. – Por que ele ficaria do nosso lado?

– Não – falou Kate. – Eu não posso acreditar nisso.

– Não faz sentido! – concordou Gwen. – Já está claro que ele é um homem bom...

Isabel parou de escrever para encarar Gwen.

– Como pode saber disso? Você nem o conheceu!

– Bem, eu o vi. E o ouvi falar com você. Considerando isso e a disposição dele em nos ajudar, parece o suficiente.

Isabel piscou.

– Não parece nem um pouco suficiente.

– Acho que o que Gwen está tentando dizer é que ele parece ser uma espécie boa de homem – sugeriu Jane, com cautela. – Afinal, veio avaliar as esculturas a partir apenas de um convite aleatório. Tal nível de generosidade raramente é inspirado por má índole.

– Tal nível de generosidade é quase *sempre* inspirado por má índole! Ora, ele pode ser qualquer um! Pode ser...

Isabel fez uma pausa, procurando o pior adjetivo possível. As garotas ficaram olhando enquanto ela se esforçava, tentando prender o riso.

– Pode ser...? – provocou Jane.

– Ele pode ser um cafetão! – anunciou Isabel, um dedo no ar para pontuar suas palavras. – Um devasso!

Jane gemeu.

Kate revirou os olhos.

– Ele não é um cafetão, Isabel. É um homem que por acaso está interessado em nos ajudar. E por acaso nós estamos precisando de ajuda.

– Por acaso ele também é um dos lordes londrinos disponíveis, não se esqueça – acrescentou Gwen.

– E isso – concordou Kate.

Foi a vez de Isabel gemer.

– Ah, como eu queria nunca ter ouvido falar nessa revista ridícula. Aí não estaria nesta situação, para começo de conversa! – Ela olhou de uma garota para outra, cada uma parecendo mais envergonhada do que a anterior. – Meu Deus. Vocês acham que eu devia estar tentando conquistá-lo.

– Talvez você pudesse *tentar* seguir uma das lições. A número três, quem sabe? – sugeriu Gwen, esperançosa.

– Cortejar lorde Nicholas St. John não é uma solução razoável para este problema!

– Pelo amor de Deus, Isabel – disse Jane. – Você tem um cavalheiro generoso e rico...

– Bonito também – interveio Gwen.

– Isso. Um cavalheiro generoso, rico e *bonito* que parece querer ser gentil e prestativo com você, apesar das suas tentativas de dissuadi-lo, e que por acaso se interessou pela nossa situação, a qual, devo acrescentar, é exatamente o tipo de situação que poderia muito bem ser resolvida com a intervenção de um cavalheiro rico. Até onde eu posso ver, cortejar St. John é a melhor solução possível para os nossos problemas.

– Sem falar que você não tem muitas outras opções, Isabel – acrescentou Kate. – Se quer manter a Casa de Minerva solvente e secreta, esta é sua melhor chance.

Isabel olhou de seu mordomo para seu cavaliariço-chefe e então

para o mordomo de novo.

– Achei que nenhuma de vocês duas quisesse ter nada a ver com aquela revista ridícula e suas regras idiotas!

Ao menos as duas tiveram a decência de parecerem envergonhadas.

– Isso foi antes de acharmos que seria nossa melhor aposta para manter um teto sobre nossas cabeças – falou Jane.

Isabel fechou a cara.

– Ele é um cavalheiro rico que, por acaso, é amigo de grande parte de Londres! E se ele conhecer o seu pai, Kate? Ou o homem de quem você roubou, Jane?

Kate balançou a cabeça, descartando a ameaça.

– Primeiro, duvido muito que seu lindo lorde conheça o brutamontes do meu pai. E, segundo, acho que, se isso tudo correr da forma como esperamos, não terei nada com que me preocupar.

Isabel estreitou os olhos.

– Ele não é meu lindo lorde.

– Não é o que Gwen diz – provocou Kate, fazendo Jane e Gwen rirem baixinho.

Isabel pensou em esganar todas elas. Por que não estavam levando aquilo a sério? Como podiam *não* levar aquilo a sério? Tinha sido pela segurança delas que a Casa de Minerva fora tão cuidadosamente protegida por tanto tempo. Tinha sido por elas que Isabel trabalhara para manter sua localização e sua identidade em segredo.

– Isabel – começou Kate. – Nós sabemos que você passou grande parte da sua vida tentando nos manter a salvo. Você nos deu mais do que segurança... Nos deu coragem, fé em nós mesmas e no mundo. Não estamos descartando os seus sentimentos, mas você precisa perceber que seria necessário mais do que um homem saber...

– Dois homens – corrigiu Isabel.

–... mais do que dois homens saberem a respeito do... caráter único da Casa de Minerva... para nos destruir.

– Não muito mais.

– Nós não vamos deixar você – afirmou Kate.

– Vão, sim.

Isabel não estava interessada em discutir a questão.

Kate enrijeceu.

– Bem, não posso falar pelas outras, mas eu não vou deixá-la.

As palavras eram diretas e verdadeiras, e Isabel fitou os olhos verdes de Kate do outro lado da mesa. Kate tinha sido a garota mais nova a chegar à Casa de Minerva. Tinha acabado de completar 14 anos quando subira os largos degraus de pedra da entrada da mansão, com um cão sarnento ao lado, e batera na porta, orgulhosa de si mesma. Ao abrir, Isabel olhara para o maxilar desafiador de Kate e se convencera de que a garota devia ficar.

Cinco anos depois, Kate era uma adição inestimável para a Casa de Minerva. Sua força dava coragem às meninas. Sua ética de trabalho ditava o tom para as demais. Nenhuma garota era mais leal do que Kate – o maxilar ainda rígido como tinha sido aos 14 anos –, que colocaria a própria mão no fogo para salvar qualquer uma delas.

Isabel largou sua pena.

– Agora, por que não nos conta o que realmente pensa desse lorde Nicholas? – disse Kate.

A frase ecoou no aposento enquanto Isabel olhava para a mesa em torno da qual estavam todas reunidas. Ela correu o dedo por um talho especialmente profundo na madeira, imaginando como ele surgira, enquanto pensava na resposta à pergunta cheia de profundidade de Kate.

– Eu...

*O que* ela pensava dele?

Na verdade, lorde Nicholas não fizera nada para merecer a desconfiança dela.

Não fizera nada além de salvar sua vida duas vezes, concordar em avaliar suas esculturas, ficar amigo de seu irmão e oferecer-se para mantê-las em segurança.

E ele também a beijara.

Sem dúvida, em três dias ele fizera mais para conquistar a confiança dela do que qualquer outro homem havia feito em todos os seus 24 anos.

Ela suspirou.

Não sabia o que pensar.

– Acho que gosto bastante dele.

Isabel se livrou de ter que elaborar sua declaração pela aparição de Rock e Lara, rindo e entrando aos tropeços. Lara, envolta na capa enorme de Rock, removeu-a enquanto o gigante fechava firmemente a porta atrás deles, deixando lá fora o vento e a chuva que pareciam nunca diminuir.

Olhando em volta do aposento, Lara percebeu a seriedade das outras.

– O que aconteceu?

– Lorde Nicholas descobriu a Casa de Minerva – disse Jane.

Lara afastou o cabelo do rosto, espremendo a água da chuva das madeixas encharcadas.

– Como?

– Ele sabe desde ontem – falou Rock, tirando o chapéu.

Isabel supôs que deveria ter ficado surpresa, mas não ficou.

– É tudo culpa minha. Se eu não os tivesse convidado a vir aqui...

Lara balançou a cabeça.

– Não, Isabel. Se você não os tivesse convidado, não teríamos nenhuma chance de salvar a casa.

– Ele quer saber tudo – disse Isabel.

– E o que você vai fazer? – perguntou Lara.

– Não sei.

– Ela decidiu que gosta dele – anunciou Kate.

– Kate! – exclamou Isabel.

Ela corou, olhando para Rock, que fez o melhor que pôde para ignorar a declaração.

– Mas isso é maravilhoso! – comemorou Lara. – A chuva torna muito mais fácil conquistá-lo!

Rock tossiu, então, e Isabel teve a nítida impressão de que ele queria sumir dali.

– Eu não decidi conquistá-lo – garantiu-lhe ela.

– Eu não perguntei – retrucou ele, com um meio sorriso.

Isabel se retraiu.

O silêncio dominou o aposento, e ela imaginou se todos ali a consideravam uma tola. Nunca tinha se sentido tão insegura a respeito de seus atos. Não gostava dessa dúvida recém-descoberta que vinha com os homens.

– Se me permite... – começou Rock, e, se Isabel não estivesse tão envolvida nos próprios pensamentos, teria achado divertido o tom reticente na voz dele.

Ela fez um gesto indolente para que ele prosseguisse, dizendo:

– Por favor. Ninguém mais parece hesitar em deixar clara sua opinião.

– Presumo que ele não aceitou muito bem sua decisão.

– Tem razão. Na verdade, ele ameaçou buscar a verdade sozinho. – Isabel pegou um biscoito do prato. – Não entendo por que ele não pode deixar o assunto quieto.

Rock deu uma risadinha.

– Nick nunca conseguiu deixar as coisas quietas. Sobretudo quando dizem respeito a mulheres bonitas. – Isabel começou a protestar, mas o homem enorme continuou: – Ele está irritado porque você não quer contar seus segredos. Se ele não souber quais são, não poderá protegê-los.

– Como vou saber que ele os protegerá?

Rock deu um passo para trás como se tivesse levado um soco.

– Você disse isso a ele?

Ela desconversou:

– Talvez.

– Bem, imagino que ele não tenha reagido bem.

– Não.

– Há poucas coisas das quais eu tenho certeza, lady Isabel, mas esta é uma delas: se lorde Nicholas St. John jura lutar do seu lado, é o que ele vai fazer.

Ela ficou imediatamente mortificada.

– Eu não fiz...

– Parece que você fez, Isabel – disse Lara. – Sr. Durukhan, gostaria de um pouco de chá?

Rock virou-se para Lara, dando-lhe toda sua atenção.

– Gostaria muito, Srta. Caldwell. Obrigado.

Isabel ficou observando enquanto Lara servia Rock. Viu a garota levantar os olhos da xícara com um sorriso suave e, quando Rock retribuiu o gesto, Isabel sentiu algo se acender em seu peito. Um anseio por um momento como aquele – cheio de doçura. Havia algo bastante sedutor no óbvio interesse hesitante entre os dois.

O momento durou só um instante, e Rock logo voltou a atenção para Isabel.

– A senhorita deve, é claro, fazer o que achar melhor para sua casa e suas garotas, lady Isabel. Mas seria bom se lembrar de que Nick é um ótimo aliado. E ele entende a seriedade dos segredos. Ele não gostaria que eu contasse isso, mas ele mesmo tem vários.

Isabel não ficou surpresa ao ouvir isso. Havia algo profundamente atraente em lorde Nicholas St. John – um mistério que parecia espreitar logo abaixo da superfície, uma escuridão que ela testemunhara em primeira mão quando estivera nos braços dele.

Era algo que parecia familiar. Uma coisa que a fazia acreditar – depois de todos aqueles anos pensando que o mundo estava contra

ela – que poderia haver alguém que a entendia. Que poderia ajudá-la.

Talvez ela pudesse confiar nele.

Isto é, se não o tivesse afastado por completo.

– Acho que o deixei bastante irritado.

Rock ofereceu-lhe um sorriso encorajador.

– Nick não é de ficar irritado por muito tempo.

– Vou contar tudo a ele. – Sua plateia a observava cuidadosamente, todos calados. – Vocês percebem que isso vai mudar tudo. Depois que ele souber, eu não vou poder voltar atrás. – Isabel respirou fundo, como se reunindo forças para a batalha. – Não vou fazer isso por mim. Vou fazer pela Casa de Minerva. Por James. Pelo condado. Não por mim.

*Ela tinha que acreditar nisso. Pelo bem de sua sanidade.*

Lara estendeu o braço por cima da mesa para pegar a mão de Isabel.

– Ele pode nos ajudar.

Isabel lançou um olhar profundo para a prima, então virou-se para Rock e fitou seus olhos escuros e sérios. Ele a observava com atenção, como se avaliasse seu caráter. Enfim, ele assentiu uma vez.

– Você é exatamente o tipo de mulher de que ele precisa.

Ela corou.

– Ah... Eu não sou...

– Talvez não – concordou ele –, mas, ainda assim, você é.

O estômago dela se contraiu de nervoso, mas não podia voltar atrás agora. Aprumou os ombros e se dirigiu para a porta, decidida a encontrar lorde Nicholas.

– Isabel? – chamou Gwen. Quando ela se virou, a cozinheira disse: – Mostre interesse pelo trabalho dele. Cavalheiros gostam de damas que partilham de seus passatempos.

Isabel deu uma risada curta.

– *Pérolas e Pelijas?* Ainda?

Gwen sorriu.

– Funcionou até agora.

O sarcasmo permeou o tom de Isabel quando ela respondeu:

– Ah, sim, está funcionando perfeitamente.

– Bem, daria certo, se você estivesse seguindo os conselhos com atenção. Além disso, não tenha medo de ficar perto dele!

Isabel olhou para o teto em busca de paciência.

– Estou saindo.

Gwen assentiu.

– Boa sorte!

Isabel girou nos calcanhares, desejando que a *Pérolas e Peliças* tivesse publicado “Dez formas de pedir desculpas aos lordes londrinos disponíveis”.

Infelizmente, nesse quesito ela estava por conta própria.

# DOZE



## ***Lição Número Cinco***

*Tenha interesse nos interesses de seu lorde.*

*Depois que seu discreto primeiro encontro tiver atraído a atenção do cavalheiro, está na hora de oferecer-lhe companhia atenciosa e constante nas atividades dele. Todo grande homem tem interesses masculinos, mas lembre-se de que sempre há uma forma de você permanecer relevante apesar de sua feminilidade.*

*Seu lorde ama cavalos? Talvez vá gostar de um cobertor bordado no qual colocar a sela!*

*E não tenha medo, cara leitora, de ficar perto dele!*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**I**sabel estava na entrada do estatuário, observando Nick trabalhar. A tempestade conferira ao aposento uma aura de melancolia quase sobrenatural, e os trovões e ventos uivantes do lado de fora tinham impedido que Nick percebesse sua chegada, de modo que ela podia observá-lo à vontade.

Fosse por efeito da luz, pela tensão na silhueta dele ou pelas esculturas presentes naquele lugar, ele parecia imenso, mesmo estando curvado por cima de um caderno, rabiscando anotações sobre uma estátua ali perto.

Isabel nunca conhecera um homem como ele. Seu corpo era largo e firme, e era impossível não compará-lo às esculturas que lotavam o ambiente – aquelas obras antigas e grandiosas projetadas para honrar e celebrar a forma perfeita.

Nick superava as imagens com os ombros largos, as pernas longas e a força vigorosa. Ela ficou olhando enquanto uma mecha grossa de cabelo caiu por cima de sua testa, ficando presa entre a sobrancelha e a armação prateada dos óculos. Aquela era a primeira vez que ela o via de óculos – um acréscimo incongruente àquele homem intimidador, um elemento que só servia para torná-lo ainda mais atraente.

O pensamento chamou-lhe atenção. Quando é que óculos haviam se tornado tentadores?

Quando é que aquele *homem* havia se tornado tão tentador?

Isabel ficou imediatamente nervosa a respeito do que viria. Ele a deixava tão confusa... Em um momento, queria que ele fosse embora e, no instante seguinte, desejava que pudesse ficar pelo máximo de tempo possível.

Ela suspirou, e o som, baixo e quase inaudível, o fez virar a cabeça.

Nick olhou nos olhos dela e esperou, imóvel, que ela desse o próximo passo. Isabel se demorou no vão da porta, incapaz de desviar o olhar.

Então finalmente entrou na sala e fechou a porta atrás de si.

Nick se apurou conforme ela se aproximou. Tirou os óculos e colocou-os no pedestal de uma grande estátua negra. Depois se apoiou na base da escultura e cruzou os braços no peito largo.

*Mostre interesse pelos interesses dele.*

Ela podia fazer isso.

Parou a apenas alguns centímetros dele e ergueu os olhos para a estátua.

– Esta é uma bela escultura. Já a identificou?

Ele não seguiu o olhar dela.

– É Apolo.

– Ah, é? – O guincho agudo irritou os ouvidos dela. Pigarreou delicadamente. – Como sabe?

– Porque sou especialista em antiguidades.

Ele não ia facilitar a vida dela.

– Entendo. Suponho que devo responder a uma pergunta sua agora.

Ele se virou de volta para o caderno.

– Descobri que cansei desse jogo.

– Nick.

O som de seu nome nos lábios dela surpreendeu os dois. Ele se virou de novo para ela. Esperou. Isabel ficou olhando por um longo tempo para o lugar onde o colarinho dele encontrava a pele bronzeada de seu pescoço. Sem desviar os olhos dali, ela disse:

– Me desculpe.

O único som no aposento era a respiração dele, lenta e estável no rastro das palavras dela, e algo naquela regularidade a incitou a continuar:

– Nunca contei a ninguém sobre a Casa de Minerva. – Ela olhou nos olhos curiosos dele. – É assim que a chamamos. A casa. As garotas.

Isabel fez uma pausa, esperando que ele fizesse perguntas. Como ele permaneceu em silêncio, ela recomeçou, sempre encarando o mesmo ponto no pescoço dele, sem querer olhar em seus olhos, sem querer desviar inteiramente o olhar.

– Nós não tínhamos nada. Meu pai tinha ido embora e minha mãe entrara em... declínio. Ela ficava na cama e passava dias sem comer, sem nos ver. E quando o fazia... – Engoliu em seco. *Não. Não podia contar isso a ele.* – Os criados não estavam sendo pagos. Tenho quase certeza de que estavam roubando de nós. E então, um dia, eles foram embora.

– Quantos anos você tinha?

– Dezessete. – Ela balançou a cabeça, perdida em pensamentos.

– Jane foi a primeira a chegar. Ela precisava de trabalho, de abrigo. E eu precisava de alguém que me ajudasse a manter a propriedade funcionando. Ela era inteligente, forte, disposta. E tinha amigas em dificuldades parecidas. Em poucos meses, havia meia dúzia de garotas aqui. Todas procurando fugir de algo: da pobreza, da família, de homens. Acho que eu também estava tentando fugir de alguma coisa. Elas estavam dispostas a trabalhar, e eu estava disposta a abrigá-las. Assim conseguimos fazer a propriedade continuar de pé. Elas cuidavam das cabras, limpavam o esterco das baias e lavravam a terra. Trabalhavam tão duro quanto os homens que tínhamos antes. Mais duro, até.

– E você as manteve em segredo.

Ela olhou nos olhos dele, então.

– Não foi difícil. Meu pai nunca estava aqui. Ele pagava seus gastos com seus ganhos, quando estava com sorte. E, quando estava sem sorte, pagava com o conteúdo da casa na cidade, e, por fim, com a casa em si.

Ela parou e deu uma risada curta.

– E sua mãe? – perguntou Nick.

Isabel balançou a cabeça, pressionando os lábios em uma linha reta e fina enquanto recordava.

– Ela nunca mais foi a mesma depois que ele partiu. Morreu logo depois que Jane chegou.

Nick estendeu o braço para ela.

Isabel não resistiu, mesmo sabendo que aquilo estava errado, que não devia permitir que ele a abraçasse. Mas como podia dizer não à força dele e à forma como a envolvia? Quanto tempo fazia que fora abraçada pela última vez? Que fora reconfortada?

– Por que você faz isso? – quis saber ele.

Ela virou a cabeça, apoiando-a na lã crespa do casaco dele. Não

fingiu não entender a pergunta.

– Elas precisam de mim.

*E... enquanto elas precisarem de mim, é mais fácil esquecer que estou sozinha.*

Nick fez um som encorajando-a a continuar.

– Há uma dezena delas por aí. Costureiras e professoras, mães e esposas. Uma delas tem uma loja de tortas em Bath. Elas não tinham nada quando vieram até mim.

– Você lhes deu algo.

Isabel ficou em silêncio por um longo tempo e enfim se afastou dos braços dele. Quando ele a deixou ir, ela sentiu uma pequena pontada de pesar por ele não ter resistido.

– Foi a única coisa na vida que eu fiz bem. – Ela olhou para a estátua de Apolo. – Não pude impedir meu pai de ir embora e levar minha mãe com ele. Não consigo mais manter a propriedade funcionando. Mas pude ajudar essas meninas.

Ele entendia. Ela podia ver em seu olhar.

– Estou com medo – acrescentou então, baixinho.

– Eu sei.

– Não posso esperar que Densmore nos sustente. Não posso esperar que ele guarde nossos segredos.

– Isabel... – Nick se deteve, e ela pôde ver que ele estava escolhendo cuidadosamente as próximas palavras. – Quem são essas garotas que você teme tanto que sejam descobertas?

Ela ficou calada.

– Elas são casadas?

– Algumas. Elas infringiram a lei para vir até aqui.

– E você infringe a lei escondendo-as.

– Sim.

– Sabe que está arriscando a reputação de James. Ele já tem escândalos suficientes para superar.

A frustração se abateu sobre ela. Isabel não gostava de pensar

que quem sofreria com as escolhas dela seria James.

– Eu sei.

– Isabel – falou Nick, seu tom uma mistura de exasperação e preocupação –, você não pode carregar esse fardo sozinha. É demais.

– O que você sugere que eu faça? – Ela passou os braços em volta do corpo, defensiva. – Eu não vou abandoná-las.

– Você não precisa.

– O quê, então?

– Há outras maneiras.

Ela deu uma risadinha.

– Você acha que, em sete anos, eu não avaliei cada caminho possível? Quem irá se arriscar a abrigar uma mulher que abandonou seus votos nupciais? Quem vai enfrentar um pai aristocrata que está atrás da filha que fugiu? E, mesmo que enfrentem, quem vai assumir um risco tão grande baseado apenas na palavra da filha do Conde Perdulário?

– Deixe-me ajudá-la.

Isabel ficou em silêncio. Nunca quisera tanto acreditar em alguém quanto queria acreditar naquele homem – aquele homem que exalava força, poder e segurança. Tudo parecera tão simples na cozinha... Mas agora, diante dele, será que ela conseguiria confiar? Poderia colocar o futuro delas em suas mãos?

Os olhos azuis de Nick brilharam com algo que Isabel não entendeu muito bem o que era enquanto ele enfiava as duas mãos no cabelo e virava-se de costas, sua frustração fazendo-o afastar-se vários metros antes de falar novamente:

– Você é a mulher mais irritante que eu já conheci. – Então ele se virou de volta para ela, e suas palavras vieram rápidas e furiosas: – Tem orgulho de ter tudo feito isso sozinha, não tem? É a *sua* casa. São as *suas* garotas. Foi *você* quem as salvou. Este é o *seu* trabalho. Sim, você deve sentir orgulho, Isabel. Deus sabe que sim. Mas você

é inteligente o bastante para saber quando está com problemas. Você não tem nada para protegê-la do que quer que esteja do lado de fora destas paredes. Eu estou lhe oferecendo ajuda. Proteção.

Isabel sentia-se à beira de um precipício, de uma decisão monstruosa que iria mudar tudo. Fitou os olhos azuis dele, que prometiam tudo aquilo com o que ela havia sonhado – proteção para suas garotas, apoio para James, segurança para a casa.

Ele era um homem bom. Ela acreditava nisso.

Mas renunciar ao controle sobre a casa – confiar nele para tudo – não seria fácil. Suas dúvidas vieram em um sussurro:

– Eu não sei...

Nick suspirou.

– Acho que você deve ir. Quanto antes fizer isso, mais cedo sua maldita coleção vai ser avaliada e mais cedo eu estarei fora da sua vida.

Então ele se virou, dispensando-a.

Ela não queria deixá-lo.

– Você não entende. São as minhas garotas.

Nick soltou uma respiração áspera.

– Nada disso iria mudar se você me deixasse ajudá-la.

– Eu não tenho mais nada!

Pronto. As palavras haviam saído e Isabel não conseguiu mais detê-las:

– Isso é tudo o que eu já tive na vida! Tudo o que eu sou! Se precisar de você para me ajudar a manter tudo em segurança... O que restará de mim? No que eu me tornarei?

– Não é verdade. – Ele andou na direção dela, as palavras fascinantes. Tomando o rosto dela entre as mãos, Nick a inundou de calor, de necessidade. – Sei o que é achar que está sozinho no mundo, Isabel. Raramente é o caso.

Ela odiava se sentir sozinha.

E estava sozinha havia tanto tempo...

Fechou os olhos, sem querer mostrar a ele sua tristeza.  
Sua fraqueza.

Ainda assim, quando Nick falou de novo, ela não conseguiu não olhar nos seus olhos firmes.

– Nunca conheci alguém como você. Nunca conheci nenhum homem ou mulher com tanta força. Tanta coragem. Você não está sozinha. Nunca vai estar sozinha.

Isabel não soube quem se moveu primeiro – qual dos dois diminuiu a distância entre eles. Só o que sabia era que, quando ele a beijava, ela não se sentia nem um pouco sozinha.

Entregou-se ao sentimento.

Por um longo tempo, Nick ficou imóvel, os lábios macios colados aos dela, evidenciando sua presença, sua força, seu controle. A princípio Isabel se contentou com isso, até que a proximidade dele – seu cheiro, seu calor, seu tamanho – foi demais e ela achou que ia enlouquecer se ele não se movesse.

E então Nick se moveu.

Suas mãos quentes viraram o rosto dela em sua direção, alinhando melhor as bocas, e seus lábios brincaram nos dela, exigindo que ela fizesse o mesmo. E ela fez. Ele aceitou tudo o que Isabel ofereceu, acariciando, sugando, adorando aquela boca com um beijo incansável que tirou o senso de equilíbrio dela. Que tirou seu senso de tudo. Ela agarrou os braços de Nick, regozijando-se com seu tamanho e sua força, e colou o corpo ao dele, suspirando em sua boca e retribuindo cada afago, cada carícia.

Quando ele finalmente afastou o rosto e a encarou, a sombra de um sorriso cruzou seus lábios antes que ele a erguesse nos braços. Isabel arfou com o movimento e ele capturou sua boca para mais um beijo rápido e inebriante. Em seguida falou, na voz uma promessa:

– Devo lhe mostrar que você não está nem um pouco sozinha?  
Que coisa maravilhosa para ele dizer.

– Sim – sussurrou ela. – Por favor.

Então ele a levou no colo até o outro lado do aposento, onde havia um banco largo abaixo de um enorme vitral redondo. Nick se acomodou com ela e enterrou as mãos em seus cabelos, tirando os grampos e soltando os cachos, em carícias longas e maravilhosas. Isabel fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, entregando-se ao toque. Em seguida, com um rosnado baixo, Nick começou a beijar e a lamber seu pescoço, enviando ondas de prazer por todo o corpo de Isabel. Ela suspirou com o roçar malicioso dos dentes dele e sentiu quando os lábios dele se curvaram em um sorriso. Então Nick começou a sugar aquele ponto específico até ela achar que poderia morrer de tanto prazer.

Ela gemeu e colou o corpo ao dele, ansiosa para tocá-lo, para beijá-lo onde quer que pudesse. Seus lábios encontraram o início da cicatriz dele, perto do olho, e, sem pensar, ela encostou a língua na linha áspera e ao mesmo tempo macia. A carícia o deixou enlouquecido e, de repente, Nick estava afrouxando desesperadamente as amarras do corpete dela, enquanto plantava beijos apressados em seu colo. Ele deslizou a língua pela beirada do tecido em uma trilha de fogo, puxando o corpete para baixo e derramando os seios dela em suas mãos ávidas.

Isabel abriu os olhos, ciente de que ele estaria olhando para ela – querendo vê-lo olhando para ela. Um raio irrompeu lá fora, inundando o aposento de uma luz branca enquanto Nick circundava o mamilo de um seio uma vez, duas vezes, com reverência. Ela estremeceu, e ele a encarou com os olhos azuis cintilando.

– Tão linda... – falou, estimulando o mamilo dela de novo, e ainda outra vez, observando sua reação conforme eles entumesciam.  
– Tão apaixonada, tão ávida... Você está aqui, Isabel. E eu também.

*Ela não estava sozinha.*

Viu o desejo nos olhos dele, e essa consciência a fez ser

inundada pelo prazer. Ele a queria. Ela não sabia de onde as palavras vieram quando as disse:

– Toque em mim.

Observou quando a surpresa brilhou nos olhos dele, sendo rapidamente substituída por algo mais intenso.

– Com prazer – sussurrou Nick.

Então ele levou a boca ao seio dela e sugou de leve, estimulando o mamilo endurecido com a língua até ela gritar e enterrar as mãos em seu cabelo.

Isabel arqueou o corpo contra o dele, incapaz de se conter, e Nick ergueu a cabeça, controlando os movimentos dela com uma das mãos enquanto arfava de prazer contra o mamilo retesado. Com um conhecimento feminino que não sabia possuir, ela se arqueou contra ele de novo, e Nick afastou a boca de seu seio para olhá-la nos olhos. Levando a mão à sua nuca, ele sussurrou “Espere...” e tomou sua boca em um beijo ardente enquanto a erguia e a mudava de lugar para que montasse nele, puxando-a para mais perto.

– Assim é melhor, não acha?

Ela testou a posição, esfregando-se contra ele, suas saias emboladas entre os dois. Quando ele gemeu com o movimento, ela disse:

– Ah, sim. Muito melhor.

Ele riu, o som enviando a ela uma profunda descarga de prazer.

– Vamos ver o que mais fica melhor nesta posição, minha Hedonê?

Ela deu um sorriso tímido.

– Sim, por favor.

– Bem, já que você pediu com tanta educação...

Nick levou os lábios ao seio dela, e Isabel gritou o nome dele, o som ecoando no aposento. Ela se moveu ao ritmo que a boca dele ditava, enquanto os dedos dele brincavam com o bico do outro seio, provocando ondas de prazer que se empoçavam em seu íntimo.

Ele mudou de posição mais uma vez, e agora suas mãos acariciavam as pernas dela, puxando-a contra ele, guiando seus movimentos, deslizando por debaixo de suas saias e puxando as fitas de sua roupa íntima para obter acesso ao lugar onde ela não soubera – mas agora sabia sem dúvida – que o queria tão desesperadamente. Com uma das mãos, Nick tomou seu sexo com delicadeza, atravessando-a com uma ferroadada de prazer. Isabel arfou, e ele levantou a cabeça, seu sorriso uma promessa maliciosa. A respiração ofegante dos dois e a chuva batendo contra as janelas eram os únicos sons no aposento.

Nick tomou a boca de Isabel de novo, consumindo-a, fazendo-a se esquecer de tudo menos das mãos dele, de seus lábios, de seu corpo sob o dela. Ela mergulhou os dedos nos cabelos grossos e macios dele e se regozijou no som profundo e satisfeito que ele fez enquanto roçava a mão no sexo dela, dando-lhe o que ela queria mas não soubera como pedir. Ela chegou para trás com um pequeno suspiro, insegura sobre a sensação que ele a estava fazendo experimentar.

– Nick... – sussurrou, em uma mistura de prazer e confusão.

– Sim, linda... Estou aqui.

Os lábios dele estavam em sua orelha, agora, brincando com o lóbulo e embaralhando os pensamentos dela. Isabel suspirou com a sensação da língua dele contra sua pele sensível. Ela se remexeu de novo, mas ele não lhe deu o que ela pedia.

– Isabel, o que você quer?

Ela fitou aqueles olhos lindos que ameaçavam sua sanidade.

– Eu quero... – Ela balançou a cabeça. – Eu preciso...

– Deixe-me... – Ele deslizou um dedo em meio aos pelos macios que a protegiam, abrindo as dobras e empurrando-o para dentro dela. – É disso que você precisa?

Ela fechou os olhos com a carícia suave e soltou um gemido baixo de prazer.

– Hum... – murmurou ele. – Acho que é exatamente disso que você precisa... – Então começou a mover o dedo dentro dela, circundando suas dobras secretas, as palavras dele em sua orelha um som baixo e pecaminoso que a deixava em chamas. – Você se toca aqui, Isabel?

Ela mordeu o lábio. Balançou a cabeça.

– Ah, mas você devia... tão macia... tão molhada... tão ávida...

Ele esfregou o dedo na carne pulsante dela, dando-lhe exatamente o que ela queria, sondando em suas profundezas enquanto traçava, com o polegar, um círculo no centro do prazer dela. Isabel gritou com a sensação e a voz dele ficou mais rouca, áspera com o próprio desejo. – Você foi feita para se abrir aqui. Sente isso, amor?

Isabel assentiu, os olhos bem fechados enquanto ele a levava além, na direção do que ela queria tão desesperadamente, mas não podia nomear. Os movimentos do polegar dele ficaram mais rápidos e mais firmes, e ela se arqueou na direção dele, esquecendo tudo, menos o som da sua voz, a sensação de sua mão na parte mais secreta dela.

– Tome, Isabel. Tome sua paixão. Eu estou com você.

O corpo dela se tensionou quando Nick tomou de novo seus lábios em um beijo opulento, de roubar a alma. Um segundo dedo se juntou ao primeiro dentro de Isabel, estocando fundo, no ritmo da ondulação de seus quadris, de seu pedido silencioso por tudo que ele podia lhe dar. Ele fez pressão contra o âmago dela, onde ela mais ansiava. Nick inclinou a cabeça para trás e fitou seus olhos, cegos de desejo.

Ela gritou o nome dele, desesperada.

– Solte-se, linda. Eu estou segurando você.

E, como ele a estava segurando, ela obedeceu e explodiu nos braços dele, contorcendo-se contra ele, implorando por mais mesmo enquanto ele lhe dava o que ela queria. E depois que Nick arrancou

o último movimento pulsante dela e capturou seus últimos gritos de prazer, segurou-a em seus braços fortes até que ela recobrasse os sentidos.

Então, lentamente, ele começou a arrumá-la. Isabel permitiu que ele reatasse as fitas de sua roupa íntima, que a levantasse para ajeitar as saias amassadas, que erguesse habilmente o corpete do vestido. Quando terminou, ele a segurou junto ao peito e se pôs a acariciar suas costas, seus braços e suas pernas com delicadeza.

*Então não estar sozinha era assim.*

Após vários minutos, ele apertou os braços em volta dela e colou os lábios à sua têmpora.

– Acho melhor nos levantarmos antes que alguém venha nos procurar.

As palavras a despertaram de seu torpor, fazendo-a voltar à realidade. Ela se empertigou, desvencilhando-se dele e quase pulando de seu colo. Começou a engatinhar pelo chão, juntando os grampos de cabelo que ele havia espalhado.

Nick chegou mais para a frente no assento, observando por um instante antes de dizer:

– Isabel. Está tudo bem.

Ela se sentou nos calcanhares e ergueu os olhos para ele.

– Não está tudo bem, milorde.

Nick suspirou.

– Voltamos ao *milorde*? Mesmo?

Isabel já havia se virado para continuar a catar os grampos. Quando pegou o último, ela se levantou, foi até uma estátua próxima e começou a arrumar o cabelo.

Em seu tom mais indignado, ela falou para o aposento como um todo:

– Eu nunca deveria... *Você* nunca deveria...

– É, bem, não vou pedir desculpas por isso.

Ela se virou para ele.

– Isso não é muito cavalheiresco.

Nick a encarou com um olhar inflamado.

– Mesmo assim, Isabel... eu gostei. E acho que você também gostou.

Ela corou.

Ele levantou uma sobrancelha.

– Vejo que não estou errado.

Os olhos dela se estreitaram, mas Isabel temia que sua censura tivesse perdido força enquanto tentava consertar o penteado.

– Você é um homem incorrigível.

– Pode admitir, Isabel.

Ela lhe deu as costas e resmungou:

– Não. Não posso.

Ele começou a rir, recostando-se em seu assento.

– Você acabou de fazê-lo, linda.

Ela virou de volta.

– Não deve me chamar assim!

*Mesmo que eu goste.*

*Muito.*

– Por que não?

Ela baixou a voz para um sussurro:

– Sabe perfeitamente bem por que não.

– Diga-me que você gostou e eu paro.

– Não.

Ele ajeitou as mangas do casaco.

– Como quiser. Eu gosto bastante de chamá-la de linda. Já que você é.

– Está bem. Eu gostei.

Nick deu um sorriso malicioso.

– Eu sei.

Ela teve que se virar de costas para esconder o próprio sorriso ante a arrogância dele.

*Deus do Céu. No que ela havia se metido?*

Olhou para ele por cima do ombro.

– Esta é uma conversa inteiramente inadequada. Devo insistir que pare por aqui.

Ele deu uma gargalhada diante do tom autoritário dela.

– Isabel, tenho certeza de que vai concordar que é um tanto tarde para tamanha altivez.

Ela corou.

– Você é demais!

Ele a fitou com um brilho no olhar.

– Eu lhe garanto, querida, que tenho a medida certa.

Isabel não entendeu completamente as palavras, mas o tom dele era o suficiente para lhe dar uma noção geral do significado. As faces dela ruborizaram.

– Tenho que ir.

– Não! – exclamou Nick, enfim se levantando. – Não vá. Fique. Vou me empenhar para ser um perfeito cavalheiro.

Uma das sobrancelhas de Isabel se arqueou em uma imitação do olhar que ele lhe lançava com tanta frequência.

– Só acredito vendo, milorde.

Ele riu de novo.

– Belo golpe, milady.

Ela não pôde deixar de rir com ele e, quando o silêncio se fez, foi um momento agradável. Nick falou primeiro:

– Por que nunca ouvi falar de você?

– Milorde? – perguntou Isabel, com a testa franzida.

– Eu não frequentava os mesmos círculos que seu pai, mas ele era o conde de Reddich, conhecido em toda a Londres. Por que eu não ouvi falar de você?

*Graças a Deus você nunca ouviu falar de mim.*

Isabel engoliu em seco, insegura.

– Minha mãe nunca quis que eu fosse a Londres. Pensando sobre

isso agora, acho que ela não queria que eu descobrisse a verdade sobre meu pai. Talvez ela mesma não quisesse descobrir.

– Isabel olhou nos olhos de Nick e registrou a compreensão neles. *Ele também tinha uma história.* Isso a impeliu a ir em frente:

– Minha mãe falava de meu pai como se ele fosse maravilhoso. A maioria das histórias que ela contava sobre ele, agora eu sei, era inventada, memórias totalmente livres das sujeiras com que ele as havia maculado, transformadas em algo mais poderoso, mais magnífico do que qualquer história de verdade poderia ter sido.

Isabel fez uma pausa, perdida nos próprios pensamentos, e então prosseguiu:

– Mas eu acreditei nela. E, assim, acreditei nele. Minhas primeiras lembranças dele devem ser uma combinação perversa de fantasia e realidade, porque posso vê-los sorrindo juntos, se amando... mas não tenho certeza se algum dia isso aconteceu de verdade.

Nick assentiu.

– Mas você perguntou sobre Londres – lembrou ela.

– Sim. Sua mãe pode não ter querido que você fosse, mas você deve ter tido uma temporada.

Ela enrijeceu com a lembrança. Haviam lhe prometido uma, é claro, naquela fatídica viagem para casa, quando seu pai anunciara a intenção de usar a única filha para angariar fundos. A vergonha invadiu Isabel. Ela não podia contar aquela história para ele. Não queria que Nick pensasse nela em termos tão mesquinhos. Então, balançou a cabeça e respondeu apenas:

– Não. Eu não tive uma temporada.

Os olhos de Nick se franziram, e ela viu que ele não tinha acreditado. Torceu para que ele não fizesse mais perguntas.

– Não quis tomar seu lugar de direito na sociedade?

Um dos cantos da boca de Isabel se ergueu em um meio sorriso.

– Diga-me, lorde Nicholas, se haveria espaço no Almack's para a

filha do Conde Perdulário.

Uma sombra surgiu nos olhos dele.

– Dane-se o Almack's.

– Falou como um homem que tem a liberdade de evitá-lo.

Ele balançou a cabeça.

– Nem um pouco. Minha família também tem sua cota de escândalos, Isabel. Na verdade, recentemente minha irmã teve sua entrada negada no Almack's.

Os olhos dela se arregalaram.

– Está brincando.

– Não.

– Mas é a irmã do marquês de Ralston!

– Meia-irmã – falou Nick, com um sorriso amargo. – E até poucos meses atrás, meu irmão era aceito na sociedade com grande constrangimento. Ele não tinha um passado muito imaculado.

– O que aconteceu para mudar isso?

– Ele se casou com uma mulher de reputação impecável, ligada às famílias mais poderosas da alta sociedade.

– Uma estratégia excelente.

Nick sorriu.

– Teria sido se Gabriel tivesse planejado. Não foi o caso. Ele simplesmente se apaixonou.

Isabel franziu as sobrancelhas.

– Essas coisas acontecem?

– Parece que sim. Eles são loucos um pelo outro.

Isabel ignorou a pontada de inveja que sentiu ao ouvir a história dele – tão incompreensível.

– Que bom.

Nick sorriu.

– O que quero dizer é que, com ou sem o Almack's, você poderia ter debutado. Ainda pode reivindicar seu lugar lá.

Isabel avaliou as palavras. Fazia muito tempo – anos – que ela

pensara pela última vez nos aspectos pomposos da sociedade. Hoje não saberia nem por onde começar o caminho para adentrar naqueles salões, e a ideia de ter que aprender todas as regras e normas da alta-roda era o suficiente para despertar o pânico nela.

*Não. Londres não era para ela.*

– Acho que você superestima as habilidades com as quais as mulheres da aristocracia nascem.

Nick inclinou a cabeça, uma indagação no olhar.

Ela soltou um pequeno suspiro antes de se virar de costas. Passou a mão pela beirada de um pedestal próximo e confessou:

– Eu não saberia nem como começar a ser uma dama da sociedade. Tenho certeza de que meu estilo de conversação é totalmente equivocado. Sem dúvida, eu envergonharia a mim mesma e todos à minha volta já na primeira aparição. Apesar de ser uma costureira bastante competente, não sei nada sobre bordado. Não entendo nada de moda. E também não sei dançar.

Ela se retraiu à medida que pronunciava as palavras. Certamente ele não as consideraria nada lisonjeiras.

Não que Isabel se importasse com o fato de Nick a considerar ou não lisonjeira.

*Mentirosa.*

Ela ignorou a vozinha em sua cabeça.

– Você não sabe dançar? – perguntou ele.

*É claro que ele se apegaria a isso.*

– Na verdade, não.

– Bem, isso parece fácil de corrigir.

Ela deu uma risadinha.

– Caso não tenha notado, milorde, não há muitos professores de dança nesta parte da Grã-Bretanha.

– Não é uma grande sorte que eu esteja por aqui, então? Gostaria muito de ensiná-la a dançar.

Ela virou a cabeça na direção dele, sem acreditar.

– Como disse?

– Acho que deveríamos começar esta noite. Há um salão de baile nesta casa, não há?

– Sim.

*Ele não podia estar falando sério.*

– Ótimo. Depois do jantar, então?

Ela piscou.

– Depois do jantar?

– Vou entender isso como um sim.

– Eu...

– Não está com medo, está?

*Bem, agora ele a havia desafiado.*

Isabel pigarreou.

– É claro que não.

Nick sorriu.

– Não achei mesmo que estivesse. Agora, se parar de me distrair, eu a verei no jantar.

– Eu... sim, é claro.

Meio entorpecida, ela começou a andar por entre as estátuas em direção à porta.

– Ah! Isabel?

O som de seu nome nos lábios dele era uma promessa maliciosa, mesmo a uma distância respeitável. Ela parou e se virou para ele, subitamente sem ar.

– Sim?

– Só esta noite... Vamos fingir que você não está de luto?

As palavras fizeram um arrepio percorrê-la e ela teve a sensação imediata de que, se concordasse com o pedido dele, isso mudaria tudo.

Respirou fundo, pensando por um momento em uma resposta. Independentemente do que dissesse a si mesma, ela não era imune

àquele homem e a seus encantos. Nick era a tentação definitiva. E ela queria se render.

Respirou fundo mais uma vez.

– Parece uma ótima ideia.

# TREZE



**N**ick acabara de enfiar a camisa para dentro da calça, arrumando-se para o jantar, quando bateram à porta do quarto. Ele se virou de um estalo, imediatamente tenso, então esforçou-se para afastar a sensação.

Se fosse honesto consigo mesmo, admitiria que estava tenso desde aquela tarde com Isabel – e que estava ansioso pela noite que viria.

Mas ele tinha pouco interesse em ser honesto consigo mesmo.

Uma segunda batida soou e logo depois James enfiou a cabeça para dentro do cômodo.

– Soube que vai se juntar a nós para o jantar.

Nick levantou uma sobrancelha.

– Eu havia planejado isso, sim.

James assentiu solenemente.

– Ótimo.

O menino continuou na mesma posição, com metade do corpo dentro do quarto. Ficou olhando enquanto Nick se virava para o espelho e erguia um pente para arrumar os cabelos negros.

Por alguns instantes, nenhum dos dois falou, até, finalmente, Nick dizer:

– Gostaria de entrar, lorde Reddich?

As palavras tiraram o menino de seu transe e ele entrou correndo no quarto, fechando a porta atrás de si.

– Gostaria. Obrigado.

Nick escondeu seu sorriso e observou o visitante pelo espelho enquanto terminava a toalete. Em seguida, ajustou as mangas da camisa de linho e alisou-a no peito. Pegando a gravata que estava apoiada em uma cadeira próxima, falou:

– Deseja alguma coisa em especial?

James balançou a cabeça, distraído pela segurança das mãos de Nick conforme ele começava o intrincado conjunto de movimentos que resultariam em uma gravata elaboradamente atada.

– Como você sabe fazer isso?

Nick fez uma pausa.

– Sei fazer isso há muito tempo.

James se aproximou mais um pouco, hipnotizado.

– Mas como você aprendeu?

Nick pensou por um instante.

– Acho que meu valete me ensinou.

– Ah. Acho que vou ter que aprender a fazer isso antes de ir para a escola.

Nick se virou.

– Gostaria que eu lhe ensinasse?

Os olhos do menino se iluminaram.

– Não seria um incômodo muito grande?

– Nem um pouco.

Nick retirou a gravata do próprio pescoço e a colocou no de James. Virou o menino para o espelho e guiou seus movimentos até o nó ser uma repetição razoável do que ele fizera antes.

James se inclinou para o espelho e analisou o acessório em seu pescoço de vários ângulos, enquanto Nick se afastava para terminar de vestir seu traje para o jantar.

– Parece muito bom.

Havia algo no orgulho do garoto que avivou a memória de Nick. Apesar de não se lembrar como exatamente havia aprendido a

amarrar uma gravata, recordava-se do forte desejo de aprovação, de aceitação como homem.

Quando tinha a idade de James, a mãe dele e de Gabriel os havia abandonado: ela fugira no meio da noite, levando praticamente só a roupa do corpo, e deixara para trás os filhos gêmeos e um marido desolado. Nas semanas seguintes, o pai de Nick também desaparecera, voltando-se cada vez mais para dentro de si mesmo. Aos meninos sobrou a responsabilidade de cuidarem de si e o desafio de sobreviverem ao golpe esmagador da perda dos pais. Eles acabaram sendo enviados para a escola um mês depois, graças à intervenção de uma tia comprometida, ciente da devastação que a mãe dos dois causara.

Nick passara o primeiro ano na escola estudando o máximo que podia, ansioso para impressionar o pai e convencido de que, se voltasse para casa durante as férias de verão com as maiores honras na escola, de alguma forma poderia convencê-lo de que seus dois filhos eram o suficiente. Mas ele logo aprendera que nada jamais seria capaz de amenizar a dor e a culpa de seu pai por ter perdido sua marquesa.

No entanto, agora, olhando para aquele menino, o jovem e resiliente conde de Reddich, Nick lembrou-se de como era tentar e acreditar que poderia ser bem-sucedido.

E ele queria dar àquele garoto o que nunca tivera.

– Parece, sim. Vai ter que praticar para ficar perfeito, mas não deve levar muito tempo.

Nick abotoou seu colete, vendo os olhos do menino se iluminarem de prazer enquanto desfazia o nó da gravata e treinava no espelho mais uma vez. Quando o pequeno conde colocou a ponta da língua para fora no canto da boca e retorceu o rosto tentando se lembrar dos movimentos que acabara de aprender, Nick riu e se aproximou para ajudar. Quando o nó estava pronto de novo, James sorriu para ele.

Quem teria adivinhado que ali, nos confins de Yorkshire, ele encontraria tanta satisfação ao fazer as crianças Townsend sorrirem?

É claro que não havia nada infantil a respeito da Townsend mais velha.

Enquanto James destruía seu trabalho manual para tentar sua nova arte mais uma vez, Nick permitiu que seus pensamentos se voltassem para Isabel. Em um momento, ela o empurrava para longe, dizendo-lhe que queria que ele fosse embora de sua casa e de sua vida, e, no momento seguinte, contava-lhe sobre seu passado e seus segredos e se desfazia nos braços dele, doce, sensual e esplêndida.

Ele nunca conhecera uma mulher como ela.

A forma como ela havia se exposto, confidenciando a história da deserção de seu pai, da desolação de sua mãe, de seu próprio comprometimento em manter unido o último vestígio de família que ainda tinha, de manter Townsend Park funcionando apesar do golpe devastador da perda de seu dono... Tudo isso deixara Nick completamente intrigado com aquela mulher enigmática.

– Em volta da outra ponta mais uma vez – instruiu Nick a James, enquanto esticava a mão para um sobretudo.

O menino seguiu a instrução à risca.

– Eu estive pensando – falou.

– Sim?

– Acho que você deveria se casar com Isabel.

Nick ficou paralisado, o casaco no meio dos braços, enquanto avaliava o semblante sério do pequeno conde.

– O que disse?

– É a coisa mais lógica, na verdade.

– É?

De todas as coisas que o menino poderia ter dito, essa não era a que Nick esperara.

James assentiu.

– É. Isabel daria uma esposa excelente. Devo lhe dizer por quê?

– Por favor.

Ele respirou fundo como se tivesse treinado o que ia dizer.

– Ela é muito boa em gerenciar uma casa. Sabe fazer contas melhor do que qualquer um que eu conheço. Além disso, monta a cavalo tão bem quanto um homem. Talvez, quando parar de chover, você possa ver por si mesmo.

– Vou esperar ansiosamente por isso.

Nick estava surpreso com a verdade em suas palavras.

– Ela também é excelente em enigmas.

– Uma qualidade que todo homem deveria buscar em uma esposa.

– Há outras coisas também. – James inclinou a cabeça, pensativo. – Ela não é feia.

Nick sentiu um sorriso repuxando seus lábios.

– Não, não é. Mas posso sugerir que não diga isso a ela exatamente dessa forma?

– Não direi. Mas talvez você deva. Garotas gostam de elogios.

– Se você já aprendeu isso com tão pouca idade, não deverá ter problemas quando chegar a hora de interagir com o sexo frágil – falou Nick. – Ficarei muito satisfeito em dizer a Isabel que ela não é feia.

Ele encarou seu reflexo no espelho e percebeu que seu jovem companheiro o avaliava com atenção, com sua gravata irremediavelmente amassada.

– Acho que você daria um bom marido – comentou o menino.

Nick olhou para James, decidido a dizer a verdade.

– Não tenho tanta certeza.

James franziu as sobrancelhas.

– Por que não?

Nick não respondeu. O que ele poderia dizer àquele menino que fosse fazer sentido?

– É porque você não tem um título? – sugeriu o pequeno.

– Não. Não acho que um título garanta que alguém vá ser um bom marido.

– Nem eu. Meu pai não era um marido muito bom.

Nick assentiu.

– Sinto muito em saber disso.

James deu de ombros.

– Eu não me lembro dele.

– Queria se lembrar?

O garoto pensou por um instante.

– Às vezes.

Nick respirou fundo diante das palavras, tão sinceras. Sabia o que era ser um menino de 10 anos sem ninguém para lhe dar orientação, ajuda ou conselhos. E ele entendia a confusão de James a respeito do homem que diziam ser seu pai, que fora embora sem ter sido mais do que um mistério.

– O que você diria se pudesse encontrá-lo agora?

James balançou a cabeça.

– Isso não é possível. Ele está morto.

– Não importa. O que você diria?

James olhou para fora de uma janela por um momento antes de se virar de volta para Nick.

– Eu diria a ele que planejo ser um conde muito melhor do que ele foi.

Nick assentiu solenemente.

– Acho que é uma ótima coisa a se dizer.

O menino ficou em silêncio por um momento, pensando suas palavras antes de falar.

– Eu também perguntaria a ele por que não nos quis.

Nick não gostou do aperto em seu peito ao ouvir isso. Ele havia se perguntado a mesma coisa durante anos depois que sua mãe os abandonara.

– Não consigo imaginar que ele não os quisesse.

Os grandes olhos castanhos de James estavam claros e francos.

– Mas você não sabe.

– Não. Eu não sei. – Nick sentiu a importância que aquele menino dava ao que ele tinha a dizer. – Mas posso lhe garantir que, se eu estivesse na posição dele, com certeza iria querê-lo.

– E Isabel?

– Isabel também.

O caráter verdadeiro das palavras era um tanto surpreendente para Nick e ele se afastou para passar o pente pelos cabelos mais uma vez.

James foi atrás dele.

– Então você *consideraria* se casar com ela?

A sombra de um sorriso passou pelos lábios de Nick. O jovem conde havia claramente puxado a irmã quanto à tenacidade. Ele largou o pente e se virou. Nunca vira ninguém parecer tão esperançoso quanto James naquele momento, como se uma proposta de casamento de Nick fosse a única coisa de que precisassem para consertar tudo.

O que o menino não sabia era que Isabel não iria querer saber de Nick quando percebesse a verdade sobre ele.

O pensamento o feriu.

– Acho que Isabel pode não gostar da ideia de nós dois negociando seu casamento sem que ela esteja presente.

– Eu sou conde, você sabe. Isto é assunto de homens.

Nick deu uma gargalhada.

– E como um homem que tem uma irmã tão obstinada quanto a sua, sugiro que nunca mais diga *isso* se quiser continuar vivo.

James suspirou.

– Bem, se isso tem alguma importância, eu escolho você para ela.

– Estou lisonjeado pelo seu apoio. – Nick ergueu uma

sobrancelha. – Algum outro homem já foi considerado para a posição?

Ele não devia estar fazendo essas perguntas.

James assentiu.

– Homens vinham cobrá-la às vezes.

Nick ficou ligeiramente boquiaberto.

– Cobrá-la?

O menino fez que sim.

– Na maior parte, das vezes vinham porque a haviam ganhado.

– Ganhado? Como assim? Ganhado seu coração?

*Ele não gostava dessa ideia.*

O garoto balançou a cabeça.

– Não. Ganhado em uma aposta.

A raiva tomou conta de Nick. Sem dúvida ele não havia escutado direito.

– Uma aposta com quem?

James deu de ombros.

– Com o nosso pai, eu acho.

Nick cerrou os dentes. A ideia do antigo conde de Reddich ter apostado a única filha – ter apostado Isabel – era simplesmente demais. Ele queria socar alguma coisa. Fechou os punhos, imaginando o prazer que sentiria em acertar a cara do aristocrata convencido que aceitara tal aposta. E do aristocrata morto que a sugerira.

Queria perguntar mais, saber mais sobre aquele mundo louco onde Isabel e James haviam sido criados, mas não podia. Forçou-se a se acalmar. Não tinha o direito de perguntar sobre essas coisas. Pelo menos não agora.

Agora ele ia jantar.

E depois ia ensinar Isabel a dançar.



Isabel estivera prestes a ir até o andar de cima para ver o que James e Nick estavam fazendo quando os ouviu descendo a escadaria central. Sua pulsação acelerou com a voz grave de Nick no corredor. Apesar de se esforçar, ela não conseguiu distinguir as palavras dele, mas só o tom da voz de Nick era suficiente para deixá-la tensa.

Alisou as saias do vestido, imediatamente insegura a respeito de sua aparência – fazia muito tempo desde que tivera motivos para usar um vestido de noite, e o que havia resgatado das profundezas do guarda-roupa e colocara para arejar naquela tarde estava constrangedoramente fora de moda. Sem dúvida as mulheres com quem Nick costumava socializar em Londres eram totalmente seguras nesses assuntos; com certeza eram lindas, equilibradas e nem sonhariam em serem vistas em um vestido lançado há mais de um mês, que dirá há vários anos.

Ela se retraiu ao ouvir Nick e James rindo juntos no corredor do outro lado da porta. Não devia ter concordado com o pedido bobo dele. Sentia-se uma completa idiota.

E então ele entrou.

Sem gravata.

O colarinho de sua camisa estava aberto, mostrando uma nesga de pele bronzeada, emoldurada pelo linho branco e pelo sobretudo verde-escuro que ele estava usando ao chegar, no dia anterior. Assim que Isabel pousou os olhos nele, sua atenção foi atraída de imediato para aquele triângulo tentador à mostra e ela levou um ou dois segundos para se recuperar da surpresa.

Ao desviar o olhar para o rosto de Nick, percebeu que ele a observava intensamente, os olhos passando pelo corpete de seu vestido, demorando-se no decote e então parando, enfim, nos olhos

dela. Isabel reconheceu a admiração masculina e, corando, redirecionou a atenção para o irmão.

Só para descobrir que ele estava usando uma vestimenta igualmente improvável para o jantar: calças curtas, uma camisa de linho suja e uma gravata com um nó bastante elaborado – embora indisfarçavelmente amassada. *A gravata de Nick*. Ele havia ensinado seu irmão a dar um nó na gravata.

A ternura a invadiu, e ela sorriu para James.

– Que belo nó! – O menino se envaideceu com o elogio, e ela se dirigiu a Nick. – Obrigada.

*Ele estava tornando muito difícil não gostar dele.*

Rock notou a falta do acessório no amigo e deu uma gargalhada retumbante.

– Você parece ter se esquecido de algo, St. John.

Nick deu um sorriso largo.

– Espero que não se importe com minha estranha vestimenta, lady Isabel – provocou ele, enquanto dava um passo à frente e levava a mão dela aos lábios, plantando um beijo ardente por cima da luva. – Em minha defesa, eu descobri que tinha um aluno ávido por nós de gravata esta noite.

A imagem dos dois trabalhando juntos para amarrar a gravata passou pela mente de Isabel e foi uma fantasia poderosa – na qual James tinha um homem para orientá-lo nas complexas experiências masculinas e Isabel tinha um parceiro para ajudá-la a superar os desafios de se criar um jovem conde.

Um parceiro.

Que palavra maravilhosa.

Ela olhou nos olhos de Nick por um longo tempo, perdida na ideia dele ali, sendo capaz de ajudar. Afastando o pensamento, falou:

– De forma alguma. Tenho certeza de que podemos achar outra

gravata para o senhor, agora que a sua parece ter... mudado de dono.

– Foi dada de bom grado, milady.

*Ele tinha um sorriso lindo.* Que lhe dava a impressão de que faltava oxigênio na sala.

– Bem, não há motivo para cerimônias esta noite. Não me incomodo que esteja sem gravata, se você também não se importar.

Isabel prendeu a respiração, avaliando aquele homem junto a seu irmão, e a imagem adorável que formavam. Nick ficou instantaneamente mais acessível. Mais encantador. Mais atraente.

*Atraente demais.*

Após pigarrear, Isabel falou:

– Vamos jantar?

Eles foram até a mesa, posta com elegância – por ordem de Gwen, Isabel podia apostar –, e os cavalheiros ajudaram as damas a se sentar. Havia uma intimidade no movimento quando Nick segurou a cadeira de Isabel para ela, a forma como se inclinou para a frente, enchendo-a com seu calor e o aroma de sândalo. Ela virou a cabeça brevemente em sua direção para agradecer, e ele sussurrou “O prazer é todo meu”, apenas para que ela ouvisse. Ela sentiu o toque suave do hálito dele em seu ombro nu conforme ele acrescentava:

– Eu sabia que você ficaria deslumbrante de vermelho.

Uma onda de prazer a inundou.

*Ele era um homem perigoso.*

Isabel afastou o pensamento inadequado e foi recompensada pela chegada do jantar. Gwen havia se superado, criando uma sucessão de pratos simples e substanciais com ingredientes provenientes quase totalmente das terras de Townsend. Não era extravagante – sem dúvida lorde Nicholas já tivera refeições mais sofisticadas –, mas estava tudo muito bem temperado e bem-executado, e era um verdadeiro banquete para os padrões de Townsend Park.

Enquanto Isabel avaliava o segundo prato – carneiro com geleia –, foi invadida pela insegurança. Aquela refeição era simples demais para receber aqueles homens, que já haviam viajado pelo mundo e desenvolvido mentes e paladares sofisticados. Que graça poderiam achar em um tranquilo jantar no interior de Yorkshire? Que interesse podiam ter na companhia de duas moças incultas e uma criança de 10 anos?

O pensamento a envenenou conforme a refeição prosseguia, e Isabel caiu em silêncio, isolando-se da conversa.

Enquanto Rock e Lara interrogavam James sobre suas lições e os acontecimentos do dia, Nick inclinou-se para perto dela.

– Você não está conosco.

Ela se aprumou ao ouvir isso.

– Eu estava pensando na refeição.

– É uma refeição excelente – assegurou Nick, e a insegurança dela aumentou.

– Tenho certeza de que é muito menos extravagante do que as que você costuma comer.

– De jeito nenhum.

– Certamente não tão sofisticada quanto as que já provou.

Nick olhou para ela com um ar sério, de quem não tolerava a autodepreciação.

– Pelo contrário, Isabel. Esta refeição é o encerramento ideal para um... dia extraordinário.

E ali, no tom profundo e bem-vindo da voz dele, estava o elemento que afastou as dúvidas de Isabel. As palavras dele eram uma promessa que invocava imagens e emoções do encontro deles no estatuário, e fizeram-na desejar que ele a beijasse mais uma vez. Que estivessem a sós de novo.

Mas eles não estavam.

Estavam jantando.

Com outras pessoas.

Com crianças, pelo amor de Deus.

Ela abaixou a cabeça para esconder seu rubor.

– Fico feliz que esteja gostando, milorde.

–... e então lorde Nicholas e eu tivemos nossa reunião.

Isabel ergueu os olhos ao ouvir as palavras de seu irmão e constatou a surpresa no rosto de Lara.

– Reunião? Que espécie de reunião?

James pareceu se lembrar de que a irmã estava ali.

– Uma reunião de homens.

Isabel se recostou na cadeira.

– Como disse?

– Tínhamos algo para discutir – respondeu James simplesmente.

Ela olhou para Nick.

– Para discutir.

Ele ergueu sua taça de vinho e fez um gesto teatral ao beber.

– Exato.

– Eu... – Ela se virou de volta para James. *O que eles poderiam ter estado discutindo sem ela?* – Sobre o quê?

– Não é da sua conta, Isabel. Na posição de conde, pedi a lorde Nicholas um momento de seu tempo.

*Na posição de conde?*

Isabel arregalou os olhos ao ouvir o irmão. Sem palavras, ela se virou para Nick de novo, que estava tendo óbvias dificuldades para não sorrir.

– Não pude recusar, lady Isabel. Ele é, sem dúvida, o conde. E meu anfitrião, ainda por cima. – Ele fez uma pausa e então acrescentou: – Este carneiro está soberbo. A geleia, em particular, está excelente. Não acha, Rock?

– Acho – respondeu o gigante, e seu tom bem-humorado não passou despercebido por Isabel.

*Ela gostaria de ver os dois mergulhados em geleia.*

Olhou para Lara, percebeu o divertimento também no rosto da

prima e fechou a cara para ela. Impassível, Lara dirigiu-se a James e disse:

– E você aprendeu a dar um nó de gravata impressionante!

– Ah, sim – falou o menino, animado, levando a mão ao acessório recém-adquirido. – Gostaria de me ver fazer de novo?

Antes que Lara pudesse responder, James havia puxado uma ponta do laço, desfazendo-o em uma demonstração totalmente inadequada para uma refeição noturna.

Enquanto ele começava sua aula sobre o método mais eficiente de dar um nó em uma gravata, Isabel se inclinou na direção de Nick.

– Como vê – sussurrou –, meu irmão pode ser o conde, mas de jeito nenhum é capaz de agir como um. Gostaria que você me contasse sobre o que conversaram.

Sem desviar os olhos de James, Nick respondeu:

– Sobre você.

Decerto ela não tinha ouvido bem.

– Sobre mim?

– Sim, sobre você.

– O que tem eu?

Com toda a calma, Nick cortou uma fina fatia de carneiro e juntou-a a um pedaço de batata com salsinha. Mastigou pensativo e com toda a calma, até a frustração de Isabel crescer a um ponto em que ela não podia mais permanecer calada.

– Ah, pelo amor de Deus. Engula isso!

Nick virou-se com uma surpresa fingida.

– Ora, lady Isabel, que contundência! Devia tomar cuidado. Vai me causar uma indigestão.

– E que situação triste seria essa, lorde Nicholas.

Ele riu baixinho, e uma onda de calor se espalhou por ela ao ouvir o som, audível apenas para ela.

– Você está gostando disso.

Ele a encarou, e não havia como não notar o ardor em seus

olhos azuis.

– Confesso que estou. Na verdade, descobri que gosto de todo o tempo que passo com você.

Isabel corou com as palavras e o prazer que elas traziam.

*O que ele estava fazendo com ela?*

Ela não podia permitir que Nick a reduzisse a uma mocinha recatada toda vez que conversavam. Depois de pigarrear, ela disse:

– Devo insistir, lorde Nicholas. O que você e James discutiram?

– Não precisa ficar tensa, Isabel – falou Nick. – Seu irmão só está preocupado com o seu bem-estar depois que ele for para o colégio.

Isabel olhou para James, torcendo o pescoço desajeitadamente para ver sua gravata enquanto Rock o ajudava a completar o nó elaborado.

– E por que ele achou que conversar com você ajudaria?

Nick se recostou enquanto os pratos eram retirados, oferecendo a Isabel um olhar franco.

– Ele imaginou uma proposta para mantê-la segura e pediu a minha opinião. – Então ele se virou na direção do menino, do outro lado da mesa, e comentou: – Bom trabalho, James. Com certeza esse é o melhor nó que você deu até agora!

James sorriu e virou-se para receber os elogios de Lara, que estava congratulando entusiasmada tanto o jovem conde quanto Rock, por sua ajuda.

Isabel era incapaz de admirar a cena. Com as sobrancelhas franzidas, sussurrou para Nick:

– Que tipo de proposta?

Esperando até Regina ter tirado seu prato vazio, Nick inclinou-se para perto de Isabel.

– Ele acha que devíamos nos casar.

Isabel abriu a boca, fechou-a e repetiu a ação.

Um dos cantos da boca de Nick se levantou, formando um meio

sorriso divertido.

– Ora, ora, Isabel, creio que consegui deixá-la sem palavras.

– Eu... – Ela parou, sem saber como continuar.

– Ele pensou bastante no assunto. Acredita que suas habilidades em gerenciar uma casa e fazer contas a tornam uma excelente candidata a esposa.

Aquilo não podia estar acontecendo. Não ali. Não à mesa de jantar dela.

– Ele está louco para que eu a veja andar a cavalo também. Fui informado de que suas habilidades equestres vão me conquistar. Estou ansioso por isso.

– Eu...

– Tem mais, e isso é fundamental: você não é feia.

Ela piscou.

Os olhos de Nick brilhavam de divertimento.

– Lembre-se, Isabel, de que foi o seu irmão quem disse. Eu não ousaria levar o crédito por palavras tão bonitas. Eu teria dito algo muito mais prosaico. É preciso ser um grande orador para...

– Não sou feia. – Ela balançou ligeiramente a cabeça. – Que elogio encantador.

– Ah! Você recuperou a voz.

Ele então sorriu, e ela não conseguiu deixar de imitá-lo.

– Parece que sim. – Isabel fez uma pausa. – Diga-me, milorde, a escola vai ajudar meu irmão a aprender palavras mais bonitas com as quais cortejar sua futura condessa?

– Vamos torcer por isso, senão deveremos ficar muito preocupados com a linhagem Reddich.

Isabel riu do bizarro rumo dos acontecimentos, chamando a atenção dos demais convivas.

– James disse algo a respeito de lady Isabel durante nossa conversa que me deixou muito intrigado – comentou Nick.

Ele tinha a atenção de toda a mesa agora, e Isabel sentiu o

nervosismo invadi-la. Ele não seria capaz de repetir nada constrangedor, seria?

– O que foi, lorde Nicholas? – quis saber Lara.

– Ele alega que ela é campeã de enigmas.

– Ah, ela é mesmo! – exclamou Lara. – Nunca vi ninguém melhor.

– Eu gostaria de ter provas disso. – Ele fitou Isabel com um olhar contemplativo. – Mas, primeiro, creio que temos um horário marcado para dançar.

Todos então concordaram em passar para o salão de baile, e a ansiedade de Isabel a deixara no limite.

Nick segurou sua cadeira para que ela se levantasse e, quando Isabel se virou para agradecer, flagrou-o olhando intensamente para ela, com um ar distraído. Ela baixou a cabeça e falou, apenas:

– Obrigada.

Nick lhe ofereceu o braço. Ao aceitá-lo, sentindo o calor do corpo dele através do tecido grosso do casaco, Isabel ouviu-o dizer:

– Acho que você deveria saber que eu teria usado um adjetivo totalmente diferente para descrevê-la.

Isabel sentiu o coração acelerar, mas tentou soar descontraída.

– Quer dizer, diferente de “não feia”?

Ele ficou sério e, de repente, o oxigênio na sala parecia haver diminuído. Isabel prendeu a respiração, ansiosa pelo que ele diria a seguir.

– Eu a teria descrito como magnífica.



O salão de baile fora transformado.

Ao entrar no enorme aposento, Isabel parou abruptamente, chocada. Ela discutira os planos para a noite com Jane logo depois

de deixar Nick naquela tarde. Ordenara que os panos fossem retirados de cima dos móveis em uma parte do salão e que o piano fosse espanado.

Em vez disso, Jane fizera um milagre.

O lado mais distante do aposento brilhava à luz suave e dourada de várias dezenas de velas, diferentes entre si, que haviam sido retiradas de outras partes da casa e instaladas em castiçais altos. As luzes estavam posicionadas de forma estratégica para criar um espaço bastante aconchegante, cercado por duas espreguiçadeiras baixas, uma de cada lado, e várias poltronas confortáveis.

Também havia uma mesa de petiscos, com uma grande poncheira de cristal cheia de limonada, uma garrafa de conhaque da adega, além de várias taças e uma bandeja de canapés que James atacou imediatamente. Isabel não pôde deixar de sorrir com esse acréscimo – podia apostar que Gwen passara a maior parte da tarde trabalhando nos minúsculos aperitivos.

Todas as superfícies tinham sido lustradas e estavam brilhantes. Isabel imaginou quantas garotas foram necessárias para transformar o espaço não utilizado em um pequeno salão de baile, adequado a uma noite de dança.

– Está lindo – murmurou, esquecendo-se de sua plateia por um instante.

– Você parece surpresa – disse Nick baixinho.

– E estou. – Ela riu, um som baixo de puro encantamento. – Faz uma década desde que esta sala foi usada para seu propósito original pela última vez. Nós a limpamos periodicamente e a usamos de vez em quando, mas nunca para bailes... – Parou por um instante, fazendo um gesto distraído no ar enquanto pensava no resto da frase. – Não temos muitos motivos para bailes em Townsend Park. Sempre faltam parceiros de dança.

Ele sorriu e fez uma reverência exagerada.

– Há vários parceiros dispostos esta noite, milady.

Ela retribuiu o sorriso dele.

– É verdade.

Uma porta interna do salão de baile se abriu e Georgiana entrou, a cabeça baixa, andando rápido, como se não estivesse interessada nas atividades que se desenrolavam ali. Isabel abriu a boca para perguntar se havia algo errado, tamanha foi sua surpresa com o fato de a professora – que ficara tão apavorada em ser vista por Nick – aparecer no aposento. No entanto, foi impedida de falar quando a jovem se sentou ao piano mal iluminado de costas para eles e começou a tocar uma valsa.

James foi se acomodar ao lado dela enquanto Rock fazia uma reverência para Lara, convidando-a para dançar. Em segundos, ela estava em seus braços, e os dois valsavam pelo salão, o vestido de seda azul-claro de Lara cintilando à luz das velas. Isabel os observou com uma mistura de curiosidade e nervosismo, querendo avaliar a óbvia conexão deles, mas consciente demais da proximidade de Nick.

Após uma espera interminavelmente longa, ela foi recompensada com a voz baixa e grave dele:

– Isabel...

Ela tentou desesperadamente responder em um tom de interesse distante.

– Hum?

Ouviu o sorriso na voz dele quando Nick falou:

– Gostaria de dançar?

– Sim, por favor – disse ela, quase em um sussurro.

No momento seguinte Isabel estava nos braços dele, os dois rodopiando pelo salão.

– A professora de James tem um dom para o piano.

– A Casa de Minerva ostenta muitos talentos, milorde. – Isabel não queria falar sobre as garotas. Não queria se esconder dele. Não agora. Não em seus braços. – Você é um excelente dançarino.

Ele baixou a cabeça, girou-a em volta de um castiçal alto e dirigiu-se para o lado mais distante do salão.

– Como você pode achar que não sabe dançar?

– Eu... eu nunca danço...

Nick a girou de novo, e ela fechou os olhos para aproveitar o movimento, a força dele, a forma graciosa como a conduzia, obedecendo ao ritmo da música.

– Mas devia. Seu corpo foi feito para ser segurado assim.

As palavras eram suaves e exuberantes no ouvido dela e Isabel tinha consciência de que ele a mantinha perto demais de seu corpo. Que ela devia mandá-lo parar.

*Mas não conseguia.*

Eles giraram mais uma vez, e ela abriu os olhos para ver a parede mais distante e a porta através da qual Georgiana havia entrado. Estava aberta novamente, e uma fileira de rostos curiosos espiava por ela – Gwen, Jane e Kate, todas concentradas nos acontecimentos dentro do salão. Isabel não conseguiu conter uma risada de surpresa.

Nick olhou para ela com um ar de indagação.

– O que foi?

– Não olhe agora, milorde, mas parece que temos uma plateia.

Ele deu um sorriso largo, entendendo imediatamente.

– Ah, sim, se eu conheço as damas, imagino que temos.

– Mas preciso admitir que elas estão tentando ser discretas.

– São melhores nisso do que as mulheres da minha família.

As palavras, ditas com uma admiração provocadora, deixaram-na curiosa.

– Conte-me sobre elas.

Ele pensou por um instante antes de falar.

– Minha meia-irmã, Juliana, é italiana, o que faz dela tudo o que você pode imaginar. É teimosa, irritante e tem a tendência a dizer

coisas totalmente inadequadas em momentos mais inadequados ainda.

Isabel ficou hipnotizada pela risada na voz dele.

– Ela parece incrível.

– Acho que você ia gostar dela. E tenho certeza de que ela ia gostar de você. Não tem paciência para Londres, ou para a alta sociedade, e nutre um desprezo todo especial por mulheres afetadas e cavalheiros almofadinhas. O que vai tornar quase impossível encontrar um marido para ela. Mas realmente isso é problema de Gabriel.

Isabel sorriu.

– Ah, os benefícios de ser o segundo filho.

– Exato.

– E a sua cunhada?

– Ah, Callie vai amar você.

Ela riu.

– Acho difícil acreditar que a marquesa de Ralston vai “amar” uma nortista criada no campo, que usa calças e que passou a maior parte da vida com mulheres que fizeram coisas totalmente impróprias para damas.

Nick deu um sorriso largo.

– É exatamente por isso que a marquesa de Ralston vai amá-la.

Isabel deu a ele um olhar franco.

– Eu não acredito em você.

– Algum dia, Isabel, vou levá-la a Londres e você vai ouvir a verdade da boca do meu próprio irmão e da minha cunhada.

Isabel se enterneceu com a promessa contida nas palavras – a garantia de que chegaria um momento em que eles estariam juntos em Londres. Quando ela conheceria a família dele e eles teriam motivos para discutir a história particular de um dos casais mais comentados da sociedade.

Ela queria que fosse verdade.

Era estranho. Ali, no aposento mal iluminado, com a mágica da valsa, a luz das velas e aquele homem forte e maravilhoso, ela queria que fosse verdade. Queria estar ligada a ele. Ser sua parceira. Ter a vida que as palavras dele insinuavam. Ali, enquanto ela se perdia na sensação da dança, no movimento de seus corpos e no calor dos braços dele, Isabel se permitiu ter o sonho que havia sufocado tanto tempo antes.

O sonho que permitia que aquela sua primeira valsa fosse com um homem que cuidaria dela, que a protegeria e lidaria com suas preocupações, e, sim... que a amaria.

Fechou os olhos mais uma vez e se entregou ao momento, consciente do lugar onde Nick repousava sua mão nua, em sua cintura, espalhando calor através de seu vestido. Podia sentir as coxas longas e musculosas dele roçando nas suas enquanto a guiava pela pista em uma jornada interminável. Após um momento, abriu os olhos e o encarou.

– Está se divertindo, Isabel? – perguntou ele.

Ela sabia que devia ser recatada. Sabia que, se ele estivesse em Londres, a mulher em seus braços teria algo brilhante, espirituoso e galanteador para dizer em resposta. Mas Isabel não tinha.

– Muito.

– Ótimo. Você merece ter prazer na vida. Acho que não se permite ter o bastante.

Ela desviou o olhar, envergonhada. Como podia aquele homem conhecê-la tão bem, tão rápido?

– Por quê? – continuou ele em voz baixa, o hálito apenas alcançando sua têmpora. – Por que não assume o seu prazer?

Ela fechou os olhos, balançando a cabeça.

– Eu... Eu assumo.

– Não, linda. Não acho que assumo. – Ele pressionou mais o corpo contra o dela, nublando seus pensamentos. – Por que não dançar, rir e viver da forma como você sonha?

*É mesmo. Por que não?*

– Sonhos são para meninas sem preocupações – respondeu ela, opondo-se às palavras mesmo enquanto as dizia.

– Bobagem. Todos nós temos sonhos.

Ela abriu os olhos e fitou os brilhantes olhos azuis dele.

– Até você?

– Até eu.

– Com o que você sonha?

A pergunta saiu abruptamente, tão ofegante que ela mal reconheceu a própria voz.

Ele não hesitou:

– Esta noite, acho que vou sonhar com você.

Ela devia ter achado as palavras tolas e provocadoras. Em vez disso, ouviu nelas a promessa que guardavam, e só desejou acreditar nele.

– Diga-me com o que você sonha, Isabel.

– Eu deveria sonhar com uma escola para o James. Com segurança para as meninas. Com um telhado consertado e um suprimento ilimitado de velas.

Ele deu uma risadinha.

– Vamos, Isabel. Você pode fazer melhor do que isso. Esse não é o sonho deles. É o seu. Mas o que você sonha? Para si?

Ela não conseguiu pensar em nada. Quanto tempo fazia que pensara nos próprios desejos pela última vez?

Ela sorriu.

– Eu gostaria de dançar mais.

Os olhos de Nick brilharam.

– Fico feliz em obedecer.

Ele a girou ao ritmo da música, e as velas espalhadas pela sala escura davam a ilusão de estarem dançando sob as estrelas. O momento a fez acreditar que, se ela revelasse seus desejos em voz alta, eles poderiam realmente se realizar.

Após um momento, Nick a incitou:

– O que mais?

– Eu... eu não sei.

As sobrancelhas dele se ergueram.

– Nada? Não consegue pensar em nada que deseje?

– Não gostaria de ser considerada egoísta – murmurou ela.

Ele capturou seu olhar, prendendo sua atenção. Rodopiou uma última vez com ela e, quando pararam, Isabel percebeu que estavam no lado mais distante do salão, onde havia uma espreguiçadeira no ponto mais escuro do ambiente.

– Egoísta?

Ela ficou olhando para a covinha no queixo dele e assentiu.

Ele soltou uma risada descrente.

– Isabel, você deve ser a pessoa menos egoísta que já conheci.

Ela balançou a cabeça.

– Não é verdade.

– Por que você pensaria isso?

Ela contraiu os lábios, temendo responder.

Mas o desejo de partilhar aquilo com ele era demais.

Olhando para o queixo de Nick, ela falou:

– Eu... Meu pai me deu uma oportunidade de consertar tudo uma vez. De salvar a casa, o condado, tudo. – Isabel nunca contara isso a ninguém. – Só o que eu precisava fazer era ir para Londres e deixá-lo arranjar um casamento para mim.

– Quantos anos você tinha?

As palavras eram frias e Isabel teve uma sensação nauseante de pavor, imaginando que ele estava julgando sua atitude. Como sua mãe havia feito.

– Dezessete.

– Você recusou.

Ela assentiu, lágrimas não derramadas formando um bolo em sua garganta.

– Eu não queria... não queria o mesmo casamento que minha mãe tivera. Não queria ser metade de uma mulher. Metade de uma pessoa. Ele foi embora e nunca voltou. Minha mãe... ela morreu logo depois. E me culpava pelo abandono dele.

Nick ficou calado. Imóvel.

Ela não devia ter lhe contado.

– Sinto muito se o decepcionei.

Nick respirou fundo, e isso chamou a atenção de Isabel.

Ele ergueu o queixo dela, forçando-a a olhar em seus olhos. Isabel ofegou com a emoção contida neles.

– Não estou decepcionado, amor. – O sussurro foi tão perto que ela mais sentiu as palavras do que as ouviu. – Estou furioso.

Os olhos de Isabel se arregalaram enquanto ele tomava seu rosto entre as mãos e os virava para sair do campo de visão dos outros. Ela sentiu o tremor nos dedos dele.

– Eu queria ter estado aqui – falou Nick. – Queria ter podido...

Parou quando ela fechou os olhos.

*Eu também queria.*

Ele deslizou os dedos pela lateral do pescoço dela, até o ponto onde sua pulsação batia fora de controle.

Isabel não queria pensar no passado. Não agora. Não quando ele estava tão perto.

– Eu queria que você me beijasse.

A confissão crua surpreendeu a ambos.

Ele baixou a voz para um sussurro.

– Ah, Isabel, se estivéssemos em qualquer outro lugar...

Ela baixou a cabeça.

– Eu sei.

– Sabe? Você sabe como eu a quero?

Ela não podia olhar para ele.

– Sei.

Sentiu o polegar dele correr pelo seu pulso, o toque

enlouquecedor fazendo sua pulsação se acelerar ainda mais.

– Como você sabe?

O sussurro, sombrio e tentador, deu-lhe a coragem para olhar para ele. Os olhos de Nick estavam escuros demais para distinguir sua cor sob aquela luz fraca, mas ela podia ler seus pensamentos.

– Porque eu também o quero.

Ele deixou escapar um grunhido, e então Isabel sentiu o barulho abrir um caminho através dela, fazendo o prazer se empoçar em seu íntimo. Começou a virar o rosto para o outro lado, mas Nick interrompeu o movimento com um dedo embaixo de seu queixo.

– Não, linda. Olhe para mim.

Como ela podia negar um pedido tão urgente?

– Eu não sou perfeito. Não posso lhe prometer que não vou fazer coisas que irão magoá-la. – Ele fez uma pausa, a cicatriz pálida contra sua pele obscurecida. – Mas farei tudo em meu poder para proteger você, James e essas garotas.

Ele parou, e ela prendeu a respiração, esperando as próximas palavras.

– Acho que você deveria considerar a ideia de seu irmão.

# CATORZE



## ***Lição Número Seis***

*Depois que tiver capturado a atenção dele, não vacile.*

*Conquistar um lorde requer tenacidade, cara leitora! Não é para quem não tem força de vontade ou é medrosa. Depois que tiver escolhido seu cavaleiro e ele a tiver reconhecido como sua donzela, você deve resistir a qualquer tentação de diminuir o ritmo! Agora não é a hora de se sentir confortável!*

*Você deve se lembrar de que batalhas são ganhas e perdidas em seus estágios finais. Este momento requer constância, determinação e persistência!*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**I**sabel estava sentada em uma grande banheira de cobre, corada pelo vapor quase escaldante. Ergueu uma das mãos distraidamente, avaliando as pontas enrugadas de seus dedos.

– Ele disse que usaria a palavra *magnífica* para me descrever.

Lara, sentada na cama de Isabel, olhou satisfeita para ela.

– E ele quer se casar com você!

As palavras geraram uma onda de nervosismo em Isabel.

– Ele não falou isso. Ele disse que eu deveria considerar a ideia de James.

– Que era casamento! Com lorde Nicholas!

– Sim, mas isso não significa que ele *quer* se casar comigo.

*Ele provavelmente a achava uma garota triste e patética que precisava ser salva.*

– Isabel, eu acho que é exatamente isso que significa.

– Não. Significa que eu deveria pensar em casamento. Não necessariamente com ele.

– Acho que você está se fazendo de desentendida. Está claro que ele se referiu ao casamento entre vocês dois.

– Você não tem como saber isso.

*Nenhuma das duas tinha.*

– É claro que tenho! E vou lhe dizer por quê. Não vemos outro homem casável em Townsend Park há dois anos! Com quem ele estaria sugerindo que você se casasse? *E...* – acrescentou ela – eu vi a maneira como ele a estava olhando. O modo como estavam dançando. Ele quer você.

– Talvez ele me *deseje* – disse Isabel, irritada –, mas não posso imaginar que queira *se casar* comigo.

Lara se apoiou nos cotovelos para encarar a prima, sentindo-se confrontada pelo posicionamento de Isabel.

– Por que não? Você é uma candidata ideal para ser noiva de lorde Nicholas! Pode-se até argumentar que, sendo filha de um conde, inclusive mereceria mais do que se casar com um segundo filho!

Isabel riu da ideia.

– Talvez, se meu pai não fosse a forma de vida aristocrática mais baixa que já existiu, isso fosse verdade. Mas, do jeito que as coisas são, acho que lorde Nicholas pode conseguir uma noiva bem melhor do que eu.

– Bobagem – disparou Lara, irritada. – Você é adorável, capaz, inteligente, bem-humorada. – Ela foi contando as qualidades nos dedos. – Qualquer cavalheiro teria sorte em tê-la.

Os lábios de Isabel se contorceram em um sorriso enviesado.

– Obrigada, prima.

As sobrancelhas de Lara se franziram.

– Não foi um elogio. São os fatos. Você deve saber que um homem como aquele não consideraria se casar com você se não achasse a ideia mais do que palatável.

*Palatável. Que palavra horrorosa.*

Isabel não respondeu. Em vez disso, encostou a cabeça no apoio alto da banheira e fechou os olhos.

Menos de doze horas antes, ouvir que lorde Nicholas a achava palatável teria deixado Isabel tensa, fazendo-a fugir dele como o diabo foge da cruz para evitar que a opinião dele sobre ela ficasse ainda mais prejudicada. Agora detestava a própria noção de que ele pudesse ter sentimentos ambivalentes em relação a ela.

Como era possível que estivesse começando a gostar daquele homem? Como ele podia ter invadido seus pensamentos em menos de dois dias? Como ela podia estar realmente considerando depositar sua confiança naquele completo e absoluto estranho? Não sabia nada a respeito dele, pelo amor de Deus.

*Nada além de como ele a fazia se sentir.*

Suspirou. Não gostava da maneira como ele a fazia se sentir. Não gostava da forma como as palavras dele aceleravam sua pulsação, como seus sorrisos maliciosos faziam-na corar, como o olhar simples e honesto dele a faziam querer lhe contar tudo e lhe dar acesso ao seu mundo inteiro. Ao seu passado. E ao seu presente.

E agora ele a tentava com uma promessa de futuro ao mencionar casamento. E, pela primeira vez na vida, Isabel estava realmente considerando a ideia. Não parecia que o casamento do qual ele falava se assemelhava em nada com as uniões que ela já vira, cheias de armadilhas, lutas por poder, esforços de autopreservação.

Um casamento com Nick não teria nada disso.

E, de repente, a ideia não parecia tão ruim.

A não ser...

– Ele não se ofereceu para casar comigo.

Lara revirou os olhos.

– É claro que se ofereceu.

– Não. Ele não disse as palavras.

– Que palavras?

Isabel olhou para dentro da banheira, para seu corpo submerso na água e se lembrou do salão de baile à meia-luz, da valsa... e de sua confissão.

– Ele não falou “Case-se comigo, Isabel”.

Lara fez um gesto com a mão.

– Uma questão semântica.

A semântica de repente parecia muito crucial.

– Mesmo assim.

Lara parou, inclinando-se para a frente por cima da beirada da cama, franzindo os olhos no quarto mal iluminado.

– Ó, Céus.

Isabel virou para ela ao ouvir as palavras ofegantes.

– O que foi?

– Você.

– O que tem eu?

– Você está... apaixonada.

Isabel desviou o olhar.

– Não estou não.

– Está! – exclamou Lara, triunfante. – Está apaixonada por lorde Nicholas!

– Eu só conheço o homem há três dias, Lara.

– Depois de ontem à noite... do jantar... da dança... Três dias são o suficiente – disse Lara, como se fosse especialista em todas as questões românticas.

– Ah, e como você pode saber?

– Sabendo. Mais ou menos do mesmo jeito que sei que você está

apaixonada por lorde Nicholas St. John.

– Eu gostaria que você parasse de dizer a palavra *apaixonada* – resmungou Isabel.

– Como isso aconteceu?

– Eu não sei! – gritou Isabel, tirando as mãos da água para cobrir o rosto. – Eu nem conheço o sujeito!

– Parece que conhece o suficiente – provocou Lara.

Isabel ergueu os olhos.

– Não é engraçado. É horrível.

– Por quê? Ele quer se casar com você!

– Não por algum motivo racional.

Lara inclinou a cabeça.

– Não sei se algum dia já existiu um motivo racional para se casar, Isabel.

– É claro que existiu! – afirmou Isabel. – Ele poderia se casar comigo por dinheiro, ou terras, ou para satisfazer a sociedade, ou para conferir respeitabilidade ao nome dele. Mas... não, ele não pode estar fazendo isso por nenhum desses motivos, porque *eu* decididamente não posso oferecer nenhuma dessas coisas!

Lara riu.

– Isabel.

– Realmente não tem graça nenhuma. Bem, a não ser que seja um tipo de humor macabro e sombrio.

– Você está sendo dramática. Pode dizer com toda a sinceridade que não está nem um pouquinho intrigada com a perspectiva de se casar com lorde Nicholas?

A pergunta franca caiu no silêncio, e Isabel olhou para o teto com um suspiro frustrado.

Ela havia passado 24 anos dizendo a si mesma que não queria se casar. Que não queria filhos. Que não precisava de um companheiro. Tivera uma visão clara de seu futuro – ajudando James a restaurar a dignidade do condado, garantindo o futuro da Casa de Minerva,

envelhecendo com a noção de que estava tendo um pequeno papel para transformar o mundo de forma positiva.

Até aquela noite, ela estivera perfeitamente satisfeita com sua vida.

*Na maior parte do tempo.*

E agora, de repente, seu mundo inteiro – tudo o que ela acreditara ser verdadeiro, certo e seguro – havia virado de cabeça para baixo.

Será que ela sonhava com tudo aquilo? Casamento, filhos, valsas e amor?

*Sim.*

Se fosse sincera consigo mesma, sim. No escuro, tarde da noite, enquanto estava deitada na cama preocupada com o futuro, com as meninas, com James e, sim, consigo mesma, ela sonhara com o que poderia ter sido. Com o que poderia ter acontecido se tivesse ido para Londres, valsado nos salões de baile, cavalgado no Hyde Park, ter sido verdadeiramente cortejada e encontrado um homem que seria seu parceiro e seu protetor.

Mas aquele sonho nunca se concretizou.

Porque era inatingível.

*Até agora.*

Quando ela podia imaginar ter aquilo.

Quando ela *quase* podia imaginar como seria amá-lo.

*Amor.*

Era uma palavra estranha, não familiar, uma fantasia da infância que, conforme ela crescia – e via a mãe se despedaçar –, passara a aterrorizá-la.

Não, ela não o amaria.

Sabia que não devia.

*Mas...*

– Eu gosto dele – admitiu, as palavras eram quase um sussurro.

Lara ouviu.

– Eu sei.

*E agora que gosto, tenho medo do que vai acontecer.*

– É bem aterrorizante.

Lara sorriu.

– Também sei disso.

Isabel ergueu as sobrancelhas.

– Sabe?

– Eu gosto bastante do amigo dele.

– Sim! – Isabel se empertigou, fazendo a água transbordar da banheira. – E parece que ele sente o mesmo por você! Como isso...?

– Eu não sei! Em um momento eu estava mostrando a ele as esculturas e acompanhando-o para alimentar os cavalos, e então... ele estava...

Ela parou e baixou a cabeça, envergonhada.

– Ele estava fazendo algo que não deveria, pelo que parece!

– Isabel!

O vermelho-vivo nas faces de Lara entregou tudo.

– Você o beijou! – acusou Isabel.

– Ah! E você acha que pode me julgar?

Isabel riu.

– Não. Suponho que não.

– É bastante agradável, não é?

– Beijar? Não sei se eu usaria a palavra *agradável*. Totalmente perturbador, inteiramente vexatório e absolutamente...

– Maravilhoso.

Isabel sorriu.

– Isso mesmo.

Lara sorriu.

– Nós somos uma bela dupla.

– Depois de anos sem nenhum homem à vista, ficamos totalmente abobalhadas pelos dois primeiros que aparecem.

– Não os dois *primeiros*. Você rechaçou o Sr. Asperton.

A imagem do homem magro, que mais parecia uma cobra, veio à mente de Isabel. Ela estremeceu.

– Foi um desafio, com certeza, mas sim, eu rechacei o Sr. Asperton.

Lara colocou as mãos uma em cima da outra na cama e apoiou o queixo sobre elas, enquanto Isabel se levantava muito lentamente para sair da banheira.

– Então... vai aceitar o pedido de lorde Nicholas? – disse Lara.

Isabel enrolou-se em uma toalha branca para afastar o frio. Depois se aproximou da cama e se sentou na beirada, enquanto Lara se virava para encará-la.

Ela pensou na pergunta. Nick era a solução para seus problemas. Uma solução linda, inteligente, divertida e amável.

– Sim. Se ele pedir, eu vou aceitar. Para o bem de todos nós.

Enquanto as palavras saíam de sua boca, Isabel sabia que eram uma mentira. Que por mais que quisesse acreditar que aceitaria pela Casa de Minerva, sabia que faria isso por si mesma, apesar do risco de se ligar àquele homem com o qual podia facilmente começar a se importar.

Pelo qual podia facilmente começar a...

*Não. Ela não ia cometer os mesmos erros de sua mãe.*

Mas Nick não se parecia em nada com o pai dela. Era honesto, direto e gentil, e parecia ser o tipo exato de homem que cumpriria suas promessas.

O que tornava tudo muito mais fácil.

Isabel só tinha que se assegurar de que, caso se tornasse sua esposa, seria nos próprios termos. Sim, ela se importaria com ele. Com certeza gostaria de sua companhia, de sua sagacidade e de seu toque experiente – pois o toque dele era definitivamente experiente, capaz de expulsar todos os pensamentos racionais da cabeça dela.

Ela se virou para Lara com um sorriso.

– Talvez não seja tão ruim, afinal.



Com a mesma rapidez com que veio, a chuva se foi. Não diminuiu de forma gradual, não houve nenhuma névoa silenciosa para facilitar a transição das gotas pesadas para o céu seco. Em vez disso, foi uma mudança simples, como o apagar de uma vela. Em um momento chovia torrencialmente, e no instante seguinte... o silêncio.

E, depois de três dias do som constante dos pingos nas janelas, o silêncio era ensurdecedor.

Nick ergueu os olhos de suas cartas e viu que Rock o fitava.

– Até que enfim – disse o turco.

Nick deu um sorriso largo.

– Com saudades do Porco Recheado, é?

– Nem um pouco. Só estou farto de vê-lo sempre com esse mesmo casaco. – Ele atirou uma carta na mesa e Nick, ao constatar que havia perdido o jogo, largou suas cartas na mesa. Rock recolheu seus ganhos. – Era de esperar que você já estivesse cansado de perder para mim depois de todos esses anos.

Nick recostou-se na cadeira e bebeu um gole de conhaque. Olhou para o amigo e falou:

– Vou me casar com ela.

Rock começou a embaralhar as cartas de novo, casualmente.

– Vai?

– Ela precisa de mim.

– Isso não parece um motivo apropriado para se casar, Nick. Sobretudo quando a garota em questão mantém uma casa cheia de fugitivas.

Nick franziu os olhos para o turco.

– Não acho que seja uma casa cheia. E não acredito que ela esteja fazendo nada errado. Nem você.

– Não. Não acredito.

– Então?

– Achei que casamento não fosse para você.

Nick não fingiu não entender. Ele repetira aquilo dezenas, centenas de vezes nos últimos anos, certo de que um casamento o arruinaria. Nunca vira um casamento que fosse um sucesso. E sabia que não devia acreditar ser capaz de fazer um dar certo com qualquer das opções que haviam se apresentado. Ele não se ligaria a uma mulher qualquer por mera aliança estratégica. Não precisava de uma filha da aristocracia, não precisava de um aumento nas finanças.

Mas não acharia ruim uma parceria.

E, quando estivessem sozinhos, ele e Isabel encontrariam prazer na companhia um no outro.

*Um prazer imenso.*

Sim, um casamento com Isabel poderia ser ideal.

– Mudei de opinião. Gosto muito da ideia de me aliar a ela.

– Aliar-se? É isso que vai ser? – Rock levantou uma sobrancelha.

– E o que vai fazer quando ela descobrir que você veio aqui à procura de uma de suas meninas?

Nick não respondeu. Era exatamente a pergunta que ele evitara responder nos últimos dois dias. Rock deu as cartas de novo e Nick avaliou sua mão, distraído.

– Case-se com ela pelas esculturas – sugeriu o turco. – Case-se com ela porque quer levá-la para a cama. Mas não se case com ela porque ela precisa de você.

– Não preciso me casar com ela pelas esculturas. Eu as compraria de qualquer modo. E não tenho certeza absoluta de que ela precisa de mim, na verdade.

– Notei que você não nega o desejo de levá-la para a cama.

Nick pediu mais uma carta com um gesto. Sim, ele a queria. Com uma intensidade visceral. Os acontecimentos da tarde anterior, a forma como ela se entregara tão livremente, o jeito como inclinara a

cabeça para trás enquanto se libertava em seus braços fizeram com que dançar com ela – tocá-la – fosse pura tortura. Fora necessário todo o seu controle para não beijá-la no salão de baile diante de sua confissão e, quando Isabel enfim se recolhera, ele tivera que se forçar a permanecer no andar de baixo em vez de segui-la para dentro de seu quarto e lhe mostrar todos os prazeres imagináveis.

Mudou de posição desconfortavelmente na cadeira, ignorando o olhar sagaz de Rock.

– Posso lhe dizer que não gostei da sua escolha de palavras.

Nick jogou uma moeda na mesa. Rock cobriu a aposta, virou uma carta para si mesmo e praguejou por entre os dentes.

– O que você estava dizendo sobre eu perder para você? – provocou Nick.

– Como é mesmo que se diz? Um dia é da caça e o outro, do caçador. – Enquanto Nick embaralhava, Rock continuou: – A garota não precisa de você. Ela precisa de dinheiro. Compre as esculturas.

– Ela precisa de mais do que dinheiro. – Nick fez uma pausa. – E não quer realmente vender as esculturas.

Rock fungou.

– Então o que estamos fazendo aqui?

– Até cinco minutos atrás, não tínhamos escolha. – Nick fitou os olhos escuros do amigo. – E você estava se divertindo lendo seus romances efeminados e me despojando aos poucos de minha fortuna. O que mudou?

Rock esticou o braço para se servir de mais um copo de conhaque.

– Nada. Só estou pronto para ir.

– Aconteceu alguma coisa com Lara?

– Srta. Caldwell para você – disse Rock, fechando a cara.

– Perdão. Aconteceu alguma coisa com a Srta. Caldwell? Vocês pareciam bem próximos mais cedo. – Nick parou, compreendendo. – Ah.

Rock olhou para ele.

– O que isso quer dizer?

– Parece que não sou o único com um problema com mulheres.

A sua é tão irritante quanto a minha?

Rock jogou uma moeda na mesa.

– Dê as cartas.

Nick obedeceu, e os dois permaneceram em silêncio durante as rodadas seguintes. Por fim, Rock falou:

– Ela é linda.

Nick assentiu.

– É.

– Não somente linda. É perfeita.

As palavras foram tão inesperadas que Nick levou alguns segundos para absorver seu significado.

– Não estou entendendo. Qual é o problema, então?

– Isso não pode continuar.

– Por que não?

Rock encarou o amigo com um olhar franco.

– Olhe para mim, Nick.

– Estou olhando.

Rock jogou suas cartas na mesa.

– Ela é a filha de um cavaleiro. Eu sou um bárbaro, nascido nos becos da Turquia.

– Ela mora em uma casa criada para abrigar fugitivas. Não pode estar inteiramente sob as regras da sociedade. Pelo menos não da maneira que você sugere. – Nick fez uma pausa. – Presumo que suas intenções sejam honradas.

Rock se levantou, incapaz de ficar parado. Foi até a janela, abriu-a e deixou o ar fresco entrar, ainda pesado com a chuva recente.

– Se algo acontecesse entre nós... ela seria exilada.

– Mais longe do que Yorkshire? – falou Nick secamente.

Rock não se virou ao dizer, baixinho:

– O exílio atual é espontâneo.

Nick observou o amigo por um longo momento antes de se levantar e se juntar a ele.

– Está pensando demais. Você tem dezenas de amigos ricos e com títulos, muitos dos quais aceitariam alegremente sua relação com ela.

Rock balançou a cabeça.

– Você sabe que isso não é verdade.

– Não sei de nada disso – escarneceu Nick. – Nenhum deles se importaria.

O turco virou-se de costas para a janela e encarou o amigo.

– Você só diz isso porque *você* não ia se importar. Mas eles iriam. Quando eu descesse da carruagem em Londres com uma linda mulher inglesa loura ao meu lado, eles iriam se importar. E eu não seria mais um amigo. Na mesma hora eu me transformaria em um inimigo de pele escura, roubando suas mulheres.

Nick sustentou o olhar de Rock por um longo tempo, a verdade de suas palavras se revelando. Finalmente ele praguejou baixinho e pôs a mão no ombro do outro.

– Você gosta dela?

– Gosto.

– Bem, me parece que isso deveria ser suficiente. Que se danem os outros.

Um sorrisinho cruzou os lábios de Rock.

– É fácil para você dizer isso. Segundo filho de um marquês, planejando se casar com a filha de um conde.

– Ela não falou que vai me aceitar.

– Mas vai. Seria louca se não aceitasse. Mas prometa-me uma coisa. Prometa-me que não vai se casar com ela apenas pelo desejo insano de salvá-la.

Nick considerou as palavras. Ele entendia o que Rock estava dizendo. *Isabel era seu modo de reparar os danos que Alana havia*

*causado?* Será que aquela inglesa corajosa e inigualável seria capaz de apagar a lembrança de sua perversa correspondente turca?

Ele se retraiu com a comparação das duas.

– Não é a mesma coisa.

– Não sei se você sobreviveria nas mãos de outra mulher que não pode ajudar.

– O que o faz pensar que não posso ajudar essa?

– Só o fato de que, desde que o conheço, você nunca foi capaz de ajudá-las, Nick.

Houve um longo silêncio antes de Nick dar uma risada autodepreciativa.

– Nem antes disso.

– Você pode ajudar a garota sem abrir mão da sua vida. É só o que estou dizendo.

Nick considerou as palavras. Era só isso que ele queria? Apenas ajudar Isabel? Sem dúvida isso era uma parte – de fato ele queria garantir sua segurança, dar-lhe a paz de espírito que viria com a certeza de que a casa dela se manteria de pé, de que as meninas iriam prosperar, que seu irmão seria bem-sucedido. Mas Rock tinha razão: ele podia lhe dar todas essas coisas sem se casar com ela. Podia deixá-la ali e voltar para Londres, encontrar Densmore e convencê-lo a passar a tutela de Townsend Park para ele. Se seu palpite estivesse correto, o sujeito abriria mão da responsabilidade com prazer.

Então por que o casamento estava ali, avultando-se tanto em seus pensamentos?

O que havia naquela mulher que o deixava tão nervoso e disposto a sacrificar tudo por ela?

O que o fazia querer tanto ajudá-la?

Uma imagem de Isabel surgiu em sua mente, fresca, linda e relaxada, feliz e segura de que seu mundo não ia desmoronar em volta dela. Ele nunca a vislumbrou dessa maneira. Vislumbrou-a

linda e provocante, linda e ousada, linda e preocupada com todos à sua volta, linda e se desfazendo em seus braços, mas nunca linda e segura de si. De seu futuro. Dele.

Nick queria lhe dar isso.

Talvez fosse sua fraqueza por mulheres. Talvez o que acontecera na Turquia estivesse se repetindo. Talvez o destino de Nick fosse ficar preso a Isabel da mesma maneira que ficara preso à sua mãe, depois a Alana. No entanto, ele achava difícil acreditar que Isabel fosse como elas.

Ela parecia infinitamente mais honesta.

Tinha tudo para se tornar infinitamente mais querida.

Isso era mais profundo do que o histórico dele.

Era seu futuro.

Olhou nos olhos de Rock.

– Eu vou me casar com ela. Nós vamos formar uma boa dupla.

Rock assentiu.

– É justo. – Houve um longo silêncio enquanto os dois olhavam pela janela, para a escuridão além. – Você sabe que não pode fazer isso sem contar a verdade a ela.

As palavras caíram pesadas como chumbo entre eles. É claro que Nick sabia. Soubera desde o início que teria que contar sobre sua relação com o duque de Leighton, que ele tinha ido ali procurar Georgiana. E teria que aguentar toda a força da raiva dela e seu interrogatório.

Mas uma pequena parte dele tivera esperanças de poder convencê-la a se casar e assinar os papéis antes de precisar admitir que escondera aquilo dela.

Agora não tinha tanta certeza de que isso seria possível.

Havia algo muito tentador na ideia de se casar com ela, amarrando-a a ele, e só então, quando Isabel não pudesse mais deixá-lo, contar-lhe tudo.

Rock leu seus pensamentos.

– É muito melhor você conversar com Isabel sobre isso do que ela descobrir sozinha depois.

– Eu sei.

Mas ele não gostava de nenhuma das opções.

## QUINZE



**N**a manhã seguinte, Isabel encontrou Nick no estatuário, trabalhando.

Fora procurá-lo depois do café da manhã, dizendo a si mesma que era uma questão de educação informá-lo que as estradas estavam novamente transitáveis depois da chuva. A emoção que sentiu ao vê-lo debruçado em seu caderno no cômodo bem-iluminado, no entanto, indicava uma motivação um pouco diferente.

As mãos dele voavam pelo papel, fortes e seguras, e ela sentiu uma inveja passageira da total atenção que ele estava dando ao trabalho. Observou conforme uma mecha de cabelo negro caía e ficava presa na armação de seus óculos e perdeu o fôlego.

Ele era realmente muito bonito.

*E ela estava se tornando uma completa idiota.*

O pensamento a trouxe de volta à realidade e Isabel pigarreou de leve, chamando a atenção dele. Nick olhou em sua direção, e ela sentiu que ele a avaliava, então juntou as mãos na frente das saias para evitar alisar o vestido ou os cabelos.

– Desculpe, eu não queria incomodá-lo, mas achei que gostaria de saber que seu amigo Rock voltou à cidade, para pegar os seus pertences. Meu irmão e eu ficaremos felizes em hospedá-los aqui... em Townsend Park... pelo tempo de que precisarem.

Ele retirou os óculos, e Isabel lamentou um pouco. Havia algo

nos óculos que ela achava atraente, algo que realçava o homem inteligente e honesto por trás da fachada bela e avassaladora.

Nick deu um sorriso caloroso e receptivo que a deixou com as pernas bambas. Sim, ela gostava muito mais dele com os óculos para disfarçar a beleza estonteante.

– Isso é muito generoso de sua parte, Isabel. Obrigado.

Ela não sabia o que dizer, então continuou parada no vão da porta, sua incerteza muito óbvia.

Nick ergueu uma sobrancelha, achando graça. Sabia que ela estava nervosa e estava se divertindo com isso.

– Gostaria de entrar?

Ela deu um passo para dentro da sala, profundamente consciente de que no dia anterior ele a beijara ali. Fizera mais do que beijar, na verdade.

*Talvez ela devesse fechar a porta.*

A pulsação dela se acelerou com o pensamento. Sem dúvida, se fizesse isso, ele veria como um convite para repetir os acontecimentos da tarde anterior.

*Feche a porta, Isabel.*

Ela não podia. O que ele iria pensar?

*Tinha importância?*

Com certeza era cedo demais para tais atividades.

Eles tinham acabado de tomar café da manhã.

Isabel fitou os olhos azuis brilhantes dele e viu que Nick sabia exatamente o que ela estava pensando. Havia um quê desafiador na forma como ele a olhava, como se estivesse tentando, pela força do pensamento, fazer com que ela fechasse a porta e fosse receber aquilo em que não parara de pensar desde o dia anterior.

Deu mais alguns passos para dentro do aposento e deixou a porta aberta, ignorando a pontada de decepção que se acendeu. A atenção dela foi atraída para uma escultura próxima, então se agarrou àquele tópico seguro.

– Como passou a se interessar tanto por antiguidades?

Ele hesitou antes de responder, como se estivesse escolhendo as palavras, e ela se viu desesperadamente curiosa.

– Eu sempre gostei de estátuas – disse –, desde criança. Na escola eu me descobri fascinado por mitologia. Acho que não foi nenhuma surpresa o fato de ter me sentido mais atraído pelas culturas antigas quando saí do colégio e fui para o continente.

Isabel se empoleirou em um pedestal próximo.

– Então você passou seu tempo na Itália e na Grécia?

Ele desviou brevemente o olhar.

– Foi difícil chegar à Itália, considerando-se que havia uma guerra. Era mais fácil ir para o leste, então eu fui, cruzando o Império Otomano para o interior do Oriente. A arte lá é inigualável; a história daqueles povos é mais antiga do que qualquer coisa na Europa. Você nunca imaginaria pinturas, cerâmicas como aquelas... O legado artístico que eles deixavam ao longo das gerações é diferente de tudo o que eu já tinha visto. E não são só pinturas e esculturas. Seus corpos inteiros são sua arte, seu espírito.

Ela estava hipnotizada pela reverência na voz dele.

– Como assim?

Nick a encarou, e o entusiasmo em seus olhos fez a pulsação dela disparar.

– As coisas são sagradas nas culturas do Oriente. Lá, quem estuda música, dança, teatro o faz com todo o seu ser. Na China há guerreiros que passam anos aprendendo a arte do combate. Na Índia, a dança é um ritual; o início e o fim do mundo são sustentados em um único movimento da forma feminina.

As palavras dele ficaram mais suaves, atraindo-a como um ímã.

– Parece maravilhoso.

– E é. É infinitamente mais sensual do que a valsa que dançamos ontem à noite.

Isabel achou difícil acreditar que alguma coisa pudesse ser mais

sensual do que aquilo. Havia algo sombrio nos olhos de Nick quando ele continuou:

– Eu gostaria de lhe ensinar as coisas que aprendi na Índia.

*Ela queria aprendê-las.*

– Que tipo de coisas?

– Infelizmente, coisas que boas damas inglesas não aprendem.

– Acho que nunca tive muito talento para ser uma boa dama inglesa.

Houve um longo silêncio então, durante o qual ela foi invadida pela vergonha – de onde aquelas palavras tinham vindo? Ela devia pedir desculpas?

– Eu...

– Se vai se desculpar, prefiro que não o faça. Descobri que gosto bastante dessa Isabel ousada.

O olhar dela cruzou com o dele e o vislumbre de seu sorriso malicioso a hipnotizou.

Ela não conseguiu se conter e susteve o olhar, adorando a sensação de partilhar um segredo com aquele homem intrigante. Queria saber mais sobre ele. Saber tudo sobre ele.

– Como aprendeu sobre as antiguidades gregas e romanas se estava no Oriente?

Ele pensou por um instante e então disse, simplesmente:

– Depois de alguns anos no Oriente, eu voltei à Europa.

– Para a Turquia.

Ele não respondeu. Não precisava.

– Minha recuperação aconteceu na Grécia. Tive meses para aprender sobre as antiguidades gregas... e seus segredos. Os romanos vieram por último, antes de eu voltar a Londres.

Isabel queria perguntar mais sobre sua estadia na Grécia. Na Turquia. Mas de alguma forma sabia que ele não ia partilhar mais do que já fizera. Ela procurou um novo tópico, algo que pudesse levá-los de volta à conversa amigável que estavam tendo antes que ela

ressuscitasse as lembranças sombrias dele. Seu olhar recaiu na estátua sobre a qual ele estava fazendo anotações quando ela entrara.

– Ainda está trabalhando na Hedonê?

– Descobri que sou incapaz de deixá-la.

– Ela é linda.

– Sem dúvida. – Ele fez um gesto em direção à estátua. – Vê como ela é diferente das outras?

Isabel analisou o rosto da deusa, os olhos semicerrados, os lábios grossos entreabertos. Reconheceu a emoção no rosto dela, algo que sempre achara que fosse sonolência. Agora sabia que não. Sentiu a pele esquentar.

– Ah, estou vendo que sim. – A voz dele havia mudado. Agora estava quente, baixa e íntima, e fez um arrepio percorrer a espinha dela. – Mas não é só o rosto. O que torna essa estátua diferente das outras é o cuidado que o escultor teve para fazer cada parte dela tão obviamente voluptuosa.

Isabel estava hipnotizada pela voz de Nick e, quando ele moveu as mãos para a escultura, ela não conseguiu desviar o olhar.

– Você pode ver a paixão em cada centímetro dela... No ângulo do pescoço, na forma como o queixo está levantado, como se ela não pudesse respirar mais fundo por causa da sensação que percorre seu corpo.

Isabel ficou olhando, paralisada, enquanto as mãos fortes e bronzeadas dele deslizavam pelo queixo da estátua, as pontas dos dedos traçando a linha do pescoço. Nick continuou falando:

– O prazer dela é articulado no modo como seus ombros estão jogados para trás, no modo como um braço se estende para cima para tocar distraidamente os cabelos enquanto o outro abraça o abdômen arredondado, como se para conter o tremor ali.

Sem pensar, Isabel imitou a postura da estátua. As palavras dele, a maneira como ele acariciava suavemente o mármore eram

suficientes para fazê-la estremecer até o âmago. Ela então fitou os olhos ardentes de Nick e reconheceu neles a paixão contida ali. Ele sabia o que estava fazendo. Ele a estava seduzindo.

Quando ele se virou de volta para a estátua, Isabel deu um longo suspiro.

– Mas talvez o indicador mais evidente da emoção dela esteja aqui – continuou ele, deslizando a mão pelo mármore branco e liso para segurar um seio de mármore. – Os seios dela são mais cheios do que os de outras estátuas romanas da época...

*Como ele podia permanecer tão controlado?*

– E ela é anatomicamente perfeita. Você pode perceber a sugestão de um mamilo enrijecido...

Isabel mordeu o lábio enquanto observava o polegar dele circundando o mamilo da estátua, e tentou resistir ao ímpeto de imitar seus movimentos.

*Queria que ele a tocasse.*

Ela soltou a respiração que estivera prendendo em um suspiro longo e trêmulo, quase inaudível. Mas Nick ouviu. Virou a cabeça imediatamente na direção dela e soltou Hedonê. Quando a encarou, Isabel viu a promessa que residia em seus lindos olhos azuis.

– Devo continuar?

Ela deu um passo na direção dele, chegando o mais perto que podia sem tocá-lo. Percebeu a tensão nos seus ombros, o músculo da face se contraindo em um movimento que ela estava aprendendo a reconhecer como contenção. Ele queria tocá-la, mas estava esperando o movimento dela.

Bem, ela estava farta de se segurar.

Colocou as mãos no peito dele e ficou na ponta dos pés. Quando respondeu, não soube muito bem de onde as palavras vieram.

– Não com a estátua.

Então o beijou.

Percebeu que havia uma euforia contida na ação de reivindicar o

próprio prazer. Nick permaneceu imóvel enquanto ela o beijava, sem tocá-la, e Isabel percebeu que ele estava permitindo que ela tomasse as rédeas.

Ela descobriu que gostava muito dessa ideia.

Queria rir com a sensação inebriante de seu recém-descoberto poder. Mas isso não parecia nada apropriado.

Deslizou as mãos para cima e passou-as pelo pescoço de Nick, pressionando totalmente o corpo contra o dele. Ele colocou as mãos firmes nos quadris dela, e sentir o calor dele através do tecido fez um desejo enlouquecedor percorrê-la. Ela abriu os lábios colados aos dele, deixando claro que estava disposta a estar ali, naquele aposento, nos seus braços. Como Nick não capturou sua boca, Isabel passou a língua pelo lábio inferior dele, de forma um tanto hesitante.

Assim, encontrou a chave que libertava o leão de sua jaula.

Nick deixou escapar um gemido, entreabrindo os lábios e permitindo-lhe o acesso à sua boca maliciosa. Ela estava nervosa no início, sem querer tomar o que havia pedido, mas quando os braços dele a envolveram, rígidos e quentes, e a puxaram contra ele, a cautela desapareceu. As línguas se encontraram, se acariciaram, se entrelaçaram, e passou-se um longo tempo antes que ele interrompesse o beijo e a colocasse em cima do pedestal baixo junto a Hedonê.

Então ordenou-lhe "Fique aí" e se afastou para fechar a porta que ela havia deixado aberta. Em seguida, voltou a se aproximar dela, deixando Isabel impressionada com seus movimentos, a semelhança com um predador esguio e poderoso. O coração dela martelava em seus ouvidos à medida que ele chegava mais perto, finalmente parando na sua frente e avaliando-a como havia feito com a estátua.

A posição dela a deixava vários centímetros mais alta do que ele e, quando não conseguiu mais resistir, Isabel esticou as mãos para

passar os dedos pelos cabelos dele, virando o rosto de Nick para cima para poder encará-lo. Os olhos dele cintilaram com uma promessa silenciosa, e ela desviou a atenção para a cicatriz dele. Deu um beijo demorado na ponta da marca, bem no canto da sobrelha, então tomou sua boca de novo em um beijo embriagante.

Nick começou a passar as mãos por todo o corpo de Isabel, encorajando sua ousadia, correndo-as pela lateral do corpete até o lugar onde o vestido dava lugar ao colo. Levou a boca ao pescoço dela, roçando os dentes pela pele ao mesmo tempo que Isabel inclinava a cabeça para trás com o prazer da carícia. Ele puxou o corpete para baixo até libertar um seio de suas amarras e se deteve, maravilhado com o mamilo intumescido à altura de sua boca.

– Minha Hedonê da vida real – sussurrou, o calor de sua respiração fazendo o mamilo se enrijecer ainda mais antes que ele o brindasse com lábios, língua, dentes, regalando-se com ela.

Ela agarrou a cabeça dele com um grito de prazer e se perdeu na sensação poderosa que a percorria a cada carícia experiente, a cada sorvedura magnífica. Quando ele finalmente ergueu a cabeça, ambos estavam com a respiração pesada, e ela se apoiava nele para conseguir permanecer ereta.

– Antes de irmos adiante – falou ele, com a voz rouca –, acho que devíamos discutir a questão do nosso casamento.

Ela não queria que ele parasse. Será que não podiam falar sobre isso mais tarde? Esticou as mãos para ele.

– Sim.

Ele a beijou novamente, puxando sua cabeça para baixo, para uma carícia entorpecedora que a deixou quase incapaz de pensar.

– Sim o quê?

*Sobre o que eles estavam falando mesmo?*

– O quê?

Ele sorriu e toda a força de seu prazer fez algo se contrair no

âmago dela.

– Isabel, acho que devíamos nos casar.

Ela sorriu para ele.

– Eu concordo.

– Boa garota.

Ele a recompensou com outro longo beijo, depois ergueu os braços dela e colocou suas mãos em volta do pescoço da estátua, deixando-a com as costas nuas apoiadas na deusa de mármore. Agora que Isabel estava posicionada como ele queria, Nick voltou a atenção para os seus seios. Ela arfou quando a língua dele encostou em seu mamilo, e de novo quando sentiu o ar frio por baixo das saias, as mãos dele subindo por suas pernas para encontrar o lugar onde ela ansiava por seu toque. Ele ergueu a cabeça.

– Devemos fazer isso agora?

*Se ele não a tocasse logo, ela ia morrer.*

Isabel abriu os olhos diante da pergunta, totalmente distraída pelo caminho traçado pelas mãos dele, acariciando suas coxas da forma mais enlouquecedora.

– Sim, vamos.

Ele trabalhou rápido nas fitas da roupa íntima dela e deslizou uma das mãos para dentro, abrindo suas pernas e roçando os dedos por cima do âmago quente dela.

– Ótimo. Acho que não posso esperar muito mais para tê-la.

– Não...

A palavra foi exalada em uma respiração conforme ele escorregava um dedo para dentro dela.

– Fico tão feliz que você sinta o mesmo...

A frase percorreu-a como fogo e foi seguida por uma longa carícia que a privou por completo de pensamentos racionais. Ela largou a estátua e se agarrou a ele. Sem remover a mão, Nick a ergueu nos braços e a levou para o banco debaixo do vitral no qual havia lhe dado tanto prazer no dia anterior. Desta vez ele não se

sentou. Em vez disso, colocou-a no assento e se ajoelhou no chão diante dela.

Isabel estava em chamas, desesperada pelo toque dele.

Era essa emoção que marcava a derrocada das mulheres. Era isso que as arruinava.

*Ela tinha que resistir a isso. A ele.*

Abriu os olhos e deparou com o olhar derretido dele.

– Espere.

Os dedos dele acariciavam lentamente o interior dela.

– Sim?

Ela respirou fundo e se esforçou para lembrar o que estivera prestes a dizer.

– Eu só... Você tem que saber... Eu não posso amá-lo.

– Não?

O polegar dele esfregou um círculo malicioso em volta do ponto que ela só descobrira no dia anterior.

Isabel arfou.

– Acho que, no máximo, posso apenas vir a gostar muito de você.

Ele riu baixinho e deslizou a outra mão pelas pernas dela.

– Acho que posso fazer o mesmo.

– Mas, realmente... eu não vou.... – tentou continuar ela. Então ele abriu bem as pernas dela, expondo sua carne ao ar livre. – Espere... o que você... Você não pode!

Isabel se esforçou para fechar as coxas, prendendo a mão dele entre elas, e tentou empurrar as saias para baixo, escondendo-se dele. Ele não podia querer *olhá-la* lá.

– Isabel – chamou Nick, em um tom arrastado e malicioso.

Ela parou.

– Sim?

Ele se inclinou para a frente e capturou os lábios dela na promessa profunda de um beijo. Quando ela ficou fraca nos braços

dele mais uma vez, Nick plantou um suave beijo final no canto de sua boca e sussurrou:

– Confie em mim, querida. Você vai gostar muito de mim depois disto.

Então ele abriu gentilmente as coxas dela de novo, correndo as mãos fortes e experientes pela pele macia. Quando abaixou a cabeça e deu um beijo suave e molhado atrás do joelho dela, e em seguida traçou um caminho pela parte interna de sua coxa, Isabel cobriu os olhos de vergonha por ele estar tão perto de um lugar tão particular e secreto. Os dedos dele brincaram nos pelos castanho-avermelhados que cobriam seu sexo, enviando ondas luxuriosas por todo o corpo dela com a mera sugestão de um toque.

Finalmente, Isabel descobriu os olhos e viu a promessa sensual no olhar ardente de Nick.

– Era isso que eu estava esperando. Nunca se esconda de mim, linda.

Ele afastou os lábios escorregadios do sexo dela e roçou um dedo pelo centro, fazendo sua pulsação disparar.

Inclinou-se mais para perto e, quando falou, as palavras foram uma lufada de desejo contra a pele quente e ávida de Isabel.

– Você é tão linda... Quero conhecer cada centímetro de você. Quero sentir cada pedacinho do seu calor.

Então o dedo dele circundou o centro retesado dela, a pressão perfeita fazendo-a gritar de prazer.

– Tem noção de quanto eu quero sentir seu gosto?

Os olhos dela se arregalaram diante das palavras. Certamente ele não queria dizer... certamente ele não iria fazer...

E então ele fez.

Sua boca estava nela, e o corpo de Isabel não era mais dela, mas todo dele. Ela arfou, mergulhando os dedos nos cabelos negros e macios de Nick, sem se mexer, sem conseguir empurrá-lo para longe, sem conseguir puxá-lo mais para perto.

Mas ele sabia o que ela queria. Sua boca a devorou de todas as maneiras possíveis, a língua pincelando pelo calor úmido dela, lambendo-a, atíçando-a em círculos luxuriantes que ela não tinha certeza de que podia aguentar. Ele investiu cada vez com mais sofreguidão, abrindo mais, banquetecendo-se até ela achar que poderia morrer de prazer. Isabel ergueu os quadris na direção dele, e Nick aceitou o movimento, possuindo-a conforme sua língua encontrava o centro inflamado e dolorido de seu prazer em uma série de pinceladas firmes que a deixaram completamente sem fôlego.

Nesse momento Isabel o puxou para si, sem querer abrir mão daquela sensação impossível e extraordinária e do homem que a estava proporcionando. Os movimentos aumentaram, a velocidade ameaçando sua sanidade enquanto ela gritava o nome dele.

Ele parou então, por um tempo longo e insuportável, e ela não conseguiu aguentar. Se contorceu, mas a pegada firme dele a manteve imóvel, sua boca e sua língua contra ela em uma imobilidade excruciante. Ele a estava matando de desejo.

– Nick... – sussurrou. – Por favor... por favor, não pare!

Ele recompensou a súplica dela com um movimento abençoado, fechando os lábios em volta da protuberância tesa e inchada que ela lhe oferecia e chupando, roubando-lhe os pensamentos e a respiração e deixando-lhe apenas a sensação.

E a sensação era demais para suportar.

– Não... Nick... pare...

Mas a boca maliciosa e experiente dele não a poupou, lambendo mais rápido, acariciando mais fundo. Então, ele enfiou um, depois dois dedos dentro dela, levando-a cada vez mais perto do precipício desconhecido que ela tanto temia quanto desejava.

E de repente ela estava lá, na beirada, com a boca, as mãos e o grunhido satisfeito dele presentes em todos os lugares. E por fim despencou, em uma onda de prazer diferente de tudo o que

conhecia. Gritou o nome dele enquanto a sala girava em volta dos dois. Agarrou-o pelos cabelos, segurando-se na única coisa estável no meio daquele turbilhão de sensações.

Depois desabou contra o assento e, após uma longa pausa, Nick ergueu a cabeça, para olhá-la nos olhos. Ela registrou o prazer e a paixão ali e respirou fundo, trêmula, tentando se recompor enquanto ele abaixava suas saias e, em seguida, se acomodava ao lado dela. Nick deu um beijo suave em sua têmpora e puxou-a contra si.

Ela colocou a mão distraidamente nele, e Nick sibilou com o movimento. Pegou a mão dela, e Isabel arregalou os olhos.

– Eu... Você está machucado?

Ele lhe deu um sorriso enviesado.

– Nem um pouco. Só desesperado por mais de você.

A compreensão se instalou e Isabel disse:

– Você gostaria que eu... fizesse algo?

Ele riu, apertando a mão dela na sua.

– Quero isso mais do que tudo no mundo. – Beijou a mão dela. – Mas não é nem o lugar nem a hora. De qualquer forma, estou muito feliz que tenha concordado em se casar comigo. Porque pretendo levar isso a cabo muito em breve.

Ela corou ao ouvir isso, imediatamente envergonhada pela maneira como haviam falado sobre o casamento.

Ele teve a delicadeza de parecer mortificado.

– Eu não pedi sua mão de forma adequada.

Isabel balançou a cabeça.

– Não precisamos fazer cerimônia. Não há ninguém aqui esperando formalidades.

– Mesmo assim, vou compensá-la por isso.

Ela desviou o olhar dele, concentrando-o nas mãos dos dois no colo dela.

– Eu gostei da forma como você pediu.

Nick virou o rosto dela para ele, perscrutando seus olhos. Algo se

desanuviou em seu próprio olhar. Então ele a beijou, um gesto suave e generoso que a deixou mais do que satisfeita por ter concordado em se casar com aquele homem de quem parecia ser tão fácil gostar.

*Se ao menos ela tivesse a certeza de que ele não era tão fácil de amar...*

Foi poupada de considerar o pensamento mais a fundo quando bateram à porta. Isabel pulou da poltrona, o coração aos pulos. Se tivessem sido interrompidos apenas alguns minutos antes...

A porta se abriu e Lara entrou no aposento.

– Isabel?

Por um instante ela teve dificuldade para vê-los do outro lado da sala, atrás de várias estátuas altas, mas Isabel aproveitou o momento para dizer, mais alto do que o necessário:

– Creio que seja uma escultura de Apolo, lorde Nicholas.

Nick se levantou lentamente e deu a volta pelas costas de Isabel para analisar a peça a que ela se referia.

– Temo que esteja enganada, lady Isabel.

Ela não estava prestando muita atenção. Em vez disso, estava concentrada em Lara, que andava rápido na direção deles pelo labirinto de estátuas.

– Por que diz isso?

– Bem – falou ele –, em primeiro lugar, essa estátua é feminina.

Isabel levantou a cabeça imediatamente para olhar para a escultura pela primeira vez.

– Ora. Bem, é claro que eu não estava falando *dessa* estátua, mas daquela ali.

– É claro, engano meu. – Ele lhe deu um sorrisinho cúmplice. – Qual?

– Aquela ali – respondeu ela, fazendo um gesto distraído com a mão. – Lara? Está tudo bem?

Não estava.

– Isabel.

Isabel soube de imediato o que havia acontecido.

– Qual delas?

Lara parou para recuperar o fôlego. Era óbvio que ela havia corrido o caminho todo.

– Georgiana.

Isabel sentiu Nick enrijecer a seu lado. Virou para ele e ficou surpresa em ver a seriedade em seu semblante. O sedutor provocante de antes havia sumido, tendo sido substituído por um homem impassível.

– O que tem ela?

– Ela desapareceu.

Ele olhou nos olhos dela.

– O que nós devemos fazer?

Se tivesse tido tempo de considerar as palavras dele, Isabel teria ficado feliz com o uso da palavra *nós*, mais uma prova de que eles formariam uma ótima dupla. Só que ela já estava se dirigindo para a saída, com Lara em seus calcanhares.

– Nós vamos encontrá-la.

# DEZESSEIS



## ***Lição Número Sete***

*Deixe bastante clara sua admiração diante da excepcionalidade dele.*

*Não há nada de que um lorde goste mais do que ser lembrado de sua força, inteligência e poder superiores. Finja ignorância, permitindo ao seu lorde estar certo em todas as situações, e ele será seu. Dê-lhe pequenas oportunidades: se você se machucar em alguma brincadeira, permita que ele cuide de seus ferimentos; encoraje suas habilidades admiráveis em jogos de cartas e outros jogos de salão; quando possível, enalteça seu vasto conhecimento e sua força peculiar.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

— **Q**uem a viu por último? — perguntou Isabel, entrando na cozinha.

Pegou rapidamente da mão de Gwen uma folha grande de papel enrolada e foi direto para a mesa no canto.

Nick viu Rock entrando pelo lado oposto do aposento. Tinha acabado de voltar de sua excursão à cidade. Ele encarou o amigo e leu a urgência no rosto dele antes de desviar o olhar, distraído pelo restante das mulheres na cozinha. E ligeiramente oprimido por elas.

Ali estava a Casa de Minerva em sua totalidade.

Havia mais de vinte mulheres ali, todas vestidas com roupas masculinas – calças, camisas de linho, botas de cano alto – e com os cabelos enfiados para dentro do chapéu. Elas se levantaram quando Isabel entrou, como se ela fosse o próprio duque de Wellington. E, naquele momento, ela poderia ter sido. Com a calma e a tranquilidade de um general experiente, Isabel desenrolou o papel na mesa, prendendo as pontas com uma grande tábua de corte, um saleiro e duas tigelas de madeira. Nick deu um passo à frente e reconheceu-o como o mapa da mansão, aberto diante dela como um plano de batalha.

Aquela não era a primeira vez que algo assim acontecia.

– Eu a vi por último – falou Jane, de frente para Isabel do outro lado da mesa. – Ela estava indo para a lavanderia com algumas roupas de James.

Nick fitou Rock do outro lado do aposento. O turco indicou a porta que levava para fora da casa, com uma pergunta no olhar. Nick balançou a cabeça.

*Ele queria vê-la trabalhar.*

– Quando?

– Acho que meia hora atrás. Talvez quarenta minutos.

– E?

– Meg encontrou as roupas em uma pilha no caminho – respondeu Jane, indicando uma mulher próxima a ela.

– Quando? – falou Nick, dando um passo à frente, incapaz de ficar quieto.

A atitude chamou a atenção do aposento inteiro. Ele podia não ser capaz de convencer Isabel a confiar nele, mas, por Deus, podia ajudá-la a encontrar a garota.

*Que muito provavelmente sumira por causa dele.*

A mulher chamada Meg olhou para Isabel em busca de

autorização antes de responder à pergunta. Quando Isabel assentiu, Meg falou:

– Há menos de vinte minutos, milorde.

– Onde estão as roupas agora? – quis saber Nick.

Meg apontou para elas em cima de um banquinho próximo.

– Espero ter feito o certo trazendo-as para dentro, Isabel.

– Você fez muito bem, Meg. – Isabel foi até a pilha e verificou cada uma das peças, rápida e cuidadosamente. Ela olhou para Nick.  
– Quase não estão molhadas.

A admiração se acendeu nele. Ela havia entendido a intenção implícita da pergunta dele. Com o temporal dos últimos dias, as roupas jogadas no chão teriam absorvido a água com bastante rapidez.

– Ela não está longe.

Isabel se virou para o mapa, falando rápido:

– Eu diria que ela se foi há 25 minutos, meia hora no máximo.

Eles devem ter vindo a pé, ou Kate teria visto os cavalos.

Ela olhou para seu cavaliço-chefe, que balançou a cabeça.

– Não vão chegar longe com ela à luz do dia – atalhou Nick. – Não se não quiserem ser pegos.

Isabel olhou para ele, considerando suas palavras.

– O que significa que ela provavelmente está escondida na propriedade.

Nick soltou uma respiração lenta. Isabel estava depositando sua confiança nele.

*Um erro.*

Ele afastou o pensamento enquanto Isabel continuava:

– Nosso conhecimento sobre Townsend Park nos coloca em uma posição de vantagem para encontrá-la. Kate, Meg, Regina, verifiquem o bosquezinho no pasto leste. Jane, Caroline, Frannie, peguem o portão oeste e percorram as terras de Marbury... Não se

esqueçam de checar os galpões onde Marbury põe o feno para secar.

Com eficiência, ela determinou grupos para o restante das mulheres, marcando no mapa as áreas onde deviam procurar. Nick observou conforme a cozinheira abria um pequeno armário e entregava cornetas de caça para cada um dos grupos.

– Levem as cornetas. Se virem qualquer coisa estranha, soem o alarme. Não façam nada sem o resto de nós. Quero vocês todas de volta aqui inteiras. Como sempre, Gwen fica aqui. Se precisarem de alguma coisa, digam a ela.

Quando terminou de explicar o plano, ela se levantou, e Nick ficou maravilhado com o modo como as outras residentes se aprumaram, as colunas tão retas quanto as de qualquer soldado esperando impressionar seu comandante. Ele entendeu imediatamente que, como um exército, elas seguiriam as ordens de Isabel sem fazer perguntas.

E ele se viu disposto a fazer o mesmo.

– Lara e eu vamos vasculhar a área entre a casa e a estrada principal – disse ela. – Alguma pergunta?

Nick não ia permitir que ela fosse procurar a garota sem ele.

– Lady Isabel. Eu gostaria de ver o lugar de onde Georgiana foi levada.

Ela balançou a cabeça.

– Não há tempo.

Ele sabia do risco de questioná-la na frente de suas garotas, mas também sabia que podia acelerar o processo. Teria que provar isso a ela e estar disposto a responder a perguntas.

– Fui treinado como rastreador – afirmou.

Por cima do ombro dela, ele viu Rock levantar a sobrancelha, surpreso. Nick o ignorou. Ela o encarou e passou um momento considerando suas palavras. Então assentiu.

– Vou levá-lo até lá. Sr. Durukhan, estaria disposto a se juntar a

Lara para vasculhar o terreno da frente?

Rock baixou a cabeça.

– É claro.

– Muito bem. – Ela se virou para as outras. – Sejam rápidas. Tenham cuidado. Estejam de volta antes de a noite cair.

Com as ordens recebidas, as mulheres saíram da cozinha como um batalhão bem-treinado. Isabel deu as últimas ordens para Gwen enquanto Nick e Rock conversavam baixinho.

– Não há nenhuma chance de eles estarem indo para a estrada – disse o turco, puxando uma pistola do cós da calça e entregando-a a Nick.

– Não.

Os olhos de Rock se estreitaram.

– Quer dizer a ela por que estamos aqui?

Nick balançou a cabeça, deslizando a pistola para dentro do cós.

– Não se eu puder evitar.

Rock assentiu.

– Estarei logo atrás de vocês.

Eles trocaram um aperto de mão e Nick virou-se para Isabel.

– Vamos, então.

Ela abriu a porta e eles saíram.

O local de onde Georgiana fora levada ficava a apenas alguns passos da casa, marcado por um colete sujo que Meg havia deixado para trás em sua pressa para soar o alarme. Nick se agachou para avaliar as pegadas no caminho lamacento.

Isabel observou-o por um momento, depois correu os olhos pelas terras ao redor.

– Conseguiu descobrir alguma coisa?

– Dois homens – respondeu Nick. – Parece que ela resistiu. – Ele se virou e praguejou baixinho, depois apontou para o sul, na direção de um aglomerado de árvores distante. – Para lá. Há algum abrigo ali?

– Ah, sim. É uma cabana de lenhador abandonada. James gosta de brincar lá.

– Foi para lá que eles foram. Vão esperar a noite chegar para viajar com uma terceira pessoa relutante. – Nick fez uma pausa. – Existe alguma chance de eu convencê-la a esperar aqui com Gwen?

Mas ela já estava andando, suas pernas longas levando-a rapidamente pelo terreno.

– Absolutamente nenhuma. Como você aprendeu a rastrear?

Nick permitiu que ela mudasse de assunto, esquadrinhando com o olhar as árvores ao longe.

– Quando eu estava no continente, havia uma guerra em curso.

Passou-se um tempo antes de ela perceber que ele não falaria mais nada além disso.

– É só isso? Havia uma guerra em curso?

– O que mais haveria?

– Quem lhe ensinou?

– Um membro muito inteligente do Departamento de Guerra Britânico.

– Mas você era um soldado?

– Não. – Ele decidiu mudar de assunto. Aquele caminho levava ao perigo. – Quantas vezes você já planejou uma busca e resgate?

Ela deu de ombros e apertou o passo.

– Várias.

– Isso significa quantas vezes?

– Não me lembro.

– Tente. Uma vez? Cinquenta?

– Mais de uma. Menos de cinquenta.

A mulher adorava testar sua paciência.

– Quantas dessas foram bem-sucedidas?

Ela deu de ombros novamente.

– A maioria.

– Mesmo agora que vamos nos casar e eu a estou ajudando a

resgatar essa garota, você não confia em mim.

*Garota inteligente.* Ele forçou a voz em sua cabeça a ficar quieta.

– Não é isso.

*Não era?*

– O que é, então?

Ela não respondeu.

– Quem é Georgiana para ser raptada? – perguntou ele.

*Diga-me, Isabel.*

– Não posso lhe contar.

– Isabel, estou ficando cansado dessa resposta.

– A informação não é minha para compartilhar.

– O que você pode me contar?

Ela o fitou por um momento, sem interromper o ritmo. Depois, voltando a atenção para as árvores ao longe, falou:

– Posso lhe dizer que ela é mais do que uma professora, mas você já sabia disso. Posso lhe dizer que ela é muito importante para uma grande família. E posso lhe dizer que, quando a acolhi, eu sabia que era apenas questão de tempo até este dia chegar.

– Então por que acolhê-la?

A resposta dela foi baixa e séria:

– Nunca rejeitei uma garota. Não ia começar com ela.

Ele a deixou andar vários passos à frente, observando sua silhueta longa e esguia se mover pelo terreno. Assim que soubera do sumiço de Georgiana, ela havia trocado o vestido por roupas masculinas, alegando que calças lhe davam muito mais liberdade de movimento. Nick não conseguiu conter o sorriso de admiração que surgiu enquanto a observava. Ela estava mais linda do que nunca.

Pensou nisso por alguns minutos antes de se dar conta de que Isabel estava certa. Não havia nenhuma timidez nos movimentos dela – nada que indicasse que ela estava nervosa ou hesitante a respeito do que aconteceria. Em vez disso, ela andava com uma graça tranquila e segura, pronta para qualquer coisa.

Ele nunca conhecera uma mulher como ela.

E percebeu, naquele momento, que estava inteiramente atraído pela combinação poderosa de força e vulnerabilidade daquela mulher, uma louca que subia em telhados e percorria os campos de Yorkshire à caça de sequestradores... E ainda encontrava tempo para duvidar de seus próprios atos e questionar seu valor.

Não era de estranhar que fosse se casar com ela.

Ela era notável.

Sim, Nick podia mantê-la segura, proteger a Casa de Minerva, mandar James para a escola. Ele tinha o dinheiro, o sobrenome, tudo o que era necessário para fazê-lo.

E percebeu que gostava bastante dessa ideia.

No entanto, seria impossível convencê-la de que *ela* gostava da ideia, se o motivo para ele ter aparecido em Yorkshire fosse revelado.

Eles chegaram às árvores, e Nick vislumbrou uma pequena construção a vários metros de distância. Estendeu a mão para Isabel, agarrando seu braço e interrompendo sua caminhada.

– Eu queria que você ficasse aqui e me deixasse entrar sozinho.  
– Quando ela balançou a cabeça e abriu a boca para protestar, ele ergueu a mão. – Se eles tiverem armas, Isabel... E aí?

– Eu já enfrentei armas antes.

As palavras o deixaram com mais raiva do que ele havia esperado.

– De todas as tolices que eu já ouvi... Você tem como se defender?

Ela fez uma pausa.

– Não.

Ele fez uma anotação mental para ensiná-la a usar uma pistola.

– Não? O que planeja fazer? Irritá-los até convencê-los a entregá-la? Essa estratégia pode funcionar comigo, mas imagino que esses sujeitos sejam profissionais.

Ela lhe lançou um olhar colérico.

– Normalmente só são necessárias algumas menções ao conde e eles saem correndo.

– Está brincando.

Ela desviou o olhar.

– Não.

– Isabel. Do pouco que me falou sobre Georgiana, você acha que as pessoas que a estão procurando vão ter medo do seu irmão?

Ela não respondeu.

– Exatamente. – Ele a encostou em uma árvore. – Você vai ficar aqui. Não se mova até eu vir buscá-la.

– E se acontecer alguma coisa com você?

Nick suspirou. Ela não tinha absolutamente nenhuma confiança nele?

– Se eu não estiver de volta em dez minutos, toque essa maldita corneta. E traga as suas amazonas.

Isabel não pôde evitar um sorrisinho.

– Elas são mesmo umas amazonas, não são?

Um dos cantos da boca de Nick se ergueu, em um sorriso divertido.

– Fico feliz em poder animá-la.

Ele removeu a pistola do colete e verificou a carga.

– Nick!

Ele havia se virado de costas, mas o sussurro dela o chamou de volta.

– Sim?

– Eu... – Isabel parou, hipnotizada pela arma. – Tenha cuidado.

Em duas passadas longas ele estava perto dela novamente. Pegou-a pela nuca com a mão quente e forte e puxou-a para si. Então a beijou, rápida e profundamente, lembrando aos dois o prazer que haviam encontrado nos braços um do outro. Em seguida, afastando-se, ele disse:

– Não há nenhuma chance de eu não voltar. Depois desta tarde, temos negócios a concluir.

Ela corou e desviou o olhar.

– Vá.

Nick foi andando pelo meio das árvores e se aproximou do chalé. Não demorou muito para confirmar suas suspeitas de que havia dois homens mantendo Georgiana refém dentro do abrigo. A garota se debatia contra as cordas com as quais eles a haviam amarrado, e ele ouvia os gritos raivosos e abafados dela através da mordação. Uma coisa era verdade: a garota aprendera muito bem a primeira regra para sobreviver a um rapto: permanecer barulhenta e irritante. Ela valia mais estando ileso – e sabia disso. Nick observou pela janela, quase achando divertido, enquanto um de seus captores esfregava a têmpora por causa do barulho.

– Garota – falou o outro com um forte sotaque do East End. – Assim você só vai conseguir se machucar. Nós não vamos levar você de volta. Vamos levar você para *casa*.

*Como ele havia esperado.*

Nick fez uma anotação mental para confrontar Leighton por não confiar apenas a ele a tarefa de encontrar sua irmã.

As palavras do sequestrador serviram apenas para redobrar os esforços de Georgiana. A garota começou a bater com os pés no chão do velho chalé, e Nick se perguntou brevemente se aquelas tábuas velhas aguentariam golpes tão violentos.

Imaginou que os captores não achariam ruim se livrar de seu prêmio problemático. Pelo preço certo. Suspirou. *Amadores.*

– O que está acontecendo?

*É claro.*

Ele devia ter previsto que Isabel o seguiria. Mas o sussurro dela no seu ombro não o deixou nem um pouco menos zangado. Ele se virou para ficar de frente para ela.

– O que eu lhe pedi?

– Eu...

– Não, Isabel. O que eu lhe pedi?

– Eu não sou criança, Nick.

– É mesmo? Porque parece estar tendo problemas para seguir instruções.

– Isso não é justo! Não pode realmente ter pensado que eu o deixaria vir correndo para cá sem a minha ajuda.

– Você parou para pensar no fato de que eu ter que me preocupar com você só tornaria isso mais difícil?

Os grandes olhos castanhos dela se arregalaram com uma surpresa inocente.

– Por que você se preocuparia comigo? Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma.

Ele balançou a cabeça.

– Estou cansado dessa conversa também. Fique aqui, se insiste. Mas tente se manter fora disso, por favor.

Ele dobrou a esquina da casa, na direção da única entrada, ignorando a pergunta sussurrada que ela fez:

– O que você vai fazer?

Ele ia pôr um fim àquela situação ridícula.

E provavelmente fazer a fúria de Isabel recair sobre ele.

Aproximou-se da porta e bateu com força três vezes.

– Abram, cavalheiros. Eu quero a garota e não vou embora sem ela. Então que tal termos uma conversa?

A única resposta foi o silêncio, e quando Nick se virou deparou com Isabel a alguns metros de distância, completamente boquiaberta. Nick levantou uma sobrancelha.

– Eu prefiro a abordagem direta.

Ela fechou a boca.

– Estou vendo.

A porta se abriu. Isabel arfou e Nick se viu sob a mira de uma

pistola. Ele fez uma pausa, avaliando o sujeito um tanto repulsivo, de gorro de lã, que segurava a arma.

– Acho que não precisamos agir com violência, concorda?

O homem atrás de Gorro de Lã, dentro da cabana, deu um sorriso cheio de dentes sujos e fez um gesto com a cabeça na direção da arma de Nick.

– Acho que precisamos, milorde.

Nick baixou os olhos para sua arma e então olhou o sujeito de novo.

– Certo. Bem, vamos tentar nos entender sem derramamento de sangue, que tal? – O homem encolheu um ombro. Nick entendeu como uma concordância. – Quanto ele está pagando a vocês?

– Não sei do que você está falando.

Os olhos de Nick se estreitaram.

– Nenhum de nós é burro, homem. Está prestando um desserviço a si mesmo agindo como se fosse. Quanto o duque de Leighton está pagando para levarem a irmã dele de volta?

Nick ouviu o suspiro de Isabel atrás de si. Tentou ignorá-la. Tinha que ignorá-la.

– Cem libras – Gorro de Lã olhou para Dentes Sujos, então de volta para Nick. – Para cada um.

– Imagino que ele esteja pagando 100 libras no total, mas não vou discutir. Darei a cada um 200 libras imediatamente se deixarem a garota comigo e levarem um recado para Leighton.

Os dois homens se entreolharam, depois fitaram Georgiana e em seguida encararam Nick. Eles conheciam um bom negócio quando viam um.

– Que recado?

– Digam a ele que St. John está com ela.

– Só isso?

– Só isso.

Houve um silêncio enquanto o homem pensava na oferta de

Nick. Então ele fez um gesto com a pistola, uma vez, e falou:

– O butim?

– Rock? – chamou Nick, sem tirar os olhos da porta.

Houve um movimento nas árvores atrás dele e em alguns segundos Rock estava a seu lado.

– Aqui.

– Recolha as armas desses cavalheiros e acompanhe-os até o limite da propriedade. Lá, dê-lhes o dinheiro e despache-os.

Rock olhou de um homem para o outro, ambos perplexos com seu tamanho. Estendeu a mão gigantesca, e Gorro de Lã entregou-lhe sua pistola. Rock sorriu.

– Com prazer.

Nick agarrou Gorro de Lã erguendo-o alguns centímetros do chão e o imprensou contra a parede da cabana.

– Ouça bem: se voltarem a esta propriedade, vou usar minha pistola. E sou um excelente atirador.

– C-certo – disse o homem, assentindo com a cabeça.

Nick então o largou, entrou na casa e agachou-se perto de Georgiana para livrá-la da mordaca. Ela flexionou o maxilar e disse:

– Obrigada.

Ele começou a desamarrar as cordas nas mãos dela.

– Devia tomar mais cuidado, milady.

Ela corou.

– Há quanto tempo sabe?

Ele pensou em mentir, mas decidiu não fazê-lo.

– Desde antes de eu chegar.

– Você veio atrás de mim?

Nick não falou nada.

– Simon o mandou?

– Ele está muito preocupado com você.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e Nick soube naquele momento que ela não tinha medo do irmão. Reconhecia quando

alguém estava com saudade de casa. Ele próprio já sentira isso muitas vezes.

– Eu também tenho uma irmã, lady Georgiana. Não gostaria de perdê-la.

– E você... Tem que me levar de volta? – perguntou ela, o medo palpável em sua voz.

– Não. – Após soltar as mãos dela, Nick passou para os pés. – Seu irmão me pediu para encontrá-la. Não para levá-la de volta.

– Obrigada – sussurrou Georgiana mais uma vez, esfregando a pele ferida nos pulsos.

– Sabe que não vai poder se esconder dele para sempre, não é? Ela assentiu.

– Assim como você não vai conseguir se esconder de Isabel. Nick se retraiu.

– Imagino que eu não esteja sob as boas graças dela neste momento.

– É, parece que não.

Ele seguiu o olhar dela por cima de seu ombro e viu Isabel de pé no vão da porta da cabana. Rock e os dois homens haviam partido, e Nick desejou, por um instante, ter ido com eles.

Não gostou do olhar dela.

Era um olhar que o acusava do pior tipo de traição.

# DEZESSETE



## ***Lição Número Oito***

*Aprenda a amar os erros dele.*

*Você vai achar difícil acreditar, nós sabemos, mas mesmo lordes tão fantásticos quanto esses terão um ou dois defeitos. Talvez ele ria um pouco alto demais ou a visão dele não seja tão boa. Talvez ele tenha uma mecha de cabelo rebelde que lhe cai sobre os olhos apesar de todas as tentativas para domá-la.*

*Aceite esses defeitos, cara leitora! Pois é nessas faltas insignificantes que encontramos o encanto e a alegria de qualquer casal bem-resolvido.*

*Estas lições, se bem utilizadas, garantirão que ele a adore apesar dos seus próprios defeitos!*

*Você não lhe deve a mesma coisa?*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**E**le havia mentido para ela.

Isabel estava de pé em seu quarto escuro olhando pela janela para o extenso urzal – as terras que foram propriedade de várias gerações de Townsend antes de terem sido lentamente loteadas e vendidas até, enfim, sobrar pouca coisa para o conde atual. Observou enquanto os últimos raios de sol desapareciam e o

céu passava de um escarlate brilhante para um azul-escuro profundo.

Ela estava parada ali havia horas, as terras mudando sob seu olhar cego, um único pensamento repetindo-se sem parar em sua cabeça.

Nick havia mentido para ela.

Ela deveria ter sabido, é claro. Deveria ter previsto que algo assim aconteceria. Deveria ter imaginado que ele não era o que parecia, e sim a gota d'água que faria transbordar o copo da Casa de Minerva.

Pôs uma das mãos na janela e observou o vidro frio ficar embaçado sob seus dedos.

Ele pedira que ela confiasse nele. Ele a fizera gostar dele.

E, indo contra o seu bom senso, Isabel o fizera.

Confiara que ele não prejudicaria as meninas, que não prejudicaria o delicado equilíbrio da Casa de Minerva.

Que não a prejudicaria.

E Nick fizera exatamente isso.

Fora seu inimigo desde o início. Enviado pelo duque de Leighton para encontrar sua irmã, para descobrir os segredos delas. Para traí-las.

E ele fizera isso da pior maneira possível.

*Fazendo-a acreditar nele.*

Respirou fundo diante do pensamento.

*Que idiota ela fora.*

Lágrimas ameaçaram rolar por seu rosto, e Isabel fechou os olhos bem apertados. Ela não ia chorar por causa daquele homem... Alguém que ela conhecia havia apenas quatro dias. Que ela nunca deveria ter trazido para a casa. Que nunca deveria ter permitido que entrasse em sua vida.

Que erro terrível ela cometera.

Se deixara ser conquistada pelas palavras bonitas de lorde

Nicholas e pela promessa de seu toque.

*Exatamente como sua mãe agira.*

As garotas nunca iriam perdoá-la.

*Ela nunca se perdoaria.*

Isabel pressionou a cabeça na janela, sentindo o vidro frio contra a testa enquanto respirava profundamente, forçando-se a parar de pensar em Nick e tentando, em vez disso, imaginar como poderia salvar todas elas agora que seus segredos tinham sido expostos, agora que era só uma questão de tempo até toda a Londres – toda a Inglaterra – saber quem elas eram e onde estavam.

Por alguma razão, o medo da descoberta não era nada comparado à dor da traição dele – a profunda consciência de que tudo em que ela se permitira acreditar que poderia vir a seguir...

*Nunca aconteceria.*

Uma batida de leve à porta impediu que as lágrimas se acumulassem mais uma vez.

Ela havia ignorado várias visitas anteriores, mas não podia suportar a ideia de ficar mais tempo sozinha.

– Pode entrar.

A porta se abriu devagar, e Isabel ficou surpresa em ver Georgiana, com sua profusão de cachos louros brilhando sob a luz das velas do corredor atrás de si. Ela levou um momento para avistar Isabel no canto do quarto.

Entrou hesitantemente e parou a vários metros da dona da casa, avaliando seu entorno por um momento antes de falar, as mãos unidas na frente do corpo:

– Me desculpe por incomodá-la...

Isabel deu uma risada sem humor.

– Se uma de nós deve pedir desculpas, Georgiana, eu lhe garanto que deveria ser eu.

A jovem arregalou os olhos.

– Por quê?

– Eu trouxe aquele homem até você.

Ela encarou Isabel com um olhar franco.

– Eu lhe asseguro, lady Isabel, que não fez nada disso.

– Ah, é? Você acha que ele teria encontrado o caminho até aqui se eu não o tivesse convidado para uma visita? Acha que a teria descoberto se eu não tivesse sido tão tola em confiar nele?

– Acho.

Isabel desviou o olhar.

– Você não conhece o meu irmão, Isabel. Ele é a pessoa mais autoritária e dominadora que eu já conheci, e nunca nada lhe foi negado na vida. Ele é o décimo primeiro duque de Leighton. Sabe até que ponto a árvore genealógica de uma família tem que ir para produzir *onze* duques? Cada um mais arrogante do que o anterior? – Georgiana balançou a cabeça. – Simon teria movido céus e terra para me encontrar. Estou sinceramente surpresa por só termos tido que lidar com lorde Nicholas e dois sequestradores idiotas. Eu teria esperado que Simon forçasse o próprio rei a mandar sua guarda pessoal. – Ela pôs a mão no braço de Isabel. – Você não trouxe lorde Nicholas até mim. Eu o trouxe até você. E, por isso, eu peço desculpas.

Isabel pensou no que ouviu e afundou no assento debaixo da janela diante da qual estivera em pé por horas. Fazendo um gesto para que Georgiana se juntasse a ela, falou baixinho:

– Sinto muito que você tenha tido que conviver com um irmão desse tipo.

Georgiana sorriu.

– Não sinta. Nunca duvidei do amor de Simon. Ele pode ser arrogante e dominador, mas protege os seus.

– Então por que...

Isabel não entendia.

– Há mais na minha história do que uma garota que fugiu.

– Sempre há.

– Eu gostaria de lhe contar. Acho que você merece saber por que tudo isso aconteceu.

*Aconteceu porque eu confiei em um homem em quem não deveria ter confiado.*

– Eu gostaria de ouvir – disse Isabel, silenciando a voz incômoda em sua mente.

– Eu estou... – Georgiana fez uma pausa, olhando para a janela em que Isabel sabia que não podia ver nada além do próprio rosto refletido no vidro escuro. – Eu me apaixonei. Por quem, não importa.

Isabel continuou em silêncio, esperando a garota encontrar coragem para continuar.

– Cometi um erro terrível. Acreditei que ele também me amava. – Ela parou e olhou para as próprias mãos, torcendo o tecido das saias. Quando falou novamente, foi em um sussurro: – Só que não amava. – Georgiana inspirou fundo para estabilizar a respiração. – Suponho que seja melhor assim... Simon jamais permitiria que nos casássemos. Eu fiquei arrasada. Ele foi embora, sem uma palavra. E então...

Ela parou, incapaz de continuar por causa do peso das lembranças. Isabel inclinou-se para a frente e tomou as mãos de Georgiana nas suas.

– Você não precisa me contar.

– Eu quero. Quero que alguém me ouça dizer.

Isabel permaneceu imóvel, sabendo o que viria.

– Descobri que estava grávida. Não podia contar ao Simon. Não podia decepcioná-lo. Algumas semanas antes, minha aia havia me contado uma história que escutara sobre uma casa em Yorkshire. Um lugar onde as moças podiam recomeçar. Comandada por lady Isabel. – Ela deu um sorriso vacilante. – E então eu vim para cá.

Georgiana fitou Isabel com os olhos arregalados e inocentes, ela própria pouco mais do que uma criança.

– Eu sabia que ele viria atrás de mim. Só não achei que me encontraria tão rápido.

Isabel apertou as mãos da garota.

– Eu também sabia que ele viria, mas isso não mudou o fato de você ser bem-vinda debaixo deste teto. – Ela deu um sorrisinho enviesado. – Ou o pouco que sobrou dele... com a minha proteção. E a proteção do conde de Reddich.

– Por mais que eu admire o conde, Isabel, acho que ele não pode fazer frente ao meu irmão.

– Isso é bobagem. Está claro que meu irmão tem um lugar especial no coração para a professora dele. Acho que ele lutaria por você com muita satisfação.

O sorriso de Georgiana se alargou.

– Gosto muito dele, você sabe. E, o que quer que aconteça, sempre terei orgulho de dizer que ensinei latim ao conde de Reddich.

Isabel também sorriu antes de Georgiana continuar:

– Há mais uma coisa. Sobre lorde Nicholas.

Ela ficou séria, balançando a cabeça.

– Vou mandá-lo embora imediatamente.

– Não acho que deva.

Isabel ficou boquiaberta. Ela não devia ter entendido direito.

– Como disse?

– Ele é um homem bom, Isabel. Se eu não tivesse escutado isso durante anos de meu irmão e seus amigos, que se referiam a ele como se fosse um herói entre nós... Se eu não tivesse escutado isso de damas que ansiavam por seu retorno do continente e que suspiraram por ele quando St. John ficou orgulhosamente ao lado de sua meia-irmã na chegada dela a Londres, enquanto o resto da sociedade ria dela... Eu teria sabido hoje, quando ele poderia ter me entregado ao meu irmão, mas me deixou voltar para cá, com você, em vez disso.

Isabel sentiu uma pontada no coração com as palavras, uma descrição tão clara do homem que ela achava que ele era. Talvez ele fosse leal aos amigos, comprometido com a irmã e o melhor dos partidos para as insípidas damas da sociedade, que só viam seu rosto lindo e sua carteira recheada. Mas hoje ele havia provado que não servia para ela.

Sentiu as lágrimas arderem e as reprimiu.

– Você está enganada. Deve ser outro St. John. Pois este é um vilão que abusou deliberadamente da nossa confiança.

*Da minha confiança. Dos meus sentimentos.*

– Acho que é muito provável que ele só estivesse tentando ser um bom amigo para meu irmão.

Isabel balançou a cabeça.

– Não importa. Ele fez tudo o que podia para se aproximar de mim... Para encontrar você e revelar sua localização. Temo que não haja nada naquele homem que chegue perto do nobre St. John que você descreveu.

E então, como se ela o tivesse atraído com sua injúria, ele apareceu na entrada do quarto, no vão da porta que Georgiana deixara entreaberta.

– Sinto muito que pense isso.

Isabel prendeu a respiração ao ver a silhueta de Nick, alto e com os ombros largos, contra o pequeno retângulo de luz. A presença dele despertava uma série de sentimentos – traição, raiva e desconfiança, mas também tristeza e algo mais que era quase insuportável.

*Saudade.*

Ela se enrijeceu, determinada a manter a voz fria apesar de suas emoções confusas.

– Sem dúvida meus olhos me enganam. Você não pode ainda estar na minha casa depois do que fez.

Ela não podia ver o rosto dele, mas ele se retesou com as

palavras dela, e de repente pareceu que havia menos oxigênio no aposento.

– Eu vim conversar com você.

– Bem, temo que isso vá ser um problema, já que não tenho nenhum interesse em conversar com você.

Ele deu um passo largo para dentro do aposento, claramente frustrado.

– E agora vejo que pretende me insultar, além de ter me traído. Quero que saia daqui agora mesmo.

Nick virou ligeiramente a cabeça, focando a atenção em Georgiana.

– Lady Georgiana, gostaria muito que nos deixasse. Lady Isabel e eu precisamos conversar. A sós.

Georgiana ficou mais ereta – exibindo a postura exata de uma dama da alta aristocracia.

– Não posso fazer isso, milorde.

– Tem minha palavra de que não farei nada para machucá-la.

Isabel deu uma risada irônica.

– E a sua palavra tem tanto valor aqui...

– Entendo que esteja irritada, Isabel. Gostaria que me desse a chance de explicar. – Ele se virou para Georgiana de novo. – Eu lhe garanto, ela está segura comigo. Nós vamos nos casar.

Georgiana abriu a boca ante o anúncio, que despertou uma onda de raiva e frustração em Isabel.

*Como ele ousava?*

– Nós não vamos fazer nada disso – protestou ela.

Ele virou a cabeça de volta para ela e, por um breve instante, Isabel desejou poder ver seu rosto. Camuflado na sombra, ele era mais perigoso e perturbador do que nunca. Principalmente quando falou, em tom baixo e sério:

– Você disse que se casaria comigo, Isabel. Eu espero que honre sua promessa.

– E você disse que eu podia confiar em você, Nicholas. E quanto a esta promessa?

Um silêncio rígido caiu entre eles, nenhum dos dois querendo ser o primeiro a falar depois que um desafio como aquele tinha sido lançado. Por fim, Nick cedeu, mais uma vez recorrendo a Georgiana.

– Lady Georgiana... eu lhe garanti que vou defendê-la junto a seu irmão, não garanti?

– Garantiu.

– E lhe dei minha palavra, por mais desvalorizada que tenha se tornado – nesse ponto ele fez uma pausa, detendo o olhar em Isabel –, de que não a forçarei a voltar para casa.

– Sim.

– Então, por favor, permita-me ficar a sós com lady Isabel.

Georgiana considerou bastante, olhando para Nick e então para Isabel. Depois, finalmente, falou:

– Vou lhe dar quinze minutos, milorde. Não mais do que isso.

Isabel virou a cabeça na direção da garota.

– Traidora!

– Quinze minutos, Isabel. Certamente você pode lhe dar isso. Estarei do lado de fora.

Isabel fechou a cara enquanto a jovem saía do aposento e puxava a porta atrás de si, deixando apenas uma nesga de luz entrando no quarto. Isabel foi até a lateral de sua cama e acendeu uma vela, sem querer permanecer no escuro com aquele homem que passara tão rápido de aliado a inimigo.

Depois acendeu várias outras velas pelo quarto, até eles estarem banhados em uma abundante luz dourada, e então ela acabou se arrependendo de ter feito isso.

Ele vestira roupas novas e limpas. Estava usando preto, agora, um casaco e um colete elegantes que destacavam sua beleza. Ela notou o nó perfeito em sua gravata e ficou distraída por um momento fugaz pela lembrança dele na companhia de James.

*James. A raiva irrompeu.*

*Ele havia conquistado até James.*

Cruzou os braços para afastar o arrepio que o pensamento lhe causou.

– Não tenho nada a lhe dizer.

– Sim. Você deixou isso bem claro.

Ele estava ereto e imóvel, inteiramente composto. Ela nunca o vira daquele jeito, tão impassível. Era como se fosse uma pessoa diferente do homem que ela passara a conhecer nos últimos dias.

Como se durante todo aquele tempo ele tivesse mentido para ela.

O que, é claro, ele tinha feito.

Ela desviou o olhar, sem querer revelar como sua traição a machucara.

Mas ele viu mesmo assim. Com um suspiro, Nick falou, as palavras mais suaves, mais humildes do que antes:

– Isabel. Deixe-me explicar. Não é o que parece.

– Parece que você estava nos procurando desde o começo.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– Você está certa, mas eu não estava procurando você. Nenhuma de vocês, aliás. Só Georgiana.

– Georgiana é uma de nós!

– Georgiana é irmã do duque de Leighton, Isabel. Você realmente achou que poderia escondê-la para sempre?

– Não! Eu... – Ela parou, sem saber que palavras usar. – Só não esperava que *você* tivesse vindo procurá-la.

– Com frequência as pessoas têm uma ideia errada a meu respeito.

– Sim. Estou começando a ver isso. – Ela olhou para o teto, a frustração invadindo-a. – É minha culpa. Eu tornei tudo mais fácil convidando-o para avaliar as esculturas.

– Se não tivessem sido as esculturas, teria sido alguma outra

coisa a me trazer até aqui.

– Talvez não.

– Isabel. – A forma como ele pronunciou seu nome capturou a atenção dela. – Sou muito bom no que faço.

– E o que você faz, Nick? Porque me parece que é muito bom em convencer as mulheres a lhe contarem seus segredos, com seu sorriso encantador, suas mentiras bonitas, suas estratégias de sedução e seus pedidos de casamento. Aliás, esse último foi um modo particularmente impressionante de ganhar a minha confiança. Então você as trai visando aos seus próprios interesses.

– Nada entre nós foi mentira. Foi tudo verdade.

O sussurro dele era tentador, tão adorável e suave, com aquela ponta de sinceridade que ela achara tão calorosa e acolhedora. Bem, agora sabia que não era nada disso.

Fechou os olhos. A conversa estava ficando exaustiva.

– Por favor, Nick. Não acha que já fez o suficiente para nós? O suficiente para mim?

– Você não entende!

– O que há para entender? – gritou ela. – Quantas vezes me pediu para confiar em você? Quantas vezes me disse que eu estava errada em duvidar de você? Quantas vezes me ofereceu a sua proteção? Para James? Para as meninas?

– E aqui estou eu! A oferta ainda está de pé!

– Vá embora, Nick. Já tem a informação que veio procurar. Mas diga ao duque de Leighton que é melhor ele trazer um exército quando vier buscar Georgiana. Pois se ela não quiser ir embora, vou fazer de tudo para protegê-la.

– E eu estarei ao seu lado.

– Pare! Você acha que pode me convencer a esquecer o que aconteceu? Você nos traiu! *Me* traiu. As coisas que eu lhe contei... – Ela parou e respirou fundo. – Não pode realmente acreditar que eu colocaria esta casa, nossas vidas, nas suas mãos depois disso. Não

agora que sei que a sua fidelidade é vendida como gado a quem der mais.

As palavras caíram pesadas como chumbo entre eles, e ela soube na mesma hora que tinha ido longe demais. Ele não podia mais permanecer imóvel. Pegou-a pelos ombros e puxou-a para si, forçando-a a encará-lo.

– Não. Posso suportar suas acusações. Posso aguentar o peso da sua raiva. Mas cansei dos seus ataques à minha honra.

Ela abriu a boca para retrucar, só que ele continuou:

– Não, Isabel. Você vai me ouvir. Eu vim para ajudar a garota. Não para prejudicá-la. Se soubesse que ela estava aqui e segura, não teria concordado com a missão. Mas eu não sabia disso. Só sabia que o meu amigo estava louco de preocupação. E fiz o que podia para ajudá-lo. Sim, eu encontrei o seu pequeno enclave de amazonas. Sim, descobri os seus segredos. Não que eles estivessem muito bem escondidos, na verdade. Mas nada disso é problema de Leighton. O problema de Leighton é aquela garota – ele largou o braço de Isabel para apontar para a porta atrás da qual estava Georgiana – e a criança na barriga dela. Você não sabe nada sobre quem eu sou ou por que estou aqui. Eu nunca ia abrir mão de você. Dei-lhe minha palavra de que iria protegê-la. Que guardaria os seus segredos. E vou fazê-lo.

Isabel não sabia o que dizer quando ele a soltou e começou a andar a passos largos para a porta. Quando colocou a mão na maçaneta, ela finalmente falou:

– Como você sabia?

Ele virou apenas a cabeça para ela, e não o suficiente para olhar em seus olhos. Seu tom era entrecortado.

– Como eu sabia o quê?

– Que Georgiana está grávida.

A voz dele estava cheia de impaciência quando respondeu.

– Eu já disse, Isabel. Sou muito bom no que faço.

As palavras a irritaram.

– Eu também!

– Sim. Você é muito boa em esconder.

– Sou muito boa em esconder *garotas em perigo* – corrigiu ela.

Nick virou o corpo todo para ela então, os lábios retorcidos em um sorriso que ela não gostou.

– E você faz isso por elas.

– Sim.

– Acho que não.

Ela piscou.

– É claro que faço.

– Não. Acho que o que você faz não tem nada a ver com elas, Isabel. Acho que você faz para manter a si mesma escondida. Para evitar ter que enfrentar o mundo além de seu pequeno reino. E o que pode vir com ele.

Isabel ficou paralisada diante das palavras.

Elas não eram verdade.

*Não eram.*

Nick ficou em silêncio por um longo tempo, como se esperando que ela respondesse, antes de acrescentar:

– Vou embora pela manhã. Descobri que estou ficando cansado de Yorkshire.

E, com esse golpe final, ele saiu do aposento, fechando a porta firmemente atrás de si.

Depois que ele saiu, Isabel se arrastou para a cama, exausta pelo duelo verbal e confusa com os sentimentos que a invadiram. Ele parecera tão honesto, tão verdadeiro, tão magoado...

Mas e quanto a ela?

Não tinha sido ótimo correr para resgatar Georgiana com aquele homem forte e comprometido ao seu lado? Ela não adorara a sensação de ter um parceiro? De ser capaz de, finalmente, depois de

todos aqueles anos, dividir o fardo com outra pessoa? E quanto ao conforto que sentira, pela primeira vez em tanto tempo?

E quanto ao vazio que sentiu quando ele tomara isso dela?

*Talvez Nick estivesse certo. Talvez ela estivesse com medo.*

Rolou de lado na cama, recusando-se a permitir que o pensamento se firmasse em sua mente.

Tinha que continuar com raiva dele.

Porque achava que não poderia encarar a escuridão se permitisse a si mesma ficar triste.



Nick não conseguia dormir, então foi para o estábulo, forçando-se a algum tipo de penitência perversa por sua traição a Isabel. Andou de um lado para outro, mantendo os cavalos acordados enquanto repassava os últimos dias na cabeça, pensando em todas as formas como poderia ter contado a verdade a ela. Em todas as vezes que poderia ter confessado seu papel naquela peça bizarra.

Mas ele não confessara – e, por isso, a perdera.

De repente, isso tinha mais importância do que qualquer outra coisa.

A ironia da situação não lhe passou despercebida. Ele havia concordado com a missão ridícula de Leighton porque estava desesperado para deixar Londres e a matéria idiota daquela revista para trás. Queria evitar as mulheres afetadas que se mostraram imediatamente atraídas por ele por todos os motivos errados. Queria fugir delas e do drama que traziam consigo.

Então, fora parar ali. Em uma casa cheia de mulheres, tão repleta de drama que elas passavam a maior parte do tempo disfarçadas, escondendo-se de sequestradores, duques e sabe lá Deus quem mais estivesse determinado a encontrá-las a qualquer custo.

Se não fosse a vida dele que estivesse em jogo, acharia cômico.

E, no meio daquele circo formado por elas, estava Isabel – a poderosa, inteligente e determinada Isabel, diferente de qualquer outra mulher que ele já tivesse conhecido.

Havia tanta coisa nela a se admirar. Com que se preocupar. Para desejar.

*Para amar.*

Ele se deteve diante do pensamento.

Seria possível que a amasse?

O pânico se instalou em seu estômago com o pensamento. Por tanto tempo ele havia evitado o amor – esse sentimento que era ótimo para outras pessoas, mas totalmente errado para ele. Nick vira como as mulheres usavam o amor como uma arma. Testemunhara sua mãe destruir seu pai. E, pior, sabia o que acontecia com ele mesmo quando se permitia dar uma chance ao amor. Lembrava a maneira como Alana virara o sentimento contra ele e, como uma exímia titereira, o manobrava pelos desertos da Turquia e direto para a prisão.

Se seu passado havia lhe ensinado alguma coisa era isto: se ele se permitisse amar Isabel, não havia possibilidade de aquilo terminar bem.

Mas podia fugir. Ali estava sua oportunidade de deixá-la – e a insanidade que vinha com ela – para trás. Podia voltar para sua vida normal e serena em Londres, suas antiguidades, seu clube, sua família, e esquecer os dias que passara em Yorkshire.

O problema era que, quando pensava nessa vida que tanto o satisfizera antes de sua chegada ali, ele a achava dolorosamente vazia. Vazia da determinação de Isabel, de seu atrevimento, de seus lábios doces e seus cachos castanho-avermelhados selvagens que se agarravam a ele sempre que ela estava perto.

Ele a queria.

Virou-se na direção da porta do estábulo e, por um instante,

pensou em como era tarde. Pairou ali na iminência do movimento, considerando suas opções.

Devia deixá-la.

Talvez ela tivesse conseguido dormir.

Então vislumbrou Isabel macia e disposta, os olhos semicerrados, encarando-o, recebendo-o... E aquilo se provou demais para resistir.

Nick a queria.

E, se tivesse que acordá-la para reconquistá-la, melhor.



Isabel dormia quando ele se esgueirou para dentro de seu quarto, ainda de calças e camisa de linho. Ela não apagara as velas depois que ele saíra e várias haviam queimado até o fim, deixando para trás apenas poças de cera. Duas permaneciam acesas, uma perto da porta e outra ao lado da cama, iluminando a silhueta adormecida dela.

Nick fechou a porta, ciente de que estava cometendo o pior dos pecados, ao entrar no quarto dela sem seu conhecimento ou permissão, mas isso não o impediu de se aproximar para observá-la enquanto dormia.

Isabel estava deitada de lado, de frente para a porta e para a luz. As mãos estavam fechadas embaixo do queixo e ela estava curvada, os joelhos puxados para cima, como se para se proteger das feras que a ameaçavam no meio da noite.

*Feras como ele.*

Nick afastou o pensamento. Em vez disso, concentrou-se no rosto dela, absorvendo o máximo que podia a visão daquela mulher que afetara tanto sua vida. Ela era linda, com os lábios carnudos, o nariz longo e reto combinados com maçãs do rosto altas e salpicadas de sardas. Ele fez uma pausa ali, maravilhando-se com as

minúsculas pintinhas marrons que denunciavam as horas trabalhando ao sol – mais um exemplo de como ela era tão diferente de todas as outras.

Seu olhar acariciou o rosto dela, a testa finalmente relaxada, onde a preocupação franzira o espaço acima do nariz mesmo enquanto ela dormia. Nick sentiu um aperto no peito enquanto observava a ruguinha ali ficar mais funda. Ele tinha feito aquilo com ela. Não resistiu ao ímpeto de esticar a mão e passar um dedo de leve pela ruga, tentando fazê-la sumir com a força do pensamento.

O toque foi suficiente para despertá-la. Isabel acordou respirando fundo, esticando os membros conforme a consciência voltava. Ele reservou um momento rápido para gravar a imagem dela assim – quente, exuberante e quase inconsciente de seu entorno.

*Algum dia, ele a acordaria com um beijo e a manteria na cama por horas.*

O pensamento não durou muito.

Quando ela o viu, o sono deu lugar à surpresa, e então ao ultraje. Ela se sentou imediatamente.

– O que está fazendo aqui? – perguntou, passando as pernas pela beirada da cama.

Nick não se afastou, de alguma forma sabendo que, se ela se levantasse, ele perderia qualquer vantagem na batalha.

Isabel entendeu na mesma hora o que ele estava fazendo.

– Deixe-me levantar.

– Não. Não até você ouvir o que eu tenho a dizer.

– O senhor já disse o bastante, lorde Nicholas.

O tratamento formal que saía dos lábios dela fez um rio de desgosto percorrê-lo. Nick precisava convencê-la a ouvi-lo. Precisava convencê-la de que ele valia a pena. O desespero cresceu, e ele agiu instintivamente, agachando-se na frente dela e tomando suas mãos nas dele.

Isabel tentou se desvencilhar, mas ele se manteve firme e, após

alguns segundos, ela desistiu.

– Eu não disse que sinto muito – falou Nick.

Ela não respondeu, e os lábios dele se retorceram em um sorriso enviesado.

– Se você me conhecesse melhor, saberia que eu não sei pedir desculpas.

– Bem, talvez esteja na hora de aprender – retrucou ela simplesmente.

– Nunca tive a intenção de magoá-la, Isabel. Se soubesse o que iria encontrar quando vim para o norte, nunca teria concordado com o pedido de Leighton. – Ele parou e baixou os olhos para as mãos deles entrelaçadas. – Não, isso não é verdade. Se eu soubesse que a encontraria quando viesse para o norte, teria vindo há anos.

O queixo dela caiu, e ele deu um sorriso torto.

– Vejo que a deixei sem fala. Sabe, Isabel, você é maravilhosa. Conheci muitas mulheres, no mundo inteiro. Mas nunca conheci uma tão forte, tão vibrante, tão adorável quanto você. E você tem que acreditar quando eu digo que *já* faria algo para magoá-la.

– Mas você me magoou.

As palavras cheias de dor, quase sussurradas, o impeliram para a frente e ele levou as mãos dela aos lábios, beijando-as com reverência.

– Sei que magoei. E você tem todo o direito de me odiar por isso.

– Eu não o odeio.

Ele a fitou nos olhos e viu que era verdade.

– Fico muito feliz em ouvir isso.

A testa dela se franziu novamente, e ele quis espantar a preocupação com um beijo.

– Mas eu não entendo...

– Um dia – prometeu ele. – Um dia eu lhe contarei tudo.

Ela balançou a cabeça.

– Não, Nick. Chega de “um dia”. Está na hora da verdade.

Ele respirou fundo, sabendo no fundo do coração que ela estava certa. Que ele tinha que lhe contar tudo... Que tinha que se expor se quisesse que algum dia ela voltasse a confiar nele. E, de algum modo, essa noção lhe deu a força necessária.

– É justo.

Nick se levantou e andou de um lado para outro do aposento enquanto falava, incapaz de ficar parado.

– Minha mãe nos deixou quando eu tinha 10 anos. Um dia, ela estava lá; no dia seguinte, tinha ido embora. Não sabíamos para onde tinha ido. Depois de um tempo, era difícil acreditar que algum dia tivesse estado lá. – Ele parou perto da vela ao lado da porta e virou-se de volta para Isabel. – Você pensaria que perder a mãe seria a coisa mais difícil para uma criança, mas na verdade não foi. O mais difícil foi não saber o que tinha acontecido. O que a tinha feito ir embora. A pior coisa foi a preocupação de que... de algum modo... tivesse tido a ver comigo.

Isabel abriu a boca para falar, mas ele foi em frente, sem querer parar, sem ter certeza se conseguiria começar de novo se o fizesse.

– Fiquei obcecado com a partida dela. Com o motivo por trás disso. Meu pai se desfez de cada um dos pertences dela em questão de dias depois de seu desaparecimento, mas eu estava obstinado em minha busca por algo que me apontasse na direção certa. Encontrei um diário e, nele, os planos dela para o futuro. Ela estava partindo para o continente. Indo primeiro para a casa de amigos em Paris e depois para a Itália. Ela chamava aquilo de sua *aventura*. – Ele deu uma pequena risada. – Aparentemente um marido, filhos e o título de marquesa não eram emocionantes o suficiente para minha mãe. Nunca contei a ninguém que encontrei aquele diário. Nem para o meu irmão, e muito menos para o meu pai. Mas eu o guardei durante anos, até terminar a escola. Àquela altura, meu pai estava morto, Gabriel era o marquês e eu não era nada. – Ele balançou a cabeça. – E então eu parti para o continente.

– Para encontrar sua mãe – sussurrou ela.

Ele assentiu.

– É claro que, àquela altura, estávamos no meio da guerra, e quaisquer indícios que eu pudesse ter usado para rastreá-la haviam desaparecido. No entanto, eu era jovem, forte e inteligente, e um oficial de alta patente do Departamento de Guerra, que eu sempre achei que Gabriel havia pagado para garantir minha segurança no meio de uma zona de guerra, percebeu minha obsessão e me tomou sob seus cuidados para me ensinar a rastrear pessoas.

Isabel ficou olhando para Nick enquanto ele passava os dedos por cima da chama da vela uma, duas vezes. Ele podia ver que ela estava curiosa, desesperada para fazer perguntas. Esperou em silêncio até ela não aguentar mais e dizer:

– Quem você rastreava?

Ele deu de ombros de forma quase imperceptível.

– Quem quer que precisasse ser encontrado. Eu me especializei em pessoas que tinham ido para o Oriente. Eu me importava mais com o lugar onde estava do que com o que estava fazendo. Meu trabalho provou ser um meio para um fim muito satisfatório. Eu estava conhecendo o mundo e recebendo um pagamento mais do que justo por isso, trabalhando por alguns dias quando a Coroa precisava achar alguém.

– Você... – Ela fez uma pausa, claramente insegura em relação às próximas palavras. – Algum dia você machucou alguém?

Nick considerou a pergunta longamente. Não queria mentir para ela. Não queria mentir para si mesmo. Desviou o olhar de Isabel quando respondeu:

– Nunca de propósito. Minha tarefa terminava quando a pessoa desaparecida era encontrada. Elas não eram mais problema meu depois disso.

– Então elas podem ter sido machucadas.

Nick olhou para ela.

– Podem.

Isabel insistiu:

– E você também poderia ter se machucado.

– Poderia.

Ela sustentou o olhar dele por alguns minutos antes de se levantar, atravessar o aposento e parar na sua frente. Ela continuou encarando-o, e Nick ficou surpreso mais uma vez com sua força.

– Por que você parou?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Sabia que a resposta significaria algo para ela – que ela encontraria alguma medida de entendimento nessa resposta. Então, ele queria que fizesse sentido. Mais do que isso, queria que fosse verdadeira.

– Não sei. Talvez eu tenha parado porque me tornei bom demais naquilo, porque passei a gostar demais. Talvez tenha parado porque não me importava com as pessoas que procurava. Com as que encontrei. – Olhou nos olhos dela, desejando poder fazê-la compreender. – Ou talvez tenha parado porque elas não se importavam comigo.

As palavras pairaram entre eles. Nick deu um passo para mais perto dela, diminuindo a distância.

– Eu nunca deveria ter concordado com essa missão... mas Leighton é um velho amigo, e eu não podia negar. Eu juro, Isabel, não vim para prejudicar você, ou Georgiana, ou James, ou qualquer uma das outras meninas. Se tivesse imaginado que poderia causar mal a vocês... eu nunca teria vindo.

Ele baixou a cabeça na direção da dela, suas testas quase se encostando.

– Só quero que você seja feliz. Que tenha prazer na vida. Por favor, me dê outra chance.

Isabel fechou os olhos ao ouvir as palavras sussurradas, e Nick observou enquanto a emoção brincava pelo rosto dela. Prendeu a respiração, esperando ter dito o suficiente para reconquistá-la.

Então a sombra de um sorriso tremulou nos lábios dela, sumindo tão rápido que, se ele não estivesse olhando com tanta atenção, não teria visto. Em seguida, Isabel abriu os olhos, e eles pareceram mel sob a luz dourada tremeluzente.

– Estou com medo, preocupada e nem um pouco segura de que deva confiar em você... mas... estou bastante feliz que você tenha vindo. Para Yorkshire... e esteja aqui até hoje.

Nick soltou o ar que estivera prendendo em um suspiro áspero e, no prazer que o percorreu, esticou a mão para puxá-la para seus braços. Depois, fez a única coisa que podia pensar em fazer.

Ele a beijou.

## DEZOITO



**E**la havia jurado não ser vítima das palavras bonitas dele e de suas promessas atraentes.

Mas quando Nick confessara seu passado, ela fora reconquistada. Mesmo se repreendendo por acreditar nele, não conseguiu resistir ao desejo de confiar naquele homem novamente. E então ele a beijara, e a mistura de emoções que se seguiu foi destilada em um único pensamento poderoso.

*Ela o queria em seu mundo.*

As palavras, combinadas à irresistível carícia, destravaram algo em Isabel, no lugar onde seus desejos mais secretos haviam sido escondidos para nunca serem vistos ou partilhados. Mas agora, ali estava aquele homem que parecia capaz de destruir suas defesas cuidadosamente erigidas com uma única palavra. Um único toque.

Ela suspirou contra os lábios dele, e Nick aprofundou o beijo, apoderando-se de sua boca com uma ternura exigente que fez uma corrente de prazer percorrê-la. Cada investida era mais inebriante do que a anterior, beijos pontuados por pausas longas durante as quais ele sussurrava o nome dela como uma benção. Isabel agarrou os braços dele, fortes e quentes sob a camisa, e segurou-se ao corpo de Nick – sua rocha em uma tempestade de sensações.

As mãos dele estavam em todos os lugares, acariciando seus ombros, seus braços, e então enfim a ergueram, não lhe dando opção a não ser enlaçá-lo com as pernas. Ele enterrou o rosto em

seu pescoço e traçou pequenos círculos enlouquecedores com a língua em sua pele macia. Isabel gritou de prazer, e ele levantou a cabeça, seus olhos azuis brilhando à meia-luz.

Encostou a testa na dela.

– Isabel, você deve me mandar sair.

Ela arregalou os olhos diante das palavras.

– Por quê?

– Porque, se você não mandar, eu vou ficar.

As palavras, sussurradas e roucas de emoção, fizeram o prazer se empoçar no íntimo dela. Quando respondeu, Isabel não reconheceu a mulher que falou.

– E se eu disser que quero que você fique?

Nick não respondeu de imediato, e ela ficou mortificada ao pensar que podia ter falado a coisa errada. Então ele deu um único passo largo e a apoiou na mesa perto da porta. Tomou seu rosto entre as mãos grandes e fortes e colou os lábios aos dela novamente em um beijo longo e adorável, roubando-lhe o ar e a capacidade de pensar.

Quando ele afastou a cabeça, ambos estavam ofegantes.

– Se você quer que eu fique, seria preciso um exército para me fazer ir embora.

Isabel ergueu as mãos e mergulhou os dedos nas mechas negras do cabelo dele, puxando-o para outro beijo. Antes de seus lábios se tocarem novamente, ela sussurrou a palavra definitiva:

– Fique.

Nick grunhiu em resposta, capturando a boca de Isabel enquanto soltava a camisa dela das calças e deslizava a mão pela pele quente e macia sob o tecido. Sem interromper o beijo, ele a acariciou mais para cima, levantando a camisa junto, e Isabel ergueu os braços para deixar que ele a removesse.

Imediatamente tímida, ela se cobriu com os braços.

– Não – sussurrou ele, dando-lhe vários beijos suaves nos lábios.

– Não se esconda de mim. Não esta noite. – Escorregou as mãos pelos braços de Isabel, os dedos dos dois se entrelaçando enquanto ele afastava as mãos dela dos seios. – Esta noite eles são meus. Para fazer o que eu quiser.

Ele então levou os lábios a um deles, e todo o nervosismo dela sumiu, substituído pelo prazer. Nick fechou a boca em volta do mamilo, chupando, lambendo, provocando, até ela gritar e arquear o corpo em sua direção, desesperada por mais. Ele agarrou os quadris dela com mais força e a puxou contra si, ainda com as pernas em volta de sua cintura, erguendo-a ligeiramente para obter melhor acesso e sugar com mais força.

Isabel se contorceu, esfregando seu corpo contra Nick, a rigidez dele enviando uma onda de sensações direto para o âmago dela. Ele deu um grunhido de êxtase, e ela pressionou o corpo contra o dele, balançando os quadris uma vez, depois outra, fazendo-o afastar a boca de seu seio com uma arfada para olhar em seus olhos. Nick viu o poder feminino ali e tomou os lábios dela em um beijo ousado e bem-vindo antes de deslizar os lábios por sua face e capturar o lóbulo de sua orelha entre os dentes, mordendo de leve.

– Atrevida.

Isabel murmurou o nome dele, metade súplica, metade protesto, e o som o estimulou. Ela sentiu a transformação... a mudança de homem para algo mais primitivo, e, quando ele a ajeitou em seu colo, Isabel soube exatamente aonde estavam indo.

Nick a levou para a cama, tomando sua boca mais uma vez em um beijo desesperado – uma carícia voluptuosa que só deixou paixão em seu rastro.

As mãos dele agora estavam livres para percorrer o corpo dela, e ele acariciou sua barriga, alisando a pele quente até chegar ao cós das calças, a palma de uma das mãos achatando-se contra a curva do abdômen dela. Nick então interrompeu o movimento e todas as

sensações – todo calor e toque e prazer trêmulo – se concentraram ali.

Ele levantou a cabeça, esperando que Isabel abrisse os olhos e, quando isso aconteceu, ela o viu encarando-a intensamente, um brilho malicioso no olhar.

– Nunca tive o prazer de tirar as calças de uma amante.

*Amante.* A palavra ecoou entre eles, uma promessa obscura, e Isabel foi surpreendida pela ideia íntima de que, depois daquela noite, era isso que ela seria. *Amante dele.* Seria objeto de seu amor.

A mão de Nick pairou, esperando a permissão dela.

– Acho que já é hora – sussurrou ela, tímida e ousada ao mesmo tempo, e isso era toda a liberdade de que ele precisava.

Em segundos ela estava nua sob o corpo dele, os olhos fechados contra a verdade do momento, envergonhada, nervosa.

– Isabel, abra os olhos.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso.

– Você pode, querida. Olhe para mim.

Ela respirou profunda e tremulamente e deu uma espiada nele, consciente de sua posição, exposta à visão dele, ao seu toque. Com uma das mãos, Isabel cobriu os pelos espessos no meio de suas pernas, incapaz de permanecer completamente nua para ele. Os olhos azuis de Nick se inflamaram com o movimento.

– Não, amor, não se esconda de mim.

– Eu... eu preciso.

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Você é tão linda... e nem sabe disso.

As palavras fizeram o rubor invadir as faces dela.

– Não sou, não.

– É, sim. – Ele colocou um dedo nos lábios dela. – Aqui... – Correu o dedo pelo pescoço dela até um de seus mamilos. – E aqui... – por sua barriga – e aqui... – para as costas da mão que

protegia sua intimidade. – E aqui, Isabel... aqui você me faz estremecer.

As palavras fizeram o prazer tomar conta dela. Antes dele, ninguém jamais a chamara de linda. E agora, ali, naquele lugar protegido onde ela havia dormido a vida inteira, aquele homem estava lhe mostrando exatamente como ela era bonita.

– Eu gostaria de ver você – disse ela baixinho. – Acho que você também deve ser lindo.

O sorriso dele aumentou.

– Acho que essa não é bem a palavra, amor. Mas se você quer ver, longe de mim lhe negar um capricho. – Ela deu uma risadinha, e ele a beijou rapidamente. – Adoro ouvir você rir. Queria ouvir mais. – Nick se deitou de costas, então, cruzando as mãos atrás da cabeça. – Está bem, linda, sou todo seu.

Os olhos dela se arregalaram de choque diante das palavras, enquanto ela o observava a seu lado, imóvel, um brilho nos olhos, esperando-a.

– Eu... eu não poderia.

Ele riu e o som sacudiu a cama debaixo dela.

– Eu lhe garanto, Isabel. Você pode.

Ela ergueu a mão para tocá-lo, mas parou logo antes de fazê-lo.

– Eu... Eu não sei onde.

A gargalhada virou um gemido.

– Qualquer lugar, amor. Qualquer lugar é melhor do que a tortura de lugar nenhum.

Isabel colocou a mão no peito dele, o volume firme e largo oprimindo-a. Nick pareceu perceber isso e pegou a mão dela para guiá-la, deslizando-a por cima do peito e para baixo pela superfície lisa de sua barriga até o lugar onde sua camisa se prendia dentro das calças. Ela ficou olhando para o cós, imaginando o que deveria fazer.

– Só devemos fazer o que for gostoso, Isabel. O que parecer

certo. – Algo nas palavras dele a acalmou, a fez querer continuar. – O que você quer?

Ela olhou nos olhos dele, azuis e sérios.

– Você sempre me pergunta isso.

– Eu quero saber – falou ele simplesmente. – Só quero lhe dar o que você deseja.

*Eu quero você.* Ela conteve as palavras.

– Quero vê-lo sem camisa.

Em silêncio, ele se sentou, puxou a camisa por cima da cabeça e a jogou para o outro lado do quarto.

Isabel engoliu em seco.

Ele era perfeito. Como uma de suas esculturas.

Ela também se sentou, então, nervosa de novo.

Nick esticou a mão, puxando-a para que montasse em seu colo.

– Talvez você não deva pensar, linda – falou, então a beijou de novo e eles caíram de costas na cama.

A partir desse momento, ele a deixou ter o controle. Desta vez, foi Isabel quem tomou os lábios dele, sua língua e seus lábios determinando o caminho enquanto exploravam um ao outro. Quando ela se afastou para recuperar o fôlego, ele a fez se empertigar em cima dele e disse, as palavras mais suplicantes do que autoritárias.

– Solte o cabelo.

Ela levantou as mãos para fazer o que ele tinha pedido e Nick gemeu, as mãos e os olhos correndo pelo corpo dela.

– Você é uma sereia.

Isabel sorriu, gostando da maneira como ele parecia completamente hipnotizado por ela.

– Sou?

Ele a encarou.

– Eu estou criando um monstro.

– Talvez – disse ela, curvando-se até os dois estarem cobertos

pelos cachos castanho-avermelhados dela.

Então Isabel o beijou, longa e lentamente, passeando a língua pelo lábio inferior carnudo de Nick antes de plantar uma trilha de beijos por seu pescoço abaixo, passando pela ondulação de seu peito. Quando chegou a um mamilo achatado, Isabel fez uma pausa e ergueu os olhos para ele. Nick a observava com os olhos entreabertos, e ela podia ver que ele estava prendendo a respiração.

– É tão gostoso para você quanto é para mim? – perguntou ela.

Ele não se mexeu.

– Por que não descobrimos?

Então ela o cobriu com os lábios e lambeu-o delicadamente, antes de roçá-lo com os dentes de leve e começar a sugá-lo. Nick suspirou, mergulhando os dedos no cabelo dela e sussurrando seu nome. Após alguns instantes, ele não podia mais aguentar e a tirou de cima de si. Isabel o fitou e perguntou:

– Você não gostou?

Nick riu, sem ar.

– Eu adorei, amor.

Ele tomou sua boca novamente e as línguas se entrelaçaram em um longo beijo. Em seguida, ela se apoiou no peito dele com as duas mãos e se ergueu.

– Queria que você tirasse as calças agora.

Em poucos segundos elas sumiram, e Isabel arfou conforme Nick a rolou na cama, acomodando-se entre suas pernas longas e esguias e tomando o controle mais uma vez. Ele beijou o pescoço dela e foi descendo, parando para roçar os dentes em sua clavícula antes de lambe-la e fazê-la arquejar.

– Nick... – sussurrou. – Não...

Ele parou e ergueu a cabeça para encará-la.

– O que foi, linda?

– Eu quero tocá-lo.

Nick ficou completamente imóvel e, por um momento, ela

pensou que ele negaria o pedido.

– Por favor... – acrescentou ela.

Ele deitou a cabeça no seio dela por um momento, como se reunindo forças, e rolou de volta, dando a Isabel acesso total ao seu corpo nu. Ela deslizou os dedos pelo tronco dele, explorando os músculos esguios, a pele quente, a longa cicatriz que corria pela lateral direita de seu corpo. Fez uma pausa ali, acariciando o local, grata por ele ter sobrevivido ao ataque que deixara uma marca como aquela.

Quando as mãos dela se moveram de novo, o objetivo era claro. Isabel acariciou, hesitante, o comprimento longo e firme dele. Nick arquejou, e ela se deteve, insegura.

– Isto é...

Ele gemeu com as palavras, pontuadas com um aperto hesitante da mão dela.

– Sim, Isabel.

A sensação de poder feminino percorreu o corpo dela.

– Mostre-me.

Os olhos dele brilharam e ele pôs a mão por cima da dela, obediente. Observando seu movimento conjunto, Nick a guiou, mostrando-lhe como tocar, como acariciar, até ambos estarem ofegantes. Finalmente ele parou, levou a mão dela aos lábios e beijou-lhe a palma.

– Chega, linda.

– Mas eu quero...

Ele deu uma risada áspera.

– Eu também, amor. Mas não há nada que vá me impedir de ter você esta noite. E se eu deixar que você continue sua doce tortura, a noite vai terminar cedo demais. – Ele rolou por cima dela novamente, acomodando-se no meio de suas pernas, e então começou a descer, plantando beijos suaves e úmidos por todo o seu tronco antes de fazer uma pausa diante de sua abertura e, com um

dedo, pressionar fundo lá dentro. – Ah – gemeu ele, a voz sombria e lânguida. – Você está tão molhada... Consegue sentir?

Isabel mordeu o lábio com a sensação dos dedos dele alisando, acariciando. Nick penetrou outro dedo e, com o polegar, começou a traçar círculos no ponto central dela, onde todo o seu prazer havia se acumulado. Isabel se contorceu na cama, agarrando a colcha e mordendo o lábio para não gritar. Ele não interrompeu a tortura enquanto perguntava:

– É isso que você quer, linda?

– É... – sussurrou ela.

– Aqui? – perguntou ele, o polegar se movendo mais rápido, pressionando com mais força.

– Sim, por favor...

– Tão educada... Tão apaixonada... Minha Hedonê. – Ele diminuiu a velocidade para um ritmo insuportável. – Mas não é só isso que você quer, não é?

Ela abriu os olhos e viu a emoção nos dele.

– Eu...

– Diga-me, Isabel. O que você realmente quer?

– Eu quero... Eu quero você.

– Que parte de mim?

Ela corou, contorcendo-se contra ele, incitando-o a ir mais rápido.

– Não, Nick...

Ele sorriu, malicioso e devorador.

– Ah, sim, Isabel... Que parte de mim?

Ele então parou por completo, os dedos bem fundo dentro dela, mas imóveis, o polegar longe do lugar onde tudo parecia começar e terminar. Ela abriu mais as pernas, sem se importar com o que poderia parecer.

– Nick... – murmurou, seu nome uma súplica e um protesto.

– Você só precisa pedir, Isabel.

Ele soprou um jato de ar frio contra o calor dela, e Isabel pensou que poderia enlouquecer com aquela tortura.

– Sua boca – sussurrou. – Eu quero a sua boca.

– Boa menina.

Em seguida, os lábios e a língua estavam perfeitamente posicionados contra ela, acariciando e lambendo em uma chicotada de prazer que a privou do raciocínio. Isabel enterrou os dedos nos cabelos dele enquanto ele a estimulava com os dedos e a língua, e Nick grunhiu de satisfação. O som trovejante trouxe junto uma onda de sensações, de prazer. Ela gritou o nome dele, e ele tremulou por cima do pico de seu sexo, a boca adorando-a até ela chegar ao ápice, contorcendo-se contra ele, erguendo os quadris em direção à sua boca perversa e maravilhosa, o prazer percorrendo-a até ela não poder fazer nada além de agarrá-lo com mais força, com medo de perder a única coisa que estava no centro de seu mundo.

Depois que Isabel voltou à Terra, ele afastou a boca e começou a subir por seu corpo, beijando-o, acariciando seus seios, brincando com os mamilos até ela suspirar. Então tomou sua boca em outro beijo longo e exuberante.

– Você nunca deve ter medo de pedir o que quer, querida. Não comigo.

Ela abriu os olhos e o encarou.

– Eu quero o resto.

O azul dos olhos dele escureceu imediatamente ao ouvir as palavras.

– Tem certeza?

Ela assentiu.

– Absoluta. E você falou que eu só precisava pedir.

Nick se posicionou no meio das pernas dela e Isabel sentiu o comprimento duro e pesado contra si. Arqueou-se debaixo dele, ávida pela próxima parte daquela dança maravilhosa. Ele prendeu a

respiração, e ela percebeu que ele estava tentando permanecer imóvel.

– Isabel... Algum dia alguém... falou com você sobre... isso?

Ela balançou a cabeça.

– Eu vi animais.

Ele sorriu, meio fazendo careta.

– Não é exatamente a mesma coisa...

Ela se arqueou contra ele de novo.

– Nick... por favor. Eu não me importo. – Ela ergueu a mão para passar um dedo pela cicatriz dele, esperando acalmar os demônios contra os quais ele lutava. – Eu quero isso. Quero você.

– Vai doer, linda. Só a primeira vez. Mas eu vou recompensá-la.

O coração dela deu um salto ao ouvir as palavras. *Ele estava preocupado com ela.*

E Isabel soube, naquele momento, que aquele homem – tão cheio de consideração mesmo naquele momento em que ela não conseguia pensar em nada além da sensação dele contra ela – nunca quisera o seu mal.

Sorriu, correndo os dedos pelos cabelos dele e puxando-o para baixo para beijá-la. Quando eles se afastaram, Isabel sussurrou:

– Eu confio em você.

E as palavras pareceram tornar tudo certo.

Nick ergueu o corpo e fez só um pouquinho de pressão para dentro dela, dando-lhe tempo para alargar-se, para acomodá-lo. Ela inclinou a cabeça, avaliando a sensação.

– É estranho.

Ele sibilou uma risada.

– Só fica mais estranho, querida. Mas vamos tentar mais uma coisa.

Ele começou a se mover para a frente e para trás, deslizando um pouquinho mais fundo a cada vez, até ela estar suspirando de prazer com os movimentos.

– Isso não é estranho. É gostoso.

– Só gostoso?

– Delicioso.

– Ótimo. – Ele estocou fundo, e ela arfou, os olhos se arregalando conforme ele introduzia até o fim. Nick parou, segurando-se acima dela. – Isabel? Você está...

– Estranho de novo – disse ela, a voz apertada, dolorida.

*Ele amava aquela mulher.* O pensamento veio claro e rápido na hora mais errada possível para lidar com ele. Mas ele soube, sem a menor sombra de dúvida, que era verdade. Roçou os lábios nos dela em um beijo macio e reverente.

– Vou fazer ficar melhor, linda.

Ele saiu lentamente de dentro dela e Isabel agarrou seus braços diante do movimento.

– Ah. Ah, isso é...

Ele arremeteu fundo mais uma vez.

– Sim?

– Nick... – suspirou ela.

– Adoro o modo como o meu nome soa nos seus lábios.

Nick se curvou para baixo e sugou um mamilo até Isabel ofegar de prazer. Ele se moveu para valer então, estocadas fundas e regulares que afastaram a dor dela e a substituíram por puro prazer. Quando ela se arqueou para receber melhor as estocadas dele, Nick soube que ela era sua. Leu os movimentos dela, seguindo aonde o corpo de Isabel o levava, ansioso para ajudá-la a encontrar seu prazer.

– Diga de novo – ordenou ele, indo mais fundo, mais rápido, até a tensão que vinha se acumulando se tornar insuportável.

– Nick...

Finalmente ele colocou a mão entre eles e posicionou o polegar contra o âmago rígido dela. Esfregou uma, duas vezes.

– De novo.

– Nick! – gritou ela.

– Estou aqui, amor – falou ele, procurando o olhar dela. – Olhe para mim, Isabel.

– Não posso... é demais. – Ela ofegou. – Por favor! Eu não sei...

Ele levou os lábios ao ouvido dela e sussurrou:

– Eu sei. Se jogue. Vou pegá-la quando você cair.

Então ela o obedeceu, caindo pelo precipício, convulsionando em volta dele, sugando-o em um ritmo inebriante e quase insuportável. Gritou o nome dele novamente, e ele se libertou, buscando seu prazer só depois que ela havia experimentado inteiramente o dela. Em seguida, deu uma última estocada antes de desabar em cima dela, a respiração áspera deles o único som no quarto escuro.

Ele ficou deitado ali por um longo tempo, imóvel tentando se concentrar, recuperar o poder de raciocínio antes de fazer qualquer movimento. Quando Nick saiu de cima dela, Isabel deixou escapar um pequeno protesto diante da perda dele. Apoiando-se em um cotovelo ao lado dela, ele passou as mãos pela pele ruborizada de Isabel, estremeceu e se enroscou no seu calor.

Ele sentiu os lábios dela se curvarem em um sorriso contra seu peito e se afastou para olhá-la nos olhos.

– O que foi? – perguntou.

– Não foi estranho no final.

Ele deu um sorriso largo.

– Não?

– Não.

– Como foi, então?

Ela inclinou a cabeça, considerando a pergunta.

– Acho que foi bem inesquecível.

Ele lhe deu um beijo rápido e profundo. Quando ergueu a cabeça, falou:

– Foi isso mesmo.

Isabel caiu no sono em seguida, e Nick a observou enquanto ela

dormia, avaliando aquela mulher ao mesmo tempo tão forte, delicada e linda. Ali estava uma mulher que *vivia*. Ela era cheia de paixão e orgulho e não aceitaria nada além do que achava ser justo e certo. Ele refletiu sobre os eventos do dia – a forma como ela concordara tão veementemente em se casar com ele...

E depois a forma como recuara violentamente quando ele se revelara ser diferente do que ela havia pensado no começo.

Ela se enroscou nele, ressonando, e o som pontuou a vergonha de Nick. Isabel passara a acreditar nele, a ter fé nele e na vida que ele tinha lhe prometido, e ele a privara de sua certeza. Agora, apesar de o corpo dela claramente confiar nele, levaria algum tempo para que Nick conseguisse reconquistar sua mente.

Ele não ia descansar enquanto não conseguisse isso.

*Ele a amava.*

Foi naquele momento, com a segunda admissão de seus sentimentos, que Nick percebeu toda a força das palavras.

E o terror que vinha com elas.



– Isabel! Isabel! Acorde!

Ela se sentou ereta na cama ao ouvir os murros na porta do quarto. O som era desorientador e, por um breve instante, Isabel não soube quem ela era e o que estava ocorrendo.

Quando os acontecimentos da noite anterior vieram como uma enxurrada em sua mente, ela arfou, a mão voando até os lábios para conter o som. Em seguida, correu os olhos pelo quarto à procura de algum sinal de Nick.

Ele tinha ido embora, junto com todas as evidências de que estivera ali. Isabel percebeu que ele havia até recolhido as roupas dela, que na noite anterior tinham sido jogadas pelo chão sem

pensar, e as deixou por cima de uma cadeira perto da lareira. O cuidado com o qual Nick cobrira seus rastros deixou Isabel ao mesmo tempo grata e decepcionada – grata por ele se dar ao trabalho de proteger a reputação dela perante os outros residentes de Townsend Park e decepcionada por ele ter saído tão facilmente de seu quarto sem nem olhar para trás.

*Como se tivesse feito isso muitas vezes.*

Ela afastou o pensamento. Não importava quantas vezes Nick havia feito isso antes. Os hábitos dele não eram de sua conta.

*Parecia que havia feito vezes demais, no entanto.*

As batidas insistentes começaram de novo, distraíndo-a – felizmente – de seus pensamentos.

– Isabel!

– Entre!

Lara adentrou como um furacão ao ouvir a ordem. Estava sem fôlego e desalinhada.

– Você tem que se vestir!

Com um suspiro, Isabel se desvencilhou das cobertas e saiu da cama, indo para o armário.

– Eu sei que dormi demais, mas não pode ser tão tarde assim. Que horas são?

Lara havia parado no meio do caminho, os olhos arregalados ao observar Isabel.

Isabel virou-se, diante do silêncio.

– O que foi?

– Por que você está sem roupa?

Isabel olhou para o próprio corpo e cobriu imediatamente as partes pertinentes enquanto se esforçava – em vão – para não corar.

– Eu não... quer dizer... eu... – Ela fez uma pausa, irritada com sua busca gaguejante por uma resposta rápida e razoável. – Eu estava com calor – concluiu simplesmente, agarrando o vestido mais

próximo e correndo para trás do biombo para evitar mais constrangimentos.

Ouviu a descrença na voz da prima quando ela disse:

– Você estava com calor.

– Isso mesmo. Estamos quase em julho, Lara.

– Em Yorkshire. À noite.

– Mesmo assim – disse Isabel, torcendo para Lara aceitar a justificativa. Ela espiou pela beirada do biombo e viu a prima olhando lentamente em volta do aposento. *Tinha que distraí-la.* – Lara, havia algo que você queria discutir? Algum motivo para esmurrar minha porta, exigindo que eu acordasse e me vestisse, talvez?

Os olhos de Lara se arregalaram.

– Sim!

Isabel saiu de trás do biombo, experimentando um cinto comprido com o vestido de luto azul-marinho.

– O que é?

Lara franziu os lábios.

– Você não vai gostar.

Isabel ficou imóvel. *Seria possível que Nick tivesse ido embora?* Na noite anterior ele dissera que ia partir... mas isso fora antes... bem, antes de as coisas mudarem.

– O que é? – repetiu ela, hesitante.

– Nós temos uma visita.

Um sentimento de pavor a dominou.

*Tudo estava prestes a mudar.*

– Quem é?

Lara juntou as mãos na frente do corpo, sem coragem de continuar.

*Densmore.* O tutor estava ali. A casa, as garotas, James – seu destino estava nas mãos dele agora.

*E Nick iria embora.* Não havia mais nada para mantê-lo na casa.

Ele não era mais necessário para as esculturas ou qualquer outra coisa.

A não ser pelo fato de que, de repente, ela parecia precisar dele desesperadamente.

Uma dor se apossou do peito dela.

*Ela ia ficar sozinha mais uma vez.*

– É Densmore – disse Isabel, a voz sem emoção.

– Não. – Lara balançou a cabeça. – É o duque de Leighton. Ele veio buscar a irmã.

## DEZENOVE



**M**inutos depois, Isabel estava colando a orelha na pesada porta de mogno do gabinete do conde. Ela conseguia distinguir o zumbido baixo de vozes masculinas vindo de dentro, mas as palavras eram impossíveis de entender. Pressionou mais a orelha, amaldiçoando o conde que escolhera uma porta tão robusta.

Embora compreendesse que o ancestral em questão provavelmente tinha assuntos que não queria que fossem ouvidos, a escolha da madeira de 60 centímetros de espessura mostrava uma óbvia falta de prudência no que dizia respeito às necessidades das gerações futuras.

– Nick está lá dentro com ele? – sussurrou ela.

– Está – respondeu Jane, bem baixinho. – Juntou-se a ele quase imediatamente.

Isabel lançou um olhar irritado para o falso mordomo.

– E por que ele teve a oportunidade de se reunir com o duque antes de mim?

Jane teve a delicadeza de parecer desapontada.

– Ele perguntou por você, lorde Nicholas e a irmã quando chegou. Como eu sabia que a irmã dele não era uma alternativa, preferi ir atrás de você e de lorde Nicholas, sem querer irritar ainda mais o homem.

– Ele está irritado?

– Na verdade, está furioso.

– Bem, suponho que eu não deva ficar surpresa em ouvir isso – disse Isabel, pressionando novamente a orelha contra a porta e insistindo em tentar escutar o que se passava na sala.

– Você não vai ouvir nada assim – murmurou o mordomo.

– Sim, Jane, já percebi isso, obrigada.

Sobre o que eles estavam falando lá dentro?

Será que Nick estava argumentando a favor do caso delas?

*Ou estaria traindo a confiança delas mais uma vez?*

Isabel afastou o pensamento. Sem dúvida, depois da noite anterior...

– Quer se esgueirar pelo lado de fora da casa e ver se conseguimos ouvir debaixo da janela?

Isabel avaliou a ideia por um breve instante antes de perceber como fazer isso seria covarde. Com um suspiro frustrado, ela virou as costas para a porta e ficou de frente para a escadaria no centro do imenso saguão da casa, onde Lara e Georgiana estavam.

– Não. Eu vou entrar – decretou virando-se para colocar a mão na maçaneta.

– Não vai bater? – perguntou Lara, detendo-a.

– Não, não vou. Por dois motivos. Primeiro, eu gosto do elemento surpresa. E, segundo, está é a minha casa. É melhor o duque se acostumar com isso.

Ela ignorou os três pares de olhos arregalados e inseguros que a observavam e entrou no gabinete, fechando bem a porta atrás de si.

– Droga, Leighton, você não está ouvindo...

Nick parou de falar quando Isabel entrou. Fez uma reverência curta em sua direção. Isabel percebeu a preocupação em seus olhos azuis e ignorou o martelar imediato de seu coração ao vê-lo.

*Ele era lindo demais para seu próprio bem. Ou o dela.*

Redirecionou sua atenção para o outro homem na sala.

Que não era muito diferente.

O duque de Leighton parecia um anjo. Isabel nunca vira ninguém

como ele – o único adjetivo possível para descrevê-lo era *lindo*. Ele era alto e tinha os ombros largos, além de uma farta cabeleira de cachos dourados, maçãs do rosto altas e angulosas e olhos iguais aos da irmã, da cor de mel recém-saído do favo.

Sem dúvida um homem tão perfeito não poderia ser o retrato da arrogância que todo mundo pintava.

– Presumo que seja a mocinha que a está escondendo – disse ele, em um tom monótono e sem emoção.

Aparentemente, ele era tão arrogante quanto se achava no direito de ser. E rude.

– Leighton. – Nick rosnou o nome.

Isabel aprumou os ombros e ignorou o prazer insinuante que sentiu com seu tom de advertência.

*Ela não precisava dele. Não ia precisar.*

– Eu sou *lady* Isabel.

Se o duque ouviu a ênfase no honorífico, não deu indícios.

– Fico feliz que finalmente tenha podido se juntar a nós.

As sobranceiras dela se ergueram com o sarcasmo no tom dele. Que homem abominável. Pudera Georgiana ter fugido dele.

– O que posso fazer pelo senhor?

– Já discuti o assunto com St. John.

O tom autoritário dele a irritou.

– Ótimo. E o que o senhor acha que lorde Nicholas será capaz de fazer para ajudá-lo, considerando-se que sou eu que comando Townsend Park?

Os olhos dele se estreitaram para ela.

– Até onde entendi, *lady* Isabel, a senhora não tem nenhum poder sobre Townsend Park nem sobre nada dentro da propriedade.

– Ela ficou gelada enquanto o homem continuava: – Sem dúvida, me parece que falar com a senhorita não vai fazer nada além de irritar nós dois. – Ele lhe lançou um olhar frio. – Não me obrigue a procurar lorde Densmore para conseguir o que quero.

Ele a estava ameaçando!

Isabel abriu a boca para retrucar, mas Nick intercedeu:

– Não preciso lembrá-lo de que estamos na casa dela e você vai tratá-la com o respeito que ela merece.

O duque não desviou os olhos de Isabel.

– Ela sequestrou minha irmã, St. John. Que respeito merece por isso?

– Não fiz isso! – protestou Isabel.

– É, bem, imagino que o magistrado acreditará nisso quando for informado sobre o caso.

Isabel se surpreendeu ao ouvir a ameaça.

A expressão de Nick ficou dura.

– Leighton. Basta.

Isabel virou-se para ele.

– Você chama esse cretino de *amigo*?

– Cretino? – A voz de Leighton retumbou no aposento. – Eu sou um fidalgo, um duque. Vai se referir a mim com respeito.

Os olhos de Isabel cintilaram.

– Não, não acredito que eu vá.

O duque perdeu a paciência e se virou para Nick.

– Acho melhor você controlar essa mulher, St. John.

– Vou lhe dizer mais uma vez. Trate a dama com o respeito que ela merece ou vou atravessá-lo pela parede. De novo. E não há ninguém aqui para me expulsar desta vez.

Seu tom de voz era baixo e ameaçador, e Isabel ficou muda ante a ameaça irada que ouviu. O duque observou a reação dela, então disse:

– Bem. Isso pareceu resolver.

Houve um longo silêncio.

– Lady Isabel, eu gostaria de ver minha irmã – acrescentou o duque.

Isabel respirou fundo e foi acomodar-se atrás da escrivaninha.

Havia algo naquela posição que a enchia de confiança. Indicando as duas cadeiras do outro lado da mesa, ela falou:

– Por que não nos sentamos e discutimos isso? – Esperou, fingindo paciência, até os dois homens se acomodarem. – Gostaria de um chá, Vossa Graça?

Leighton piscou uma vez, surpreso pela total mudança de comportamento dela.

– Não, eu não gostaria de um chá. Gostaria de ver minha irmã.

– E o senhor a verá – falou Isabel –, mas não antes de termos conversado.

Leighton olhou para Nick.

– Ela é sempre tão teimosa?

Nick sorriu.

– É.

– É claro que você acharia isso divertido. – Ele voltou a atenção para Isabel. – Lady Isabel, estou ciente do que está fazendo aqui em Yorkshire.

– Vossa Graça?

– Há menos de três minutos a senhorita me chamou de cretino. Sem dúvida podemos dispensar as formalidades. Sei que está comandando uma espécie de colônia de mulheres aqui. – Nem Isabel nem Nick confirmaram a ideia. – Não tenho nenhum interesse especial pelo que está fazendo, desde que não arraste minha irmã para quaisquer ilegalidades nas quais esteja envolvida. Fui claro?

Isabel inclinou-se para a frente, apoiando os braços no mata-borrão de couro em cima da mesa.

– Não inteiramente. Não.

– Isabel... – O tom de Nick era de advertência. – Não o provoque.

As palavras apenas inflamaram sua ira.

– Não provocá-lo? Por que não? O que o faz pensar que pode invadir minha casa, ameaçar minha segurança e a segurança

daqueles que residem aqui, e simplesmente esperar que eu entregue a pobre menina?

– Ela é minha irmã! – exclamou Leighton.

– Irmã ou não, Vossa Graça, ela chegou aqui por vontade própria, assustada, insegura e desesperada para ficar longe do senhor! O que queria que eu fizesse? Que a rejeitasse?

– A senhorita está abrigando a irmã do duque de Leighton! Eu revirei Londres para encontrá-la!

– Com todo o respeito, para mim ela não estava desaparecida.

As palavras impertinentes mergulharam o duque em um silêncio perplexo. Isabel fitou Nick, então, sem entender o brilho em seus olhos.

– Você vai ficar do lado dele?

Nick levou um instante para responder.

– Acho melhor continuar como Salomão nesta discussão em particular.

– Bem, eu certamente não vou cortar a pobrezinha ao meio.

– Uma pena. Isso tornaria tudo muito mais fácil – retrucou Nick, esticando as pernas longas e cruzando um tornozelo por cima do outro. – Acha que poderia conceder a Sua Graça um momento com a irmã?

Isabel desviou o olhar para o duque.

– Presumindo que sua irmã concorde, não vejo motivo para impedir que a veja.

O duque baixou a cabeça, o retrato da cortesia.

– Um nobre começo.

– Mas, se encostar um dedo nela, eu o expulsarei desta casa – falou Isabel, impassível, como se estivesse comentando sobre o clima ou qualquer assunto trivial.

Nick e Leighton enrijeceram diante das palavras, uma clara afronta à dignidade e à honra do duque, mas Isabel permaneceu

impávida sob o olhar surpreso e ofendido dos dois. Levantou-se e foi até a porta.

*Ela não o conhecia. Como também não conhecia Nick, aliás.*

Uma pontada de tristeza ameaçou surgir. Ela pôs a mão na maçaneta e, antes de girá-la, virou de volta para os imponentes homens, agora de pé um ao lado do outro, esperando.

– Georgiana está sob a proteção do conde de Reddich. Todo o peso do título a está apoiando.

Em seguida ela saiu e fechou a porta firmemente atrás de si. Leighton virou-se para Nick, o tom gélido.

– O conde de Reddich é um *conde*. Eu sou um duque. Da última vez que verifiquei, a hierarquia da nobreza ainda estava vigente em Yorkshire, não?

Nick sentiu uma pontada de compaixão pelo homem.

– Acho que você deve estar preparado para esquecer tudo aquilo em que sempre acreditou sobre seu poder como duque. Todos os residentes desta casa jurariam lealdade a essa mulher antes de jurarem ao rei George.

*Assim como eu.*

Leighton o encarou.

– Não me diga. Você está encantado pela garota.

Nick voltou para sua cadeira, permitindo que as palavras assentassem. *Encantado*. O adjetivo não fazia justiça ao que ele sentia por Isabel. Não depois da noite anterior, não depois daquela manhã, quando ela havia imperado de trás daquela grande escrivaninha que fora ocupada por homens ao longo de várias gerações, não depois que ela enfrentara destemidamente um dos nobres mais poderosos da Inglaterra... e vencera.

– Basta dizer que ela conquistou meu respeito e minha admiração. E talvez mais.

Os olhos de Leighton se estreitaram.

– Você é louco de se casar com ela, você sabe.

- Eu sei.
- E então...?
- Vou fazê-lo de qualquer jeito.

O aceno de cabeça do duque foi pontuado pela porta sendo aberta. Nick se levantou de novo quando Isabel entrou e ficou estupefato com sua beleza; mesmo vestida de luto, sua adorável silhueta era inegável – alta, esguia e perfeita. Ela o encarou por um breve momento, mas desviou o olhar antes que ele pudesse ler seus pensamentos. *Será que ela estava tão afetada pelos acontecimentos da noite anterior quanto ele?*

Ele estava no quarto de Isabel, inventando um plano para passar o dia com ela longe da casa, quando Jane batera à porta para anunciar a chegada de Leighton.

Como sempre, o duque tinha um péssimo timing.

O pensamento foi interrompido pela aparição de Georgiana, que entrou atrás de Isabel, as mãos entrelaçadas à frente do corpo e o olhar baixo.

Leighton deu um passo à frente e, quando falou, havia uma imensa ternura em sua voz:

– Georgie...

Ela ergueu os olhos, e Nick ficou impressionado pela emoção em seu rosto – alegria misturada com nervosismo e tristeza, sim, mas também com amor. Quando o duque a levantou no ar em um abraço forte, ela não conseguiu conter a felicidade.

– Simon!

O nó de tensão que nascera no peito de Nick no dia anterior, quando ele revelara seu relacionamento com o duque para Georgiana, se desfez diante do retrato de adoração fraternal dos dois – ele agora estava absolutamente seguro de que Leighton não tinha nada a ver com a fuga da garota para o norte.

Em vez disso, quando ele a botou no chão, Leighton tomou as mãos dela entre as suas e falou:

– Eu estava tão preocupado, Georgie... Você tem que me contar o que aconteceu. Juro que farei tudo em meu poder para resolver.

As palavras imediatamente trouxeram lágrimas aos olhos da garota e ela puxou as mãos das dele, dando um passo para trás. No instante seguinte Isabel já estava passando o braço em volta da jovem em um gesto de conforto e solidariedade.

– Que tal eu pedir para trazerem um chá? – disse Isabel.

A frustração de Leighton – sua incapacidade tanto de entender quanto de reparar o dano que obviamente estava deixando sua irmã arrasada – o fez explodir de novo.

– Pela última vez, eu não quero chá! Eu quero minha irmã! O que este lugar fez com ela?

Georgiana ergueu os olhos e protegeu Isabel e a Casa de Minerva com ferocidade:

– Este lugar não fez nada a não ser me acolher. E me dar um lar. E um propósito. – Nick sentiu uma onda de admiração pela garota conforme a voz dela subia de tom. – Este lugar não fez nada a não ser me aceitar.

O duque passou as mãos pelo cabelo.

– *Eu* a aceito. O que quer que seja, Georgie... O que quer que a tenha feito fugir para Yorkshire... eu posso consertar.

Ela o encarou com a firmeza de uma rainha.

– Acho que não pode, Simon. Fico muito feliz que tenha vindo me encontrar. Estou muito satisfeita por tê-lo visto e ainda mais por lady Isabel e os outros residentes da propriedade não precisarem mais viver com o medo constante de você vir me procurar. Mas você tem que me deixar ficar aqui. Este é o meu lugar.

– Bobagem – desdenhou Leighton. – Você é a irmã do duque de Leighton. Merece a vida digna de uma duquesa.

Um sorriso brincou nos lábios de Georgiana.

– E o que o faz pensar que a vida aqui não é digna de uma duquesa?

– Pelo amor de Deus, Georgiana. Olhe para este lugar.

Nick observou quando Isabel abriu a boca para defender a propriedade e depois a fechou, mudando de ideia. Quando ela o olhou, Nick assentiu sua aprovação. *Boa garota*. Aquela batalha não era dela.

– Eu gosto daqui. E lady Isabel me ofereceu generosamente uma posição.

A descrença inundou o rosto de Leighton.

– Uma posição?

Ela assentiu.

– Como professora do conde.

O duque olhou para Nick, então para Isabel, em seguida para sua irmã, que sustentava o olhar.

– Professora? – trovejou ele. – Você está *empregada* aqui?

– Não é exatamente um emprego, Vossa Graça – atalhou Isabel.

– Ah, e o que é então, lady Isabel?

– É mais uma questão de cada um dos residentes da propriedade fazer o que puder pelo bem da comunidade maior.

A tentativa de Isabel de explicar o estranho mundo que girava dentro dos muros de Townsend Park era algo divertido, sem dúvida. Se a situação não fosse tão séria, Nick poderia ter rido. Mas ele tinha uma preocupação muito real de que Leighton estivesse prestes a estrangular Isabel, sua irmã, ou ambas – o que não seria nada divertido.

– Então, se eu pagasse uma professora para seu irmão, minha irmã teria permissão para ir embora sem trabalhar.

Isabel fez uma pausa, franzindo os lábios. Nick decidiu que a expressão dela era bastante adorável.

– Não, não exatamente.

– Eu não ia querer isso, de qualquer modo, Simon – interrompeu Georgiana.

O duque perdeu a paciência.

– Isso é ridículo. Você vai voltar para casa comigo.

Georgiana olhou para Isabel, que assentiu uma vez em uma demonstração silenciosa de apoio. Georgiana respirou fundo para se acalmar.

– Não. Eu não vou.

Leighton fechou a cara.

– Sinto muito, mas você não tem escolha. Sou seu irmão e tutor.

– Simon – disse a jovem com a voz suave, cheia de amor fraternal. – Sei que você está preocupado comigo. Sei que quer que eu vá para casa. Mas, por favor, entenda que eu não posso. Não neste momento. Eu gosto daqui. Sinto que é o meu lugar. Estou segura aqui.

Simon baixou a cabeça, e Nick sentiu uma pontada de compaixão por ele, aquele homem a quem nada havia sido negado durante toda a sua vida. Ele estava confuso, inseguro, querendo resolver uma situação que não entendia. Nick passara a compreender aquela sensação de impotência mais profundamente durante os últimos dias. Parecia que as mulheres da casa eram especialistas em disputá-la nos homens à sua volta.

O que Georgiana não sabia era que, no final, seu segredo seria revelado de qualquer forma. Era apenas uma questão de tempo antes que a notícia de que a irmã do duque de Leighton estava em Yorkshire, grávida, se espalhasse, despejando um escândalo de proporções épicas nos ombros de Leighton. E de sua casa.

O duque devia estar preparado para enfrentá-lo.

Mas Nick não podia divulgar uma informação que não era sua, então se conteve.

Leighton ergueu a cabeça.

– Diga-me o que aconteceu.

Havia desespero em sua voz, uma emoção crua que Nick reconheceu como a mais humana e sensível que já vira aquele homem demonstrar. De repente, não havia lugar para ele e Isabel na

sala. Voltando sua atenção para Georgiana, ele viu as lágrimas se acumularem em seus olhos, o tremor sutil e incontrolável de seu lábio inferior, e sentiu a necessidade de sair dali.

Percebeu o olhar desconcertado de Isabel e teve a certeza de que ela também reconhecia a natureza privada do momento.

– Está na hora de vocês dois conversarem sem uma plateia – falou, atravessando o aposento até o lado de Isabel e acompanhando-a até a porta. – Vamos esperá-los do lado de fora.

Nenhum dos irmãos respondeu, permanecendo imóveis enquanto Nick e Isabel saíam.

Depois de fechar a porta, Isabel se virou para Nick, preocupada.

– Ela vai contar a ele.

– Vai.

Ela começou a andar de um lado para outro, perdida em pensamentos. Nick observou enquanto ela retorcia as mãos, e aquele gesto despertou um sentimento em sua alma. Ali estava uma mulher que se importava profundamente. Que amava poderosamente. *Como seria receber tamanha emoção?*

Enfim, ela se virou para ele de novo.

– O que ele fará?

Nick ficou pensativo por um momento, apoiado no corrimão da larga escadaria de pedra. Leighton sempre fora correto. Sempre fora honrado, estoico e resistente a qualquer coisa que pudesse manchar seu nome. Sempre desprezara as infâmias alheias. Quando os gêmeos St. John receberam a notícia de que uma meia-irmã havia chegado da Itália, Nick notara que Leighton se distanciara deles em eventos sociais.

Ele não gostava de escândalos.

E havia poucos escândalos mais devastadores do que uma irmã solteira grávida.

Isabel estava a poucos centímetros dele, os olhos arregalados, cheios de preocupação, lindos, e o coração dele ansiou por ela.

– Não sei o que ele vai fazer – falou, estendendo o braço para pegar as mãos irrequietas de Isabel, segurando-as firmemente e dominando sua atenção. – Mas o que quer que aconteça, ela vai ficar segura. Eu prometo.

Ela vasculhou os olhos dele.

– Eu quero tanto acreditar em você. Muito.

*Só que ela não acreditava.*

Não estava disposta a confiar nele de novo. Ainda.

Talvez nunca.

Essa verdade o deixou mais magoado do que ele jamais pensara.

– Isabel...

Não sabia o que poderia dizer para fazê-la mudar de ideia, então provavelmente foi melhor a porta do escritório ter se aberto nesse momento, chamando a atenção deles.

Leighton estava no enorme vão da porta, o rosto impassível.

Não recebera bem a notícia.

Isabel começou a voltar imediatamente ao escritório, ansiosa para reconfortar Georgiana. As palavras de Leighton a fizeram parar no meio do caminho.

– Eu gostaria de conversar com vocês dois.

Isabel – *garota forte, corajosa* – olhou nos olhos frios do duque.

– A sua irmã, Vossa Graça, está precisando de mim.

Se isso fosse possível, o rosto de Leighton teria ficado ainda mais estático.

– Eu não tenho irmã. Não hoje. E a mulher naquela sala... – Ele fez uma pausa e, em seu breve silêncio, Nick entendeu a batalha feroz que ocorria no coração do amigo – pode esperar. Se deseja continuar sendo a senhora deste lugar, lady Isabel, vai me ouvir. Agora.

As palavras continham uma ameaça desagradável e autoritária, que Isabel sabia que não devia ignorar. Ela aprumou os ombros, sem

desviar os olhos do duque. Com um “Certamente, Vossa Graça” cheio de firmeza, ela liderou o caminho até a biblioteca.

Uma vez lá dentro, Leighton foi até a lareira, olhando para dentro do espaço escuro. Depois de um longo silêncio, falou:

– Imagino que minha família não seria a única a ser arrastada para um escândalo se esta casa fosse descoberta.

Isabel deu um passo na direção dele.

– Não, Vossa Graça.

Nick a admirou por sua franqueza naquele momento.

Leighton olhou brevemente para ela por cima do ombro.

– Há uma parte de mim que quer colocar este lugar abaixo.

Isabel deu um passo para trás diante da virulência nas palavras dele. Virou-se para Nick, e ele viu a súplica silenciosa em seu olhar. *Ele tinha que neutralizar a situação.* Foi se aproximando calmamente e se apoiou em uma coluna.

– Não é a casa, Leighton, e você sabe disso.

– Sem esta casa, ela teria...

– Sem esta casa, ela ainda estaria nessa situação – observou Nick, atraindo o olhar furioso do duque. – Ela simplesmente não teria tido para onde ir. Você devia agradecer a Isabel por tê-la abrigado.

– É, bem, acho que isso não vai acontecer tão cedo. – Ele se virou e olhou nos olhos de Isabel. – Pelo que posso ver, lady Isabel, eu tenho duas opções. A primeira é denunciá-la ao magistrado e aceitar o escândalo que me ameaça.

Isabel não respondeu, permanecendo firme sob o ataque pesado. O duque continuou:

– A segunda é deixar Georgiana aqui até ter o bebê, e o escândalo virá depois, em um momento impossível de prever. Porque a senhorita não tem como proteger a si mesma ou suas residentes, e é só uma questão de tempo até tudo vir a público. –

Então, dirigindo-se a Nick, perguntou: – Se estivesse na minha posição, St. John, que opção você escolheria?

Nick sentiu o olhar de Isabel. Sabia que ela estava torcendo para que ele escolhesse a segunda alternativa. Sabia também que qualquer pessoa sensata escolheria a primeira. Se o escândalo tivesse que atingir uma família, era melhor fazer isso em um momento escolhido pela família, para que estivessem preparados, para que pudessem se armar contra os fofoqueiros.

Mas, para Nick, não havia nada de sensato na situação. Ele queria Isabel em segurança. Queria as meninas dela em segurança. E só havia uma coisa que garantiria isso.

– Eu escolheria a segunda.

Leighton riu, coberto de ironia.

– Não, não escolheria.

– Escolheria, neste caso. Porque há um fator que você não levou em consideração.

Isabel não conseguiu mais ficar calada.

– Há?

Ele olhou para ela então, registrando sua incerteza, sua surpresa e, por trás de tudo, seu medo.

– Há. Nós vamos nos casar. O que põe lady Georgiana sob minha proteção.

O duque cruzou os braços e virou-se para Isabel.

– Isso é verdade?

Isabel balançou a cabeça, o rosto pálido.

– Não. Eu nunca disse que me casaria com ele.

A negação dela atingiu Nick como um soco. A ideia de que ela poderia não se casar com ele depois da noite anterior era inaceitável. A raiva se acendeu, com a mágoa e a irritação. Anos de prática o impediu de deixá-las evidentes.

Em vez disso, ele recorreu ao humor frio:

– A sua memória está falhando, Isabel. Ontem de manhã você

disse que se casaria comigo. – Ele fez uma pausa, esperando que ela olhasse em seus olhos. – No estatuário. Não se lembra?

É claro que ela se lembrava. Arfou diante das palavras.

– Isso foi antes de tudo mudar.

– Sem dúvida foi. Antes de se tornar imperativo.

A insinuação fez o rubor tomar as faces dela.

– Não foi o que eu quis dizer, e você sabe disso!

– Sei exatamente o que você quis dizer. Também sei que não vou embora daqui sem me casar com você.

– Eu não preciso de você. Estamos bem sozinhas.

*Eu não preciso de você.*

A declaração o fez perder a cabeça.

– Sim, estou vendo. Porque você tem uma casa cheia de mulheres escondidas, sem proteção alguma e sabe-se lá quantos mercenários à sua procura desde que Leighton ofereceu uma recompensa. Uma casa, devo acrescentar, que está literalmente desabando à sua volta, que também abriga uma criança que precisa de mais orientação do que a maioria dos filhotinhos de cachorro que eu já vi e que herdou um dos condados mais problemáticos do país, a irmã de um duque prestes a dar à luz um bastardo e... E você foi desonrada! Mas, claro, você está *ótima*.

Ele parou por um instante para recuperar o fôlego.

– Você acha que pedir ajuda a torna fraca – continuou. – O que a torna fraca é sua insistência ingênua de que, se disser que não precisa de ninguém, será capaz de manter as coisas funcionando. É claro que você precisa de mim! Precisa de um batalhão para manter este lugar livre de problemas! – A voz dele se transformou em um trovão. – Como você pode pensar que eu *não* me casaria com você, sua louca?

As palavras dele ecoaram no aposento, e os olhos de Isabel se encheram de lágrimas. Ele se arrependeu imediatamente.

– Isabel – falou baixinho, estendendo a mão para ela, querendo

retirar tudo o que dissera.

Ela ergueu a mão, recusando o gesto dele.

– Não. – Virou-se para Leighton. – Se essas são as minhas opções, Vossa Graça, escolho a que tem menos chances de arruinar Townsend Park.

O duque pigarreou.

– Se o que St. John falou é verdade, devo insistir, como um cavalheiro, que se casem, lady Isabel.

Ela assentiu.

– Vou mandar chamar um pastor.

Isabel assentiu novamente, os lábios apertados em uma linha fina, como se estivesse contendo as lágrimas. Em seguida saiu correndo da sala, fazendo Nick se sentir um idiota. A frustração tomou conta dele.

– *Eu vou mandar chamar um pastor, maldição.*

*Como se tivesse importância.*

Então ameaçou a ir atrás dela, ansioso para se explicar. Para se desculpar. Para fazer o que estivesse em seu alcance para reconquistá-la.

– Eu não faria isso, se fosse você – aconselhou Leighton.

Nick voltou-se para ele.

– Ah, depois de hoje você realmente é a pessoa mais indicada para dar conselhos relacionados a mulheres, Leighton.

– Ela vai superar.

– É, bem, não tenho tanta certeza. Isabel não é como as outras mulheres.

– Eu não tinha percebido.

Nick foi se sentar em uma poltrona próxima e enterrou a cabeça nas mãos.

– Eu sou um idiota.

Leighton se acomodou na poltrona na frente dele e tirou um charuto da caixa de prata em seu bolso, acendendo-o em seguida.

– Não vou discutir com você.

Nick ergueu os olhos.

– Você também é um idiota, você sabe.

– Suponho que sim. – O duque suspirou. – Maldição. Grávida. Ela só tem 17 anos. Ainda nem debutou.

– Não pode ignorá-la para sempre.

– Não... mas posso tentar um pouco.

– Ela é uma boa menina, Leighton. Não merece a sua raiva.

– Não quero pensar nela. – A frase não deixava espaço para discussão. Os dois ficaram em silêncio por algum tempo e ele acrescentou: – Então você está apaixonado pela dama.

Nick recostou-se na poltrona, olhando para o teto. *É claro que ele estava apaixonado por ela. Ela era a pessoa mais notável que ele já conhecera.*

– Que Deus me ajude, mas estou.

– Pela minha experiência, o caminho para o coração de uma mulher raramente passa pelo anúncio, em uma sala cheia de gente, de que ela foi desonrada.

– Não foi uma sala cheia. – Nick fechou os olhos. – Eu sou um idiota.

– É. Mas ela vai se casar com você.

– Porque você a forçou.

– Bobagem.

Nick olhou para o amigo.

– O duque de Leighton insistiu para que ela se case ou ele vai destruir a coisa mais importante que ela tem. O que você faria?

– É um ponto válido – concedeu Leighton. Deu várias baforadas pensativas no charuto. – Apesar de que... A sua dama não parece ser do tipo que foge às adversidades.

– Nisso você tem razão.

O duque considerou seu charuto por um instante.

– É possível que ela goste de você?

- Não neste momento.
- Você devia lhe dizer que a ama.

Nick balançou a cabeça.

- É uma péssima ideia.
- Está com medo de que ela não retribua o sentimento?

Nick encarou-o.

- Apavorado.
- O *bulan*. Apavorado. Que interessante.

Nick resistiu ao impulso de dar um soco na cara do amigo.

Leighton retirou um relógio do bolso e verificou as horas.

– Por mais que eu fosse gostar da briga em que você está tão claramente ansioso para entrar, a garota está de luto. Você vai precisar de uma licença especial.

- O que significa que terei que ir a York.
- Você não tem sorte de eu por acaso conhecer o arcebispo de lá?

Nick fechou a cara.

- Ah, sim, Leighton, a sua chegada trouxe muita sorte.

# VINTE



Não tinha sido o tipo de casamento que se esperaria. Nick aparecera no começo da manhã, após ter passado a noite viajando para York a fim de conseguir uma licença especial de casamento. Depois, voltara via Dunscroft para acordar o vigário local e arrastá-lo para Townsend Park, para realizar a cerimônia. Nick mal tivera tempo de trocar de roupa. A julgar por sua aparência desgrenhada e suas olheiras fundas, parecia que não dormira desde que ele e Isabel tinham se visto pela última vez. A voz áspera com a qual ele proferiu seus votos serviu como prova adicional.

Eles se casaram no gabinete que fora do pai dela, com Lara e Rock como testemunhas. A cerimônia fora rápida e sucinta, com o pastor acreditando que fora assim como uma forma de poderem se casar sem profanar a memória do pai dela.

O religioso não protestou, tão impressionado ficara com a licença especial assinada pelo próprio arcebispo de York.

Isabel também não protestara.

Era, afinal, a única solução.

Então eles haviam jurado amar, honrar e serem fiéis um ao outro. E, quando Nick se inclinara para beijá-la, ela virara um pouco o rosto, fazendo com que a carícia aterrissasse ligeiramente fora do centro, um alívio abençoado, pois ela achava que não suportaria sentir os lábios dele nos seus naquele momento em que estavam se casando por todos os motivos errados.

Isabel saía da casa assim que o vigário tinha ido embora, esgueirando-se para os campos a oeste em Townsend Park. Passara algum tempo – horas, talvez – caminhando e pensando.

Ao longo da vida, ela vira as muitas faces do casamento: uniões por amor que se transformaram em um isolamento desolado, casamentos como um recurso de fuga que haviam se tornado casamentos de desespero, casamentos por dever que nunca evoluíram para nada além disso.

Nos raros momentos em que Isabel se permitira fantasiar sobre o assunto, no entanto, havia sonhado com um matrimônio que fosse mais do que isolamento, desespero e dever. Era irônico, supunha, que o dela tivesse nascido de todos os três.

Mas, se fosse sincera consigo mesma, dois dias antes ela havia acreditado que sua união com lorde Nicholas poderia se tornar amor.

O nome dele era Nicholas Raphael Dorian St. John.

Era o máximo que ela podia alegar saber com certeza sobre seu marido.

O vento havia aumentado no urzal e a grama alta chicoteava as pernas de Isabel enquanto ela andava em uma linha longa e reta até os limites de Townsend Park – terras que pertenciam à sua família havia gerações. Terras que seriam salvas para gerações futuras graças ao que ela fizera naquela manhã.

*Nem tão egoísta assim agora.*

Ela fechou os olhos para afastar o pensamento. Quando os abriu, as ripas quebradas da cerca que demarcava o limite oeste da propriedade estavam em seu campo de visão. Mais uma coisa que agora seria consertada.

A intenção de Isabel não tinha sido se casar com ele por dinheiro. Ou por proteção. Ou porque o duque de Leighton havia mandado.

Mas fora isso que fizera, em parte.

*Não fora?*

– Não – sussurrou para si mesma, e a palavra foi levada para longe pelo vento.

Tinha querido se casar com Nick porque gostava dele. E porque ele gostava dela.

Mas agora isso não importava mais.

Uma visão do dia anterior surgiu, parecendo agora tão distante no tempo. Ela havia recusado o pedido de Nick, e ele a fizera sentir que precisava desesperadamente dele. Como se ela e as garotas não fossem sobreviver se ele não tivesse aparecido e as salvado. Como se o tempo delas tivesse acabado.

*E ele estivera com a razão.*

Isabel enxugou uma lágrima. Não podia mais manter as coisas funcionando.

*E estava apavorada com o que isso significava.*

Quem era ela se não tivesse aquilo? Se não fosse a senhora de Townsend Park, a guardiã da Casa de Minerva, a que tinha as respostas, aquela a quem todos apelavam?

*Quem ela se tornaria?*

– Isabel! – O grito, pontuado pelo barulho de cascos, a despertou de seus pensamentos e, quando ela se virou, deparou com Nick, montado em seu cavalo cinza. Ela se deteve quando ele puxou as rédeas e saltou para o chão antes mesmo que o animal tivesse parado. Ele sustentou o olhar dela enquanto avançava, a voz se sobrepondo ao barulho do vento. – Procurei você em todos os cantos!

Ela deu de ombros.

– Vim dar um passeio.

– Um passeio um tanto longo para uma noiva no dia de seu casamento – observou ele. – Estava tentando fugir?

Ela não achou graça da brincadeira.

– Não, milorde.

Ele ficou em silêncio enquanto vasculhava o rosto dela.

– Você está infeliz?

Ela balançou a cabeça, as lágrimas se acumulando.

– Não, milorde.

– Já ouvi histórias sobre noivas chorando no dia do casamento, Isabel, mas sempre achei que fossem lágrimas de felicidade. – Ele fez uma pausa, observando-a cuidadosamente antes de puxá-la para si em um abraço caloroso. – Me chame de *milorde* mais uma vez e eu não vou consertar a sua cerca. Há um buraco nela, caso você não tenha percebido.

– Eu percebi – falou ela, as palavras abafadas contra o peito dele.

– Isabel, eu sinto muito. Pelas coisas que eu disse. Pelo modo como as disse – falou ele com o rosto enterrado no cabelo dela, o hálito cálido como uma promessa. – Me perdoe.

*Ah, como ela queria.*

Isabel não respondeu. Em vez disso, passou os braços em volta dele. Era tudo o que podia lhe dar no momento. Ela o deixou embalá-la por um longo tempo, apreciando a sensação dos braços fortes em volta de seu corpo, o calor do peito dele em sua face. Por um momento, tentou imaginar que a situação era diferente. Que eles haviam se casado por qualquer outro motivo que não o real.

*Que eles haviam se casado por amor.*

Afastou-se dele ante o pensamento, e Nick observou enquanto ela alisava as saias e olhava para todos os lugares, menos para ele.

– Isabel. – Ao ouvir o som de seu nome nos lábios dele, suave e exuberante, ela ergueu os olhos e o encarou, detectando a emoção em seu rosto. – Sinto muito que você não tenha tido o tipo de casamento com o qual sonhou. Eu queria que pudéssemos ter feito de outro modo, em uma igreja... com um vestido... e as suas garotas.

Ela balançou a cabeça, impedida de falar pela emoção.

Nick pegou a mão dela.

– Nós deixamos de fora uma parte importante da cerimônia, hoje de manhã. Imagino que o vigário tenha achado que não podíamos cumprir todas as etapas, então ele as pulou.

A confusão a fez franzir a testa.

– Não entendi.

Ele abriu a mão, revelando uma aliança de ouro simples.

– Não é o que você merece. Acordei o primeiro joalheiro que vi ontem à noite em York. Ele não tinha uma seleção muito grande. Na primeira chance que tiver, vou lhe comprar algo lindo. Com rubis. Eu gosto de você de vermelho.

Ele falou rápido, como se Isabel fosse recusá-lo se ele lhe desse a oportunidade de falar. Mas ela não queria interrompê-lo. Nick então pegou a mão dela e colocou o anel em seu dedo. Com um sorriso torto, falou:

– Não me lembro das palavras exatas...

Ela balançou a cabeça.

– Eu também não.

– Ótimo. – Ele respirou fundo. – Não sou perfeito e sei que tenho um longo caminho até conquistar sua confiança de novo. Mas quero que você saiba que estou extraordinariamente feliz por você ser minha esposa. E farei o melhor que puder para ser um excelente marido para você. Que este anel seja a prova das minhas palavras.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos e, com os polegares, secou as lágrimas que as palavras fizeram rolar.

– Não chore, querida.

Tomou os lábios dela em beijos suaves e demorados, tão ternos e amorosos que, por um instante, Isabel esqueceu que haviam se casado pelos motivos errados.

Ele ergueu a cabeça e olhou nos olhos dela mais uma vez.

– Pelo restante da tarde... por hoje... podemos esquecer de tudo o que aconteceu? – perguntou. – Podemos simplesmente aproveitar o dia do nosso casamento?

Ele só queria que tivessem um dia antes de precisarem se lembrar dos tais motivos errados.

Talvez para descobrir um motivo certo.

E, por Deus, ela queria.

Assentiu.

– Acho que é uma ótima ideia.

Nick deu um sorriso largo e lhe ofereceu o braço. Quando ela o pegou, ele disse:

– O dia é seu, lady Nicholas. O que quer fazer com ele?

*Lady Nicholas.*

Que estranho ser aquela pessoa nova, diferente. Isabel brincou com o nome na cabeça e sua preocupação anterior ressurgiu. Quem era lady Nicholas? O que havia acontecido com lady Isabel?

– Isabel?

O chamado de Nick interrompeu seus pensamentos.

*Amanhã.* Ela iria se preocupar com lady Isabel amanhã.

Sorriu.

– Eu gostaria de lhe mostrar a propriedade.

No momento seguinte eles estavam em cima do cavalo, Isabel sentada na frente dele enquanto Nick conduzia o animal em um trote pelo urzal na direção da casa. No caminho, Isabel apontava para lugares que tinham importância para ela quando criança – o pequeno bosque onde se escondia sempre que queria ficar sozinha, o lago em que aprendera a nadar, os restos da velha fortaleza onde ela fazia de conta que era uma princesa.

– Uma princesa?

Isabel manteve os olhos na estrutura de pedra, fincada no ponto mais alto da propriedade.

– É. Bem, fingir que era uma rainha parecia demais. Uma garota tem que conhecer suas limitações.

Nick riu e fez o cavalo parar.

– Devemos fazer um tour pelo seu castelo, alteza?

Ela o fitou, notando seu olhar divertido e interessado.

– Por favor.

Ele ajudou-a a descer em um instante, oferecendo-lhe a mão e depois liderando o caminho pela pequena colina acima, até as ruínas. Isabel tomou a liderança então, passando as mãos pelas pedras gastas.

– Faz anos que não venho aqui.

Nick lhe deu espaço para explorar, observando apoiado em uma parede de pedra que pertencera a algum aposento na construção destruída, enquanto ela perambulava por entre as pilastras desmornadas.

– Conte-me as histórias que você imaginava.

Ela sorriu.

– As mesmas que todas as meninas pequenas imaginam, eu acho...

– Não tive o privilégio de conhecer muitas meninas pequenas – retrucou ele. – Elabore, por favor.

Isabel parou perto de um arco de pedra que poderia ter sido uma janela muito tempo antes. Olhando para a paisagem extensa e íngreme do outro lado, ela falou:

– Ah, que eu era uma princesa em uma torre, esperando meu cavaleiro... Talvez eu estivesse sob um feitiço ou guardada por um dragão cruel ou algo igualmente fantástico. Mas não era sempre tão elaborado, às vezes eu só vinha aqui para...

Ela se virou e percebeu que ele não estava mais encostado em seu lado na parede.

– Vinha aqui para... – disse Nick, do outro lado do arco de pedra agora, com os braços apoiados na janela.

Ela riu, surpresa, diante da imagem que ele formava, os cabelos negros desgrehados e o sorriso torto em sua roupa formal de casamento.

Imitou a pose dele, os braços encostando no dele no beiral.

– Vinha aqui para imaginar como seria o meu futuro.

– E como era?

Ela desviou o olhar.

– As coisas normais, acho... Casamento, filhos... Eu certamente não planejei a Casa de Minerva.

Fez uma pausa e ficou pensativa por um longo tempo.

– É engraçado como essas coisas se infiltram nos sonhos das meninas. Eu não tinha um exemplo muito bom de casamento. Não tinha provas de que valia a pena ter algo assim. E, ainda assim...

– E, ainda assim, houve um tempo em que lady Isabel sonhava se tornar uma esposa – completou ele, a voz despreocupada, brincalhona.

Exatamente o que Isabel precisava que fosse.

Ela sorriu, fitando seus olhos azuis.

– Acho que sim. É claro – o tom dela ficou travesso – que ela nunca esperou se casar com um dos solteiros mais cobiçados de Londres. Teve sorte, sem dúvida, em conseguir um lorde tão desejável e disponível.

Nick ergueu as sobrancelhas e ficou boquiaberto diante das palavras. Isabel se acabou de rir diante da imagem que ele formava, tão cômico e desajeitado.

– Você sabia! – exclamou ele.

Ela levou a mão dramaticamente ao peito, na altura do coração.

– Milorde, como pode ter imaginado que houvesse alguma mulher neste país inteiro que não soubesse? Ora, não precisamos ter uma assinatura de *Pérolas e Peliças* para reconhecer tamanho – ela fez uma pausa com grande ênfase – modelo de masculinidade quando vemos um.

Ele fechou a cara diante da descrição tola.

– Você se acha muito engraçada, lady Nicholas.

Ela deu um sorriso largo.

– Eu *sei* que sou *extremamente* engraçada, lorde Nicholas.

Ele riu e esticou a mão para afastar um cacho que havia se soltado com o vento e aterrissado na face de Isabel. O riso deles foi morrendo, mas Nick continuou a carícia, segurando-a pela nuca e puxando-a para um profundo e longo beijo, que fez um rio de prazer correr direto para o âmago dela. Ela suspirou enquanto seus lábios tocavam os de Nick, e ele começou a plantar pequenos beijos em sua face, na ponta de seu nariz e em sua testa antes de se afastar.

– Então você achou que poderia me conquistar – provocou ele.

Ela balançou a cabeça, dando uma gargalhada.

– Não. As garotas acharam que eu poderia conquistá-lo e tentaram me convencer a usar as lições da revista para isso. – Ela sorriu ante o gemido de descrença dele. – Não é preciso dizer que eu nunca fui muito boa em seguir instruções.

Ele deu uma risadinha.

– E então? Qual era o seu plano?

– Achei que poderia obter sua expertise em antiguidades.

– Bem... Parece que você obteve mais do que pediu.

Ela fez uma cena para avaliá-lo com um olhar crítico.

– Sem dúvida, parece que sim.

Ele caiu na gargalhada.

– Descarada.

Isabel também riu, e ele se afastou da janela. Ela se inclinou para a frente e viu-o abrindo caminho por uma entrada ali perto, seu coração dando saltos quando percebeu que ele se aproximava dela. Tentando manter a aparência calma, ela pulou para se sentar no beiral baixo, esperando que ele chegasse. A emoção fez seu estômago se contrair enquanto ele caminhava cuidadosamente em meio às pedras espalhadas pela parte de dentro da fortaleza, os olhos azuis focados nela.

A revista estava certa. Ele era um notável espécime de homem.

*E era seu marido.*

O pensamento a abalou até a alma.

Nick só parou quando já estava tão próximo que suas pernas roçavam as saias de Isabel. Ele então deslizou as costas dos dedos pela face dela, deixando um rastro de fogo ao toque. Correu os olhos pelo seu rosto, e havia algo neles que ela não conseguiu identificar.

– No que está pensando?

Se fosse em qualquer outro momento, ela não teria perguntado, mas eles estavam ali, naquele lugar mágico, o restante do mundo e o restante de suas vidas bem longe. Hoje, eles eram simplesmente marido e mulher.

Como se houvesse qualquer coisa simples nesse fato.

O olhar dele encontrou o dela, e a pulsação de Isabel disparou quando ela reconheceu a paixão ali. Prendeu a respiração, esperando que ele respondesse.

– Estou pensando que você é a mulher mais magnífica que eu já conheci.

Isabel se viu boquiaberta diante das palavras, tão inesperadas, e ele continuou, as mãos segurando seu rosto:

– Você é forte, linda, brilhante e tão cheia de paixão... Sua presença me faz ansiar por você. – Ele encostou a testa na dela. – Não sei como aconteceu... mas acho que me apaixonei perdidamente por você.

Isabel ficou sem fala.

Seria possível que tal coisa fosse possível?

*Ele a amava.*

As palavras ecoaram em sua mente, tornando impossível pensar em qualquer outra coisa.

E então Nick a beijou.

Confessar seu amor por Isabel havia libertado algo cru e poderoso em Nick, e, sem afastar os lábios dos dela, ele a ergueu do beiral e a colocou de pé sobre a grama verde que circundava a

fortaleza. Eles ficaram ali por um longo tempo, suas bocas e mãos explorando, e Nick se tornou profundamente consciente da diferença entre aquele momento e os outros, da natureza poderosa e inebriante de fazer amor com sua esposa.

Com uma mulher que ele amava tão completamente.

Quando Isabel levou as mãos aos botões de seu casaco, Nick afastou-se dos lábios dela, arfando enquanto ela tentava abri-los. Ele arrancou o casaco enquanto os dois voltavam a se beijar ardentemente, e Isabel começou a puxar a camisa dele, abrindo espaço para explorar a larga e quente extensão de pele debaixo do linho. Sentir seu toque era enlouquecedor, e Nick interrompeu o beijo mais uma vez para puxar a camisa pela cabeça e arremessá-la longe.

Então estendeu-lhe as mãos, ansioso para retomar o beijo, mas ela dançou para longe, os olhos fixos no peito dele.

– Não – falou, a voz cheia de um poder feminino que o fazia ansiar para tê-la. – Eu quero vê-lo.

Ela se aproximou e impediu as mãos dele de puxarem-na para si. Em vez disso, correu as próprias mãos pelo peito dele e por seus braços.

– Você é tão grande... tão bronzeado... Como é possível?

Ele procurou as palavras, louco para senti-la.

– Tenho uma propriedade fora de Londres. Gosto de trabalhar nos campos.

Os olhos semicerrados de Isabel o encararam, e ele apertou os punhos para controlar o ímpeto de puxá-la para si e tomar sua boca.

– Você não usa camisa?

– Nem sempre.

– Que travesso – sussurrou ela, levando os lábios ao tórax dele e plantando beijos úmidos e molhados por toda aquela superfície rígida até ele não aguentar mais.

Então Nick tomou o controle, pelo bem de sua sanidade, e

capturou os lábios dela. Em seguida, virou-a para abrir rapidamente a longa fileira de botões nas costas de seu vestido, beijando sua nuca enquanto ela suspirava de prazer. Quando o tecido se afrouxou, Isabel o segurou junto aos seios e se virou, os olhos castanhos cheios das promessas de uma sereia à medida que ela o soltava e o tecido lilás ia se amontoar aos seus pés.

Nick respirou fundo para se acalmar, estendeu as mãos para ela de novo e começou a arrancar as fitas de seu espartilho.

– Eu detesto a mulher que inventou o espartilho – rosnou ele.

Isabel riu, olhando-o por cima do ombro.

– O que o faz pensar que foi uma mulher que inventou o espartilho?

– Porque um homem nunca teria feito com que fosse tão difícil chegar até você.

A roupa de baixo dela caiu, e Nick a girou de volta, para puxar as alças de sua combinação até Isabel estar exposta diante dele, do céu e da fortaleza. O olhar dele correu pelo seu lindo corpo, corado por uma mistura de excitação e vergonha.

– Aí está você – falou Nick, a voz quase irreconhecível transformada pelo desejo. – Venha cá.

Ele a puxou para si, então, os seios nus dela pressionando o peito dele. Ele então tomou sua boca em um beijo sôfrego, acariciando fundo enquanto levava as mãos aos seios, esfregando os mamilos até eles se tornarem anéis de carne duros e ávidos. Ela gemeu contra os lábios dele, e Nick a recompensou levando os lábios a um dos mamilos, estimulando-o com dentes, língua e uma sucção de leve, enlouquecedora, que a fez se contorcer. Ele moveu uma das mãos até o âmago desesperado de desejo dela, abrindo caminho com um dedo em meio aos pelos macios que protegem seu sexo, encontrando o lugar onde a paixão se empoçava. Então começou a traçar círculos ali, pressionando até os suspiros dela se tornarem demais para ele.

Nick deitou com Isabel sobre a grama macia e abriu suas pernas para expô-la ao sol, ao vento e ao céu enquanto juntava outro dedo ao primeiro, levando-a à beira do ápice, observando seus olhos ficarem vidrados de paixão.

Ele queria vê-la se desfazer em seus braços.

Isabel se arqueou, erguendo os quadris, rebolando, mostrando a ele onde e como tocar, acariciar, circular. Ele levou os lábios à orelha dela, pegou o lóbulo entre os dentes e sussurrou:

– Isso, meu amor. Sinta o seu prazer.

Nick deu a Isabel aquilo que ela não sabia como pedir... mais rápido, mais intenso, mais forte, mais fundo... até ela gritar de prazer e se agarrar a ele enquanto perdia o controle.

Depois, ela ficou deitada imóvel por vários minutos, e Nick se fartou com a visão dela nua, disposta e entregue a *ele*. Quando Isabel finalmente abriu os olhos, Nick perdeu o fôlego ao ver o brilho lascivo neles. Ela correu a mão por todo o tórax dele, chegando ao cócs de suas calças e deslizando um dedo para dentro, onde ele estava duro e faminto por ela.

– Minha vez – sussurrou Isabel, puxando as calças para baixo devagar demais.

Ele se intrometeu, tirando as botas e as calças rapidamente, até estar nu como ela, duro, quente e desesperado por Isabel. Tomou sua boca em um longo beijo antes de dizer:

– Eu odiaria ser considerado injusto.

Ela riu, a voz baixa e lasciva, e ele enrijeceu ainda mais quando ela o tomou na mão e acariciou até ele fechar os olhos de tanto prazer. O que lhe faltava em habilidade, ela compensava em avidez. Nick entreabriu os olhos e assistiu enquanto ela olhava para ele, fascinada conforme ele crescia em suas mãos, mais duro e mais longo do que jamais ficara.

Enquanto ele observava, Isabel baixou a cabeça para dar um

beijo suave e úmido na ponta do membro, e Nick achou que poderia morrer de desejo.

Ao ouvir o gemido dele, ela parou e levantou a cabeça, a preocupação evidente em seu rosto.

– Eu o machuquei?

Ele fechou os olhos diante da pergunta inocente, incapaz de manter os quadris parados, desesperado pelo seu toque.

– Não, amor. Não...

Ela ficou cética.

– Devo parar?

– Faça de novo – pediu ele, com a voz trêmula.

Ela obedeceu, encostando os lábios macios e torturantes nele. Nick prendeu a respiração, esperando o próximo movimento dela, e, quando sentiu a lambida suave e hesitante, suspirou.

– Isso... assim... Ah, meu Deus, Isabel.

As palavras a estimularam e, depois de alguns instantes, as carícias inocentes, as sugadas inseguras, estavam deixando-o louco. Se ela não parasse... *Ela tinha que parar.*

Ele então a ergueu e a colocou montada nele. Depois, puxou a cabeça dela para tomar sua boca. Após o beijo, Isabel ergueu a cabeça, e ele viu a incerteza no seu olhar.

– Você não gostou?

Ele deu uma risada rouca.

– Foi a coisa mais incrível que eu já experimentei, amor. Eu adorei.

As sobrancelhas dela se franziram, e ele percebeu que ela não havia entendido. Capturou sua boca mais uma vez em um beijo forte, longo e profundo até estarem ambos ofegantes, então levou a boca a um dos seios dela, chupando o mamilo até ele estar teso, ávido, e ela estar gritando de prazer.

– Não quero chegar lá sem você comigo. Não hoje.

Então ele a segurou pelos quadris de modo que ele estivesse

encaixado na porta de entrada dela. Isabel arregalou os olhos ante a sensação.

– Nós podemos? Assim?

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Vamos descobrir.

Fez com que ela se sentasse, penetrando-a até o talo.

– É bom assim?

– É – murmurou ela, com reverência. – Muito... – Moveu o quadril para a frente e para trás, testando seu encaixe, e também a sanidade dele. – Maravilhoso.

– Ótimo. – Ele a ergueu de novo, mostrando-lhe os movimentos, encorajando-a a assumir o controle de seu ato de amor.

E ela o fez imediatamente, como ele sabia que faria, remexendo-se em cima dele, experimentando, procurando seu prazer.

Nick ficou assistindo, as mãos acariciando as coxas fortes e esguias dela, deslizando por seu tronco, segurando seus seios, deixando-a encontrar o ritmo que a levava ao precipício.

Era puramente torturante.

Isabel por fim encontrou o movimento que lhe dava mais prazer, movendo-se rápido e com força contra ele, gritando conforme a onda de êxtase ameaçava se quebrar. Então a surpresa e a paixão invadiram o rosto dela, enquanto o fitava e repetia seu nome sem parar – uma ladainha de prazer.

Nick levou a mão ao ponto de encaixe dos dois e começou a traçar pequenos círculos com o polegar no sexo dela, sentindo-a se contrair em volta dele, prestes a chegar ao ápice. Os olhos dela se abriram mais, e então ele ordenou:

– Olhe para mim, Isabel. Olhe nos meus olhos quando vier.

Ela apoiou as mãos nos ombros dele, encarando-o.

– Eu não consigo... – disse, ofegante. – Nick!

– Eu sei.

Ele agarrou seus quadris, e a onda de desejo se quebrou sobre

eles, arrastando-os em um turbilhão de paixão. Os dois gritavam e gemiam, os sons de seu prazer ecoando nas paredes antigas.

Em seguida Isabel desabou em seu peito, e ele a aninhou até a respiração pesada dos dois ter voltado ao normal e só haver sobrado em torno deles o som do vento correndo por entre as pedras.

Nick levou os lábios à têmpora dela e sussurrou novamente que a amava. Ela estremeceu, pressionando o corpo para mais perto dele enquanto ele a abraçava forte.

Talvez houvesse uma chance para eles, afinal de contas.



Isabel sentou-se diante da penteadeira, enrolada em uma toalha branca, preparando-se para sua noite de núpcias, o que era algo estranho, considerando-se que ela e seu marido haviam passado a maior parte do dia fora, nus, tendo sua tarde de núpcias.

É claro que ninguém na casa podia saber disso e, portanto, quando Lara a forçara a entrar em uma banheira de água quente, Isabel não dissera nada, aproveitando o tempo que teria sozinha com seus pensamentos antes de encontrar seu marido novamente.

*Seu marido.*

*Que a amava.*

Ou que dizia que a amava, pelo menos.

Ah, como essas palavras eram tentadoras... Agora ela entendia como as mulheres podiam ser fracas, como simples palavras podiam fazê-las ficar entusiasmadas, ansiosas, ofegantes.

Ouviu uma batida à porta, e seu coração foi parar na garganta com a ideia de que poderia ser Nick, mas então percebeu que o som viera da porta errada. Mais cedo naquele dia ele fora transferido para o aposento adjacente, e seus quartos agora eram conectados por uma porta interna. A batida viera do corredor.

– Sim?

A porta se abriu, e Gwen e Jane entraram. Isabel sentou-se empertigada.

– Está tudo bem?

Jane sorriu.

– Parece que você está bem tensa, Isabel. Há algo passando pela sua cabeça?

Isabel fechou a cara.

– Não. O que seria?

Gwen riu, sentando-se em um banquinho baixo ao lado da cama.

– Ah, Isabel. Finalmente aconteceu!

– O quê?

Jane se empoleirou na beirada mais distante da banheira de cobre.

– Você conseguiu arrumar um marido.

– Você sabe que eu não estava realmente procurando, Jane. Tudo aconteceu, de certa forma, sem o meu consentimento.

– Mas não está infeliz com isso, está? – perguntou Gwen.

Isabel ficou pensativa por um longo tempo.

– Não. Ele parece ser um bom homem.

– Apesar da confusão de ontem?

Isabel assentiu.

– Sim. Nick deixou mais do que claro que está disposto a ajudar a manter a Casa de Minerva a salvo. – Quando as mulheres assentiram, ela acrescentou secamente: – Casando-se comigo, ele não vai ter muita opção.

Gwen sorriu.

– Já não tem. Vocês já estão casados.

Isabel balançou a cabeça.

– Eu sou uma esposa.

– Sem dúvida – falou Jane. – E que isso lhe traga muita felicidade.

Isabel não conseguiu ignorar o nervosismo que as palavras despertaram. Ela não conhecia o casamento como algo feliz e ainda assim não havia nenhuma partezinha dela que acreditasse ser algo impossível.

Que sensação maravilhosa era ser amada.

E aterrorizante, pois a deixava mais perto de se perder... Se retribuísse o sentimento dele, quem seria ela então?

Respirou fundo para se acalmar, e Gwen e Jane partilharam um olhar experiente.

– O que aconteceu? – perguntou Isabel.

– Bem, nós fomos mandadas aqui... para falar com você...

O pavor se manifestou.

– Ah, não. Sobre o quê?

Gwen sorriu.

– Sobre sua noite de núpcias.

Isabel franziu a testa.

– Por quê?

Jane mudou de posição para olhá-la diretamente. Baixando a voz, falou:

– Nós achamos que você deve estar preparada. Quer dizer, que deveria saber o que esperar.

– E, como sua mãe não está mais entre nós... – acrescentou Gwen.

Então Isabel entendeu, e o motivo da visita delas era tão diferente do que ela pensara que Isabel começou a rir. De uma forma meio histérica, inclusive.

Jane e Gwen se entreolharam, estupefatas, e Isabel continuou rindo, incapaz de se conter. Largou o pente que estava usando e tentou respirar.

– Desculpem! Eu só... – e começou a rir novamente.

Talvez devesse lhes dizer que não precisava de nenhum conselho sobre os acontecimentos daquela noite, mas o constrangimento

delas era muito divertido, e havia uma pequena parte de Isabel que queria enganá-las mais um pouco – nem que fosse só para distraí-la de seus pensamentos anteriores.

– Desculpem. Por favor, continuem. O que eu devo saber?

– Bem, você já mencionou que lorde Nicholas beija satisfatoriamente... – começou Gwen.

– Mais do que satisfatoriamente.

Um rubor começou a subir pelas faces da cozinheira.

– Ótimo. Então temos esperanças de que ele vá ser igualmente aceitável como... – Parou, olhando para Jane.

– Amante – falou Jane, com franqueza.

Isabel virou-se de volta para o espelho e ergueu o pente mais uma vez.

– Eu com certeza espero que sim.

– É, bem... – continuou Gwen. – Você pode ficar surpresa com a forma como... as coisas... acontecem.

Isabel sorriu, tentando não gargalhar.

– Coisas?

Houve uma pausa, e Jane foi a primeira a falar:

– Bem, como você sabe por causa das suas esculturas, Isabel, você tem... características... diferentes das de seu marido.

– Sim...

– Não vamos entrar muito em detalhes – disse Jane, a frustração se infiltrando em sua voz.

Isabel tentou ficar séria.

– Mas como vou saber o que fazer?

– Estamos confiantes de que lorde Nicholas vai saber, Isabel.

Era demais. Ela riu baixinho.

– Sim. Também estou confiante nisso.

As outras duas arregalaram os olhos.

– Você já sabe! – gritou Gwen.

Isabel sorriu e foi para trás do biombo, vestir a camisola que

havia escolhido para a noite – uma de seda carmim que esperava que fosse agradar a seu marido.

– Sei. Mas muito obrigada pela preocupação.

– Você é uma mulher horrível, horrível – falou Jane, rindo –, e ele não a merece.

– Aparentemente ele não tem escolha, considerando que ela só está casada há doze horas e já teve sua noite de núpcias – disse Gwen, seca. – Então, estamos certas?

Isabel espiou de detrás do biombo.

– Certas? Sobre o quê?

– Ele é um amante aceitável?

– Gwen! – Isabel corou, escondendo-se atrás do biombo novamente.

– Ah. Pelo visto, é – provocou Gwen.

Quando elas pararam de rir, Jane perguntou, séria:

– Você o ama?

Isabel fez uma pausa para pensar na pergunta que não lhe saía da cabeça desde aquela tarde. Desde antes, se fosse honesta. Observou, de relance, seu reflexo em um espelho comprido, notando o contorno de sua silhueta debaixo da camisola de seda que havia escolhido para ele.

Para fazê-lo feliz.

Para fazer com que a desejasse.

Para fazer com que a amasse mais.

A verdade era que, sim, ela o amava.

E não havia nada mais apavorante. Estava aterrorizada com a possibilidade de, ao admitir, transformar-se em sua mãe, de o casamento deles se transformar no casamento dos pais dela. Por quanto tempo sua mãe sofrera por seu pai, por quanto tempo esperara na janela um sinal dos cavalos dele chegando? Como ela o havia mimado quando ele estava em casa... e como fantasiara sobre ele quando não estava...

*E como tinha odiado os próprios filhos pela deserção dele...*

Como Isabel podia se arriscar a repetir aquela vida apavorante, solitária e desesperada?

Não. O amor não trouxera nada além de sofrimento àquela casa, à vida dela.

Ela não deixaria o amor destruí-la como havia feito com sua mãe. Não viveria metade de uma vida.

E, portanto, mesmo admitindo seus sentimentos por Nick, ela se recusava a dizê-los em voz alta.

– Isabel – chamou Jane, despertando-a de seus pensamentos.

Ela respirou fundo e falou olhando para o espelho, ignorando a tristeza em seu rosto, a dor que a dilacerava com a mentira.

– Eu não o amo. – Forçou a voz a permanecer despreocupada, para convencer as amigas de que ainda era tão forte quanto sempre fora... *Para convencer a si mesma.* – Eu me casei com ele por dever. Por James, pela Casa de Minerva e por Townsend Park. Não vejo necessidade de incluir amor nesse cenário.

Abriu um sorriso radiante – um sorriso falso – e saiu de trás do biombo. Viu Gwen e Jane de pé, os olhos fixos no outro lado do quarto.

Seguiu o olhar delas, e seu coração parou.

Pois ali, no vão da porta adjacente, estava seu marido.

*Ele ouvira tudo.*

O sorriso dela esmoreceu conforme ele fez uma reverência rápida.

– Minhas desculpas. Eu não sabia que você estava acompanhada.

– Eu...

Isabel parou. *O que podia dizer?*

– Estávamos de saída, milorde – atalhou Jane, e ela e Gwen se retiraram quase correndo do aposento.

Isabel ficou sozinha com o homem que a amava.

E ela tinha desmerecido esse amor com suas palavras idiotas.

Nick se afastou, voltando para o quarto adjacente. Ela o seguiu sem pensar, e atravessou o vão da porta enquanto ele ia se servir do conhaque de uma garrafa ornamental que fora deixada ali para ele. Ficou olhando dentro do copo por um longo tempo antes de dar um gole, depois sentou-se em uma grande poltrona baixa e voltou a atenção para ela. Seu olhar estava frio e inexpressivo.

Isabel deu um passo na direção dele, desesperada para consertar o que havia estragado.

– Nick.

– Você está usando vermelho.

Ela parou, as palavras estranhas em seus ouvidos.

– Eu... – Ela olhou para o próprio corpo. – Eu achei que você ia gostar.

Nick ficou olhando para ela em silêncio.

– Sim, eu gostei.

Aquela expressão de Nick não a agradava. A imobilidade dele era perturbadora.

– Eu...

*Eu menti. Eu te amo.*

O medo sufocou as palavras. Ela tentou, com a força do pensamento, fazê-lo ouvi-las de qualquer modo.

– Venha cá.

A ordem era autoritária e sombria – diferente de qualquer coisa que ela já tivesse ouvido dele – e havia uma parte dela que queria fugir, trancar a porta que ligava o quarto dela ao dele e se esconder até ele ter voltado ao normal.

Ao mesmo tempo, Isabel queria se submeter à ordem.

Ele bebeu outro gole, sem desviar os olhos azuis dela.

Desafiando-a a recusar.

Desafiando-a a aceitar.

*Ela o queria.*

O pensamento a impeliu para a frente. Uma vez do lado dele,

Isabel ficou hipnotizada por seus olhos, pelo brilho frio que eles continham. Queria sacudi-lo, trazer de volta a vibração que estivera lá a tarde toda. O amor que estivera lá.

Nick não se mexeu por um longo tempo, e ela imaginou se ele iria rejeitá-la, mandá-la embora e se recusar a tocar nela de novo. O silêncio se estendeu por uma eternidade, devastador. E quando ela estava prestes a se virar e sair por si mesma, ele se moveu.

Inclinou-se para a frente, estendeu a mão e trouxe-a até ele. Com Isabel parada entre suas coxas, ele colou o rosto à barriga dela e respirou fundo, pressionando a boca aberta contra a seda. Correu as mãos pela parte de fora das coxas dela, então a segurou pelas nádegas, puxando-a para ele enquanto direcionava a boca para o lugar onde o âmago dela estava coberto pelo tecido.

A sensação do hálito quente de Nick era demais. Ela enterrou os dedos nas grossas mechas negras dele e arqueou o corpo em sua direção, aninhando-o com todo o seu ser.

Ele ergueu a cabeça e levantou os braços para pegar seus seios. Encontrou os mamilos escuros debaixo do tecido e estimulou-os com os dedos até estarem rijos e ávidos por ele. E só então, quando a respiração dela estava vindo em arfadas roucas e trêmulas, Nick lhe deu o que ela queria: capturou um mamilo duro entre os lábios e o sugou através do tecido, mordiscando e lambendo até a camisola estar molhada e colada na pele dela. Repetiu o processo com o outro seio até Isabel gritar de prazer.

O som o excitou. Nick se levantou, erguendo a bainha da camisola consigo, e tirou-a pela cabeça, expondo Isabel a seus olhos azul-claros. Então a ergueu do chão e Isabel enroscou as pernas em volta de sua cintura enquanto ele a carregava de volta para o quarto dela. Largou-a em cima da cama e cobriu-a com seu corpo quente. Ela começou a arrancar a camisa dele, ansiosa para vê-la longe, para sentir a pele dele na sua, e ele a deixou tirá-la enquanto

escorregava para baixo, plantando beijos quentes e úmidos entre seus seios, em sua barriga, por todo o seu corpo.

Nick abriu lentamente as pernas de Isabel, e ela não protestou. Em vez disso, se remexeu para acomodar os ombros largos de Nick conforme ele a pressionava contra a cama e abria as dobras aveludadas que protegiam seu âmago. Quando encostou os lábios nela, ele não esperou – começou a lambe e sugar em um ritmo que a fez se contorcer, e em segundos ela já estava gritando. A língua dele era maliciosa, rápida e furiosa, sem querer aceitar menos do que tudo o que ela tinha para dar.

Ela chegou ao orgasmo, então, chamando o nome dele enquanto Nick enfiava um, depois dois dedos dentro dela, alcançando um lugar que ela não sabia que existia, que a fez cair pelo precipício mais uma vez.

No instante seguinte ele estava em cima dela e, com uma única estocada, entrou até o fundo do seu íntimo, seus movimentos mais profundos e mais intensos do que qualquer coisa que Isabel sentira antes. Ele a levou ao ápice de novo quase instantaneamente, e ela implorava por alívio, implorava pelo clímax que só Nick podia oferecer. Ele a manteve à beira do orgasmo por uma eternidade, até ela estar gritando seu nome, suplicando que ele completasse o ato.

Ele tomou sua boca em um beijo ardente, mais profundo e mais apaixonado do que qualquer coisa que eles já tivessem partilhado, então levou a mão até o vértice que formavam seus corpos e estimulou com o polegar o local onde tudo parecia começar e terminar. Investiu com força, derramando-se dentro dela, e Isabel se perdeu, inundada de emoções, capaz de pensar somente nele.

Sussurrou o nome dele enquanto se desfazia em seus braços.

Depois de um longo tempo, Nick saiu de cima dela. Ela esticou a mão para ele conforme ele se movia para o lado, querendo compartilhar o resultado do que tinha acontecido entre eles, que fizera o chão tremer.

Antes que ela pudesse tocá-lo, ele já tinha se levantado da cama, pegado a camisa e as calças do chão e estava saindo do quarto.

Ela se sentou, chamando-o enquanto ele fechava a porta com firmeza, indo para seu quarto deixando-a do outro lado.

O arrependimento veio rápido e doloroso, e Isabel se deu conta de que Nick não havia falado nenhuma vez durante sua sessão de amor.

# VINTE E UM



## ***Lição Número Nove***

*Alimente o seu mistério.*

*Depois que tiver despertado o interesse de seu lorde, pense em passar momentos longe dele para encorajar sua corte. Basta pensar nas temporadas anuais de caça à raposa em nosso belo país para saber do ímpeto selvagem que até os cavalheiros mais cavalheirescos abrigam lá no fundo.*

*Seja a raposa, cara leitora, e não tema!*

*Esses caçadores habilidosos irão caçá-la!*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

**I**sabel quase não dormiu. Então, finalmente desistiu da ideia e foi até a cozinha. Estava parada na frente do fogão, observando a chaleira, quando Kate entrou, logo depois do nascer do sol.

Isabel não tirou os olhos da água, perdida em pensamentos, imaginando o que poderia fazer para reparar o estrago que causara a seu casamento na noite anterior.

Que espécie de esposa arruinava seu casamento no primeiro dia?

*A sua espécie.*

Ela resistiu à resposta, observando as bolhas se formarem no

fundo da chaleira. Talvez pudesse convencê-lo a fazer outra cavalgada hoje... talvez eles pudessem tentar de novo.

*Talvez ela pudesse encontrar coragem para dizer a ele que o amava.*

– Sabe o que dizem sobre ficar olhando a panela esperando a água ferver – comentou a cavaliariça-chefe, abrindo um armário e tirando uma lata de biscoitos.

– É, bem... estou testando a teoria.

Kate apoiou-se na mesa e ficou olhando Isabel por bastante tempo antes de dizer:

– Um dos cavalos sumiu.

Isso despertou a atenção de Isabel.

– Sumiu?

– Como se nunca tivesse existido.

O coração dela saltou.

– Qual?

– O do seu marido.

– Ele foi embora?

– Parece que sim.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Ele estava aqui. Ontem à noite.

– Talvez ele só tenha ido à cidade para alguma coisa – sugeriu Kate, mas havia pouca confiança em seu tom.

Isabel foi correndo para o andar de cima, bateu à porta do quarto dele e mal esperou para entrar.

Parou no primeiro passo.

Nick havia sumido, e suas coisas tinham desaparecido com ele.

A cama nem havia sido usada.

*Ele fora embora logo depois...*

Isabel passou os braços em torno do corpo, subitamente com frio e insuportavelmente cansada.

Virou-se para a porta, onde Kate estava.

– Isabel. Há algo que eu possa fazer? Algo de que você precise?  
Ela balançou a cabeça, mal ouvindo as palavras.

Nick tinha ido embora. Ela o havia afugentado.

*Assim como sua mãe afugentara seu pai.*

– Eu... eu preciso... – Balançou a cabeça de novo, uma tristeza esmagadora soterrando-a. – Preciso...

*Preciso dele.*

– Preciso ficar sozinha – sussurrou. – Eu...

*Eu estraguei tudo.*

Kate não falou nada, entendendo a situação mesmo quando Isabel ainda não entendia. Voltou para o corredor e deixou-a sozinha no quarto.

Isabel fechou a porta e deitou na cama – a cama onde seu marido deveria estar dormindo. Onde eles deveriam estar dormindo juntos.

Mas ele não estava ali.

Ela estava sozinha novamente, e pior, porque sabia como era tê-lo.

*Nick a havia deixado. Assim como seu pai fizera.*

Assim como ela temera que ele fizesse.

*Ela o afugentara.*

Isabel virou de lado, puxou os joelhos até o peito e deixou as lágrimas virem. Soluçou profunda e violentamente, chorando por seu casamento e pelo que ele poderia ter sido, se ela tivesse confiado em si mesma para amá-lo.

E quando as lágrimas acabaram, ela dormiu.

Quando acordou, já era tarde – o sol entrava no quarto acolhedor em longos raios dourados. Por um instante, ela não soube onde estava e sentou-se, tentando identificar o cômodo. Assim que isso aconteceu, as lembranças voltaram em uma enxurrada.

Ela se levantou, a tristeza e o remorso tornando esse simples ato mais difícil do que teria imaginado.

Andou até a porta e, ao abri-la, deparou com Lara, preocupada do lado de fora.

– Há quanto tempo você está aí? – perguntou Isabel.

Lara fez um gesto com a mão no ar.

– Não importa. Ah, Isabel... – Ela tomou a prima nos braços, enlaçando-a com força antes de afastá-la para perguntar: – O que aconteceu?

Isabel balançou a cabeça.

– Não sei. Em um momento nós estávamos felizes e eu acreditei que poderíamos conseguir, e no momento seguinte... – *Eu estraguei tudo.* – No momento seguinte eu arruinei as coisas. E ele foi embora.

– Tenho certeza de que você não arruinou nada – falou Lara, com uma certeza nascida do amor e da amizade.

– Mas arruinei. – Isabel encarou a prima, reconhecendo a preocupação em seus olhos. – Eu o amo, Lara.

Lara deu uma risadinha de apoio e disse:

– Mas isso não é arruinar nada! Isso é maravilhoso!

Lágrimas jorraram dos olhos de Isabel.

– Não. Não é. Porque eu disse a ele que não o amava. Que não podia amá-lo.

Lara ficou confusa.

– Mas por quê?

Isabel foi inundada pela tristeza.

– Eu não sei.

Lara se aproximou e a enlaçou com os braços.

– Ah, Isabel...

Isabel se agarrou a ela, as lágrimas vindo rápido.

– Eu não falei a verdade a ele porque estava com medo. Achei que, se o amasse, me transformaria na minha mãe. Achei que abriria espaço para o sofrimento e agora... agora é tarde demais. Eu o magoei. Eu o magoei e ele foi embora.

– Talvez ele volte – falou Lara, esperançosa.

– Talvez.

Mas Isabel sabia que isso não ia acontecer.

Quantas vezes Nick havia se esforçado para recuperar a confiança dela, para provar seu valor? E quantas vezes Isabel o rejeitara? E então, naquela última vez – quando o fogo havia sumido dos olhos dele, deixando apenas um aristocrata frio e calmo no lugar –, ela o perdera.

Isabel chorou por um longo tempo, com a prima tentando confortá-la.

Finalmente, as lágrimas cessaram, e ela respirou fundo para se acalmar, bem a tempo de ver James correndo escada acima.

– Isabel! – Ele parou de forma abrupta e notou seu rosto manchado de lágrimas. – O que aconteceu? Por que você está chorando?

O garoto se aproximou dela devagar, o rosto sério. Isabel percebeu que ele usava um colete e uma gravada amarrada com perfeição. Ele era um homenzinho. A prova da influência de Nick encheu os olhos dela de lágrimas mais uma vez. Isabel fechou os olhos para contê-las, recusando-se a revelar sua tristeza para o irmão.

Forçou um sorriso.

– Não é nada, James. O que foi?

O menino ficou olhando para ela por um longo tempo, a testa franzida de preocupação.

– Jane me mandou vir buscá-la. Acho que vai se sentir melhor quando vir por quê.

*Eu duvido.*

– O que é?

– Ela me disse para não lhe contar. Você tem que ver por si mesma.

Isabel suspirou. Townsend Park ainda precisava de sua senhora.

De coração partido ou não.

– Muito bem. Vá na frente.

Conforme o trio descia a escada para o segundo andar, Isabel se tornou consciente do barulho. Era um conjunto de conversas altas e estridentes diferente de qualquer coisa que ela já tivesse ouvido. Eles correram para o topo da escadaria que levava ao saguão principal e ela ficou paralisada de surpresa diante da imagem.

A entrada para Townsend Park estava cheia de homens com baldes, engradados e sacolas, cada um mais surpreendente do que o outro, todos tentando chamar a atenção de Jane, que, de pé vários degraus acima, fazia o melhor que podia para interpretar o papel de mordomo imperturbável. É claro que provavelmente poucos mordomos no mundo já tinham tido que lidar com metade dos residentes de Dunscroft em seu saguão.

Isabel continuou a descer e chegou ao lado de Jane no momento em que ela gritava:

– Caros senhores, se pudéssemos ter um momento de silêncio enquanto resolvemos as coisas, talvez isso tornasse nossas vidas um pouco mais fáceis. – Ela baixou a voz para um murmúrio. – Sem dúvida me ajudaria a pensar.

– O que diabo é isso? – perguntou Isabel.

Jane virou-se para ela.

– Já estava na hora de você chegar.

– Quem são essas pessoas?

– Pelo que posso ver – respondeu Jane, apontando para os homens enquanto falava –, aquele garoto tem três caixas de vela e outras coisas encomendadas. Aqueles dois foram mandados para consertar a cerca do lado oeste. Aquele ali veio para afinar o piano; sabia que pianos precisam ser afinados? O homem de sobretudo a está esperando para escolher uma carruagem; os cavalos novos já estão no estábulo, e Kate está fora de si de euforia. Aquele ali veio entregar vários tonéis de vinho para a adega. As duas mulheres

encolhidas no canto, pobrezinhas, estão aqui para fazer roupas novas para todas nós. O homem de óculos é um banqueiro, pedindo uma audiência com “a senhora da mansão”. O círculo de gigantes ao lado de Rock, sabe lá Deus de onde vieram, está aqui para patrulhar os limites da propriedade, e... – Ela deu uma espiada nos que iam consertar a cerca. – Ah, sim. Também há cerca de meia dúzia de telhadores pedindo acesso ao sótão.

Perplexa, Isabel piscou diante da congregação, ainda sem entender inteiramente.

– O que todos eles estão fazendo aqui?

– Homem do piano! – gritou Jane, chamando a atenção de um artesão quieto e encarquilhado por perto. – O salão de baile fica depois daquela porta ali. – Ela se virou de volta para Isabel. – Eles dizem que lorde Nicholas os enviou.

Isabel demorou vários segundos para entender o significado das palavras de Jane.

– Todos eles?

– Até onde sei, comerciantes não aparecem do nada com mercadorias grátis, Isabel. Sim, todos eles.

Muda, ela ficou observando o grupo de pessoas, estupefata. Quando finalmente olhou de volta para Jane e Lara, só conseguiu dizer uma coisa:

– Ele me mandou telhadores.

Jane estava ocupada instruindo o homem com o vinho para a cozinha. Virando-se de volta, ela falou:

– Parece que você se casou com um louco.

Então riu.

– Ele me mandou telhadores – repetiu Isabel.

*Era a coisa mais adorável que alguém já lhe dera.*

Lara abriu um sorriso largo.

– Sem dúvida ele conhece o caminho para o seu coração, Isabel.

As lágrimas ameaçaram transbordar mais uma vez.

*Se ao menos ela tivesse sido corajosa o bastante para deixá-lo entrar.*

Respirou fundo, forçando-se a permanecer forte. Depois, alisando as saias amassadas, falou:

- O que eu faço?
- Acho que você deveria colocar esses telhadores para trabalhar.



Logo antes do anoitecer, Isabel estava nos degraus da frente do solar, observando enquanto o último dos trabalhadores descia o longo caminho de Townsend Park. Eles haviam trabalhado por várias horas no telhado, prometendo voltar no dia seguinte para consertar os danos mais significativos.

Conforme os homens desapareciam na noite, ela se sentou nos degraus largos de pedra e passou os braços em volta do tronco para se proteger da fria brisa noturna enquanto olhava para o céu que escurecia, desejando que tudo fosse diferente.

Desejando ser mais corajosa.

Tivera tanto medo de se permitir amá-lo, tanto medo de que seu relacionamento com ele fosse espelhar o de seus pais, tanto medo de se transformar em sua mãe... De definhar ali em Yorkshire, esperando desesperadamente que ele voltasse.

Então não se permitira admitir que o amava. Ainda assim, ali estava ela, definhando em Yorkshire, esperando desesperadamente que ele voltasse.

Parecia que tinha se transformado em sua mãe de qualquer modo.

Mas Nick não era seu pai.

Ele havia, em um dia, feito mais por Townsend Park do que seu pai jamais fizera. E não era só o telhado, ou a cerca, ou a

carruagem. Era a forma como se preocupava tão claramente com a propriedade. Com a Casa de Minerva. Nick conhecia as terras e as garotas havia menos de uma semana, mas estava comprometido com seu bem-estar. Com seu futuro.

Porque estava comprometido com a felicidade de Isabel.

Ela entendia isso agora.

Suspirou.

*Se ao menos não fosse tarde demais...*

– Foi um dia extraordinário, não foi?

A voz de Rock veio da escuridão, e ela se virou na direção dele enquanto o turco contornava a base da escada e ia até ela.

– É uma forma de dizer – retrucou ela com um sorriso forçado.

– Sua equipe de segurança está a postos. Parece ser um bom grupo. Vou apresentá-los a você amanhã. Criamos uma sede improvisada na antiga cabana. Vai precisar de alguns reparos básicos, mas vou falar com Nick sobre isso na próxima vez que o vir.

O peito dela ficou apertado diante da certeza de Rock de que veria Nick novamente. Ela queria tanto ter a mesma certeza...

– Isso tudo aconteceu tão rápido...

Rock não respondeu por um longo tempo, olhando para a vasta extensão de terra. Então, enfim, falou:

– Ele começou a organizar as coisas quando a chuva parou. Quando fui à cidade para buscar nossos pertences, ele me pediu para conversar com o policial sobre homens honrados que poderiam se interessar por um trabalho como esse.

Isabel contraiu os lábios. Nick começara o processo antes de Georgiana ser raptada. Antes de eles serem forçados a se casar. Antes que tudo tivesse mudado.

Os dois ficaram sentados em silêncio, perdidos nos próprios pensamentos. Havia várias perguntas que Isabel queria fazer a Rock, seu único elo com o homem que ela amava – com o homem que

afugentara –, mas estava envergonhada e insegura, e a emoção a soterrava.

Por fim, fez o que parecia ser uma pergunta segura:

– Por que você não foi embora com ele?

Rock fez uma pausa, avaliando as próprias palavras.

– Porque, ao contrário de Nick, eu sei que deixar a coisa que mais quero no mundo não é a maneira certa de conquistá-la.

– Lara.

Ele não respondeu por um longo tempo, tão longo, na verdade, que Isabel começou a pensar que não fosse mais falar. Quando Rock enfim se virou para ela, seus olhos escuros estavam brilhantes na luz da noite.

– Sim.

Isabel assentiu.

– Fico feliz por vocês dois por terem se... – ela fez uma pausa, o bolo em sua garganta tornando difícil terminar a frase. – Se encontrado.

Rock respirou fundo. Quando falou, suas palavras foram rápidas e entrecortadas, como se ele não quisesse nem um pouco dizê-las.

– Eu sei que ela é filha de um cavalheiro. Que merece alguém muito melhor do que eu, um turco, que nunca serei inteiramente aceito em seu mundo. Não sou um cavalheiro. Não sou cristão. Mas me importo profundamente com ela. E farei tudo o que puder para fazê-la feliz. – Ele parou. – Sou muito rico.

Isabel sorriu.

– Não sei por que você acha que qualquer uma de nós se importaria por você ser turco, Rock. Também não sei por que acha que exigiríamos que fosse aristocrata. Não aprendeu nada sobre nós na semana em que passou conosco?

Ele retribuiu o sorriso dela com outro muito sincero.

– Eu só estava destacando meus defeitos.

– Por Deus, não vamos começar a fazer isso, senão vamos ficar

aqui a noite inteira enquanto eu listo os meus.

– De jeito nenhum – retrucou ele graciosamente. Então ficou em silêncio novamente, escolhendo as próximas palavras. – Eu gostaria de me casar com ela. E, como você é sua parente mais próxima, acho que estou lhe pedindo...

Ela o fitou, com lágrimas nos olhos.

– É claro que vocês têm a minha benção. Se ela o aceitar, então serão muito bem-vindos em Townsend Park – Rock soltou um profundo suspiro de alívio, e Isabel riu em meio ao choro. – Você realmente pensou que eu o recusaria?

Ele balançou a cabeça.

– Eu não sabia. Uma coisa era me aceitar como hóspede na sua casa. Outra bem diferente é me aceitar como seu...

– Parente – completou Isabel, apoiando a mão no braço dele. – Primo.

Ele baixou a cabeça.

– Obrigado.

– É, bem, não prejudicou você ser rico.

Ele caiu na gargalhada.

– Nick tinha razão. Você tem uma língua afiada.

Isabel ficou séria ao ouvir a menção a Nick.

– Afiada demais, eu acho. – Suspirou, virando-se para o homem gigantesco a seu lado. – Estraguei tudo. Quando o vi pela última vez... ele estava tão diferente. Frio. Insensível.

– Ele precisa de tempo, Isabel.

– Eu o amo – confessou ela, e havia algo libertador em admitir isso para o melhor amigo de seu marido.

– Disse isso a ele?

Ela fechou os olhos.

– Não.

– Por que não?

– Porque estava com medo.

– De quê?

Isabel deu uma risadinha patética.

– Com medo de ele me deixar aqui. Sozinha. Apaixonada.

Rock não riu. Não apontou a óbvia ironia do sofrimento dela.

Simplesmente falou:

– Acho que está na hora de você ouvir sobre a Turquia.

Isabel olhou para Rock.

– O que tem a Turquia?

– Imagino que ele tenha lhe dito que estivemos juntos lá.

– Sim. Ele falou que você o resgatou de uma prisão.

– Ele lhe contou como foi parar na prisão?

– Não.

– Havia uma mulher. Nick achou que estava apaixonado por ela.

Uma imagem dolorosa surgiu na cabeça de Isabel: Nick nos braços de uma mulher exótica de véu que conhecia todos os caminhos para seu coração.

Ele apoiou as costas no corrimão de pedra, os olhos vidrados com a lembrança.

– Estávamos acampados na periferia de Ancara havia várias semanas. A Coroa estava nervosa por conta de boatos que diziam que um exército estava sendo levantado no Império, e pediram a Nick que rastreasse um informante que havia desaparecido sem deixar vestígios. – A voz de Rock mostrou admiração. – Nick era uma lenda no Oriente. Eles o chamavam de *bulan*, o caçador. Dizia-se que ele podia encontrar qualquer um.

Isabel assentiu. Encontrar a Casa de Minerva devia ter sido brincadeira de criança para ele.

– Alana apareceu do lado de fora da tenda dele certa noite, machucada e ensanguentada chorando por ajuda por causa de uma surra que levara do marido. Nick a acolheu, a alimentou, cuidou de seus ferimentos, só que ela o deixou antes do amanhecer, apavorada de seu marido a encontrar e lhe bater mais.

Isabel estremeceu ao ouvir isso, entendendo imediatamente que Nick não teria sido capaz de resistir a uma mulher tão machucada.

– Ela voltou na noite seguinte, com o lábio partido. E na noite depois dessa com algum outro ferimento. E então desapareceu. Nick ficou desesperado, louco de preocupação com ela. Conseguiu rastreá-la até uma casa dentro da cidade, e ficou obcecado por encontrá-la, para se certificar de que estava segura. Após dias de espera, ele finalmente a viu. Ela estava indo para o mercado com várias outras senhoras da casa. Nick encontrou um modo de falar com ela ali, e ela implorou para que ele a deixasse em paz. Garantiu a ele que estava bem.

Isabel apertou mais os braços em volta do tronco. Não era de estranhar que Nick tivesse detestado quando ela declarara que estava bem sem ele.

Rock continuou:

– Naquela noite, ela o procurou novamente. Ilesa.

Rock não continuou, mas Isabel não era boba. Ficou enjoada só de imaginá-lo com a mulher.

– Ela era muito bonita?

A pergunta saiu antes que ela pudesse voltar atrás.

– Sim. Linda.

Isabel a odiava.

– Mas sua beleza foi ofuscada pelo fato de ela ser a encarnação do mal – prosseguiu Rock. – Nick implorou para que ela ficasse com ele aquela noite. Garantiu que a manteria em segurança. Prometeu-lhe uma viagem segura de volta para a Inglaterra. Alana concordou, mas se recusou a voltar imediatamente. Deu alguma desculpa relativa a posses ou algo do tipo. Nick acreditou nela, e eles combinaram o local e a hora em que ele deveria ir buscá-la para fugirem.

O pavor se instalou no peito de Isabel. Ela sabia o que viria a seguir, mas continuou escutando.

– Era uma armadilha, é claro. O Império sabia que o *bulan* estava lá, que tinha ido atrás do informante. De alguma forma, descobriram que quem estavam procurando era Nick. Eu estava perto quando o levaram e vi tudo. – Ele parou, perdido no passado. – Esta é a parte da qual eu mais me lembro: foram necessários seis turcos enormes, maiores do que eu, para segurá-lo. Quando ele foi dominado, Alana se aproximou, tirou o véu e cuspiu na cara dele.

Isabel se retraiu diante da imagem da traição.

– Ele me disse que tinha merecido a cicatriz.

Rock assentiu.

– Ele acha que mereceu. Como castigo por se tornar vítima dos encantos dela. Por acreditar que ela o amava.

Os dois ficaram em silêncio por um longo tempo enquanto a verdade do passado de Nick se assentava entre eles. Isabel se encolheu ao pensar na dor que ele devia ter sentido ao ser enganado pela mulher que amava.

Não era de estranhar que tivesse ido embora.

Rock continuou, sem perceber o tormento que Isabel estava vivenciando:

– Ele jurou, a partir de então, ficar longe das mulheres. Até onde sei, nunca mais se prendeu a nenhuma. Não até virmos para cá. Não até você.

As palavras foram um golpe quase físico. Nick se abria para ela e confiara de novo no amor. Confiara nela para aceitar esse amor. E Isabel o rejeitara.

Sentiu vontade vomitar.

Rock se inclinou para a frente, reconhecendo o tormento dela.

– Isabel, ele ama você.

As palavras pioraram tudo.

– Eu fiz a mesma coisa que ela.

O protesto dele foi imediato e firme:

– Não, não fez.

– Ele me ama. E eu o rejeitei.

– Isabel, ela o *traiu*. Ela o mandou para a prisão. Fez com que ele fosse torturado. Nick teria morrido se eu não o tivesse encontrado. – Rock fez uma pausa e então acrescentou, com veemência: – Você é exatamente o contrário do que ela era.

Isabel balançou a cabeça.

– Ele não sabe disso.

– Sim, Isabel. Ele sabe. Ele só precisa de tempo.

– Quanto tempo?

– Não sei. Mas ele não vai conseguir ficar longe. Isso eu posso garantir.

Os dois ficaram calados, o som dos grilos ao fundo. Isabel pensou na história de Rock e no tempo que ela mesma passara com Nick.

Durante sua vida inteira, ela não fizera o que queria por medo de fracassar. Não deixara Townsend Park por medo de enfrentar as fofocas por causa de seu pai, não mandara James para a escola por medo de que ele se transformasse no pai deles.

E não confessara seu amor por Nick, por medo de se perder.

Agora, no entanto, sem ele, estava perdida de qualquer maneira.

Mas tinha uma chance de consertar a situação. De melhorar. De ter a vida com a qual começara a sonhar.

Só o que precisava fazer era esticar a mão e pegar o que era seu.

*Nick.*

Ela se levantou e fitou Rock.

– Quero ir atrás dele.

As sobrancelhas do turco se ergueram.

– Agora?

– Agora. Onde ele está?

– Na metade do caminho para Londres, imagino.

*Londres.*

Ela assentiu.

– Então quero ir para Londres.

Ele se levantou.

– Vou levá-la.

Isabel balançou a cabeça.

– Não. Tenho que fazer isso sozinha.

Rock estreitou os olhos para ela.

– Isabel, Nick vai cortar minha cabeça se eu deixá-la viajar sozinha para Londres.

– Vou ficar bem. Irei na carruagem do correio.

O turco riu diante do panorama ridículo.

– Ele vai me matar sem pensar duas vezes se eu permitir que você faça isso.

– Por quê? Várias meninas chegam aqui com o correio.

– Sim. Bem, você é lady Nicholas St. John agora, cunhada do marquês de Ralston. *Você* não viaja com o correio.

A conversa estava demorando um tempo valioso. Isabel aceitou, para acelerar o processo.

– Está bem. Como sugere que eu vá?

– Alugaremos uma carruagem de seis cavalos amanhã de manhã.

– Vamos levar dias para chegar!

Rock suspirou.

– Se pararmos apenas para trocar os cavalos, provavelmente estaremos lá em dois dias e meio. A carruagem do correio vai levar pelo menos quatro.

O rosto de Isabel se iluminou.

– Então sua companhia será muito apreciada, bom senhor.

Rock olhou para o céu.

– Ele vai me esfolar por causa disso.

Ela sorriu.

– Não se eu conseguir reconquistá-lo. Neste caso, ele será eternamente grato. – Ela se virou e subiu a escada, ansiosa para se

preparar para a viagem. Vários degraus acima, se virou. – Espere. Aonde iremos depois que chegarmos a Londres?

Rock não hesitou.

– Vamos para a Casa Ralston. Você vai precisar da ajuda da marquesa.

## VINTE E DOIS



—Eu devia matá-lo por me forçar a fazer isso.

— Devia. Mas não vai. É culpa sua por ter voltado para Londres. Se eu fosse você, teria ficado fora pelo resto do verão.

— Como eu poderia saber que Callie estava dando um baile de verão?

Nick bebeu um longo gole de uísque e fez uma careta para o irmão. Os gêmeos estavam sentados no gabinete de Gabriel enquanto a orquestra no jardim começava a afinar os instrumentos. Em menos de uma hora, metade da elite de Londres – os que sobraram na cidade no mês de julho – estaria no jardim também. Nick se remexeu em suas roupas formais.

— Quem já ouviu falar em um baile de verão?

— Callie achou que seria uma boa maneira de manter Juliana em evidência – respondeu Gabriel, recusando-se a morder a isca do irmão. — Devo lembrá-lo de que nossa irmã tem uma reputação um tanto desastrosa.

Nick grunhiu dentro do copo.

— Por nenhum outro motivo além de nossa mãe ter sido...

— Sim. Bem, a sociedade não parece se importar muito com os comos e porquês. — Gabriel se inclinou para servir mais uma dose de uísque a Nick. — Callie está feliz por você estar aqui, Nick. Juliana também vai ficar. Tente se divertir esta noite.

*Se divertir.*

Como se isso fosse possível.

Fazia cinco dias que deixara Isabel e não se divertira em nenhum momento durante esse tempo. Ele duvidava muito que passar a noite em um jardim escuro com senhoritas londrinas afetadas e suas mães insistentes iria mudar isso.

Sem dúvida, ele estava bastante certo de que passar a noite em um jardim escuro só o faria pensar em Isabel. E tinha certeza absoluta de que passar a noite dançando com mulheres que não eram Isabel o deixaria furioso.

– Há algo que você deve saber – disse Gabriel.

Os olhos de Nick se estreitaram.

– O quê?

– Você ainda é considerado um ótimo partido. Imagino que muitas mulheres estarão aqui esta noite por causa de você.

– Eu sou casado.

– Essa informação ainda não veio a público, como você sabe. Era de esperar que você tivesse contado ao seu irmão sobre a mudança de seu estado civil antes de voltar para Londres cuspiendo marimbondos.

Nick respondeu dizendo a Gabriel exatamente onde enfiar essa ideia.

Gabriel recostou-se de volta na poltrona.

– Preciso dizer que qualquer um que o considere o irmão mais tranquilo de nós vai ter uma surpresa esta noite.

Nick levantou-se então, uma raiva irracional surgindo.

– Então talvez eu deva ir embora e poupá-lo de ter que aturar minha companhia.

– Sente-se, seu idiota. Não seja ridículo.

Nick se avultou por cima do irmão.

– Repita o que disse.

Gabriel girou calmamente o uísque no copo.

– Não vou brigar com você no meu gabinete, vestido com minha

roupa de gala. Callie cortaria a minha cabeça.

A resposta sem emoção de Gabriel acabou com a bravata de Nick. Ele voltou a se sentar, então enterrou o rosto nas mãos, esfregando-o como se pudesse apagar sua frustração. Quando ergueu os olhos, Gabriel estava olhando para ele com um ar de compreensão absoluta.

– Ela acabou com você, irmão.

Era a primeira vez que Gabriel se referia a Isabel após a conversa curta e entrecortada durante a qual Nick anunciara seu casamento. Nick sabia que podia ignorar as palavras e seu irmão lhe daria o espaço de que ele precisava.

Mas Nick não queria ignorá-las.

Queria falar sobre ela... como se isso pudesse trazê-la mais para perto.

*Como se pudesse fazer com que ela o amasse.*

Ignorou a dor que surgiu com as palavras.

– Ela é... incrível.

Gabriel não respondeu. Ele simplesmente escutou.

Nick começou a falar, mais para si mesmo do que para o irmão:

– Ela é tão forte, tão diferente de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido... Quando ela acredita em alguma coisa, ou quando briga pelo que é dela... ela é uma rainha. Não tem nada a ver com as mulheres que conhecemos. Se algo precisa ser feito, ela faz. – Ele ergueu os olhos para Gabriel. – Na primeira vez em que a beijei, ela estava usando calças.

Um dos cantos da boca de Gabriel subiu em um sorriso.

– Elas ficam interessantes de calças...

– Mas ela também é delicada. Tem uma insegurança profunda que me faz querer protegê-la. – Nick esfregou o maxilar com a mão enquanto pensava nela. – E ela é tão linda... Com aqueles olhos castanhos... olhos nos quais você pode se perder...

Ele parou, pensando nela. Sentindo saudades dela.

– Você a ama.

Nick fitou os olhos experientes do irmão.

– Mais do que jamais pensei ser possível.

– Então por que está aqui, bebendo uísque no meu gabinete?

– Porque ela não me ama.

– Bobagem – disse Gabriel, rápido e franco.

Nick balançou a cabeça.

– Agradeço pelo seu insulto, Gabriel, mas eu lhe asseguro, Isabel não me ama.

– É claro que ama – disse Gabriel autoritariamente, como se pudesse transformar isso em verdade só por ser o marquês de Ralston.

– Não ama.

– Elas sempre nos amam.

Nick deixou escapar uma risada irônica diante da declaração.

– Bem, talvez sempre *o* amem. No entanto, esta não *me* ama.

– Bem, então faça com que ela o ame.

Nick balançou a cabeça mais uma vez.

– Não. Já chega de tentar fazer as mulheres me amarem. Passei a vida correndo atrás de mulheres que decididamente *não* estavam apaixonadas por mim. Apreendi a lição.

Gabriel o encarou com um olhar franco.

– Nesse caso você não vai correr atrás de uma mulher qualquer. Isabel é a *sua esposa*. A pessoa que você ama.

*Deus, ele realmente a amava.*

Nunca sentira nada como a dor diante do anúncio de que ela havia se casado com ele por dever e não por amor. Só que aquela dor não pareceu diminuir seus sentimentos.

Passou a mão pelo cabelo.

– Ela não precisa de mim.

Gabriel fez uma careta.

– Você está pressupondo, equivocadamente, que é função delas

precisarem de nós. Na minha experiência, quase sempre é o contrário. – Ele verificou o relógio. – Um homem mais sábio do que eu me disse uma vez que se ele tivesse sido um completo idiota e estivesse prestes a perder a única mulher que já realmente quisera, a levaria ao vigário mais próximo e então a engravidaria.

Nick se retraiu com as palavras e as lembranças que vinham com elas.

– Eu já me casei com ela.

– Então já está na metade do caminho.

Uma imagem de Isabel em sua fortaleza de pedra ao sol, cercada de filhos – *filhos dele* –, surgiu na cabeça de Nick.

Um desejo cru se acendeu, e ele fechou a cara.

– Odeio quando você tem razão.

Gabriel deu um sorriso largo.

– Eu raramente estou errado. Imagino que seja um problema e tanto para você.

Nick considerou suas opções. Eles estavam casados, pelo amor de Deus. Ele não podia ficar longe dela para sempre. Sem dúvida, não *queria* ficar longe de Isabel. Seu desejo era subir no cavalo, voltar a toda a velocidade para Yorkshire, agarrá-la pelos ombros e sacudi-la. Depois, ele iria levá-la para a velha fortaleza de pedra, fazer amor com ela até que ela o aceitasse de novo e então passar o resto da vida fazendo-a feliz.

Se Isabel não era capaz de amá-lo agora, talvez algum dia aprendesse a fazê-lo.

No entanto, ela nunca o amaria se ele permanecesse em Londres.

*Ele precisava dela.*

Ergueu os olhos, determinado.

– Vou voltar para Yorkshire.

Gabriel bateu com uma das mãos na coxa.

– Excelente! – exclamou, então se levantou. – Mas primeiro você

tem que comparecer a esse maldito baile, ou minha esposa nunca irá me perdoar.

Nick também se levantou, sentindo-se revigorado pela decisão. Ele iria ao baile. E depois voltaria para sua esposa.



– Nick!

Ele virou-se da mesa de aperitivos, onde estava se servindo de um copo de limonada, desejando que fosse uísque, e deparou com a cunhada olhando para ele.

Fez uma reverência elaborada.

– Lady Ralston – entoou. – Que multidão! Que sucesso! Você certamente é a melhor anfitriã da alta sociedade.

Callie riu e baixou a voz.

– Não deixe lady Jersey ouvi-lo. Aí então é que ela *nunca* nos convidará para o Almack's.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– E isso seria uma pena.

Callie sorriu.

– Estou feliz em vê-lo. Gabriel me disse que você estava na cidade, mas não entrou em muitos detalhes. – O sorriso dela desapareceu antes que ela continuasse: – Como você está?

Nick considerou o tom sério da cunhada por um instante antes de responder:

– Parece que meu irmão lhe deu detalhes suficientes. – Diante do rubor revelador de Callie, ele sorriu. – Estou muito melhor agora do que há algumas horas.

As sobrancelhas de Callie se ergueram.

– Foi o baile que o fez mudar de humor?

Nick riu diante do despropósito da suposição.

– Não, milady.

Ela riu com ele enquanto Juliana se aproximava com um sorriso. Quando ele se curvou para beijar sua mão, Juliana falou:

– Não acredito que eu não sabia que você tinha voltado para a cidade! Que espécie de pessoa chega e *subito dopo* não procura a irmã *imediatamente*?

Um dos cantos da boca de Nick subiu ao ouvir o italiano de Juliana.

– Um irmão muito ruim, sem dúvida.

– Você tem que vir nos visitar amanhã, está bem?

Ele balançou a cabeça.

– Não posso, sinto muito. Devo deixar a cidade de novo ao raiar do dia.

Juliana fez um beicinho perfeito.

– Por quê? Você mal disse olá!

Nick desconversou, sem querer dar a notícia de seu casamento à irmã nada discreta em um local tão cheio de gente.

– Tenho um assunto extraordinariamente importante do qual devo tratar – falou ele –, mas lhe garanto que você vai ficar muito, muito feliz com o resultado quando minha viagem tiver terminado.

– Bem, espero que envolva um presente luxuoso – provocou Juliana, desviando o olhar para um ponto atrás do ombro de Nick.

– Callie, quem é aquela?

Callie ficou na ponta dos pés, seguindo a linha de visão de Juliana.

– Quem?

– Shh! – Juliana fez um gesto com a mão. – Quero ouvi-la sendo anunciada.

Nick revirou os olhos e esticou a mão para uma quiche, mal registrando que as duas sorriam como idiotas.

– Lady Nicholas St. John.

Um silêncio caiu sobre a multidão e Nick ficou paralisado. Com

certeza ele ouvira errado. Virou-se lentamente na direção da escadaria que levava aos jardins, onde os convidados estavam entrando no baile.

Lá, resplandecente no vestido escarlate mais deslumbrante que ele já vira, estava Isabel.

*O que ela estava fazendo ali?*

Ele não conseguia tirar os olhos dela. Uma pequena parte de Nick achou que talvez ele a tivesse imaginado. Que ela não estava ali de verdade, em Londres, entrando no jardim da casa de seu irmão.

Juliana deu-lhe um cutucão com um dedo comprido e ossudo.

– Nick. Não seja um *imbecille*. Não vê que ela está apavorada? Você tem que ir até ela.

As palavras o tiraram do transe, e ele começou a ir na direção de sua esposa, primeiro andando, depois correndo. O que quase certamente causaria um escândalo, mas ele não se importava nem um pouco. Pediria desculpas a Callie mais tarde.

Porque só o que queria era chegar até Isabel.

E tocá-la.

E confirmar que ele não estava, na verdade, louco. Que ela estava mesmo ali. Que realmente fora atrás dele.

Havia uma vantagem em correr através de um baile: pessoas perplexas tendiam a sair do caminho – e em alguns segundos ele chegou ao pé da escadaria. Então correu escada acima para encontrá-la. Ela o observou por todo o caminho, os olhos castanhos arregalados de nervosismo, surpresa, entusiasmo e algo que ele não ousava nomear.

Uma vez ali, a poucos centímetros dela, Nick parou, fartando-se da visão de sua esposa.

Observou enquanto ela inspirava fundo, seus seios se elevando lindamente pela beirada do vestido fluido de seda.

– Milorde. – Ela fez uma reverência profunda e sussurrou: – Senti

sua falta.

Quando finalmente olhou nos olhos dele, Nick viu a verdade de suas palavras.

– Eu também senti sua falta – disse, e esticou a mão para ela.

Antes que pudesse alcançá-la, porém, uma pigarreada alta e firme deteve seu movimento.

– Nicholas – falou Gabriel, próximo a ele, as palavras baixas mas claras –, talvez deva acompanhar sua esposa para dentro.

Isabel corou, olhou para baixo e viu a multidão que os observava com uma curiosidade descarada. Nick cerrou os punhos para conseguir não tocá-la e disse:

– Sim, é claro. Milady?

Eles entraram na casa, em silêncio, passando por uma fila de convidados indiscretos esperando serem anunciados e que certamente ficariam decepcionados por perder o que com certeza seria a parte mais emocionante da noite.

Puxando-a para dentro do primeiro aposento que pôde, Nick fechou a porta e passou o trinco para garantir sua privacidade. Eles estavam na biblioteca, onde só havia um candelabro aceso, em cima da lareira.

Nick a guiou para a fonte de luz e a beijou profundamente, desesperado pelo gosto dela, que passara tempo demais sem sentir. Devorou aquela boca, roubando a respiração de Isabel. Ela retribuiu afago por afago, carícia por carícia, e, quando suspirou de prazer, Nick deixou escapar um gemido. Após um tempo longo e intenso, os lábios dele ficaram mais suaves e ele acariciou o lábio inferior dela com a língua, encerrando o beijo de uma forma muito mais delicada do que o havia iniciado.

Encostou a testa na dela e disse:

– Olá.

Ela sorriu, tímida.

– Olá.

– Deus, como senti sua falta. Falta de sentir seu corpo. Falta do seu cheiro de flor de laranjeira e, Isabel... Falta de  *você*.

Ela tocou os lábios dele, interrompendo o fluxo de palavras.

– Nick – sussurrou.

E em uma palavra havia um oceano de cura.

– Você veio para Londres – disse ele.

– Sim.

– Há quanto tempo está aqui?

– Há três dias.

*Três dias e ninguém havia lhe contado.*

– Gabriel vai pagar caro por não ter me contado.

– Eu implorei a ele para não lhe contar. Eu não estava pronta. Queria estar linda para você.

Nick balançou a cabeça.

– Você é sempre linda para mim. – Ela baixou a cabeça, e ele levantou seu queixo com um dedo. – Sempre, Isabel. De luto, de calças, de vestido de seda... absolutamente nua. Você é sempre linda para mim.

– Há algo que eu preciso dizer. – Fez uma pausa, e ele esperou. Finalmente ela respirou fundo para se acalmar. – Eu te amo.

Nick fechou os olhos ao ouvir o que quisera tão desesperadamente. Quando os abriu, ela o estava observando, nervosa.

– Você não precisa dizer isso – falou ele.

Os olhos dela se arregalaram.

– Preciso, sim.

Ele balançou a cabeça.

– Não, amor. Não precisa.

Isabel deu um passo para trás e afirmou:

– Nicholas St. John, me escute. Eu te amo. Amo mais do que jamais pensei que fosse possível amar alguém. Eu o amei no dia do nosso casamento. E no dia antes disso. Eu falei aquilo porque estava

com medo de que, se dissesse a verdade, você fosse me abandonar algum dia, e então eu ficaria triste, sozinha e com o coração partido.

As lágrimas se acumularam, e Isabel as enxugou enquanto continuava:

– Mas guardar esse segredo não me fez amá-lo menos, e você foi embora de qualquer jeito, me deixando triste, sozinha e com o coração partido. Então eu vim atrás de você. Porque não posso sobreviver sem dizer que te amo. Porque não quero que você jamais pense que é menos do que é: um homem que merece alguém muito melhor do que eu.

Ela parou, ofegante, dominada pela emoção. Olhou nos olhos dele e, naquele azul profundo, viu o Nick que achara ter perdido em seu quarto ao dizer aquelas palavras idiotas. Isabel não sabia o que dizer para reconquistá-lo, então disse o que estava em seu coração:

– Eu vim a Londres para dizer que te amo. Por favor, você tem que acreditar em mim.

Ele deu um passo na direção dela, ergueu seu queixo com um dedo e falou:

– Eu nunca mais vou deixar você, Isabel. Me desculpe por ter feito isso. Eu ia voltar. Juro.

Então, o beijo que ele plantou nos lábios dela foi suave, esplêndido, e ecoou a promessa de suas palavras.

As lágrimas subiram aos olhos dela de novo quando Nick afastou a cabeça.

– Você foi embora antes que eu pudesse consertar.

Ele a abraçou.

– Eu sei. Me desculpe.

– Eu queria consertar tudo, Nick – disse ela, as palavras abafadas contra o peito dele.

– Eu sei.

– Achei que você podia não me amar mais.

Ele se afastou para fitar os olhos preocupados dela.

– Não, Isabel. Por Deus, eu te amo mais agora do que há alguns dias.

Ela abriu um sorriso, os olhos marejados.

– Ótimo. Pensei em mandar Hedonê como uma oferenda de paz, mas ela é pesada demais.

Ele sorriu.

– Prefiro receber a coisa real. – Ele a beijou novamente, só parando quando os dois já estavam ofegantes. Então, Isabel passou os braços em volta do pescoço dele, e Nick lançou-lhe um olhar malicioso. – Esse vestido é maravilhoso.

– Gostou? – disse ela, esticando-se contra ele, como um gato, fazendo-o gemer.

– De onde ele surgiu? – perguntou, com os lábios colados entre o pescoço e o ombro dela.

– Callie encomendou da costureira dela. Eu só fiz uma especificação.

Ele estava beijando a parte superior de seus seios.

– Hum?

Ela suspirou quando os polegares dele encontraram seus mamilos por baixo do tecido.

– Que fosse vermelho.

Nick ergueu a cabeça, o olhar cheio de paixão.

– É lindo. Eu gostaria de tirá-lo do seu corpo para admirá-lo melhor.

Ela deu uma risadinha.

– Não, Nick. Nós vamos voltar para o baile. Já fizemos uma cena inacreditável. – Ela suspirou, afastando-se. – Você acha que algum dia Callie vai nos perdoar? Nós arruinamos o baile dela!

Nick riu da preocupação de Isabel.

– Isabel, se sei uma coisa a respeito da minha cunhada, é que ela nos será eternamente grata por termos protagonizado uma cena como aquela em seu baile. Vai criar um precedente para todas as

futuras festas na Casa Ralston, que Deus tenha piedade do meu irmão. – Ele afastou um cacho solto da face dela. – Mas se você quer voltar para o baile, é isso que vamos fazer.

Ela lhe deu um sorrisinho.

– Eu gostaria, meu amor. Por dois motivos. Um deles é que eu gostaria de dançar com meu marido.

– Ah, essa é uma ótima ideia. Eu gostaria muito que todo mundo me visse dançando com minha esposa.

Depois de um último beijo, eles fizeram o caminho de volta pelos corredores até o terraço, onde uma multidão de olhos imediatamente os encarou.

Isabel apertou a mão de Nick.

– Estão todos olhando.

Ele levantou a mão dela para beijar os nós de seus dedos através da luva de seda. Então se curvou e sussurrou:

– Estão todos tentando calcular quanto tempo passamos lá dentro.

Isabel virou a cabeça para ele com um olhar confuso.

Nick ergueu as sobrancelhas.

Ela suspirou de surpresa, cobrindo o riso com a mão.

– Não!

Ele riu, e ela prendeu a respiração ante sua beleza estonteante.

*Ele era dela.*

Assim como ela era dele.

Os dois estavam descendo a escada para o jardim de mãos dadas quando alguém chamou:

– St. John!

Nick parou, puxando Isabel para perto enquanto um homem se aproximava. Ele era alto, esguio e muito bonito, com um casaco de corte perfeito e botas brilhantes recém-engraxadas. Tinha uma bengala com a ponta de prata em uma das mãos e se movia com

uma atitude relaxada, quase certamente planejada para impedir que o considerassem mais do que um janota endinheirado.

Parou na frente deles, e Nick apertou a mão de Isabel.

– Densmore.

Ela arregalou os olhos. *Aquele* era Densmore? Aquele homem lindo, com aquelas roupas elegantes e aquele sorriso tolo era o Densmore que elas haviam temido tanto?

Densmore fez uma reverência curta.

– Devo dizer, lady Isabel...

Não demorara muito para que a informação sobre sua identidade percorresse a multidão. *Sua cunhada havia trabalhado rápido.*

– Lady Nicholas – corrigiu Isabel.

– Perdão?

– Se está se dirigindo a mim, milorde, creio que o nome que procura seja lady Nicholas.

Ela podia sentir o olhar de aprovação de Nick.

Densmore olhou do marido para a esposa, um sorriso largo no rosto.

– Eu tinha certeza de que eles estavam me enganando. Mas vocês *estão* casados.

*Ah, sim. Amigo do pai dela, sem dúvida.*

Isabel abriu seu sorriso mais brilhante.

– Eu lhe garanto que não o estou enganando.

Nick balançou a cabeça em uma seriedade fingida.

– Minha esposa não engana ninguém, Densmore.

– Bem, não pessoas estranhas, pelo menos – acrescentou Isabel, vendo a covinha de seu marido surgir.

*Como ela adorava aquela covinha. Precisava dizer isso a ele.*

Densmore balançou para trás nos calcanhares.

– Bem. – Fez uma pausa e então: – Bem! Isso é esplêndido!

Nick apertou a mão de Isabel de novo.

– Eu certamente acho que sim.

– Não, St. John. Eu quis dizer que agora você pode cuidar dos assuntos do Conde Perdulário! Eu nunca quis a maldita responsabilidade. – Baixou a voz para um sussurro conspiratório: – Detesto negócios.

– Não dá para ver – brincou Isabel, arrancando um sorriso largo de seu marido.

Densmore balançou a cabeça, sem ouvir exatamente.

– Ótimo! – Colocou a mão no ombro de Nick. – Que tal eu mandar meu representante amanhã para discutir os detalhes? Eu diria que é fantástico! – Ele fez uma pausa. – Lamento sobre seu pai, lady Nicholas. Meus pêsames.

Então, sem esperar pela resposta, Densmore se retirou, deixando Nick e Isabel observando surpresos enquanto ele desaparecia na multidão.

Ela se virou para Nick, surpresa pela forma como o tutor misterioso que ela tanto temera simplesmente fora embora.

– Parece que herdei os desafios de Townsend Park – comentou ele.

Isabel sorriu diante da decepção fingida do marido.

– Como você vai sobreviver?

– É difícil imaginar.

Ele ergueu a mão dela e roçou os lábios em seus dedos enluvados.

– Bobagem. Você nos adora.

Ele a fitou, e Isabel ficou sem fôlego diante da emoção nas profundezas de seus adoráveis olhos azuis.

– Sem dúvida adoro.

Ele estava tão perto... Ela podia simplesmente se esticar e beijá-lo...

*Não. Isso não seria nem um pouco apropriado.*

*Quanto tempo até eles poderem ir embora daquele baile idiota?*

A compreensão brilhou nos olhos de Nick, e ele se inclinou mais

para perto.

– Em breve – sussurrou, a voz baixa, maliciosa e cheia de promessas. – Enquanto isso, gostaria de dançar, linda?

Isabel não conseguiu impedir que o rubor de prazer se espalhasse por suas faces.

– Sim, por favor.

Ele a conduziu por entre os dançarinos e, após um longo tempo valsando, notou o sorriso dela e perguntou:

– No que está pensando?

– No segundo motivo pelo qual eu queria voltar para o baile.

Ele levantou uma sobrancelha.

– E qual era?

– Mostrar a todas essas damas que leram a *Pérolas e Pelijas* que este lorde em particular não está mais disponível e foi inteira e verdadeiramente conquistado.

A gargalhada dele foi alta demais e a forma como ele a puxou para si foi intensa demais, chamando a atenção dos casais em volta.

Depois daquela noite, eles seriam o assunto da alta sociedade durante meses.

E só ficaria pior quando todos descobrissem que Isabel era filha do Conde Perdulário... e que deveria estar de luto.

Mas enquanto ria e dançava nos braços fortes do homem que a amava, ela simplesmente não conseguia se importar. E quando ele se curvou e sussurrou em seu ouvido...

Bem, havia coisas piores na vida do que o escândalo causado pelo amor.

# EPÍLOGO



## ***Lição Número Dez***

*É muito importante, cara leitora, que aprenda esta lição final. Depois que seu lorde tiver sido inteira e verdadeiramente conquistado, será seu dever garantir que o ninho de vocês esteja preenchido, pois a solteirice não é para homens de intenções sérias e respeitáveis. Sem dúvida, o casamento e os filhos – e os prazeres que vêm com ambos – são a prova de uma vida bem vivida.*

*E os nossos lordes disponíveis – esses exemplos de homem cuidadosamente selecionados e descritos nestas páginas para o seu bem – precisam de noivas capazes de amá-los, honrá-los e estimá-los da forma como eles merecem.*

*PÉROLAS E PELIÇAS, JUNHO DE 1823*

— Foi um lindo casamento.  
— Sem dúvida – Nick plantou um beijo delicado no pescoço de Isabel enquanto desabotoava a longa fileira de botões de seu vestido. Depois, deixou-o cair aos pés dela, envolveu-a com os braços e puxou-a para si. Deslizou a mão pela lateral de seu corpo e pegou um de seus seios. – Mas não tão lindo quanto você.

Ela riu, apoiando-se nele com um suspiro, dando-lhe a liberdade de explorá-la.

– É claro que foi. Lara estava radiante. E Rock... Eu nunca o vi tão feliz.

Nick fez uma pausa, considerando as palavras antes de colar os lábios ao pescoço de Isabel mais uma vez.

– Hum... – Pegou o lóbulo de sua orelha entre os dentes e mordiscou até ela estremecer em seus braços e depois se contorcer, afastando-se com uma risada. Ele a puxou para si e novo e a beijou longa e completamente antes de levantar a cabeça com um olhar preocupado. – Você lamenta por não termos tido um casamento adequado?

Fazia dois meses que Isabel viajara até Londres para buscar Nick e eles haviam dado uma segunda chance ao casamento. E não podiam estar mais felizes. Moravam em Townsend Park, apesar de Nick ter proposto que fossem visitar a propriedade dele no campo no outono. Era perto de Eton e daria a Isabel uma chance de estar mais perto de James durante seu primeiro semestre na escola.

Antes de saírem de Londres, Nick assumira a responsabilidade legal por Townsend Park – para grande alívio do visconde de Densmore –, portanto a Casa de Minerva estava tão bem-cuidada e protegida quanto possível. As garotas prosperaram com a consciência de que estavam seguras com Nick, Rock e a equipe de vigias que se tornara uma parte bem-vinda da casa. Até Georgiana ficou mais animada nos meses seguintes à visita devastadora de seu irmão. O duque estava guardando seus segredos – pelo menos por enquanto.

A incerteza sobre o futuro não atormentava mais Isabel. Ela não tinha nenhuma dúvida de que, não importava o que o futuro trouxesse, Nick estava tão comprometido com o sucesso da Casa de Minerva quanto ela.

Satisfeita, passou os braços em volta do pescoço dele e o beijou.

– Não me arrependo nem um pouco de nossa cerimônia. Desde que você me prometa que teremos um casamento adequado.

– Um casamento adequado você terá – disse ele, pegando-a no colo e carregando-a para a cama. Uma vez lá, ele deslizou a mão pela parte interna da coxa dela, levantando sua combinação de seda. – Que nota você dá até agora?

Isabel fingiu pensar na pergunta, e ele mordeu o ombro dela como castigo. Ela riu até a mão dele acariciar mais para cima, brincando na pele macia até a risada se transformar em um suspiro. Nick varreu o corpo dela com o olhar, percebendo a ausência do espartilho.

– Eu, pelo menos, acho que estamos indo muito bem – falou. – Estou especialmente feliz por você ter decidido ouvir meus conselhos e abrir mão dos corpetes.

Ela sorriu.

– Não apenas por causa da sua opinião sobre espartilhos, Nick. Vou ter que evitar usá-los por algum tempo. Vários meses, pelo menos.

Ele fez uma pausa conforme a compreensão chegava.

– Você quer dizer...

Ela assentiu.

A mão dele escorregou mais para cima, indo se acomodar no ventre dela.

– Um filho – falou, e a reverência em sua voz era inegável.

Isabel entrelaçou os dedos aos dele.

– Eu também fiquei bastante surpresa – disse. – Foi preciso Jane, Kate e Gwen para me convencerem de que era verdade.

Ele deu uma risadinha.

– Como sempre, as mulheres da Casa de Minerva sabem de tudo antes de mim.

Ela se juntou a ele na risada que refletia sua intimidade.

– Está surpreso?

– Nem um pouco.

Então Nick a beijou, encerrando a conversa, a carícia profunda e

completa, deixando ambos sem fôlego. Isabel correu as mãos pelo peito e pelos ombros dele, depois enterrou os dedos em seu cabelo macio e suspirou de prazer com os lábios colados aos de Nick, conforme a mão dele se movia mais para baixo.

– Nick – sussurrou ela –, eu te amo.

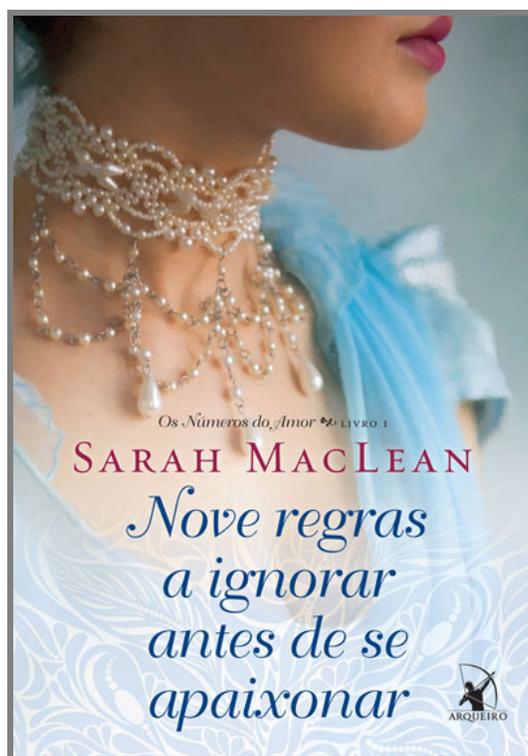
Ele sorriu.

– Eu sei.

Isabel riu da certeza arrogante enquanto ele capturava sua boca mais uma vez.

E lhe mostrava até que ponto também a amava.

## CONHEÇA O PRIMEIRO LIVRO DA SÉRIE



### *Nove regras a ignorar antes de se apaixonar*

A sonhadora Calpúrnia Hartwell sempre fez tudo exatamente como se espera de uma dama. Ainda assim, dez anos depois de ser apresentada à sociedade, ela continua solteira e assistindo sentada enquanto as jovens se divertem nos bailes. Callie trocaria qualquer coisa por uma vida de prazeres.

E por que não se arriscar se, aos 28 anos, ela já passou da idade de procurar o príncipe encantado, nunca foi uma beldade e sua reputação já não lhe fará a menor diferença? Sem nada a perder, a moça resolve listar as nove regras sociais que mais deseja quebrar, como beijar alguém apaixonadamente, fumar charuto, beber uísque,

jogar em um clube para cavalheiros e dançar todas as músicas de um baile. E depois começa a quebrá-las de fato.

Mas desafiar as convenções pode ser muito mais interessante em boa companhia, principalmente se for uma que saiba tudo sobre quebrar regras. E quem melhor que Gabriel St. John, o marquês de Ralston, para acompanhá-la? Afinal, além de charmoso e devastadoramente lindo, ele é um dos mais notórios libertinos de Londres.

Contudo, passar tanto tempo na companhia dele pode ser perigoso. Há anos Callie sonha com Gabriel e, se não tiver cuidado, pode acabar quebrando a regra mais importante de todas – a que diz que aqueles que buscam o prazer não devem se apaixonar perdidamente.

Com um texto leve, inteligente e sensual, *Nove regras a ignorar antes de se apaixonar* levou Sarah MacLean às listas de mais vendidos e foi escolhido um dos dez melhores romances de época do ano pela *Publishers Weekly* em seu lançamento.

*– Este não foi o beijo que veio buscar – falou Gabriel.*

*– Ora, bem. Foi bastante agradável. Acho que estou muito satisfeita.*

*– Bastante agradável não deveria ser o que está procurando. Nem o beijo deveria deixá-la satisfeita.*

*Então ele a beijou. De verdade. Puxou-a contra si e pressionou a boca na dela, possuindo-a, tomando-a de uma forma que Callie nunca poderia ter imaginado. Foi como se ele lesse seus pensamentos e, quando ela não podia aguentar nem mais um instante, abraçou-a mais apertado e aprofundou o beijo, mudando a pressão.*

*E ela se perdeu. De repente, estava em chamas. Gabriel tinha razão. Este era o beijo pelo qual tinha vindo.*

*Quando ele falou, seus lábios se curvaram junto à orelha dela, a respiração áspera transformando as palavras mais em um afago do que um som.*

*– Beijos não devem deixá-la satisfeita. Eles devem deixá-la querendo mais.*

“Quando se trata de criar histórias de amor sedutoras e com doses iguais de malícia e sensualidade, Sarah MacLean é insuperável.” – *Chicago Tribune*

“Romances históricos sagazes e apaixonantes.” – Lisa Kleypas, autora da série Os Hathaways

“Divertido, perspicaz, feminista e fogosamente apimentado.” – BookRiot.com

“Sarah MacLean é inteligente, sexy e sempre romântica.” – Julia Quinn, autora da série Os Bridgertons

## SOBRE A AUTORA

© Rupert Whiteley



**S**ARAH MACLEAN passou boa parte da infância em meio a livros e bibliotecas, o que lhe inspirou o amor tanto por fatos históricos quanto por romances ficcionais. Formada pela Smith College e pela Universidade de Harvard, ambas em Massachusetts, foi quando se mudou para Nova York que Sarah finalmente decidiu unir suas maiores paixões e escrever o primeiro livro. Desde então, suas obras já entraram na lista de mais vendidos do *The New York Times*, do *The Washington Post* e do *USA Today*, além de terem sido traduzidas para mais de vinte idiomas. Vencedora do prêmio RITA na categoria Romances de Época, Sarah MacLean também é colunista do *The Washington Post*. Ela ainda mora em Nova York, com o marido e a filha.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

# Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e Um](#)

[Vinte e Dois](#)

[Epílogo](#)

[Conheça o primeiro livro da série](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)